

C I R A N D A B A R R O C A

Argumento Cinematográfico
de GERALDO SANTOS PEREIRA

TRABALHOS DE ADAPTAÇÃO DE
JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS

Rio de Janeiro, 1986

SEQUÊNCIA 1

EXTERIOR - SERRA DO ESPINHAÇO - Dia

1. C., instalada em avião ou helicóptero, fixa a majestosa paisagem da serra do Espinhaço, a partir da cidade de Curvelo, MG.-

Em baixa altura, sobe pelas montanhas escarpadas e detalha picos, despenhadeiros, depressões, fendas e platôs do impressionante contraforte rochoso da Serra Geral.

-Depois, já nas imediações de Diamantina, aproxima-se de um garimpo ^(de Barra do O.) situado num vale, ^{em} região ~~banhada por um riacho.~~ ^{pelo} ~~Córrego Casteleiro.~~ ^{Corrego Casteleiro.}

EXTERIOR - GARIMPO NA SERRA - DIA

2. Já em terra, C. detalha a jazida diamantífera e o trabalho de dezenas de garimpeiros que, com batéias e instrumentos de lavra primitiva, buscam pedras de valor.

De repente, surgindo por detrás de um morrete, ^{uma tropa de 35 praças do} ~~um destacamento~~ ^{Pedestais} Montado da Guarda Real ~~da extração,~~ invade a galope o garimpo, surpreendendo os garimpeiros em sua cata. ^{Extracção}

A invasão fulminante e violenta é captada pela objetiva em detalhes expressivos e dramáticos.

Através de primeiros-planos ou travellings de cobertura, C. documenta a perseguição dos soldados, a tentativa de fuga dos mineradores, a brutalidade com que são atacados e punidos.

Alguns sobem morro acima ou buscam refúgio penetrando no mato próximo. Mas os soldados partem em seu encalço, derrubando-os com estocadas e matando os mais resistentes com armas de fogo ou espadas.

Entre os perseguidos, destaca-se o mulato Orozimbo, garimpeiro e contrabandista, líder famoso na região pela sua audácia e valor. A objetiva enfatiza-lhe a figura máscula e forte no instante em que, tomando a arma a um cavalarião, arranca-o da sela. Outros militares correm em socorro do companheiro e castigam duramente o atrevido garimpeiro. Sobre as imagens dos contendores, de forte efeito dramático, surge, em sobre-impressão o primeiro letreiro da apresentação:

3. ARRAIAL DO TIJUCO (DIAMANTINA), 1782

Depois, ainda sobre as mesmas imagens brutais, desfilam, na tela, os créditos de abertura do filme, o último dos quais sobre-impresso em cima dos primeiros planos de Orozimbo e seus valentes companheiros. Exaustos, as vestes dilaceradas, os corpos feridos pelas pancadas ~~e picadas dos cavalos,~~ os garimpeiros, homens e mulheres, vão sendo amarrados, indistintamente, pelas cordas trazidas pela tropa. A tarefa vai sendo cumprida debaixo de bofetões e ofensas.

Uma mulher, abrindo discurso, grita espumando raivas mal contidas:

GARIMPEIRA (resistindo à prisão) - Larguem a gente, seus mariolas, filhos do diabo! Essas pedras são de Deus Nosso Senhor! ~~A corôa não tem nada com isso...~~ Nem el-rei, fiquem sabendo! Ladrões são vocês, cambada de assassinos!

Outros garimpeiros resmungam queixas pouco inteligíveis.

C. registra expressões e imprecações dos soldados que revidam brutalmente:

CAPITÃO FONSECA

ANSPEÇADA SILVEIRA (fala com raiva e entusiasmo ao tempo em que ~~esmurra a bo-~~^{emburra a bo-}ca da garimpeira revoltada) - Cala-te, cachorra de cadela ! O importante é que, desta vez, apanhamos vocês, cachorrada, com a boca na botija ! Desta vez... ah ! ninguém me escapa !

~~SOLDADO Nº 1~~ ^{Cabo} (evidentemente que com o intuito de agradar o superior) - Bra-

~~SOLDADO Nº 2~~ ^{Cabo} (sem parar de espancar os garimpeiros, sobretudo os já impoten-

tes pelas cordas) - Seus filhos da mãe e do diabo que os carregue ! (dá uma bofetada numa mulher que grita:

MULHER - Covarde ! Vai bater em homem livre, vagabundo que eu bem conheço o bêbado do teu pai ! (leva outro bofetão que a faz calar).

SOLDADO nº ^A (derrubando um velho garimpeiro recalcitrante em se deixar amarrar) - Faça-se de bonitinho, vovô, que lhe arrebento a caixa dos peitos, cão do inferno !

4. Quando anspeçada Silveira, fazendo a conferência dos que conseguiu apanhar, reconhece, agarrado por dois soldados apesar de já bem amarrado, Orozimbo, o destemido chefe do bando. Exclama eufórico:

~~ANSPEÇADA SILVEIRA~~ ^{Cabo Fonseca} - Vejam vocês, meninos ! e não é que está aqui o famoso Orozimbo?... (alegre, pede que os companheiros confirmem) - Vejam bem... não é o Pé Ligeiro de Mato Dentro ? Orozimbo de São Francisco ? Grande patife, meus amigos ! o maior da Distrito... ^o Anspeçada parte para esbofeteá-lo mas, ante o olhar firme do garimpeiro amarrado e ferido, desiste do intento covardemente) - Então és tu, ladrão, que andas roubando o sono do senhor intendente ?

(para os soldados) Meninos: grande presa ! A maior do ano ! ~~SOLDADO Nº 2~~ ^{Cabo} (com o joelho comprimindo o peito do velho que, por fim, derrubou ao solo) - Bravo, senhor ~~anspeçada~~ ^{Cabo} ! Isso vai lhe render promoção, heim ?

5. Depois de serem todos amarrados em fila, como escravos fugidos, os prisioneiros são arrastados a coices de carabina pela trilha difícil, a caminho do arraial. ^{Soldado nº 2} aplica um forte ponta-pé num garimpeiro e debocha:

~~SOLDADO Nº 2~~ ^{Cabo} - Com que então, heim, meu biltre: também tu achas que as pedras são de Deus ? E onde fica a nossa corôa ? Então... (empurra a cabeça do preso que, de tão debilitado, cai de cara no chão) Então, miserável, beija a terra de Deus... a dos diamantes de Deus ! Vá ! (a risada se propala, debochativa e alegre)

Garimpeira velha, encarando firme o soldado que atirou o homem no chão que, sem moral para enfrentá-la, foge a seu olhar enquanto ela começa a cantar cheia de ódio:

GARIMPEIRA VELHA - (entoando) - Pedras de Nosso Senhor, espalhadas pelo mundo, não são pedras de ninguém... são pedras de todo mundo...

Ouvindo a toada, outras mulheres e alguns garimpeiros vão fazendo cântico com a velha, à vista da soldadesca furiosa que aumenta a brutalidade até que a toada se acabe no ar...

EXTERIOR - LOCAIS DE DIAMANTINA - DIA

6. A pequena tropa da ^{Pedras} guarda da extração, com sua castigada carga humana, percorre, agora, ruas e vielas do arraial do Tijuco, a caminho das masmorras da intendência.

C. documenta a caminhada penosa dos garimpeiros presos, fixando ora os guardas a indentivar a marcha, desumanamente, ora os prisioneiros, exaustos, além de populares que observam a marcha, já familiar em seu grotesco na vila.

~~Al Capone~~

UM SOLDADO (brandindo a espada como num combate, berra) - Toca, vagabundos !

Vamos em frente !

OUTRO SOLDADO - Éia, canáia ! Vamo cumê cadeia pra deixá de sê safado e roubá diamante da corôa... Vamo, suas muíé à toa...

~~MAIS UM~~ OUTRO SOLDADO (batendo com a folha da espada nas costas de uma das mulheres garimpeiras) - Anda, diaba ! Faz de conta que tu vai vê teu home !

Entre risadas, já agora com a audiência popular que o povo se aglomera nas esquinas e portas de botequins etc., ~~anspeçada~~ ^{Al Capone} ~~Silveira~~ ^{Furleco}, por gestos, manda que seus soldados espicacem mais os presos para que andem mais epressa. Para que corram, agora que já estão chegando à cadeia.

Nas portas comerciais e calçadas rústicas moradores comentam entre si, a meia-voz, acovardados pelo espetáculo fomentado pela nova intendência:

UM MORADOR - Isso é uma barbaridade... (escarra forte todo seu nojo)

UM VELHO (enrolando um cigarro de palha fleumaticamente) Afinal... vá lá que façam seu contrabando... mas são filhos de Deus !

UMA SENHORA CHEIA DE PENA - ... e batem até nas mulheres, coitadas ! Um pecado.

UM SENHOR DE FRAQUE - E dizer-se que isto em pleno século dezoito...

MOCINHA (pra sua mucama) - Não é à toa que eles dizem que as pedras são de Deus,,,

MUCAMA (maliciosa) ...e as terras também, iaia ! E no entanto...

UMA SENHORA IDOSA (horrorizada) -Cruz ! Credo ! (a senhora vira-se para um homem gordo, aparentemente desinteressado, e pergunta) - O senhor acha que podem bater assim, de tirar sangue, em pessoas que nem nós ?

O homem gordo faz um gesto que nada exprime, como se a coisa não estivesse se passando ali. Indiferente ao protesto sussurrado, anspeçada Silveira se aproxima soez de mulato Orozimbo e fala-lhe baixinho, mordaz e cheio de ódio:

ANSPAÇADA SILVEIRA - Agora, cachorro, foge ! Foge se tu é gente, cachorro do inferno ! Sua conversa, agora, é um particular com ~~seu~~ doutor intendente, sabe ? Vais entrar é na correia de taxa... (o anspeçada se afasta do preso achando muita graça na sua piada...)

MOCINHA (se afastando com sua mucama) - Não é sem razão que o povo só chama esse intendente novo de "Cabeça de Ferro". Virge Maria! (as duas se vão rindo inocências.)

Num canto do arruado, a mulher do intendente, dona Elvira, vê passar a fila de prisioneiros amarrados. Sensual e atrevida, sempre com seu enorme leque negro que, volta e meia, cobre a boca bonita, fazendo realçar seus olhos pícaros, Elvira caminha como se estivesse passeando, alheia à cena degradante. Dando com Orozimbo, parece não perceber seus maltratos e olha-o abertamente, com provocação, atrevimento e ternura.

Orozimbo imediatamente recupera sua postura viril e corajosa e retribui o gesto com outro olhar amoroso e um sorriso aberto de vitória. Como que já esquecida da cena, Elvira

afasta-se com seu leque enquanto os presos iniciam a subida de uma forte rampa, penosa no calçamento ruim para homens tão sofridos.

SEQ. 2

SEQUÊNCIA 2

INTERIOR - GABINETE DA INTENDÊNCIA DOS DIAMANTES - DIA

8. No gabinete de trabalho do intendente José Antônio de Rezende Freire, C. focaliza o comandante da guarda da extração diamantina, ~~capitão~~^{chefe dos Policiais} ~~Cândido~~^{Dr. J. A. de Paula e Silva}, metido em importante far-
damento da época. O capitão aproxima-se da mais alta autoridade colonial das Minas
Gerais e faz uma continência menos do regulamento do que carregada de amouquismo:

CAPITÃO ^{FACCS} ORLANDO - Com sua licença, meu intendente... Coisas muito importantes a comunicar a vossa excelência...

O intendente, bigodes lustrosos e suíças compridas e cheias, escreve numa mesa muito ornada, ao fundo do salão. Limita-se a levantar fleumaticamente os olhos do papel, numa expectativa.

O capitão, homem da mais absoluta confiança do intendente, aproxima-se mais. Vem trazer a boa nova da prisão dos garimpeiros e de Orozimbo.

INTENDENTE - (autoritário ao extremo) - Fale, homem !

CAPITÃO ^{François} ~~GRANILHO~~ (em tom falsamente festivo e de muita alegria) - Alvissaras, meu intendente ! ~~Desta vez, apanho alvissaras de primeira ! Olaré !~~
^{Nossos fêmeas} ~~Nossos homens~~ acabam de desbaratar o mais importante dos garimpos da demarcação ! Lá estão, na masmorra da vila, trinta e dois dos piores faiscadores da terra. Seis mulheres ! Até dois menores... e são e salvo nada menos do que o mulato Orozimbo ! Creia-me, senhor : o Orozimbo ! É isso o que tenho a honra e a alegria de comunicar ao meu nobre chefe ! (Capitão ^{François} ~~Grânido~~ não esconde sua enorme satisfação)

Sem se emocionar contudo, o intendente morde a pena de pato com que estava escrevendo:

INTENDENTE - Justo, capitão ! Dou-lhe os meus parabéns pelo belo serviço prestado à nossa amada corôa. Redobre a guarda ao patife do Orozimbo até que eu mesmo lhe faça a barba ! Ora se a farei, senhor capitão, ora se a farei e com navalha de bom gume ! E outra coisa: anote... hei de tratar da promoção de vossa mercê.

CAPITÃO ORLANDO - Mudando rapidamente de expressão para dar outra notícia, esta, bem mais desagradável ao intendente) - Não sei... não sei, excelência... É que nem tudo são favos de mel... Perdoe-me o senhor intendente... mas há também outra notícia nem tanto alvissareira...

INTENDENTE (mudando de senho e de tom de voz para a curiosidade, já esperando pelo pior) - Então ? Então ? Que temos nós de aborrecimentos, cá-tão ? Diga lá ! Desembuche, não se demore !

CAPITÃO ORLANDO (cada vez mais embaraçado) - Soube... Sim, acabo de saber que, do cofre da intendência, tornaram a sumir ^{outras} ~~mais~~ pedras... as duas maiores pelo menos. Sumiram, vossa excelência está me compreendendo bem? As pedras viraram ^{suavidade} ~~alecrim~~... Nem o diabo...

Quivindo o relato, o intendente dá um forte murro sobre a mesa e, indagando ansiosamente por pormenores, interrompe o discurso do subordinado:

INTENDENTE - Que ? !!! O que me diz, capitão ? O senhor está me dizendo que sumiram mais pedras da corôa ? Do cofre ? Tem certeza, capitão ?
C. p. h. Me diga: e desta vez ? Quantas e quais gemas foram roubadas ? Teriam sido as da partida cor-de-rosa, extraídas da mina do Gouveia ?
~~Palpi- ta-me que foram as cor-de-rosa...~~

CAPITÃO ORLANDO - Ora... as maiores ! As de mais quilates. Justamente as rosas ! As que iriam embarcar amanhã para Lisboa... Um ferro ! meu intendente...

INTENDENTE - Um ferro, digo eu ! C'os diabos ! Justamente ^{que seriam} ~~as de~~ presente de aniversário da Rainha... ~~Eram... eram...~~ *C'os diabos, c'os diabos !*

O intendente ergue-se do silhão e dá alguns passos ao longo da sala. Mostra-se aborrecido e preocupado. Depois, exaltado, volta a falar ao subordinado que aguarda ordens de cabeça baixa, submisso e humilhado:

INTENDENTE - Capitão ^{Fuizes} Orlando: custe o que custar, trate de me trazer ~~imediate- mente~~ o ladrão ! Ou os ladrões ! Que sei eu ! ? Quero-os de qualquer maneira: vivos ou mortos, está me entendendo ? Faça devassa rigorosa. Dê-me suspeitos. Detenha-os... todos !

O intendente exalta-se cada vez mais, à proporção que fala. Estanca em frente à sua mesa e tamborila com os dedos nervos no tampo da móvel.

Capitão Orlando aproxima-se cautelosamente do chefe e, baixando ainda mais o tom de voz revela:

CAPITÃO ^{Fuizes} ~~ORLANDO~~ - Suspeitos tenho já, senhor intendente, Por má fortuna, não disponho, ainda, de provas fatais. Afinal, é apenas uma suspeita mas, desafortunadamente, suspeita de muito peso !

INTENDENTE (demonstrando aflições) Suspeitas ? Quem é ? Diga logo, homem !
~~Não vê que me matas, tirano ! ?~~ De quem suspeitas ?

C. em Trav. Avante, enquadra o capitão em P.P.

O capitão debruça-se sobre a orelha do intendente e fala com perfídia, quase num sussurro. Revela:

CAPITÃO ^{Fuizes} ~~ORLANDO~~ - Basta dizer um nome a Vossa Excelência: O Fiscal Fernando Pedroso de Almeida !

9. Também enquadrado em P.P., o intendente perplexo exclama

INTENDENTE - ^{O que ? !} ~~Caraco~~ ! O Pedroso ! ? ~~O que ?~~ O Pedroso, capitão ? !!!

CAPITÃO ORLANDO (OFF) - Esse mesmo ! Incrível, Excelência, mas é a verdade !

INTENDENTE - Mas... que coisas o levam à suspeição, capitão ? Quero tudo em pratos limpos que não sou homem de pataratas !

10. C. enquadra os dois dialogadores, em P.A. - Favorecido no enquadramento, de frente, o militar responde ao intendente que está ligeiramente de perfil:

CAPITÃO ORLANDO - É que o senhor Fernando Pedroso é a única pessoa que tem livre acesso ao cofre. Vossa Excelência sabe bem disso ! Só ele ! Depois, acabo de saber, o Fiscal comprou uma rica propriedade de rolar cavalo, pras bandas da vila do Príncipe...

11. Contra-campo. P.A. dos dois homens, favorecendo o intendente que recomenda com energia:

INTENDENTE - Aperte a sindicância, capitão! Tudo é por minha ordem. E ôlho vivo no Pedroso! Se o velho espernear, diga-lhe que venha falar comigo. Acho que o caminho é o Pedroso mesmo. Aliás, ^{de seu fô} soube que o traidor anda de relações com essa cambada de faiscadores. Contrabandistas de uma figa! Criminosos...

C. avança em travelling, tirando o capitão do quadro, até fixar o intendente em P.P.P. quando conclui sibilino:

INTENDENTE: - Têmo-la travada, capitão! Agora, é agir com a maior cautela que o pulha do Fiscal desfruta de grande prestígio no arraial!... Família antiga, das mais tradicionais... Isso é o diabo!

SEQUÊNCIA 3

INTERIOR - INTENDÊNCIA - SALA DO FISCAL - DIA

12. Em sala contígua ao gabinete do intendente, C. enquadra o fiscal Fernando Pedroso de Almeida. Sua figura alta, elegante, limpa, ostenta suíças longas e cavanhaque. Sentado à sua mesa de grande sobriedade, duas rosas num vaso, o fiscal confere zelosamente a escrita contábil da intendência. Ao ouvir passos (off) levanta a cabeça com elegância e reconhece o capitão Orlando se aproximando: Levanta-se de todo, com um respeito singular, para escutá-lo, de fisionomia austera, onde se percebe muita preocupação.

CAPITÃO ~~ORLANDO~~ ^{Falsos} (falsamente cerimonioso) - Senhor Fiscal da intendência do Distrito Diamantino, Fernando Pedroso de Almeida!

Pedroso limita-se a um gesto de concordância e se apronta para ouvir, transpirando preocupações, aquilo que presente serem acontecimentos desagradáveis. O militar prossegue, com voz, agora, francamente inamistosa:

CAPITÃO ~~ORLANDO~~ ^{Falsos} - Não será necessário comunicar-lhe que desapareceram misteriosamente algumas gemas das mais valiosas, prestes a serem remetidas para Lisboa...

O Fiscal Pedroso não se altera, nem na firmeza da voz:

FISCAL PEDROSO - Acontecimento de veras lamentável, senhor capitão ~~Orlando~~ ^{Falsos}! E da maior gravidade.

CAPITÃO ~~ORLANDO~~ ^{Falsos} (transbordando malícias) - O fato é que sua Excelência, o senhor Intendente conta com a sua colaboração para a elucidação do ~~lamentável~~ fato... Além disso...

FISCAL PEDROSO (interrompendo com elegância, mas também com energia, a fala do militar, se prontifica) - Ele a terá sem dúvida, senhor capitão ~~Orlando~~ ^{Falsos}. Certamente!... Certamente!...

SEQUÊNCIA 3-A

INTERIOR - RESIDÊNCIA DO INTENDENTE - NOITE

13. Convidados distintos do intendente e de sua mulher, dona Elvira, conversam entre cálices e pratinhos de doces ou salgados. O cenário é a sala-de-visitas do solar do Intendente Rezende Freire, mobiliada ao fino gosto da época. Num sofá, enfastada, Elvira conversa com uma das convidadas, senhora idosa, nariz grande, adivinhando-se o espartilho fortemente atacado. Seu vestido, pesado de paetês e cabuchões, indica pessoa do mais alto nível colonial. Escondendo risos e picardias nos leques que abanam junto às bocas, duas moçoilas de destacadas famílias não sossegam de se agitar num sofá tête-a-tête, século XVII.

0 Mais adiante, sentados em um sofá e cadeiras de palhinha, o Intendente dialoga com o embate de Imafr Fernandes padre Luiz Sayao, um comerciante abastado, o meirinho da vila e mais algumas personalidades do mundo social da vila.

O padre, com sua voz gutural, é muito ouvido por todos:

PADRE LUIZ SAYÃO - Creiam-me por favor ! Dom ^{Roberto José de Almeida} ~~Luiz de Vasconcelos~~ está obrando uma belíssima administração. E lhes afianço: nunca tivemos um Governador tão ativo e competente !

COMERCIANTE RICO (abandonando-se com um lençinho rendado) Exatamente... exatamente ! Tem o reverendo inteira razão ! Ao nosso ^{Gorekan} vice-rei não tocam defeitos ! A verdade é a verdade. Agora mesmo (o comerciante muda o timbre de voz para a intercalada) contou-me mestre João Macedo, esse entalhador que veio se estabelecer aqui no Tijuco, que...

14. C. focaliza a porta do salão onde surge capitão ~~João Macedo~~ ^{Orozimbo} em busca do Intendente. Há um silêncio no ambiente. O militar aproxima-se do grupo, pisando de leve, cumprimentando e pedindo licença aos convidados com gestos de cabeça, abaixa-se à altura da cabeça do Intendente que permanece sentado e, ante a curiosidade geral, sussurra qualquer coisa. O intendente levanta-se surpreso, toma o braço do capitão e se dirige para um canto da sacada onde não está ninguém. Lá, o militar, coloquialmente, transmite-lhe inquietantes notícias como a de que Orozimbo acaba de fugir e o furto de mais dois diamantes de primeira água: —

CAPITÃO ^{Franco}GRANDE - Trago novas a vossa excelência. Tristes novas... infelizmente bem tristes novas, como lhe disse...

O intendente, impossibilitado de falar pela emoção e surpresa, limita-se a ouvir seu subordinado, esgaravando uma unha:

CAPITÃO ^{Ferreira} ORLANDO (prossequindo com ênfase:) - Agora, senhor, não há mais dúvidas, sobretudo após esse novo roubo feito por pessoa que muito bem entende de pedras... O ladrão é, efetivamente, o Fiscal Fernando Pedroso de Almeida! Digo-o com todas as letras! Está provado que ele esteve na sala do cofre, muito madrugadinha, pouco antes do sumiço das peças. Foi visto pela vizinhança...

Procurando se restabelecer do choque, o Intendente fala com voz apagada:

INTENDENTE - Que está me dizendo, capitão... (mas, subitamente irado, fala tão alto que chega a chamar a atenção dos convidados espalhados pelo salão) - Pois se é assim, efetue a prisão do suspeito... do ladrão ! E sem mais tardança, capitão. Agora mesmo. Já !

CAPITÃO ORLANDO - Infelizmente, há mais, senhor intendente. Pior, talvez ! Orozimbo escapou-nos ! E escapou por artes do Demo, ninguém sabendo como ! Já ^{abri} a devassa, já preendi os carcereiros, todos; procedi indagações... Não sei, mas me parece que há uma forte relação entre os dois casos. Há... (diminui o tom de voz, já que percebe que estão sendo ouvidos) O fiscal Pedroso e o mulato Orozimbo...

O intendente ouve tudo em crescente surpresa e indignação, mas procurando uma falsa serenidade. *Ordenei a prisão e a morte de todos os*

INTENDENTE - Disso tudo guarde o maior sigilo, capitão ! (agarra o militar por um botão do dolman) Aja com toda a energia, em ambos os casos ! Talvez

um mesmo e único caso.

SEQ. 4

SEQUÊNCIA 4

INTERIOR - RESIDÊNCIA DO INTENDENTE - DIA

15. C. focaliza a escada que sobe para o pavimento superior. O intendente vem descendo, já em trajes de trabalho, quando é alcançado por Elvira que lhe diz ^{em voz quase cerimoniosa}:

ELVIRA - Senhor meu marido... por favor...

O intendente pára, já no sopé da escada e volta-se dignamente:

INTENDENTE - ~~Hã~~ ? Que queres ?

ELVIRA - (com discutível submissão) - Rogo sua licença para ir visitar minha mãe, na chácara ^{Rio Mando} da ~~Palha~~... Soube, pela escrava Isabel, que ela não anda bem de seus flatos...

O intendente considera o pedido sem nenhuma pressa. Por fim, concede:

INTENDENTE - Sim ! Está bem, senhora dona Elvira. Vá visitar a senhora sua mãe e dê-lhe meus recados. Mas leve o pequerrucho e a Raimunda... De saída, mando atrelar os cavalos...

Intendente sai deixando Elvira, olhos pícaros, evidentemente feliz pela liberdade conquistada...

^{Rio Mando}
EXTERIOR - CHÁCARA DA ~~Palha~~ - DIA

16. Pelo caminho maltratado, de terra batida, que leva à ^{chácara, passando pela Palha} Palha, espalham-se garimpos e sítios pobres entre chácaras tijucanas. C. focaliza a charrette (andas tirada por um só cavalo: espécie de charrette francesa, muito mais pesada, em uso em Minas na época) onde vê-se Elvira, dirigindo o cavalo com destreza por entre poças d'água e lama da estradazi. nha, e a montaria de sua escrava Raimunda, com o pequerrucho na garupa ou no colo. NOTA: O veículo também poderá ser a verdadeira andas, ou seja: uma espécie de estrado entre dois varais onde se atrelava uma bêsta na frente e outra atrás. A andas tinha ou não coberta de fazenda grossa sobre seus acolchoados. Também, em lugar das bêstas, a andas poderia ser tirada por dois escravos, para distâncias menores como era a da Palha para o arruado.

~~Quando Elvira passa ^{de} diante de um casebre, à margem da estrada, Elvira diminui a marcha e procura, com ansia, alguma coisa, sem se importar com os olhares de Raimunda, evidentemente sua cúmplice. Súbito, alegrando-se, a mulher vê a figura de Orozimbo, inconfundível, meio oculto pela vegetação. Orozimbo faz-lhe um aceno com a mão, inutilmente discreto dado ao deserto do local. Elvira corresponde com um sorriso aberto de muita ventura.~~

Logo, chegando à chácara, uma construção já antiga ainda naquele tempo, cheia de jardins e árvores frutíferas, Elvira depara com a mãe, uma senhora simples até no vestir, ainda que mantendo um ar de grandiosidade passada, no alpendre, feliz por receber a filha. Elvira abandonando seu veículo, salta correndo ao encontro da mãe:

ELVIRA - Mãe ! Que bom, mãe, ver a senhora... Sua bênção, mãe !

MÃE DE ELVIRA - (beijando a filha com efusão) - Bom foi você ter vindo, filha... Deus a abençoe por mim ! Agora, vamos às novidades...

As duas, abraçadas, deixando o filho aos cuidados da escrava, entram em casa...

EXTERIOR - CASEBRE VISTO NA CENA ANTERIOR - DIA

17. C. focaliza Elvira, graciosa num traje de roça, chapelão de palha grosseira à cabeça, sempre com seu grande leque negro, no instante em que chega diante do casebre visto

^{à sua chegada}
~~em cena anterior~~. As cercanias estão desertas, ~~sem sinal de Orozimbo~~. Elvira, depois de espiar para um e outro lado, entra decididamente. É quando, de um mato próximo, sem nenhuma pressa ou indecisão, surge Orozimbo que penetra também no casebre.

INTERIOR - CASEBRE DE EMPREGADOS DA CHÁCARA - DIA

18. No interior do casebre parcamente mobiliado e iluminado, Orozimbo vê Elvira, de costas, reatigando o fogo num velho fogão de lenha. Evidente, Orozimbo já o deixara aceso. Orozimbo abraça a mulher pelas costas e beija-a suavemente na nuca. Elvira só então pára de abanar o fogo onde já se vê os petrechos para fazer café. Orozimbo volve o corpo da mulher e beija-a na boca apaixonadamente. Até então a cena é completamente muda.

OROZIMBO - Minha Elvira, tu és um amor...

Elvira brinca brejeira e calada com uma mecha dos cabelos do garimpeiro.

OROZIMBO - Tem muita graça... sabe ? (beija efusivamente sendo retribuído) Tem graça... Quem pode imaginar eu, aqui, a beijar a mulher do homem que me quer ver morto ! (beija mais Elvira) Verdade, santa, que tu me amas acima de tudo ? Amas ^{meu} ~~logo~~ este mulato horroroso... ?

ELVIRA - (brincalhona) Quem te disse que eu te amo, faisqueiro pretensioso ? Completando a resposta, Elvira retira devagar um saquinho que traz oculto no espartilho. Abre o saquinho, mostra ao contrabandista dois diamantes de primeira água, recoloca-os dentro do saquinho e entrega tudo a Orozimbo:

ELVIRA - Estes também vão deixar seu preço no Brasil, ^{seu} ~~meu~~ ^{adorado} garimpeiro ! (a mulher faz-se fascinante) Também vão ajudar na luta pela nossa liberdade, ^{na guerra} contra os laparotos patricios de meu marido. Que ódio tenho dos ~~exploradores desta colônia~~ ! ~~(desses canalhas que, em nome de um rei de trampa, tanto perseguem você e seus faisca~~ ^{nos} ~~dores !)~~ ~~Felizmente~~ ^{desta corja} ~~você já está livre...~~

OROZIMBO - E o que você ainda sabe é que pelo menos mais oito companheiros a essa hora, já devem ter voltado pro garimpo... (Orozimbo ri feliz).

ELVIRA (não se dando conta da interrupção) Vocês tem razão quando afirmam que tanto a terra como as gemas são propriedade ^{única} ~~única~~ de Deus... Ladrões é o que eles são... (nessa altura, o casal já se enlaça bem intimamente, entre beijos calorosos. Elvira ajuda Orozimbo a despir-se do gibão que tinha vestido.) Um dia ^{ainda de vamos} ~~havemos de~~ nos livrar desses marotos, não ^{vamos} ~~vamos~~, amor ? O pior é que meu marido e o pulha do capitão ^{Furto} ~~Orelano~~ estão furiosos. Juram que vão descobrir o ladrão dessas pedras (Elvira aponta para o saquinho que ficou sobre a pedra do fogão enquanto ajuda Orozimbo a tirar a camisa também). O ^{Furto} ~~Orelano~~ não sossega enquanto não chegar a Brigada do reino...

Orozimbo também desatando a fita que cinge a cintura da mulher, em seu vestido muito simples e grosseiro, de roça, interrompe amorosamente a fala de Elvira:

OROZIMBO - Descobrirem essa ladronazinha aqui, não é amor ? (beija-a e a arrasta para o leito de tábuas, ^{mu} ~~to~~ ^{ludo} ~~mas de lençois bonitos~~)

Disfarçando seu intento libidinoso, Orozimbo tenta distrair a atenção de Elvira:

OROZIMBO - Filha: outra coisa... está tudo combinado para a fuga dos outros nossos companheiros ainda presos... A guarda está reforçada...

Tu hás de me conseguir, apenas, as chaves dos dois portões da masmorra... (Orozimbo despe afinal e de todo o vestido de Elvira, deixando-a num inesperado espartilhozinho da época, coisa que lhe dá muita graça. Depois, enquanto prossegue falando, Orozimbo abaixa-se, enquanto Elvira senta-se na cama, e descalça-lhe com ternura os sapatinhos, beijando-lhe os dos pés ajuntados em suas mãos:

OROZIMBO - Não será difícil porque só teu marido possui a chave-mestra ~~de toda a~~ casa de penitenciação...

ELVIRA (inteiramente rendida ao amor) - Tem... meu marido tem, sim, a chave... eu sei aonde está... eu sei... Vou lhe dar, sim, amor... adorado... Depois.. Depois, bem do meu coração, depois que o mundo se acabe !... (beijam-se mais e prolongadamente na boca)

A cena termina quando o mulato, já deitado ao lado da mulher, escuta seus prolongados gemidos mesmo depois do término da cena, com o foco inteiramente às escuras.

SEQ. 5

SEQUÊNCIA 5

INTERIOR - MASMORRA DA INTENDÊNCIA - DIA

19. No porão da intendência, onde se vê ainda alguns poucos presos acorrentados, o Fiscal Fernando Pedroso está sendo interrogado com brutalidade e sem qualquer consideração pelo seu alto cargo, pelo capitão ^{Fu-se} Orlando, o Anspeçada Silveira e o próprio intendente. O interrogatório é arbitrário e violento, entremeado de chicotadas no corpo semi-despido do velho Fiscal. O Anspeçada vergasta-lhe o corpo, amarrado num potro de madeira. E grita-lhe insultos e palavrões, insistindo para que ~~confesse~~ o roubo das pedras, onde as escondeu para vender, a quem etc.

O inferior cresce na satisfação de supliciar um invejado superior:

ANSPEÇADA SILVEIRA (suspendendo momentaneamente os açoites para perguntar mais):
Vamos... porra ! Não adianta esconder o leite, ladrão, filho duma vaca ! Viram-te roubando as pedras. gatuno do Cão ! Viram-no, entende ? Que fizeste com as pedras... ? Confessa, ladrão!! (zunindo o chicote com toda força no rosto do fiscal, o torturador ameaça mais) Queres que te arranque a alma pela boca, porco imundo ? Queres ?....

Neste ponto do interrogatório, quando se vê o intendente, impávido, encostado ao grande pote d'água dos presos, o capitão ^{Fu-se} Orlando faz sinal para que seu subordinado prossiga na tortura. Novas chibatadas soam com força sem que o fiscal mostre sinal de fraqueza. Por fim, o Pedroso fala:

FISCAL PEDROSO - Sou inocente ! (fala com dificuldade) Não sei de que pedras falam. Não vi nenhuma ^{Pedra} pedras ! Não desviei pedra alguma da corôa ou lá de quem seja... Não ! Juro por tudo o que... (uma forte chibatada interrompe-lhe o juramento) Juro por... (uma nova chibatada interrompe sua fala definitivamente).

No momento crítico quando o Fiscal parece que vai desmaiar o capitão olha para o intendente como a consultá-lo sobre o que fazer. O intendente desencosta-se do pote e, sem pressa, aproxima-se do condenado. Súbito, berra-lhe ao ouvido na maior exaltação:

INTENDENTE - Não vês, ó idiota, que é necessário que tu confesses. Vamos ! Tu foste visto fora de horas na sala do cofre. Td os viram e só nós dois temos as chaves de lá, imbecil ! Mais ninguém ! (desconcertantemente conciliador, o intendente prossegue) Não negue mais, senhor Pedroso ! Vamos...

Mas o intendente não consegue manter sua forçada calma. Logo, novamente cheio de raiva, volta a berrar:

INTENDENTE - Não negue, diabo! Não me faça perder a cabeça que o mato aqui mesmo ~~o ladrão~~ ladrão desavergonhado!

Tal dignidade apresenta o fiscal acusado que o intendente é forçado a dar-lhe o tratamento de "senhor":

INTENDENTE - Confesse, por favor... confesse... o senhor... o senhor...

FISCAL PEDROSO - O senhor me conhece bem, senhor intendente. Sabe que estou sendo vítima de alguma calúnia sem termo... Sou inocente... ~~Saiba que alguém vi-~~ sa... É abominável, senhor intendente, isso que está me acontecendo... Revoltado com a resistência do fiscal, o intendente, também irritado por seu momento de indecisão ao tratar o fiscal de "senhor", num acesso de cólera incontida, faz um sinal ao anspeçada, pedindo-lhe a chibata:

INTENDENTE (ao anspeçada) Dá-me isso! (atendido logo, ameaça mais diretamente o seu fiscal) Vamos, senhor Pedroso: pela última vez, peço que confesse essa porcaria de roubo... (fora de si, bate com o chicote no rosto do velho) Pela primeira vez fora de si, o Fiscal toma novo alento e, inesperadamente, berra no mesmo diapasão usado pelo intendente:

FISCAL PEDROSO - Pergunte a dona Elvira, senhor intendente... Pergunte a ela quem foi que desviou suas pedras, canalha! Também eu já tenho visto sua mulher entrar na sala do cofre ~~fora~~ de horas... O senhor bem sabe que ela tem as suas chaves, intendente. Lembre-se disso! (o intendente, como os dois outros torturadores, fica em suspenso. Olhos parados, não toma, de imediato, qualquer reação) Por que dona Elvira não está aqui também?... Apanhando também para confessar o que o senhor quer... Porque? Porque? Diga-me o senhor se há justiça nesta terra!... (terminada a fala, Pedroso se abate sobre si mesmo, com a boca cheia de espuma de ódio, revolta e impotência).

Acordando do choque geral causado pela denúncia do acusado, o anspeçada corre para junto do seu capitão e o intendente é preso de uma reação tempestuosa. A indecisão momentânea precede o desencadear do mais violento furor. O intendente avança para o fiscal preso ao potro e começa a espancar-lhe no corpo, na cabeça, no rosto... E vai crescendo na violência:

INTENDENTE - ^{Gatuno} Paneleiro do diabo! Ousas, pústula nojenta, inculcar minha mulher? Ousas, crápula?! (o espancamento recrudesce) Quem és tu, filho duma cadela desavergonhada, para levantar a voz contra... contra... Quem és tu, velho paneleiro da boca da rua?!...

Exausto da aplicação do castigo e dos insultos proferidos, o intendente fica arfando cansaços, a fermentar mais ódios, curvado quase sobre a cabeça de sua vítima no jeito de galo de briga ao final da luta. Depois, toma postura ridiculamente nobre para uma declaração oficial. Mas sua fala é muito arquejante:

INTENDENTE - Senhor capitão: em nome de nossa amada rainha e da corôa de ^{Portu-}gal... em nome da sociedade desta demarcação... eu, Intendente geral, condeno o ~~senhor~~ fiscal Fernando Pedroso de Almeida, infiel e perjuro, por crime de roubo contra os cofres de sua majestade e assacamento de infâmias e injúrias contra minha mulher, a senhora dona Elvira Mourão ^{Freire} ~~Condessa~~, hoje de meu sobrenome, a padecer morte natural na forca!... Lavre-se o ato...

Atropelando palavras, o intendente termina sua fala procurando manter o ar de dignidade que o torno um juiz de fancaria. Os outros dois militares, o capitão e o anspeçada, num gesto de nojenta submissão, perfilam-se como para um desfile militar, tornando a cena ainda mais

ridícula. No potro de madeira, onde continua fortemente amarrado, Pedroso desmaia por fim.

SEQUÊNCIA 6

SEQ. 6

EXTERIOR - CAMINHO DE TERRA - DIA

20. Começando com a objetiva fora de foco, a cena toma nitidez, mostrando a paisagem de um caminhoto rural, de terra batida, sem nenhum calçamento. O caminho é margeado por alguns poucos casebres bastante pobres, inclusive uma pequena bodega com homens na porta. O caminho mostra-se bem falhado de construções, com terrenos devolutos. Pelo mesmo caminho, aproxima-se um cortejo de cerca de vinte ou trinta pessoas acompanhando um homem a ser enforcado: o fiscal Fernando Pedroso de Almeida. Como de costume, na época, o condenado já vem com a corda atada ao pescoço, vestido numa alva branca até os pés. A outra ponta da corda está presa às mãos de um carrasco encapuzado, evidentemente embriagado pelas súbitas paradas que dá, cambalêios e soluços. Logo a seguir, vem o padre já conhecido de cena anterior, de sobrepeliz rendada, estola e espargindo em redor um hissope. Acompanhado pelos componentes da procissão, o padre reza em voz alta mas se distinguindo apenas poucas palavras da oração monótona:

PADRE - Senhor Deus Misericordioso... essa é a vontade... pela justiça...

Tende piedade... Agnus, tibi gratia... Omnipotens Deo...

Entre o capitão Orlando e o anseçada Silveira, mais dois soldados da Guarda da Extração e outras pessoas e autoridades locais, o intendente vem pomposamente, semblante circunstancialmente grave e circunspecto.

C. focaliza em geral e em detalhes o sinistro do cortejo inusitado, seus participantes, trechos do caminho, figuras e pormenores de arquitetura da época, enfatizando, obviamente, a figura digna do fiscal que a iminência do enforcamento não consegue alquebrar. Mas, ainda que o fiscal siga com dignidade, seus olhos demonstram ódio e denunciam revolta.

EXTERIOR - MATO PRÓXIMO AO ARRAIAL DIAMANTINO - DIA

21. O cortejo está chegando ao local do enforcamento: uma clareira aberta no matagal onde, atualmente, se localiza a rua Direita de Diamantina, lugar onde, segundo a tradição histórica, os mineiros cortavam madeira para o labor e construção de seus humildes tugúrios. A densa mata é formada por grandes árvores de excelente madeira de lei. Diante de uma delas, uma frondosa perobeira-rosa, a comitiva faz uma parada e se coloca em redor da árvore, deixando, no centro, o fiscal e o carrasco.

C., minudente, documenta os preparativos para a execução do condenado. Sobre um caixote adredemente preparado e ali colocado, o condenado vê o carrasco passar a corda por sobre um galho forte da perobeira-rosa. Depois, lenta e dramaticamente, faz Trav.-Avante e vai localizar em P.F. as feições transtornadas do fiscal, em pé sobre o caixote que, ao subir, foi lestantemente ajudado pelo padre, cujas intenções jamais serão percebidas.

De repente, em meio ao silêncio que cai pesado, Pedroso de Almeida encara o intendente e, com voz estertórica, grita:

FISCAL PEDROSO - Pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, sou inocente, senhor intendente ! Juro mil vezes que sou inocente. Não roubei nada... nenhuma pedra...

22. Após de Trav.-Avante, C. aproxima-se, agora, de Rezende Freire, cujas feições denotam espanto e altivez. À medida que o condenado repete seu juramento, em voz-off, seu rosto

empalidece, assumindo uma expressão quase de pavor. C. aproxima-se sempre até fixá-lo em P.P.P.

Enquanto isso, C. volta a fixar a figura do fiscal fixando o intendente nos olhos. Para isso, força a posição da cabeça já presa à corda e às mãos do carrasco que continua meio cambaleante e soluçando álcool.

FISCAL PEDROSO (voz off) - Intendente Freire: vossa mercê está condenando um inocente. Um homem sem culpa. Miserável !

23. P.P.P. do fiscal, voz altíssima, ressoando pela mata para espanto dos circunstantes

FISCAL PEDROSO - Assassino miserável ! (Pedroso força mais a cabeça em direção ao intendente) Que a maldição desse crime se derrame por todas as suas gerações ! Assassino ! Assassino !

Plano Geral da clareira e de todos os espectadores da cena trágica, no instante em que o condenado conclui (off)

FISCAL PEDROSO - Que seus descendentes não conheçam nunca ^{e repouso!...} a paz ~~sempre~~... (a voz, agora, é muito mais conformada)

Subitamente, movido por um impulso de ódio e temor, Rezende Freire, de um salto explodido, atira o carrasco ao solo e ele mesmo, com um terrível ponta-pé retira o caixote sobre o qual se sustinha o condenado.

FISCAL PEDROSO - (despenhando-se no vazio que ficou no lugar do caixote) - Maldito... mil vezes mal...di...

O corpo pende e se reteza enquanto a corda, tensa, começa a estrangular-lhe o pescoço.

Por um brevíssimo instante, o fiscal ainda luta contra a morte. Inerte, seu olhar fica parado no rosto do intendente num derradeiro e pavoroso olhar de ódio imenso.

Nesse momento C. faz panorâmica para cima e termina focalizando tronco e galhos da magnífica perobeira-rosa, a árvore agitada pelo vento.

SEQ. 7

SEQUÊNCIA 7

EXTERIOR - MATO PRÓXIMO DO ARRAIAL - DIA

24. *Camêra de telha um machado de folha* *Intendente o tronco da perobeira*
Em movimento descendente, C. panoramiza para baixo, mostrando a mesma perobeira-rosa, anos mais tarde.

Regras em Trav. (C)
Depois, enquadra um grande negro, dorso nu, banhado de suor que ergue um machado e golpeia *de novo (C)* energicamente o tronco da ~~vulva~~ árvore. *Enfocando o TRONCO. ATIRAR, (C)*

em P.G.
C. inicia, então, travelling para trás, abrindo o quadro e mostrando um grupo de escravos, aprendizes e operários, além de mestres carpinteiros, da marcenaria de mestre João Macedo, *que focaliza o machado*
também visto no enquadramento com seu corpanzil gordo e seu vasto chapéu de palha *que o protege do sol* para a proteção do sol. João Macedo pita um grande cachimbo inglês.

Enquanto o negro abate a perobeira-rosa onde fora enforcado o fiscal Pedroso, um auxiliar do entalhador lusitano, mulato forte, *perfeito* expressão irônica e brincalhona, aproxima-se do mestre, sem muita cerimônia *perfeito* *macado:*

AUXILIAR - Também aquela perobeira vai, sôr João Macedo ? Também ela ? *Não* é pau de enforcado ?

Ouvindo isto, o negro que abate a árvore e que a C. focaliza à esquerda do quadro, paraliza seu machado no ar e se volta na direção de João Macedo. Persigna-se enquanto o auxiliar prossegue em sua fala:

AUXILIAR - Pra mim, sôr João, este lenho só deveria servir para fazer *caixões* ~~os caixões~~ de misericórdia...

O negro da esquerda, ainda hesitante com o machado caído, persigna-se outra vez e exclama:

NEGRO QUE ESTÁ DERRUBANDO A PEROBEIRA - Cruz em credo !...

25. João Macedo, irritado com a conversa e principalmente com a interrupção do trabalho, reclama:

JOÃO MACEDO - Ora, vamos... Ora, vamos... basta de tagarelices. Vamos é ao trabalho, bando de marotos ! Cortem as árvores... todas... E trabalhem com cuidado para não me estragarem as peças... Vejam lá ! Olhem que a madeira é pros móveis do senhor intendente... Vamos !

26. Depois de enquadrar a mata em plano geral, mostrando os homens trabalhando de novo, C. inicia um trav.-avante até fixar em P.P. a majestosa perobeira-rosa no justo instante em que tomba por fim, ferida pelo machado do escravo que a estava derrubando.

SEQUÊNCIA 8

SEQ. 8

INTERIOR - OFICINA DE JOÃO MACEDO - DIA

27. Em local nos arredores do arraial C. focaliza o interior da oficina do mestre João Macedo. C. pormenoriza o agil e cuidadoso trabalho do mestre famoso, o entalhador português. Com serrotes, martelos, enxós, formão e demais instrumentos de trabalho em madeira, João Macedo e seus auxiliares preparam as tábuas para, em seguida, iniciar a preparação dos móveis. A objetiva capta os detalhes mais expressivos do trabalho, enfatizando a perícia e segurança do marceneiro traduzindo, nos primeiros-planos de suas mãos ^{ágéis} ~~lepidas~~, os instrumentos que cortam, debastam, alisam e moldam a madeira para transformá-la em obras de arte.

INTERIOR - GABINETE DA INTENDÊNCIA - DIA

28. No gabinete de trabalho do intendente dos diamantes, ~~Rezende~~ Freire, já com algum cabelo branco acinzentando-lhe as fronteiras, trabalha com evidente mau-humor. Em pé, perfilados diante dele, ^{o Alferes Lobo e Nelo} ~~anspeçada~~ Silveira e dois ^{soldados do Pedestre} ~~milicianos da guarda~~ da Extração aguardam ordens, intimidados. Sem pressa, o intendente assina uns papéis, depois levanta-se e caminha impaciências pela grande sala. Para e diz ao militar:

INTENDENTE - Digo e repito, senhor ^{Alferes} ~~anspeçada~~: não me dê guarida a contrabandista algum. Velho, moço ou mulheres!... ~~Veja bem que esses garimpeiros são uns ladrões desalmados, contrabandistas criminosos das pedras da corôa!~~ Está me ouvindo bem ? Não me dê guarida !

Em seguida, retoma seu passeio pela sala, mastigando algumas palavras que não se distingue até que, parando outra vez, prossegue exaltado seu discurso:

INTENDENTE - Outra coisa ! Com a última chegada de prisioneiros não há mais lugar nas masmorras. Não quero bandidos tratados como filhos-de-família, já viu ? Que fiquem no mato mesmo como pasto pros urubus. As mulheres também que, mulher contrabandista, é rebelde do mesmo jeito...

Aproximando-se de uma janela, por ela o intendente observa a rua por alguns instantes. Inesperadamente, porém, volta-se de novo para o militar e pergunta com ironia na voz:

INTENDENTE - E o Orozimbo ? Nada ? Nada ? Continua fugido ? Me diga: que diabo de palerma são vocês ? Terei que requisitar soldados de verdade ^{ou vila} ~~na corôa~~ ^{Rica ?} ~~Alferes Lobo e Nelo~~ ^{Alferes} ~~anspeçada~~ Silveira, visivelmente constrangido, aproxima-se mais do chefe geral e responde, sem jeito:

~~ANSPEÇADA~~ SILVEIRA - Vasculhamos a região palmo-a-palmo, senhor intendente... Sem exagero. Nada daquele bandido ! É vivo que nem alho. Tem ~~muito~~ força de homens escondidos na mata e nas montanhas. Em suas catas misteriosas... Conhece os caminhos, excelência, e conta com a simpatia

do povo... ^{ate!} dos moradores ~~até~~ de maior influência.

28. Focaliza-se a figura do entalhador João Macedo que vem chegando à ante-sala do gabinete do intendente. Vem a uma convocação do mesmo intendente. Veste roupa incômoda e cerimoniosa, o chapéu amassado e o cachimbo nas mãos. Com um ar meio assustado, faz um vago cumprimento de cabeça ao redor onde dois ou tres funcionários trabalham em suas bancas. Abre-se a porta do gabinete principal e surgem os três militares e o próprio intendente. Anspeçada, depois de mais uma continência solene ao chefe, faz um ligeiro cumprimento ao marceneiro, ao cruzar o portal. Os dois soldados, saem sempre em continência, se atropelando. Avistando o entalhador, o intendente convida-o a entrar:

INTENDENTE - Salve, senhor João Macedo. Vamos entrando. O senhor já é da casa...

Intendente explica, já dentro do seu gabinete, mas ainda de pé:

INTENDENTE - Chamei-o para avisar que quero prontos os meus móveis até sexta-feira o mais tardar. Na semana que vem, dia dezoito, são os anos da senhora dona Elvira e quero lhe fazer uma surpresa, está me ouvindo bem?

Meio nervoso, aceitando o convite por gestos do intendente, o mestre marceneiro vai sentar-se, extremamente desajeitado, num sofá, ao canto da sala.

JOÃO MACEDO (procurando agradar com o timbre de voz) - Cá estamos inteiramente às ordens de Vossa Excelência, senhor intendente. E dou-lhes boas novidades! Isto é que é bater na cabeça de um prego! Vossos móveis estão ^{quase} prontos, ~~de faltando~~ Naturalmente falta a última demão de verniz... algum acabamento... Algum retoque, talvez...

A notícia desanuvia as duras feições do intendente que se levanta do sofá e vai buscar, num bonito nicho de madeira sobre um tremó, um tarrozinho e dois cálices para servir o visitante, a quem afirma, satisfeito:

INTENDENTE - Com que então estão prontos os meus móveis, ^{senhor} ~~seu~~ João Macedo...?

Pois isso merece um brinde! Beba esta bagaceira que é de lá e da boa. Melhor não haverá no mundo inteiro!

Os dois bebem cuidadosamente o aperitivo. João Macedo estala a língua e exclama:

JOÃO MACEDO - Inigualável! Com efeito, deliciosa! Belíssima pinga, excelência. desta, desde Lisboa, não provo doutra igual...

Esvaziados os copinhos, o mestre volta a falar:

JOÃO MACEDO - Pois é assim, excelência: antes da sexta-feira, os movesinhos estarão a guarnecer vossa morada certo como água na fonte. Serão a cama, o oratório, a ^{papeleira} ~~mesinha~~ ~~de escrever~~ com tampo de correr como foi recomendado, a mesita, a arca maior, as cadeiras, os ~~dois~~ ^{o canapé} silhões, .. tudo, enfim!

EXTERIOR - RUA DO ARRAIAL - DIA

30. Em corte direto, a fim de se evitar o lineamento excessivo da ação, C. se desloca para um recanto do arraial e registra uma cena de rua típica da época:

Em primeiro plano focaliza-se um senhor carrancudo a castigar um escravo com uma vara. A única reação do pobre negro é defender a cabeça das varadas.

SENHOR CARRANCUDO - Toma, cachorro! Ficas-me papalvo pelas ruas até que horas, para que eu tenha de pagar multa à intendência, não é, meu filho duma vaca? (as varadas se sucedem ante a indiferença total dos passantes) Outra vez, biltre, furo-te um olho! Vagabundo é o que tu és... Tiro-te o couro, peste! Cachaceiro! ~~Que desobedecer o edital da intendência, não lh'o desobedeço eu! Cheirava-te!~~

Surge então, de uma esquina, a mulher do intendente. Vem acompanhada por uma mucama.

Elvira traz seu leque inseparável e caminha apressada, alheia à cena do espancamento do escravo pelo homem carrancudo. Vem pela rua aproximando-se de sua residência, um belo sobradão com seus caxilhos de vidro francês, cimbalhas e esquadrias ^{de maior valor} de ~~maior valor~~ ^{maior valor}. Completam a construção colunatas nas varandas e elementos de ferro batido, pintados de preto em oposição à fachada branca de gesso e cal. À porta da casa, Elvira encontra uma escravazinha mucama, tomando conta de um menino de três anos que brinca com um brinquedo. Elvira toma-o nos braços com excesso de carinhos:

ELVIRA - Meu ~~Honorio~~ ^{Honorio}zinho querido... meu Nonon do coração da mãe... Estavas com saudades da mamãe? Estavas, anjo? (dirigindo-se a babá, a mulher prossegue sem transições) Honório já comeu dritinho, Chiquinha? Comeu tudo?

Chiquinha meio espevitada, fala aflita, impaciente para contar a grande novidade da chegada dos móveis de mestre João Macedo:

CHIQUINHA - A irmã já deu a merenda a ele, nhora, sim! Também eu já asseiei ele e troquei a roupinha pra esperar a senhora... (e completa a fala excitadamente) A senhora sabe? Sôr João Macedo trouxe as mobílias novas indagarinha... Tá tudo lá dentro. Uma lindeza, nhora, sim! Parece coisa de fada...

ELVIRA - Sim... vamos ver! Vamos vêr! (e apressa-se a entrar, levando o caçula no colo)

SEQUÊNCIA 9

INTERIOR - RESIDÊNCIA DO INTENDENTE - DIA

31. Elvira, com o filho no colo, sobe com elegância a escadaria interna que leva ao pavimento superior. E chega à sala-de-visitas já decorada com os móveis novos, recém-chegados. A mobília, ainda não arrumada de todo, deixa ver o luxo e o primoroso acabamento que lhe dera o afamado entalhador luso que é visto, num canto, conversando com o intendente. Vendo-a chegar, enquanto o profissional faz uma cerimoniosa reverência com a cabeça, o marido vai a seu encontro, sem esconder ~~seu~~ ^o azedume:

INTENDENTE - Sim, senhora! São os meus móveis, sim... Estivesse vossa mercê em casa e os teria visto chegar... (e cala-se, amuado)

Depois de cumprimentar, também de cabeça, o mestre, Elvira se justifica pela demora:

ELVIRA - É! É. Realmente tive de sair. Fui ver o enteado do sargento-mór que está a morrer... Foi isso!...

Elvira fala maquinalmente, com um certo tédio. Mas, imediatamente, interessada, examina os móveis ricos e lindos. Começa o exame pelo oratório, ainda vazio dos santos:

ELVIRA - Bela oratório, senhor Macedo! Precioso! Até como coisa que nos levanta a fé, meu senhor! Nada como uma peça bonita dentro da casa da gente...

Já livre do menino que passou à mucama que a vinha seguindo, a mulher se encaminha para a ~~escrivania de senhora~~ ^{parelha e nela alisa a mão}. ~~Fica abrindo e fechando o tampo de correr nas guias laterais, duas ou três vezes:~~

ELVIRA - ~~Como corre bem...~~ ^{Como isto é macio!} E a mesa é espaçosa. As gavetas...

Os meus saúdes, mestre João Macedo! Uma beleza a cor deste verniz!...

Mas Elvira é irrequieta e, logo, cansa-se de brincar com ~~a tampa da escrivaninha~~ ^{o pararelino}. Olhando para um dos grandes silhões, corre a experimentá-lo, a sentar-se nele:

ELVIRA (após experimentar posições diferentes no silhão) Que joia! Ó, que cómodo ele dá a gente! Até parece a silha do Papa... (ela mesmo começa a rir)

João Macedo, muito orgulhoso, ~~mas~~ cheio de dedos, apressa-se a se despedir do casal e tornar à sua oficina:

JOÃO MACEDO - Pois já que está tudo a preceito, dão-me ~~vossas~~ Excelências uma licença que ainda ~~vamos a luta~~ ^{vou à oficina!} Muito grato a vossas excelências... muito grato e até mais vêr... Muito grato!...

Quando o mestre sai, o casal, que se despediu com apenas uma pequena saudação de cabeça, segue por um corredor que leva ao dormitório. Passam pela sala-de-jantar, igualmente decorada com luxo, ostentando os novos e caprichados móveis do artista português. Sem parar, Elvira vai riscando com o dedo este e quele detalhe da mobília. E exclama:

← ⊗ ELVIRA - Lindo... lindo... este português sabe onde tem o nariz!... ~~agora!~~
No enorme quarto-de-dormir se destaca, imediatamente, um estonteante leito no puro estilo da época da rainha Maria Primeiro, então reinante. O leito ^(de apanhar - a parte) já está arranjado, envolvido por cortinados de renda pendentes de docéis que se armam sobre os altos postes da cabeceira e dos pés. Mais cortinas e sobre-céus, com belas sanefas de damasco vermelho, guarnecem por igual portas e janelas do espaçoso cômodo.

O ESTRANHO LEITO OSTENTA, NA PARTE INTERNA DA CABECEIRA, COMO QUE DOIS OLHOS COMPOSTOS DE NÓS NATURAIS DA MADEIRA VIRGEM PELA ARTE DO MESTRE MACEDO;

Diante da cama, porém, Elvira parece parar sua figura no tempo. Fica estática, assombrada, olhos pregados nos falsos olhos da madeira do espaldar. Suas feições, até então alegres e mesmo lúdicas, tomam uma seriedade inesperada e impressionante. Como que hipnotizada, aproxima-se da cabeceira e começa a acariciar muito ao de leve, com as mãos nervosas, a madeira envernizada, a talha do espaldar até chegar aos dois olhos da madeira. Então, Elvira, olhos mergulhados além do infinito, começa a circundar um olho de cada vez, com o dedo indicador. Suspendendo o exercício, recomeça-o já agora usando os dois dedos indicadores simultaneamente.

O intendente surpreende-se dominado por um repentino e inadiável impulso sexual. Enlaça Elvira e, inopinadamente, tenta estendê-la no leito, amarfanhando cortinas e colchas.

INTENDENTE - (transtornadíssimo) - Vamos... filha... Filha, vamos... Preciso de ti como de água... vamos... (tenta descalçar a mulher) Amor... amor...

Elvira reage quase que brutalmente:

ELVIRA (surpreendida) - Não... não ! O que é isso ? Não... por favor Rezende
Agora... agora, não (Elvira parece que só agora começa a perceber da coisa)
Larga-me, ora essa ! Vai-te...

Mas o intendente insiste, cada vez mais excitado, inclusive pela decidida reação da mulher:

INTENDENTE (já não se aguentando mais de desejos na mulher que, com a reação, deixa que o decote escorregue para baixo, deixando ver seus magníficos ombros)
Ora, minha pomba... minha lindeza... Vem... vamos... Não sejas tolinha: inauguremos nossa rica cama... Não gostas da cama ? Não gostas, flor ?

ELVIRA (decididamente, quase gritando suas raivas e repulsas) - Deixa-me, senhor
Não me sinto bem... é isso ! Deixe-me, pelo amor de Deus!... (mas, ante a insistência descomedida do marido, termina por berrar) Ora merda ! Vai-te pro diabo ! Raios de homem (já livre, completa) Se queres isso... se buscas estreiar a cama, que vá procurar uma negra qualquer... Irra, diabo !

Devencilhando-se, por fim, do marido, Elvira deixa o quarto precipitadamente como num incêndio ante o assombro e a frustração do intendente.

Sequência 10

EXTERIOR - CAMPO ABERTO - DIA

34. Inicialmente, esta sequência focalizava uma cena comum de trabalho na oficina de mestre João Macedo. Teria razão para separar bem as cenas intermediárias. Acontece que, com mais valor visual, C. focalizará o mulato Orozimbo, cavalgando por serras e vales (explicando porque os soldados não conseguem botar-lhe as mãos por cima). Ou mesmo Orozimbo, em sua faisqueira, bateiando com seus companheiros de garimpo.

INTERIOR - SALA-DE-JANTAR DA RESIDÊNCIA DO INTENDENTE - NOITE

35. Ao café, terminada a refeição servida por escravos mui limpos, O intendente e Elvira permanecem em sua ampla sala-de-jantar. Estão calados e contrafeitos. Bebido o último gole de café, o intendente ergue-se e se dirige para o alpendre que se abre para uma bela noite estrelada. Aproveitando-se da saída do marido, Elvira, por sua vez, se ~~dirige~~^{encaminha}, por outra porta, ao quarto de Honório.

Percebendo irregularidades entre os amos, os escravos levantam a mesa sérios e silenciosos também.

INTERIOR - QUARTO DE HONÓRIO - NOITE

36. Elvira está debruçada sobre a pequena cama onde o filho dorme tranquilamente. Elvira, cheia de cuidados, acaricia o rosto do pequeno. Ouvindo um pequeno ruído, volta-se e depara com o intendente que a observa da porta. Sem medo, mas indecisa, a mulher volta a acariciar o filho. O intendente aproxima-se também cuidadosamente, e, procurando um máximo de afeição e carinho, fala à mulher:

INTENDENTE - Vamos, ^(Elvira)minha pombinha de amores... Venha com teu marido, querida,,
Perco-me por tanto te querer, Elvirinha... Ou ~~tu~~ já te esqueceste de teu
pobre marido ? Vamos para o nosso quarto... vamos....~~ela~~

37. Elvira volta-se automaticamente com a clara intenção de seguir seu marido. Ao penetrarem no grande dormitório, O intendente senta-se logo no magnífico leito. Com um gesto, pede que a mulher se aproxime. A expressão, antes desanuviada para a conquista, deixa perceber, de novo, a terrível excitação sexual que o devora, dando aos seus olhos uma intensidade incomum.

INTENDENTE (insistindo no convite do gesto) Venha aqui, Elvira ! Hom'essa ! Afinal,
querida, o que se passa ? Sou teu marido, Devo saber... Que vai
pela cabecinha de minha mulher querida ? (procura brincar com alegria) ~~Eu~~...

Muito bem sabes o quanto me perco por ti, Elvira... Venha ^{lá} logo, amor !

38. C. em trav.-atrás, acompanha o lento caminhar automático de Elvira, enquadrada em P.P. Seu rosto, coberto de palidez, denota verdadeira repulsa e pavor. O intendente, ao vê-la hesitar e parar a meio caminho do leito, levanta-se e, em novo enquadramento, C. focaliza o casal, já o intendente agarrando os braços da mulher que ameaça desmaiar. Mesmo assim, o intendente tenta mais uma vez deitar a mulher na cama. Resistindo também mais outra vez, Elvira, cheia de tédio, irritação, repulsa e aflição, termina por chorar muito ~~ao de~~ ^{sozinha}.

ELVIRA - Não... não... por quem sois, Rezende... Agora, não ! Impossível... Impos-
sível, sabe ? Por favor, senhor ^{meu} marido... Deixe-me ! Deixe-me por Deus !
Desta vez, porém, esgotada toda a paciência, o intendente explode raivoso, nas raias da ir-
ritação:

INTENDENTE - Ora, sebo, minha senhora ! Que diabo vai por aqui ? O que há de
mistérios contigo, mulher ? Ora os faniquitos !!! Com quem pensas estar li-
dando, senhora dona Elvira?... Faça-me o favor ! Afinal, seu marido não é
homem de pataratas. Isto já me parece bruxaria... feitiços... o demônio !

Espantada com a súbita cólera do marido, agora recrudescida, Elvira, como um autômato, vai sentar-se numa cadeira que está a um canto do cômodo. Abaixa a cabeça e começa a responder, voz de susto, chorando sempre:

ELVIRA - Não sei, meu marido... Não sei mas acho que estou ficando maluca!... Estou enlouquecendo... se pudesse te contar a sensação que me passa... Isso que me dá, Rezende... Quando vejo essa cama... ~~esses olhos~~... fico assim desesperada. Perdoe-me, ^{Rezende!}... Tenho a certeza que estou ficando louca!... ~~É uma loucura, Rezende...~~ Uma loucura...

O intendente parece enternecer-se. Aproxima-se da mulher, ^{acalmar-se!} toma-lhe ambas as mãos, num gesto de carícia e de socorro. Fala procurando ~~ser todo calmo:~~

INTENDENTE - Vamos, filha! Tenta me explicar tudo isso... Isso que te ^{transfere,} ~~afoga~~ te desespera... Vamos: desabafa, minha filha!

ELVIRA (sempre chorando e fungando o nariz) Não sei, Rezende... Não posso... É como se alguém nos estivesse espiando. Alguém sem corpo, me entende? (aponta para o espaldar da cama onde ~~se vê os dois olhos de madeira~~) Alguém... só esperando o instante de nos fazer mal... ~~muito mal...~~ ^{quase} alguma grande crueldade... É horrível! Horrível!...

40. C., em travelling, aproxima-se do casal em crise até fixá-lo em primeiro-plano. O intendente, realmente compadecido, afaga a cabeça da mulher enquanto diz:

INTENDENTE - Ora, a tolinha! Sossega, minha mulher. Tudo isso, Elvira, é pura imaginação dessa cabecinha bonita... Tolice, sabe? Imaginação. Só imaginação... ~~fantasias... apoteoses, minha querida.~~ Logo tudo vai passar... Agora, vamos nos deitar um pouquinho... Estás comigo. Nada te acontecerá, ^{Elvira} ~~com~~.

Rezende, ao falar na cama, acende ainda esperanças de uma noite de amor. Subitamente, toma o corpo da mulher e o ergue demonstrando um carinho pouco convincente. Dominado de grande impulso de sensualidade, ao sentir o calor do corpo de Elvira, encaminha-se resolutamente para a cama enquanto busca distrair a atenção da mulher:

INTENDENTE - Vamos... tolinha. Não chores mais! Verás que o prazer termina por apagar ~~te~~ essas caraminholas sem motivo! ~~Linda!~~ Venha! ~~sim!~~ ~~Havemos de nos perder num mundo de delícias...~~ ~~Eu te prometo...~~ (chegam ao leito e o intendente faz menção de deitar a mulher) Venha! ~~ou já não me queres como d'antes?~~...

Subitamente tomada de um terrível acesso de ira incontrolável, Elvira salta pro chão e, num gesto violento, ^{histérico} absolutamente inesperado, esmurre o peito do marido e grita, ~~altamente~~ ^{em} ~~écos por toda a casa.~~

ELVIRA (inteiramente fora de si) - Não! Não, miserável! Não! ~~És uma pústula!~~
Vai-te pro diabo que ^{te} carregue... nojento!... carrasco!... CARRASCO!...

INTERIOR - MASMORRAS - NOITE

41. Em corte sonoro direto, o grito de Elvira é sucedido pelo grito de sofrimento de um garimpeiro, torturado num ^{tronco} ~~peito~~ de madeira, na masmorra da intendência.

Com ^a ~~uma~~ chibata já ensanguentada, ^{Cabo} ~~anspeçada~~ Silveira, cansado e suado, esfola as costas do infeliz enquanto lhe grita aos ouvidos:

^{Cabo} ~~ANSPEÇADA~~ SILVEIRA - Vais ou não vais me dizer aonde está escondido o Orozimbo, bandido descarado? Se não queres que te arranque agora mesmo o couro da carcaça, vai dizendo logo, celerado de bosta!

O garimpeiro permanece calado o que aumenta a fúria do carrasco que lhe bate com mais força, enquanto atiradas ao chão C. mostra duas mulheres-garimpeiras, olhos esbugalhados e o corpo evidentemente torturado antes. São como restos humanos.

OFF, escuta-se o estalar do chicote, os gemidos do supliciado e a voz apavorante do anspeçada:

~~ANSPEÇADA~~ ^{Cabo} SILVEIRA -(OFF) - Onde está o ladrão do Orozimbo, filho de uma puta?!

SEQUÊNCIA 11

INTERIOR - QUARTO HONÓRIO - DIA

42. Elvira está vigilante no leito do filho que dorme tranquilamente. Elvira está de olhos cerrados mas abre-os, assustada, quando escuta abrirem a porta. É o marido. Vendo-o, Elvira dá um salto como se ante um grande perigo.. O intendente é muito seco no que diz:

INTENDENTE - Senhora dona Elvira: Devo lhe avisar que viajo imediatamente para Vila Rica. Qualquer necessidade, procure o Argemiro, na intendência. Passar bem !

Rezende apresenta-se já vestido e preparado para a viagem. Vai se retirar sem mais, quando a mulher lhe fala:

ELVIRA (indecisa) - E... é viagem demorada ? O senhor... (o ar de Elvira é um misto de surpresa, remorso, desequilíbrio etc.

Apressado por sair do quarto, o intendente, interrompendo a fala da mulher, responde já de costas:

INTENDENTE - Uma semana. Ou duas... Coisa de poucos dias, fóra a caminhada, é claro ! Não sei... talvez um pouco mais. Até a volta !

ELVIRA (voz apagada pela emoção e pela surpresa) - Que Deus acompanhe vossa mercê ! Rezende sai definitivamente, fechando a porta atrás de si.

EXTERIOR - ESTRADA PARA VILA RICA - DIA

43. O intendente Rezende Freire, acompanhado pelo capitão Orlando, o Alferes Ramos de Almeida e mais três guardas da extração. viaja a cavalo pela estrada que, na serra do Espinhaço, leva à Capital da província: Vila Rica.

C. focaliza documentando os petrechos de viagem, a paisagem circundante, a cavalgada...

À certa altura, Rezende faz parar a comitiva, Rezende Freire fala aos militares superiores:

INTENDENTE - Em que ficou o cerco a Orozimbo que tanto recomendei ?

ALFERES RAMOS DE ALMEIDA - Lá deixei providências, excelência. De ordem do capitão

^{Fuile, co} ~~Orlando~~... Incrível como pode aquele homem fugir a todos os cercos.

CAPITÃO ^{Fuile, co} ~~Orlando~~ - ... E anda pela vila... dentro da vila ! Agora mesmo, foi visto de novo , e nas proximidades da residência de Vossa Excelência ! Um atrevimento assim...

Ao ouvir a novidade, o intendente crispa as mãos sobre a sela num inperceptível movimento de revolta, indignação e preocupação. Também de uma tênue suspeita. O intendente torna a falar como que medindo palavras:

INTENDENTE - Capitão: resolvi não prosseguir viagem. Volto daqui. Volto ao arraial para resolver assuntos urgentes que me ocorreram neste momento.

Os militares deixam transparecer surpresa e contrariedade, além de muita preocupação:

INTENDENTE (prossequindo no mesmo tom de voz) - Está decidido ! Regresso ao arraial. sigam os senhores avante, com sua missão de levar ao Senhor Governador o relatório da intendência. No mais, boa viagem ! ^{e o pedido de mais tropas!}

Preocupado, o capitão quer saber detalhes:

CAPITÃO ^{Fuile, co} ~~Orlando~~ - Perdoe-me Vossa Excelência, senhor intendente: é por causa do

Orozimbo ? Do Orozimbo que vossa...

O intendente interrompeo capitão abruptamente:

INTENDENTE - Nada... nada disso ! Sigam vossas mercês ! É que me ocorreu um assunto urgente. Muito urgente. É isso !

Os militares, embora bastante surpreendidos com a decisão inusitada do comandante geral, o intendente Rezende Freire, limitam-se a obedecer com uma continência respeitosa.

Fala o capitão ^{Fuêça} Orlando:

CAPITÃO ORLANDO - Faça-se como ^{Fuêça} Vossa Excelência ordena, senhor intendente.

Aqui estamos nós para obedecer-vos... cumprir vossas ordens ! Não deseja que dois soldados vos acompanhe ^{um?} ~~para o que dê ou vier ?~~

O intendente dá meia volta ao cavalo, com evidente pressa em reiniciar sua viagem de volta ao arraial:

INTENDENTE - Não, ^{vão} obrigado ! Não será necessário, capitão ! ~~Volte só.~~

Adeus, senhores !

VÊR VERSO. 44.

EXTERIOR - ARRAIAL DO TIJUCO - NOITE

45, 44. Vem vindo, o intendente dos diamantes Rezende Freire, por uma rua ^{quase} ~~sem~~ iluminação e totalmente deserta no avançado da hora. Vem montado a passos lerdos, com uma grande capa e o chapéu enterrado, embaçando-lhe a fisionomia. Passando pelos pouquíssimos lampiões acesos, projeta sua sombra crescente nas casas silenciosas. Aproxima-se até deixar ver suas feições sombrias.

EXTERIOR - RUA, E DEPOIS, RESIDÊNCIA DO INTENDENTE - NOITE

46, 45. Após descer uma ladeira, o intendente se aproxima de uma pracinha onde, ao fundo, se avista sua residência solarenga. Vem lentamente, trazendo o cavalo a passo, evitando despertar ruídos e curiosidades. Não muito longe do solar, apeia-se e amarra o cavalo no tronco de uma árvore. Em seguida, se encaminha para o sobradão, retira da algibeira a chave, abre cautelosamente a porta que fecha por dentro, depois de entrar.

INTERIOR -- RESIDÊNCIA DO INTENDENTE - NOITE

47, 46. No interior da casa, C. focaliza Rezende Freire, enquadrando-o no momento em que sobe, cautelosamente e sem luz acesa, a escada nobre que leva ao pavimento superior, onde se localizam os dormitórios.

Sempre pisando de leve, chega ao salão superior e o atravessa sem demora. Ganha o corredor e se aproxima finalmente do quarto, seguido em trav.-atrás enquanto, em primeiro-plano suas feições rudes denotam decisão sob forte tensão que o deixa crispado.

Ao aproximar-se do quarto, percebe vozes sussurradas e expressões abafadas de evidente prazer. Fára e escuta atentamente:

Realmente, não resta dúvida que é a voz da mulher (OFF)

ELVIRA - Cuida-te, amor... Por Deus !

Logo, para a maior surpresa e indignação do intendente, chega-lhe aos ouvidos a voz de Orozimbo:

OROZIMBO - Quem diria, flor do céu, que eu... uma onça do mato, teria tanta ventura um dia... Como da primeira vez...

O intendente permanece escutando. Lentamente, com a mão já firme, retira da cinta sua garrucha; pela centésima vez, constata se a arma está carregada e escuta mais:

Em preparações precisas às cenas finais do episódio,
aqui cabe uma sequência em que Orozimbo
possivelmente com sua conspiração particular
com Elvino, aproveitando-se da ausência do
intendente em viagem, vai à **Sua casa**
aproveitando-se de uma serenata. Lá,
os dois não resistem ao chamado
da carne. É quando Elvino explica
os efeitos e portos dos "olhos" quando
ele está com o marido (repulsa) e
com Orozimbo (paixão).

EXTERIOR - EM FRENTE À CASA DE ELVIRA - NOITE

xxxx -

Em plena noite enluarada, C. postada em frente à casa de Elvira, focaliza uma serenata que vem descendo a rua. Serão, quando muito, oito componentes: há violão, flauta, clarineta e o mais. Ao aproximar-se da objetiva, após passar pelo portão de entrada da mansão, reconhece-se Orozimbo que canta e toca violão. Afastando-se a cortina de uma das janelas superiores, apesar da pouca iluminação, C. focaliza Elvira com um esvoaçante traje de dormir por sobre um robe também ligeiro e também bonito. Sem interromper a canção, vê-se o olhar trocado entre os dois e o imperceptível gesto da mulher, apontando o portão para Orozimbo. Sem pressa, prosseguindo com a canção, Orozimbo responde, mandando esperar. De fato, deixando que outro companheiro prossiga na canção, Orozimbo encosta o violão na parede e regressa quatro ou cinco passos, até o portãozinho, enquanto a serenata desce a rua com a sua melodia. No portão, que está aberto, Orozimbo entra e desaparece.

xxxx - EXTERIOR - JARDIM DA CASA DE ELVIRA - NOITE

C., de baixo, focaliza Orozimbo galgando os dois e aos três os degraus que levam à varanda florida e cheia de plantas. No patamar, descerra-se a última porta dos fundos e Elvira aparece, com um castiçal caro onde uma vela está acesa. Orozimbo, em silêncio, enlaça-a. Depois do beijo prolongado, Elvira recrimina:

ELVIRA - Não... não... não, senhor! Hoje, estamos aqui pra falarmos dos nossos presos... da nossa conspiração... (Orozimbo a beija pouco se importando com seus protestos) Da nossa vida, Orozimbo! Hoje, temos de...

Os dois, ele insistindo em enlaçá-la e ela tentando fugir-lhe aos braços, *desaparecem na escuridão do quarto ainda sem luz.*

xxxx - INTERIOR - CASA DE ELVIRA - NOITE

Dentro da sala, enquanto Elvira tenta sentar-se, Orozimbo não a permite. Por fim, abandonando a vela sobre a mesa. Orozimbo consegue arrastá-la para o quarto. No quarto,

OROZIMBO - Amor... meu amor... Como perder uma ocasião como esta?

(Orozimbo beija-a muito, despindo-lhe o robe bonito que é atirado ao chão) Eu te amo, querida... Quero morrer dentro de você...

Nessa oportunidade, já estão semi deitados na cama Maria I, a mulher ainda num derradeiro esforço para reagir, mas com sua voz já pastosa pela lúbrico que a consome.

ELVIRA - Não, amor... Quero falar de seus companheiros... de pedras da intendência... Não faz barulho, amor, olha as crianças dormindo... Ai... Sim... Sou tua... faz o que quiser...

(as últimas palavras, já em voz OFF, terminam soterradas evidentemente por mais e muito beijos na boca.)

C. amara focaliza a porta do quarto, já do lado de fora, já fechada ou se fechando.

ELVIRA (a voz meio embargada pelo prazer) - Leva-me e a meus filhos para

bem longe daqui, bem. A mim e a meus filhos... Para tua gúpiara que nem Deus sabe aonde fica. Não posso mais, Orozimbo, juro! ^{Não esqueço} ~~Eu não esqueço~~ de esquecer que esta maldita corôa foi ~~que~~ consumiu todo o cabedal de ~~meu pérfido, fin ao teu lado~~ minha família... Essa demarcação do inferno... Só em terras, ninguém ^{sabe} ~~imagina~~ o quanto fomos roubados... ~~Aceito participar de qualquer conspiração que quizeres, amor. Não temo morrer ou gastar seja lá quanto for..~~ o que quero é vingança!

OROZIMBO - ^{mas amor, é} ~~Levar-te? Levar-te~~ daqui? Sim... sim... É claro que ~~aceito que~~ ~~conspires mas,~~ teu marido? Tua casa? ~~Tudo?...~~

ELVIRA - Não tenho casa nenhuma... ~~Eu~~ Não tenho nem mesmo a de minha mãe...

Marido? E eu tenho marido? O Rezende é ^{um} ~~o~~ maior mazungo do mundo! ^{um embalo que deixo!} ~~Quero o que essa portuguesa cachorra seja assombrada daqui desta~~ Por isso, ~~peço-te o maior dano do mundo pra essa portuguesa cachorra!~~ Sem alma! ~~Eu te peço para continuares sumindo com quantas pedras puder~~ ~~res... De extração, de faisqueira, de contrabando... de toda parte! Hei~~ ~~de dar-te as melhores daquele maldito cofre... Mas, prometa, leva-nos~~ ^{Hei muitas} ~~daqui. Sei que também há mulheres no garimpo. Com filhos. Contigo serei~~

^{pálido, os olhos cheios de ódio} ~~uma garimpeira! Eu te amo tão enfeitadamente como nunca ninguém amou...~~ O intendente, garrucha na mão, torce lentamente a maçaneta da porta e entra.

INTERIOR - QUARTO DA CASA DE REZENDE FREIRE - NOITE

48. 47. Instalada no interior do quarto, C. centraliza a porta de entrada pela qual surge Rezende Freire, de arma na mão. Depois, C. recua, abrindo o quadro e deixando ver o interior do cômodo em P.G. No plano-geral, o grande leito à esquerda e, sobre ele, enlaçados, Elvira e Orozimbo.

Há o desencadear da grande surpresa: Elvira, assustadíssima, cobre-se em reflexo instintivo. No preciso instante em que Orozimbo faz um movimento para saltar no chão, Rezende aciona o gatilho. A bala fere mortalmente não o garimpeiro mas a mulher. Com grande agilidade, Orozimbo salta sobre o intendente a fim de desarmá-lo. Mas, na luta, mais uma bala é disparada, atingindo o próprio intendente. Orozimbo empurra-o, apnha sua roupa rapidamente e some na escuridão da janela aberta de ~~supetão~~.

Em novo enquadramento, C. focaliza o intendente que, cambaleante, caminha dois passos e, sem mais forças, ~~peça~~ ensanguentado, tomba sobre o leito fatídico, a cabeça voltada para a cabeceira. Avançando em travelling, C. enquadra em P.P. sua cabeça voltada para as duas manchas em forma de olhos lavradas no medalhão da cabeceira.

Nesse exato instante, surgem nas talhas, através de trucagem, dois olhos aterradores fitando com ódio profundo o ^{de Rezende} ~~cadaver~~ de Rezende Freire.

Com expressão de horror e sofrimento, ~~cheio de terror~~ no rosto lívido, a cabeça tomba aos poucos sobre o corpo de Elvira. Ambos estão mortos. ^{de Rezende Freire}

SEQUÊNCIA 12

INTERIOR - CASA DO INTENDENTE - DIA

49. No salão de visitas da casa do intendente estão reunidas algumas personagens de destaque do Tijuco. A atmosfera é de fundo pesar. O grupo está centralizado no parquinho do arraial - Padre Libânio - sacerdote de grande prestígio e autoridade. Destacam-se, também, o alferes Miguel Lins e mais dois ou três altos funcionários da extração. Criados, escravos e mucamas circulam servindo bandejas com café licores e iguarias. Padre Libânio dirige-se diretamente ao alferes.

PADRE LIBÂNIO - Uma vez consumada essa medonha tragédia, é necessário cuidarmos de sua maior vítima: o inocente orfãozinho que deverá ser afastado imediata e definitivamente de toda ^{essa} miséria...

ALFERES MIGUEL - Concordo. Todos estamos de acordo com vossa reverência. Sabe-se, reverendo Libânio, que, em Vila do Príncipe, residem os Vieira de Carvalho que, além de parentes, são abastados como convem...

PADRE LIBÂNIO - (batendo fortemente com as mãos nas coxas) - Exato. Exato, caro alferes. Com essa, dá-nos no vinte! Esse senhor Vieira, Manuel, se não minto; não será um tipo de alguma nobreza, casado com a irmã, -tio, por conseguinte, -do falecido intendente?

ALFERES MIGUEL - (o dedo indicador sublinhando a resposta) - Isso, exatamente! É a senhora é a senhora dona Feliciano Freire de Carvalho.

PADRE LIBÂNIO - Senhora muito devota...

ALFERES - Dama de altas qualidades...

PADRE LIBÂNIO - Felizmente... felizmente... Providenciaremos para que a criança não permaneça neste tristíssimo ambiente... É se aproveitar dos Vieira de Carvalho... Convém que a viagem seja feita com a maior brevidade... (o padre faz uma pausa como se estivesse pensando num pormenor) Mas, quem conduzirá o menino à Vila do Príncipe? É uma viagem... Uma viagem...

ALFERES MIGUEL - Ofereço-me, reverendo. Afinal, estamos aqui para servir... Com mais alguma gente de confiança... duas escravas, talvez, levo o pequeno Honório a seu destino.

Padre Libânio levanta-se, colhe numa bandeja uma delicadeza, mete-a inteira na boca, mastiga um pouco e fala ainda com a boca cheia:

PADRE LIBÂNIO - ... Gesto da maior nobreza e bondade. Aqui embaixo, todos nós lhe agradecemos, meu alferes; depois... Deus há de recompensá-lo... Seguramente... seguramente... (o padre tem o sestro de repetir, para maior ênfase, a última palavra da frase.)

Colhendo mais um biscoitinho na bandeja, metendo-o na boca e apanhando um segundo, padre Libânio dá a entender que está prestes a partir. Mas, ainda da porta, acrescenta:

PADRE LIBÂNIO - Escreverei carta detalhada ao Manuel Vieira. Narrarei tudo. O importante, meus amigos, é que não se deixe escapar nada do que se passou na presença do pequeno Honório. Estão me compreendendo bem? Agora, dão-me uma licencinha que preciso ir... Uma boa tarde!

FUSÃO

EXTERIOR - CAMINHO PARA A VILA DO PRÍNCIPE - DIA

50. C. começa focalizando uma curva poética de uma trilha de pedagem. 'É dia alto e o caminho está deserto. Numa ponta em declive da curva, vem surgindo uma tropa de viajantes. Homens, animais de montaria e carga e um carroção puxado por bois. O cortejo está seguindo em demanda da Vila do Príncipe (atual cidade do Serro), cortando a serra do Espinhaço em sua difícil topografia.

Numa forte besta mansa, se equilibram dois cestos, de um e outro lado. Num deles, vêm-se sacos de bagagens; no outro, acomoda-se o pequeno Honório (exatamente como viajavam crianças pequenas no século XVIII, pelos caminhos do Brasil-colônia.)

Enquanto pela estrada seguem escravas caminhando a pé, ao lado da besta, montado um cavalo baio, o alferes Miguel Lins comanda a pequena tropa que conduz o pequeno órfão à casa dos tios Vieira de Carvalho, em Vila do Príncipe. Por fim, mais alguns negros escravos e, a cavalo, dois guardas da extração. *(Diálogo culto, elucubrativo. Ref. anterior).*

No carroção, acomodam-se os principais móveis que guarneciam o solar do desafortunado intendente, algumas peças desmontadas.

C. detalhe o cortejo melancólico e, com mais ênfase, o carroção no ângulo em que se vê o belo leito Maria I, sobre o qual a tragédia se consumara.

Um sol forte reverbera no espaldar da cabeceira e bate em cheio no desenho esculpido pela mão do mestre João Macêdo, aproveitando os olhos deixados pelos galhos da velha perobeira-rosa na feitura da rica peça.

A caravana passa rente à objetiva e segue seu penoso caminho na trilha rochosa da serra.

C. segue-a em panorâmica até que se distancie no ~~pl~~to bonito da montanha.

SEQUÊNCIA 13 - SERRO FRIO - DIA

51. De um ponto elevado, C. focaliza, em G.-P.-Geral, a cidade do Serro Frio, antiga Vila do Príncipe, "com suas escarpas, seus abismos, seus córregos e aquele solo desordenado e hostil."

Sobre essa imagem de localização geográfica, surge, em transparência, o letreiro explicativo: "VILA DO PRÍNCIPE - SERRO FRIO - 1830"

52. De outro ângulo, agora no centro de Serro Frio, C. focaliza uma rua em declive, centralizando-se na figura de um homem a cavalo, chapéu à cabeça que segue seu caminho, erecto,

orgulhoso, ar enérgico, indiferente aos comentários de transeuntes e moradores que lhe cedem passagem de má-vontade:

UM MORADOR GORDO, VESTIDO COM CERTO APURO - Lá vai o "Barriga de Ouro"...

OUTRO MORADOR, ~~SEM~~ MAIS JOVEM - Enquanto isso, o povo cada vez mais pobre...

UMA SENHORA COM UM ROSÁRIO NAS MÃOS - ... E ele cada dia mais rico, ~~e "Barriga de Ouro"~~ ^{de ouro!} ~~em peca-~~
do, sim senhor! O ~~"Barriga de Ouro"~~!

UM VELHO ~~QUE~~ TRAZ UMA CABRA POR UMA CORDA - "Barriga de Trampa", isso sim! que
quando ele morrer que nem os outros...

Outras personagens de passagem falam de Honório e da riqueza mal ganha do cavaleiro que
passou, deixando os comentários para trás, sem sequer ouvi-los:

De uma janela baixa, uma mulher fala pra rua:

MULHER - Pois é assim, sá dona Rita, como o dinheiro cresce na
burra daquele manganão! Ninguém acredita. Cada hora é mais
uma loja, uma lavra, uma fazenda aqui, no Tijuco e sei mais
onde?!

Sá Rita, a mulher a quem a outra se dirigia, está parada debaixo de sua janela:

SÁ RITA - Hoje, não há homem mais rico ^{do que a Província!} ~~nas Minas Gerais...~~ E dizer-
se que, não faz nem vinte anos...

UM MENDIGO (interrompendo o discurso de sá Rita) - É a habilidade
unida à ganância... à usura...

De uma loja vizinha, um comerciante, escutando a conversa, sai e se aproxima dos que estão
debaixo da janela (sá Rita e o mendigo):

COMERCIANTE - Feliz é esse tal de sobrinho que ^{deu para a Província!} ~~caiu nas mãos~~
do velho Manuel Vieira... Hoje, é o que se vê!

SÁ RITA (apressando-se informar) - Dizem que ^{depois de uma tragé-}
dia horrível. ^{Pai e mãe morreram} ~~Toda a família morta lá~~ no Tijuco... Afinal, tudo

~~se acaba sabendo, não é mesmo? compadre... Mas já lá se vão~~
~~tantos anos que dá ao povo esquecer... Tudo passa!~~

Nota-se que, durante todo o percurso em frente à objetiva, o cavaleiro só é cumprimentado
^{/em resposta,}
por um homem (assim mesmo/só tocando de leve na aba do chapéu de preço). O homem é o jorna-
lista Freitas Ávila, proprietário do jornal "TRIBUNA DO SERRO", em cuja porta da redação
conversava com um redator

FREITAS ÁVILA - Que tino comercial! que cabeça tem esse malvado! ^{Enic}

REDATOR - ^{E'} ~~por isso~~ ^{que mte} ~~vai engolir~~ ^{de} ~~nós~~ todos...

FREITAS ÁVILA - ^{Sim,} ~~que,~~ aos menores, já ~~plim~~ ^{plim} ~~pou~~ até o sujo das crianças.

Os dois entram se rindo:

FREITAS ÁVILA - ^{Beem... beem, mas} ~~Sim... sim...~~ (vamos à labuta enquanto o "Barriga"
nos deixa...

SEQUÊNCIA ...?

EXTERIOR - PRAÇA E EMPÓRIO DE HONÓRIO - DIA

53. Um cavaleiro -que se presente ser o jovem Honório, já com seus ⁴⁵~~35~~ para 40 anos, aproxima-se de uma pracinha onde se localiza o sobradão da família Vieira de Carvalho e tem, no térreo, o maior e mais sortido empório comercial da cidade. Na tabuleta em cima das portas, lê-se em tinta recente: "CASA VIEIRA ^{DE CARVALHO} -e, por baixo- DE HONÓRIO REZENDE FREIRE, SUCESSOR
- O cavaleiro chega, desmonta e amarra o animal numa das argolas que a administração colocara em frente à loja. Logo, é abordado por "Seu" João de Brito, um pequeno sitiante que, muito nervoso, amassando o chapéu de palha nas mãos rústicas, lhe pede:

SITIANTE SEU JOÃO DE BRITO - Sor Honório... por favor: só uma palavrinha...

Visivelmente aborrecido pela interrupção, responde secamente:

HONÓRIO - Sim... sim... que há, seu João de Brito?

JOÃO DE BRITO - É sobre aquela promissória, ~~sô~~ Honório... Sabe? Venceu-se ontem...

Ando com dificuldades em casa... Vim pedir para o senhor espichar o prazo,

~~sabe~~? É um favor que, lá em casa...

Logo, outras pessoas das mais modestas cercam o comerciante, com lamúrias...

UM - Ah! Senhor Honório, se o senhor pudesse...

OUTRO - Aquele meu caso, sô Honório, tá em vossas mãos... Agora...

~~MAIS OUTRO - Pode ser não, meu patrão... Com esse tempo...~~

UM QUARTO - É o tempo que não ajuda na colheita, meu senhor... assim, quem é que pode pagar seus compromissos?

Honório, aborrecido com a falação geral, empurra os mais próximos, buscando a entrada da loja. Retruca rispidamente:

HONÓRIO (irritado) - Chega! Negócios é lá no escritório... Venha um de cada vez.

Honório entra finalmente, deixando todos os pedintes perplexos. Depois de alguma indecisão, João de Brito é o primeiro a penetrar no empório. Os demais, em rodinha, começam a falar e gesticular incompreensivelmente, entre si.

INTERIOR - EMPÓRIO - DIA

54. Honório Rezende Freire está, em seu escritório, sentado em sua grande mesa de trabalho, transbordante de livros contábeis, papéis, títulos, cartas e toda sorte de documentos, tudo, de mistura com amostras de secos e molhados. Ao redor e por todo o aposento vêem-se mil coisas como sacas, madeiras, panos, esteiras, exatamente como num pequeno almoxarifado.
- João de Brito se aproxima e fica de pé, indeciso e temeroso, diante do comerciante que, sem o convidar para sentar-se, avisa, com agressividade quase cruel, como a despachá-lo logo:

HONÓRIO - Não temos mais prazo algum, seu João de Brito ! A promissória está vencida e o único recurso é pagá-la...

O sitiante, voz suplicante, procura insistir, sensibilizando o usurário:

SITIANTE SEU JOÃO DE BRITO - Conforme o senhor sabe... é que a colheita, este ano, não deu pra nada. A gente ficou sem dinheiro... Eu mesmo, Nosso Senhor sabe, não tenho dinheiro com que pagar...

HONÓRIO - E vai ser sempre assim ! Ano que vem, vai ser a mesma coisa. Olha, seu João, em não tenho nada com isso. Também tenho dívidas a saldar e meus credores não querem saber de nada, além do seu dinheiro. O senhor trate de liquidar sua letra pra não ter maiores aborrecimentos, está me ouvindo ?

Nesse momento, aproxima-se o contador da firma com mais papéis na mão. Honório aproveita para despedir o devedor de maneira irretorquível:

HONÓRIO - Bem, seu João: dou-lhe mais 48 horas para que o senhor se arranje dessa ou daquela maneira! Caso não, não terei outro jeito senão executar a hipoteca... ~~Aí~~ quarta-feira quero o dinheiro aqui e ao contado. Bem entendido ? Passar bem, seu João Brito !

O pobre sitiante, torcendo o chapéu de palha nas mãos, deixa transparecer a impossibilidade de solver seu compromisso. Ainda se demora um segundo ante o usurário, lágrimas de desespero já querendo aflorar-lhe nos olhos. Súbito, como a fugir dali, João volta-se e se volta, apressado para a porta de saída.

EXTERIOR - SAÍDA DO EMPÓRIO - RUA - DIA

55. Ao chegar à calçada fronteira à casa comercial de Honório, o sitiante nota que o aglomerado de pessoas pobres e miseráveis, alguns mendigos paupérrimos, vestindo trapos, inclusive uma mulher quase nua, enrolada num resto de pano, muito suja, se destaca.

Em contraste, carros-de-bois e um cordão de mulas-de-carga despejam gêneros sortidos para dentro do armazém.

A pressa e o estouvamento natural a negros escravos que transportam mercadorias, deixa que caíam no chão dois ou três sacos de farinha. Logo, sobre o mantimento derramado, precipitam-se alguns dos presentes, inclusive a mulher quase despida cujo olhar é de demência. O "avança" gera, naturalmente, tumulto e até disputa. A mulher em foco joga a farinha para o alto gritando pateticamente:

MULHER - Apanha, gente... Apanha a farinha que o "Cabeça de Ouro" mandou dar pros seus porcos... Vosmecês não são os porcos dele ? São não ?

Soldados surgem imediatamente a dispersar os famintos com bordoadas e violência. A mulher, ainda mais desesperada, fala aos soldados:

MULHER - ... Vosmecês também não são os porcos dele ? Então, porque estão batendo nos outros ? Por^{que}, me digam ? Tudo é porco... só o "^{Barão}Barão" é Barão... tem ouro até nas tripas...

Um soldado dá-lhe uma bordoadada com a lâmina do sabre. A mulher foge com o corpo e protesta:

MULHER- ... pode não, sô ! A gente quer é comida; não quer pancada... (e desanda a rir da maneira mais impressionante).

No canto da calçada, a cena é testemunhada por um jovem jornalista do jornal "Tribuna do Serrro". O jovem, vestido com certo apuro, sai, enojado com tudo aquilo, a caminho evidente de seu jornal. Ao chegar, cruzando com o proprietário do jornal, Freitas Ávila, comunica:

JORNALISTA JOVEM - Pois é, sô Freitas, outro tumulto em frente ao armazém do Honório... Como sempre, a soldadesca está espancando os famintos... Como isso pode acontecer em terra cristã, seu doutor ! ?

FREITAS ÁVILA - Escreva, Miguel. Escreva logo coisa dura... veemente. Ainda não fechei a folha. Eu mesmo faço o artigo de fundo. Um editorial sobre este lamentavel acontecimento que vem se repetindo com o crescendo da fome, ^{da} ~~miséria~~... É uma merda !

INTERIOR - SOBRADO-RESIDÊNCIA DE HONÓRIO - NOITE

56:No sobradão do empório, residência de Honório, o comerciante está presidindo uma pequena reunião de amigos. O salão abre-se para uma ampla varanda externa de onde se vê a rua. Ali, estão conversando e bebericando cerca de quinze pessoas. Como outro centro de atenções gerais, está um tipo de meia-idade, cheio de empáfia, a quem chamam de Barão.

Barão belisca uma gulozeima qualquer. Depois, como se representasse para uma plateia em respeitoso silêncio de espera, toma um cálice-de-pé- da- Boêmia que estava apoiado numa mesinha ao lado de sua poltrona. Toma-o, revira-o contra a luz para apreciar a tonalidade da bebida, sorve um gole que faz bochechar na boca por algum tempo e, por fim, deita sua palavra:

BARÃO - Estou seguramente informado ^{de} que suas ^{Majestades} Majestades, Dom Pedro e a ^{Imperatriz} Imperatriz, estão a ponto de visitar-nos aqui ^{na} ~~nas~~ ^{Produção} Minas ~~Geratis~~. Sempre alguma coisa de bom nos trará esses ânimos exaltados de federalistas e republicanos... No fim, uma corja!

Deixando ~~parte~~ da fala do Barão em OFF, C. roda pela sala, a focalizar outros convidados,

tipos absolutamente comuns em reuniões que tais, até fixar-se na gorda mulher de Honório Rezende Freire, a senhora Ernestina de Melo Leitão Freire. Estrategicamente sentada junto à grande mesa de centro, Ernestina não pára de devorar gulozeimas. Come tudo, sem escolha, com incrível rapidez e avidez, reveladoras de sua neurose compulsiva e incurável.

Convidados mais perto dela, inclusive uma mulher magra e ossuda, portadora de grande cópia de joais e penduricalhos, observam Ernestina com malícia e ironia. Indiferente a tudo, porém,

a mulher de Honório devora mais doces, bombons e salgadinhos de toda espécie...

Um dos visitantes, amigo íntimo do dono-da-casa, o senhor Sebastião de Figueiredo Mendonça, senta-se ao lado de Luiza, sua linda e deleitável mulher cujo decote, vez por outra, atrai os olhares ^{do padre,} ambiciosos de Honório e do próprio Barão, apesar de sua meia-idade. De fato, o decote é arrojado mesmo para a época. Mendonça, voz fanhosa, se dirige ao Barão que, novamente está bochechando deleitado com a bebida do seu cálice.

MENDONÇA - Realmente, realmente, senhor Barão: Vossa excelência tem muita razão! Os ânimos andam cada dia mais exaltados, pelo menos cá na terra, e porque? Porque atingidos pela irresponsabilidade da pregação republicana e contrária à ordem desse mequetrefe subversivo que se chama Freitas Ávila e seu jornaleco sujo que eu, por artes do demo, não entendo como ainda o deixam circular livremente em nossas casas! O Barão, que não gostou da interferência do Mendonça só para desancar seu inimigo, o jornalista, retoma a palavra meio irritado:

BARÃO - Deixa pra lá o jornaleco, Mendonça. Essas balelas de província não têm eco nem mesmo ali na esquina. Grave mesmo, esteja certo, é a oposição canalha da câmara ao Ministério do Paranaguá, agora organizado... É isso! (terminou sua fala e voltou ao cálice para novo gole e novo bochecho...

Ao lado do Barão, Padre Mesquita, curvadinho pelos anos, solta um pigarro de impaciência, sinal infalível de que vai falar. E opina:

PADRE MESQUITA (sem conter sua curiosidade) - É certo, senhor Barão, que o nosso Imperador virá com dona Amélia e seus ministros? Não é uma temeridade?

O Barão escuta o reverendo padre Mesquita com atenção desmedida. Mas atenção na farpa de madeira que destaca de um palito subitamente aparecido, com que, logo, começa a coçar violentamente um ouvido. Por fim, concorda, com uma careta de satisfação pelo ouvido bem coçado:

BARÃO - Mais do que uma temeridade, padre Mesquita... Uma imprudência!

Durante todo o tempo em que a reunião é filmada, C., em pequenos flaches, focaliza convidados comendo, conversando, rindo-se, em suma: em movimentação própria à reuniões da época. Homens tomam rapé; senhoras abanamase freneticamente com grandes leques.

INTERIOR - REDAÇÃO DO "TRIBUNA DO SERRO" - NOITE

57. Na redação do "Tribuna do Serro" - bem ao jeito da época, com caixilhos e tipos soltos espalhados pelas duas bancas de montagem, pinças, martelos de madeira para aplainarem os blocos de notícias já compostos e fortemente amarrados com barbantes, latas de tinta ainda inglesas, flanelas sujas, prensas e o mais - o proprietário e redar-chefe Freitas Ávila, rodeado pelos poucos companheiros de jornal, três ou quatro, no máximo, lê seu artigo-de-fundo para o próximo número:

FREITAS ÁVILA (lendo) - " A fome continua a oprimir-nos, e a cessação das

chuvas faz com que este flagelo nos seja inteiramente insuportável.

Não vemos mais o que se deva fazer para que o povo não seja vítima de um mal que a todos ameaça. Mal, inclusive, agravado pela ganância e cupidez de alguns comerciantes que ficam cada vez mais ricos, enquanto o povo se empobrece cada vez mais."

Em volta, pouco antes do corte da C., percebe-se que os poucos auxiliares que ouviram a leitura com muita atenção, balançam a cabeça num misto de aprovação e admiração.

INTERIOR - CASA DE HONÓRIO - NOITE

58. De volta ao salão de Honório Rezende Freire, C. focaliza, depois de uma geral, a mulher do comerciante. Em close, C. focaliza dona Ernestina que, ainda mastigando, colhe um novo doce em um dos pratos da mesa central e começa a comê-lo com sofreguidão. Com sofreguidão também, a mulher recrimina, só interessada em seu doce:

DONA ERNESTINA - Em vez de plantar, de cuidar da terra, de trabalhar direito, essa gente sai por aí só procurando ouro, diamantes e pedras preciosas como se essas coisas andassem aos ponta-pés... Depois, reclamam. Choram que passam fome... Deus nos acuda, livre e guarde!... Como não acham mais nada, reclamam que as minas estão esgotadas... Bem feito! uns vagabundos! A culpa é deles!

Logo, satisfeita com seu desabafo, volta a apanhar mais uma iguaria, enquanto o marido pondera:

HONÓRIO - É o que sempre digo e repito: quem não planta não colhe e quem não colhe, não come. Nada mais justo! Que temos nós a ver com a fome do povo, padre Mesquita? Soubessem economizar como eu e jamais teriam vacas magras... (Honório se ri à toa, como a abafar o remorso de tanta usura para com o pobre povo, desprotegido de tudo.)

Padre Mesquita, ar circunspecto, grave mesmo, tem a dignidade de comentar:

PADRE MESQUITA - Peço sempre a Deus pela paz e pelo bem-estar do nosso pobre povo. Esse é o dever de um bom pastor. Hoje, na verdade, com a quebra da exploração das minas até então fartas em sua produção... saibam, meus amigos, e não é preciso que o jornal diga: até pão já falta nas padarias...

HONÓRIO - Não nas minhas, padre Mesquita!... Não nas minhas! Eu, graças a Deus, sempre tive os pés no chão, as mãos na burra e a cabeça lá em cima...

INTERIOR - "TRIBUNO DO SERRO" - NOITE

59.- Na redação do "Tribuna do Povo", C. volta a focalizar Freitas Ávila concluindo a leitura de seu editorial ou artigo-de-fundo.

Para evitar-se a monotonia do enquadramento imutável, de um mesmo personagem fazendo a mesma coisa, C., com flashes expressivos e realistas, documenta a miserável situação econômica e social do Serro e região circunvisinha, mostrando minas e garimpos abandonados, casebres em ruínas, figuras esqueléticas como homens-mendigos, mulheres e crianças famintas em restos de roças; vagando pelos caminhos, nas ruas e becos da cidade. Todos pedindo esmolas mais com os olhos do que mesmo com palavras. Vê-se, ainda, escravos e cachorros imundos, esqueléticos... Em voz OFF, continua se ouvindo a leitura do artigo que o jornalista vai publicar, dia seguinte:

OFF - FREITAS ÁVILA - "Mais grave do que o despotismo do imperador; mais dura do que a perseguição da corte aos patriotas, liberais e republicanos; mais explosiva do que a situação política na velha província mineira, é, sem dúvida, a calamitosa situação econômica e social no ~~antigo~~ ^{extrema} opulento hemisfério das Minas! Só os cegos e insensíveis; os abastados e egoístas, aproveitadores da pobreza geral não enxergam a fome, a escassez, a insupportável carestia de víveres!"

Em seguida, ouvem-se vozes espargidas dos dois ou três repórteres que ouviam o trabalho do chefe:

UMA VOZ -OFF- Muito bem! Aí é que é!

OUTRA VOZ (também OFF)- Exatamente! Apoiado. É isso mesmo...

A sequência termina com o P.P. do rosto profético e veemente do grande jornalista, que conclui

FREITAS ÁVILA - "Todos sofrem, principalmente os pobres, os desprotegidos da sorte, os que têm fome, os que perdem tudo o que têm, no turbilhão da miséria! Sua revolta pode ser o estopim de acontecimentos imprevisíveis! Que se cuide o "Barriga de Ouro"!"

SEQUÊNCIA 14

INTERIOR - CASA DE HONÓRIO - DIA

60. C. inicialmente focaliza o interior da sala-de-jantar do comerciante. Sentada, dona Ernestina se delicia com alguns dos doces, confeitos, bôlos, pés-de-moleque, brevidades, suspiros e o mais que cobrem a mesa, sobre rica toalha bordada de linho imaculadamente branco. Da cozinha, chega uma negra trazendo café-com-leite e algumas outras variedades de queijos e quitandas. Ao depositar tudo sobre a mesa, é seguida pelo olhar ávido de dona Ernestina. Com um gesto, manda que a negra sirva-lhe alguma coisa das que acaba de trazer da copa.

Em Trav.-Avante, C. deixa a sala e, pela porta aberta, passa à sala-de-visitas, aproximando-se de um conjunto-de-estar entre duas janelas de

cortinas brancas.

No imponente sofá, encontra-se Honório de Rezende Freire. A seu lado, numa poltrona, Sebastião de Figueiredo Mendonça lhe fala com grande reserva:

SEBASTIÃO MENDONÇA - Sabe, Honório ? Sim... você sabe: os tempos andam bichudos mesmo para nós. Não queria falar-lhe, agora, em dinheiro. É desagradável. Acontece que não posso entrar, já, com aquela importância. Falo porque, afinal, somos amigos ! Talvez necessite até de um pouco mais, compreende ? Digamos: um arredondamento ... Que me diz ? (com as mãos, faz um gesto de arredondar alguma coisa vaga.)

Falando mais baixo, temendo que a mulher o escute, Honório retruca:

HONÓRIO - Não se preocupe, compadre. Sobre isso, não tenha cuidados. Posso esperar por mais algum tempo. Quanto ao arredondamento... Bem ! hei de ver o assunto. Afinal, somos ou não compadres ?

Mendonça, com alma nova pela anuência ainda que esperada, aproxima-se com a cadeira, o gesto difícil pelo peso do moel, fala quase ao ouvido de Honório, um sorriso a disfarçar a indignidade:

SEBASTIÃO MENDONÇA - Outro dia, Honório, a Luiza lembrou: " se estás apertado... se precisas de mais algum dinheiro, por que diabo não te socorres do compadre ?" Tem graça, não ?

HONÓRIO (falando com magnanimidade) - É isso mesmo. É que a Luizinha sabe que pode contar sempre comigo, Mendonça.

Subserviente, Mendonça levanta-se e serve mais um cálice de bebida ao dono-da-casa:

SEBASTIÃO MENDONÇA (procurando fazer blague) Isto é do melhor. É do fino. Sirva-se sem cerimônias... (termina rindo-se para agradar ao compadre).

Honório, servindo-se do vinho fala como que se, no momento, ocorresse-lhe uma idéia:

HONÓRIO - Olha: falando-se em amizades, hei de precisar de um favorzinho seu, ó Mendonça.

Feliz por ser útil, Mendonça acode logo:

SEBASTIÃO MENDONÇA - E haverá favor para o compadre ? O que me pedir é ordem, ora essa !

HONÓRIO (o olhar fixo em dona Luiza que, um pouco além, conversa numa roda de mulheres) - Coisa á-toa, Mendonça: como não posso, neste instante, me ausentar do Serro, gostaria que você fosse resolver um negócio para mim. É em Vila Rica, mas não te preocupes que aquelas coisas de que falávamos hão de esperar o tempo que for...

Honório, enquanto fala, fixa os olhos cubiçosos no magnífico decote de Luiza que, viva, percebendo a intenção do compadre, se volta no assento para salientar ainda mais seu grande busto de mulher não muito grande.

Mas tudo é interrompido por um grito raivoso de dona Ernestina, chamando pela escrava-mucama:

DONA ERNESTINA - Mindinha ! Anda cá, sua peste ! Traga-me de volta meu prato, negrinha safada. Tu não vês que ainda não comi meu pudim ?

EXTERIOR - CASA DO CASAL MENDONÇA - NOITE

Meio escondido num comprido capote escuro, chapéu de feltro enterrado na cabeça, vestimenta mui pouco apropriada à estação menos fria, Honório, espreitando para todos os lados, chega ao portão florido da bonita residência de seus compadres Mendonça.

Ainda que a ruazinha seja bastante discreta, o homem abre o portãozinho com mil cuidados e atravessa o pequeno jardim repleto de flores e plantas cuidadas. Chega à varanda passando por baixo de muitas gaiolas e sambambaías choronas. Nesse instante, como adrede combinado, abre-se a porta de entrada e surge sorridente e linda em seu vestido simples, Luiza que convida, absolutamente calma em seus gestos e posturas, apenas fixando seus olhos peludos no rosto do visitante. Mais com as mãos do que com a voz, convida:

LUIZA - Vamos entrando, compadre... Uái ! a casa é sua... Por favor...
Honório se enlaça um pouco na ansiedade da posse não muito comum:

HONÓRIO (sem tirar os olhos do busto da moça) - Boa noite, ~~sim... Luiza...~~ ^{Luizinha?}
Luizinha... Ah ! Sim... como vai passando, minha... minha... ~~(e morde o lábio, por não encontrar a palavra que procurava.)~~
Enquanto os dois entram pela porta em que Luiza apareceu, ouve-se a voz de Luiza, de costas, quase colada ao comerciante:

LUIZA - Mendonça viajou. Sabe ? Fique à vontade, compadre Honório...
Fique à vontade... a casa é sua...

Em última tomada, C. focaliza os dois, já quase abraçados, sumindo-se no interior escuro:

HONÓRIO - Luizinha...
OFF, escuta-se uma risada alegre, cheia, divertida de Luiza.

FUSÃO

EXTERIOR - RUAS DO SERRO FRIO - DIA

62. C. registra flagrantes das velhas ruas do Serro Frio:

- Um escravo merca legumes, com uma fita vermelha num braço (sinal de que está à venda por seu dono);
- negros-do-ganho, agachados no chão, jogando aiú, a espera de biscates;
- mendigos conversam numa porta. Um estende a mão a cada passante;
- negras lavadeiras seguem com trouxas de roupa e bacias na cabeça;
- ladeiras e rampas subindo e descendo;
- gente do povo conversa despreocupadamente na porta de um biongo....

Entre a gente do povo, observa-se clima de forte agitação e revolta.

C. pára, focalizando, numa calçada, um grupo de vinte ou trinta pessoas que escutam um popular lendo alto uma página d "O TRIBUNO DO SERRO":

POPULAR (lendo) - "Para avaliar-se o extremo da miséria pública, basta saber-se que, todos os dias, um guarda de permanentes é destacado para as padarias e empórios do senhor Honório de Rezende Freire, a fim de conter o povo que, obrigado pela fome, parece disposto a romper todos os diques da moderação e do sofrimento."

OUTRO POPULAR - É isso mesmo, minha gente: afinal o povo cansa !...
O popular que acabou de ler a página do jornal, então opina:

POPULAR - (dobrando a folha com cuidado) - Haja em vista o que, por muito menos, ~~acaba de acontecer~~ no Rio de Janeiro: Por causa do aumento do preço nos transportes, as autoridades se viram abarbadadas com a Revolta do Vintém ! É a loucura dos preços...

UM TERCEIRO POPULAR - Um descalabro !

UMA MULHER DE MEIA-IDADE - É como o senhor diz muito bem: um descalabro !

Duas outras pessoas de aparência pobre e sofrida, destacam-se do grupo e comentam com revolta:

UM VELHO MAGRO - (Mostra ao povo um saco vazio) - Vejam ! Vejam ! Ninguém pode comprar mais nada ! Não é que falte... o empório de sôr Honório tá é abarrotado... (segue sacudindo o saco no ar, cheio de raiva) O que falta é dinheiro...
O OUTRO HOMEM - Quando o povo explode, minha gente, é pior do que o ar comprimido!... Os gananciosos estão brincando com fogo...

A MULHER DE MEIA-IDADE - Vejam a que ponto chegamos ! É o fim do mundo ! Me digam: quem sabe aonde vamos parar?

Subitamente, como se pré-conbinado, o grupo começa a se deslocar, movimentando-se na direção do larguinho onde fica o empório maior de Honório. Segue em frente com retardatários gesticulando com revolta e decisão.

EXTERIOR - PRAÇA E EMPÓRIO-RESIDÊNCIA DE HONÓRIO REZENDE - DIA

63. Na praça, já a C. focaliza uma pequena e crescente multidão de insatisfeitos. Focaliza também, o mesmo grupo visto na cena anterior que se dirige às portas do empório fechadas e guardadas por alguns soldados bem armados.

UM SOLDADO (para um colega) - Tourinho, não estou gostando nada disso aqui ! Povo ajuntado na raiva, não é brincadeira...

O SOLDADO TOURINHO - Carece não, sô ! Um tiro pro ar e a cambada sai correndo mais que coelho...

UM TERCEIRO SOLDADO - Gente, não é assim não ! Afinal, nós também somos povo. Também nosas famílias estão padecendo... Eu mesmo não vou... Tá bom !

O SOLDADO QUE FALOU PRIMEIRO - Bem pensado é isso mesmo ! Deus sabe... Ouviu o que ele disse, Tourinho ?

O SOLDADO TOURINHO - De qualquer forma, não quero baderna ! Atiro mesmo ! *Cumpro ordens!*

64. Entre a multidão que aumenta e se movimenta, C. descobre o sitiante João de Brito, barba por fazer, expressão feroz. Disposto a tudo, fala alto, mesmo junto dos guardas, insuflando as pessoas:

SITIANTE JOÃO DE BRITO - Explorador do povo ! Esse usurário ladrão é o responsável por toda essa miséria ! "Barriga de Ouro" mesmo ! Enquanto a gente passa fome, ele toma nossas colheitas ! Não há comida pras nossas crianças mas, na casa dele, não falta nada... sobra tudo pra todo lado... Dizem que a mulher esconde doces e queijos até debaixo da cama... Ladrão !

Outro sitiante toma a palavra para dizer com veemência:

OUTRO SITIANTE - É isso mesmo ! O "Barriga de Ouro" compra toda nossa safra por dez réis de mel coado; depois, com a desculpa de nos ajudar em nossas necessidades, força um empréstimo com juroz impossíveis para nos roubar a terra ! *fazer*

UM TERCEIRO POPULAR - É assim mesmo que ele faz, o malvado ! E a gente fica até sem o de comer !

UM QUARTO POPULAR - Rouba até da mãe ! Um canalha formado e conformado, é o que é !

Prosseguindo em seu passeio pela praça, C. vai focalizar, num canto, procurando se confundir com a multidão faminta, roupa surrada, o amigo íntimo e compadre de Honório, o Sebastião de Figueiredo Mendonça. Também ele busca insuflar a turba.

SEBASTIÃO DE FIGUEIREDO MENDONÇA - O que esse homem esconde de víveres daria para alimentar um exército. Guarda para especular, *para* forçar o preço, ganhar mais... Um horror !

Percebendo a proximidade de duas mulheres, fala baixo mas de modo a ser ouvido por elas. Dirigindo-se a um cidadão que está próximo, diz:

SEBASTIÃO DE FIGUEIREDO MENDONÇA - E, é sabido, o homem é useiro e vazeiro, ~~em~~ com o peso de seu dinheiro, ^{eu} abusar das senhoras casadas que lhe caem na unha... ^{uu} prevaricador !

A multidão, cada vez mais agitada e colérica, cresce minuto a minuto. Sebastião torna a aumentar o timbre da voz para ser ouvido por um máximo de gente. Agora, já pouco se importando em se identificar, grita:

SEBASTIÃO FIGUEIREDO MENDONÇA - Esse homem merece castigo (enfaticamente aponta para o sobradão) Merece um bom saque em seus haveres! Melhor dizendo: em nossos haveres. Afinal, vamos buscar o que nos pertence ! (e hipocritamente, recomenda) Mas que seja tudo na maior ordem, heim ! Ninguém de nós quer violência. Já basta a que estamos sofrendo na carne ! O que é necessário é que a gente vá lá dentro buscar o que é nosso...

INTERIOR - CASA DE HONÓRIO, NO SOBRADO DO EMPÓRIO - DIA

65: Enquanto C. mostra o interior da residência, fica registrado o vozerio da multidão diante do empório. Alheia a tudo, anormalmente, dona Ernestina, sempre junto à grande mesa de refeições, come sem parar em dois ou três pires e pratinhos.

À certa altura, volta-se para o interior e grita zangada:

DONA ERNESTINA - Mindinha, negra safada ! Que'dê minha compota de figo, ordinária ! Capeta de negra...

INTERIOR - EMPÓRIO DE HONÓRIO - DIA

66. No interior do empório, portas cerradas, Honório se preocupa com a agitação e a zoadia crescente que vem de fora. Entre escravos e empregados (cinco ou seis entre todos) dois ricos freguezes apanhados de surpresa, andam assustadíssimos, de lá pra cá. A certa altura, Honório chama seu contador Heliodoro e ordena:

HONÓRIO - Dê um pulo à casa d'armas e pede ao furriel de plantão que providencie mais guardas armados... bem armados...

UM DOS CLIENTES (interferindo, sempre muito assustado) - E por que não chamar o padre Mesquita também ? Está muito velho mas, na verdade, é uma força, entende ? E põe respeito ao povo tão encapelado...

C. focaliza Heliodoro, já de chapéu na cabeça, saindo com grande dificuldade, por uma fresta da porta, enquanto dois soldados do exterior garantem-lhe a manobra. A fresta é fechada a custo por empregados e escravos que empurram pernas e braços para fora, dos que fazem menção de invadirem o estabelecimento.

EXTERIOR - PRAÇA, DEPOIS, INTERIOR, CASA DE HONÓRIO - DIA

67. Depois da difícil saída de Heliodoro, a multidão mais assanhada está prestes a invadir o empório. Muitos já esmurram e sacodem as portas cerradas. No meio dos mais revoltados e agressivos, João de Brito brada como um possessor:

SITIANTE JOÃO DE BRITO - Mãos à obra, pessoal ! Vamos apanhar a comida que nos foi roubada por esse canalha ! ~~Por esse miserável !~~

OUTRO SITIANTE (completando) - A comida de nossa família, ladrão !

Sebastião Mendonça, já sem nenhum laivo de gratidão e cheio de raiva impotente pela traição da mulher com o comerciante, insufla mais a ^{turba} gente, conclamando:

SEBASTIÃO DE FIGUEIREDO MENDONÇA (~~vôz cheia de ira impotente e despeito~~)-

Cínico !.... Tá na hora ! Vamos arrebentar as portas ~~desse~~ ^{do} ladrão !
~~Cínico... moleque desavergonhado ! Irra !~~ (e, para os ainda meio indecisos, procura incentivar) Ao ataque, minha gente ! Nossa comida tá lá dentro ! (ele mesmo finge dar o exemplo, dando um murro numa porta.)

Imediatamente, segue-se um movimento da massa num burburinho de exclamações e palavras soltas, ininteligíveis, de incitamento.

Satisfeito com o resultado, Sebastião, expressão solerte e de falsidade, atiga mais ainda:

SEBASTIÃO - ~~Sim !~~ ^{Isto aqui ! Vamos tomar} Tomemos o que é nosso de uma vez ! Mantimentos, joias, ~~qualquer coisa...~~ ^{ouro, prata, licores, para beber ! Arrebenta, meu povo !}

Quando Sebastião percebe que a turba já está arrombando as portas do empório, disfarça e afasta-se do local, dobrando uma esquina, em direção oposta.

Dentro, Honório manda -e ele mesmo ajuda- a reforçar as trancas das portas.

Fora, soldados ~~procuram~~ ^{pedem}, sem muito empenho, calma à multidão esfaimada:

UM SOLDADO - Calma, calma, por favor!... Sem calma, não se faz nada !

OUTRO SOLDADO - Vamos... Vamos todos pra casa... Assim, não se resolve nada !...

MAIS UM TERCEIRO SOLDADO - Violência não adianta, minha gente...

As portas do empório começam a ceder. Uma, já se despreçou de uma dobradiça...

UM POPULAR (brandindo um pau) -Ladrão ! Cadê nossa comida ?

OUTRO - Coragem todos ! Vamos arrebentar tudo de uma vez !

UM NEGRO - Cachorro ! Apareça, miserável ! Vem que eu te mato !

Uma mulher, debate-se para se colocar entre os primeiros dos invasores:

MULHER - Tamos com fome ! Nossas crianças precisam comer !

Um dos soldados atira para o alto. Aumenta o pânico e a sede de vingança. A multidão não recua e, repentinamente como o tiro, invadem o empório, levando tudo de roldão.

INTERIOR - O DO EMPÓRIO - DIA

68. C., nervosa, focaliza o início do saque em seus primeiros gestos. Homens enfurecidos ao máximo, sobem nas mesas e balcões. Deitam prateleiras abaixo. Derramam tudo e espalham mantimentos pelo chão. Outros, arrebentam o gargalo das garrafinhas e frascos de perfume ou água-da-colônia e despejam o líquido sobre as próprias cabeças. Um, se rindo de bêbado, tenta enfiar sobre o sapato uma meia de mulher... Outros arregimentam sacos e sacos de gêneros. Tudo é praticamente destruído e roubado. Alguns dos invasores, já satisfeitos em sua carga, começam a se retirar enquanto outros, com porretes e outras armas agressivas, se limitam a quebrar o que encontram pela frente.

INTERIOR - EMPÓRIO - DIA

Pelas portas arrombadas, entra mais gente e ocupa o lugar dos que, de alguma maneira já saciados, carregam para fora o seu saque.

Ao pé da escada que leva ao andar superior, isto é: à residência onde se escondeu o comerciante por detrás da porta fortemente trancada por dentro, sitiante João de Brito instiga o povo, convidando-o a subir e arrebentar também aquela porta:

SITIANTE JOÃO DE BRITO - Vamos, gente ! Lá em cima é ~~que está o grosso dos~~ ^{aos borbotoes !} gêneros... O depósito ! Tem comida e dinheiro ~~que é um tesouro !~~

Seis ou oito latagões sobem depressa, seguidos de muitos outros. Quando a porta do pátio superior, a que abre diretamente para dentro do sobradão, é arrebentada, João de Brito, acompanhando os outros, sobe também, reclamando contra os empurrões:

SITIANTE JOÃO DE BRITO - Misericórdia, ^{calor,} que há para todos !

INTERIOR - SOBRADÃO DE HONÓRIO - DIA

70. Instalada em posição estratégica, num canto da grande sala-de-jantar, C. enquadra quase todo o recinto, enfatizando a vasta mesa de refeições onde dona Ernestina está sentada com um doce em suspense nas mãos, assustadíssima com a zoadia que cresce; o étagère e outros móveis fabricados por mestre João Macedo; tudo recoberto de comidas em geral, biscoitos, doces, tortas... De repente, vinda da escada, chega a multidão invasora, de roldão. Dona Ernestina põe-se de pé, crescida em sustos embora segurando ainda uma gulodice, e brada em desespero:

DONA ERNESTINA - Mas o que é isso ? Santa Mãe de Deus ! Que loucura!... A multidão não se represa ante a gorda matrona e, ante João de Brito diligenciando para tomar a direção do assalto, avança para a grande mesa, enquanto outros mais buscam o interior do sobrado, em direção às dependências e dispensas não focalizadas.

SITIANTE JOÃO DE BRITO - Chegou a nossa hora, meus amigos... Comida, aqui, dá pra todos... É só apanhar e carregar...

João de Brito, num gesto patético, arranca o pedaço de doce que resta ainda em mãos de dona Ernestina e introduze-o na boca, com um riso ensandecido:

SITIANTE JOÃO DE BRITO - Chega de miséria, companheiros... Agora é o tempo das vacas gordas !.... (se ri cada vez mais fora de si.)

Já compreendendo tudo o que vai por alí, dona Ernestina avança para a turba, tentando inutil e ridiculamente retomar suas iguarias. Indiferente às compoteiras espatifadas no chão e derramadas sobre a mesa e demais móveis, aos doces e salgadinhos pisados pelo chão, a mulher, numa luta patética e furiosa, procura, ao mesmo tempo, defender o que resta de seus doces, atacar seus inimigos com unhas e dentes, e berrar desesperadamente:

DONA ERNESTINA - Miseráveis ! Ladrões ! Corra, Honório, a espulsar essa corja de vadios... de vagabundos!... de ~~agressivos~~ assassinos...

E, para cada um dos invasores que conseguia agredir com objetos, pratos, socos, dentadas, empurrões...

DONA ERNESTINA - Sai, peste do diabo ! (para outro) - Demônio dos Infernos!... (para um terceiro) Que o diabo lhe cubra de peste, faminto descarado ! (ainda para um outro) Mequetrefe, filho de uma vaca!... Porco !

Dona Ernestina, cada vez mais impotente e sem voz, limita-se, então, a cuspir nos invasores. Alguns, se riem, levando a mulher na troça... No fundo, é o tragi-cômico de uma luta absurda entre a gula e a fome.

C. sublinha a desordem de, no aceso da disputa, pratos, sopas, caldos, compotas, tudo em vôos razante, terminam por se espatifarem no chão. As vozes (de uns e outros) prosseguem

OFF - VOZES - Cachorro ! Miserável...

" - É a senhora que já se arreventou de tanto comer...

" - Come mais, dona ! Come que o dinheiro é nosso...

" - Roubado por seu marido ladrão !!!

Súbito, em foco repentino, surge à porta da sala-de-jantar, vindo de alguma alcova

ainda não saqueada ou descoberta pelos invasores, a figura de Honório Rezende Freire. Vem, masculinamente, com uma garrucha na mão decidida. Honório brada: (voz absolutamente firme, sem qualquer sombra de medo ou covardia:

HONÓRIO REZENDE - Fora, cachorrada ! Caiam fora daqui, canalhas!... saqueadores!... desordeiros!...

Mas, dando com os olhos em João de Brito que acaba de gritar:

SITIANTE JOÃO DE BRITO - Canalha, cachorro e saqueador é você,

"Barriga de Ouro" amaldiçoado !

E avança na mão, contra ele.

Honório puxa o gatilho com a maior firmeza.

O tiro, que abre uma rosa de sangue no peito do sitiante, não intimida os outros que, desesperados, temendo novos tiros, abandonam o líder semi-caído por sobre uma cadeira e, com paus, porretes, varas de ferro, cadeiras e pedaços de móveis, avançam para Honório, cercam-no (ainda se ouvindo mais duas ou três detonações) e começam a espancá-lo brutalmente. Patético é a C. filmando o homem cujo corpo vai tombando, aos poucos, no solo, debaixo de uma tremenda saraivada de ódio e pancada...

Só então dona Ernestina, caíndo em si, parece tomar conhecimento exato do tamanho da desgraça: corre para um dos compartimentos ainda conservados do interior da casa, gritando:

DONA ERNESTINA - Minha filha... minha filha... Deus do céu !...

Na grande sala, o linchamento de Honório chega ao fim: o crânio arreventado, esvaindo-se em sangue, o comerciante é uma massa estirada sobre a mesa, o rosto mergulhado em terrinas de comida que sobraram inteiras, e de mais comida derramada que, aos poucos, como a toalha de linho de caros preços, vão-se encharcando de sangue...

Percebida por todos a imensa tragédia, os invasores começam a se retirar aos poucos e em silêncio, só um ou outro portando alguma coisa roubada ao sobradão, e tomam a escada que os levará à rua (praçazinha em frente ao empório). *Um deles, encaramando os dois montos, pergunta-se muito piedoso.* A sala, totalmente destruída e cheia de vestígios da sangrenta batalha; o corpo imóvel e também com sangue na camisa de João de Brito, está totalmente abandonado. Então, muito ao de leve, abre-se a porta por onde dona Ernestina sumiu sua imensa gordura. Na esquadria, recorta-se a figura da mulher. O olhar de louca, os passos trêmulos, carregam a filha também e ainda muito assustada. Atravessa a sala tendo o cuidado instintivo de desviar a cabeça da filha, ao passar pelo corpo do sitiante morto e do pai linchado assim tão barbaramente. Chegam ao patamar superior e, sem olhar para trás, começam a descer a escada rumo ao exterior.

C., em travelling, ganha a varanda e, de lá, focaliza a praça pela qual transitam os invasores retardatários com seus restos de coisas saqueadas e, entre os quais, indiferente a tudo, dona Ernestina conduz a filha, distanciando-se mais e mais...

NOTA O episódio pode terminar aqui, com grande efeito visual. Caso contrário, passaremos ao último quadro:

EXTERIOR - PRAÇA EM FRENTE AO EMPÓRIO - DIA

72. A praça inteiramente deserta deixa ver, espalhados pelo chão, os restos do saque havido. Em todo o ambiente vai um silêncio trágico. Ao longe, ouve-se o dobrar melancólico de um sino.

EXTERIOR - ESTRADA PARA SÃO JOÃO DEL REI - DIA

73. Estrada no interior de Minas Gerais. Caminho ligando Serro Frio a São João del Rei. Estrada rude e ensolarada. C. focaliza um grande carretão de bois (pelo menos umas seis juntas) cuja carga é, precisamente, a mobília fabricada no Tijuco, no início do argumento, pelo entalhador português, mestre João Macedo.

O carretão segue com sua carga para São João del Rei onde, conforme se verá, Ernestina de Melo Leitão Freire já está residindo em casa de parentes, com sua filha, salva do saque do sobradão do Serro Frio, Maria Eugênia.

Os móveis do carretão, inclusive o belo leito Maria I, vão bem seguros por cordas fortes nos fueiros do veículo, que vai chiando monotonamente sob o peso da cheda carregada.

Alguns escravos, como era costume viajar naquele tempo, vão a pé, entre os comboieiros e o "candieiro" (carreteiro que vai na frente do carro, abrindo caminho para a sua passagem).

O "candieiro", em geral, canta uma canção para, junto com o chiar do carro, incitar os bois em sua penosa marcha.

Os viajantes vão descendo a serra do Espinhaço, subindo a Mantiqueira, demandando a cidade de Barbacena para, de lá, alcançar São João del Rei, seu destino.

SEQUÊNCIA 15

INTERIOR - IGREJA DE SANTO ANTÔNIO - TIRADENTES - DIA

74. No interior da igreja matriz de Santo Antônio, em São José del Rei (atual Tiradentes), chega ao fim a cerimônia de casamento de José Manuel da Silva Alencastro e de Bárbara Isabel Freire de Sousa.

Após a bênção sacerdotal, os noivos se beijam, descem os dois degraus que levam ao altar, e vão deixando a nave, passando entre a fileira de bancos onde se encontram os poucos convidados da cerimônia, realizada na intimidade, pelo fato muito compreensível, de que os os nubentes já viviam maritalmente há quase cinco anos e têm uma filha encantadora, Maria Efigênia, de quatro anos, a quem chamam, carinhosamente, de "Princesa".

C., em Trav-Atrás, acompanha o solene e lento acaminhar dos recém-casados e vai revelando os espectadores do ato nupcial: a própria filhinha do casal, Maria Efigênia, à beira do banco da frente e ao lado do avô, pai de Bárbara Isabel, Tomaz Peixoto de Sousa e sua segunda esposa, Hortensia Matos de Leme e Souza, mais suas duas filhas menores; Em sucessão, C. prossegue mostrando a nave com seus bancos. No segundo ou terceiro, está Jorge Silvino dos Reis e sua mulher Dorotéia, de opulentos seios, além de outros assistentes ao ato, ligados às famílias.

SOM - Dobrar festivo dos sinos da igreja matriz de Santo Antônio, de Tiradentes.

EXTERIOR - ESTRADA DE FERRO - DIA

75. C., com a tele-objetiva, enquadra em P.P. a frente da locomotiva "Maria Fumaça" na Estação, sobre os trilhos da estrada de ferro que liga Tiradentes a São João del Rei, meia dúzia de quilômetros, mas uma das mais antigas do Brasil.

SOM - Em corte sonoro direto, o som dos sinos do plano anterior, é sucedido pelo bater do sino da locomotiva, seguido imediatamente pelo silvo agudo, sinal de próxima partida.

76. Em nova angulação, C. focaliza, agora, a locomotiva já em movimento, com seus três ou quatro pequenos vagões de passageiros, passando rentes à objetiva.

A composição chega a uma curva e, sempre seguida pela objetiva em panorâmica, se afasta até desaparecer entre morros.

INTERIOR - VAGÃO DO TREM DE FERRO - DIA

77. No interior do primeiro vagão de passageiros da composição, focalizam-se os convidados ao casamento de Alencastro e Bárbara Isabel. O vagão está decorado com flores e o mais e nele se percebe a grande e ruidosa alegria que contagia todos os passageiros da curta viagem.

C. enfatiza a fascinante beleza de Bárbara Isabel em seu belíssimo vestido de noiva, ainda que, obviamente, discreto. A seu lado, o poeta Alencastro, feliz, tem a filha, Maria Efigênia ao colo. Brinca com ela e a acaricia com ternura.

Mais atrás, Jorge Silvino dos Reis e Dorotéia que atrai muito olhares, conversam sobre o acontecimento. E travam um diálogo elucidativo onde há disfarçada malícia:

SILVINO - Parece mentira, Dorotéia, mas esse casamento acabou por se realizar...

DOROTÉIA - Tudo, na vida, tem um fim, não é mesmo?

SILVINO - E assim termina a escandalosa mancebia dos nossos amigos!

DOROTÉIA - ~~Satisfeita por se ver cubilada, de longe, por passageiros do trem~~ - Alencastro, como poeta, e Bárbara Isabel sempre foram muito independentes... Nunca ligaram pra ninguém, Silvino. Pouco se importam com mexericos e malediscências... Não se preocuparam nunca com o que os outros dizem... No que fazem muito bem!

SILVINO - Mas deviam! Veja, Dorotéia, todos nós vivemos cercados de gente... Temos regras... costumes... Afinal, ninguém se isola na sociedade!

DOROTÉIA (sempre preocupada com os olhares gulosos dos passageiros em ângulo melhor para apreciá-la) Os dois só se decidiram a casar porque a filha está maiorzinha... Só por isso, senão... adeus, casamento!

SILVINO - De fato, a menina Maria Efigênia está um brinco! Merecia! Depois, o pobre Tomaz Peixoto já vivia acabrunhado com a situação irregular da filha...

~~Dorotéia faz um muxoxo de concordância mas cheio de segundas intenções para os que não tiram os olhos dela.~~

78. O diálogo se desloca para outro banco onde se vê Tomaz Peixoto de Sousa e sua mulher, Hortensia:

TOMAZ - Está tudo muito bem, Hortensia! Chegamos a bom termo mas vou sentir muita falta do convívio da menina e do Alencastro... E da netinha...

HORTENSIA - Hás de ser, sempre, um sentimental, Tomaz! Quem casa quer casa... mesmo no estado em que eles dois se achavam já. Depois, a praça de São Francisco está ao alcance de um grito!

TOMAZ (ouvindo preocupado) - Será que o Boanerges termina de envernizar os móveis até sexta-feira?

79. C. focaliza o casal de nubentes em outro banco do vagãozinho. Alencastro, apaixonado, beija o rosto de Bárbara Isabel

ALENCASTRO - Hoje é um dia de muita felicidade, Bárbara, minha mulher! Ainda que, por ora, só tenhamos nossa casa da praça, sinto-me o homem mais rico do mundo...

Poema
"Poesia do Ouro"

→
verbo

Vem, Cupido, soltar-me desta laço,
Ou faz de dois semblantes um semblante,
Ou divide o meu peito em dois pedaços!

BÁRBARA ISABEL - Obrigado, querido. Mas, pra ouvir coisas bonitas do meu poeta, nem precisávamos casar... Meu pai é que vai morrer de tristeza quando nos mudarmos da casa dele... Ainda que pra tão pertinho..

ALENCASTRO - Ele sabe as joias que tem. Sempre foi muito carinhoso com a gente... com Maria Efigênia...

EXTERIOR - APROXIMAÇÃO DO TREM DE SÃO JOÃO DEL REI - Dia

80. Depois de vencer mais uma curva no caminho de ferro, a composição ganha uma reta em parte elevada da estrada. Ao fundo, surge o casario de São João del Rei, com suas igrejas e belos sobrados coloniais.

Nesse momento, em sobre-impressão, surge novo letreiro indicativo :

SÃO JOÃO DEL REI. 1880

SOM - Batidas do sininho da locomotiva, silvo agudo e prolongado e, em segundo plano, ouve-se o dobrar dos sinos das igrejas (em diferentes planos).

INTERIOR - CASA DE ALENCASTRO - NOITE

81. Empregados da marcenaria de Boanerges & Filho estão terminando a instalação dos móveis reformados na residência de Alencastro e Bárbara Isabel. Os dois dirigem a arrumação no cômodo reservado ao escritório do poeta.

Alencastro ajuda a colocar a ~~escritivaninha~~ ^{cadeirinha} num canto do quarto, enquanto Bárbara Isabel, com a filha ao colo, descansa, embalando-se na velhíssima cadeira de balanço:

BÁRBARA ISABEL - Que lindo, meu amor ! Seu escritório ficou mesmo um mimo (depois de uma pausa) Esta cadeira é uma delícia, Alencastro. Como as coisas antigas são confortáveis, meu bem !

Alencastro vem ao encontro da mulher e da filha. Beija-as e, brincalhão, comenta:

ALENCASTRO - Bárbara, minha fada... acho que a casa toda está um mimo. Você tem tanto gosto que...

BÁRBARA ISABEL (interrompendo o marido com modéstia) - Os móveis é que são lindos, bobinho ! Foram feitos em Diamantina há quase cem anos... Se estão como novos, foi o Boanerges que os botou assim...

De seu canto, terminando de aparafusar uma peça da mobília, Boanerges levanta a cabeça e cumprimenta Bárbara Isabel, vaidoso de suas palavras.

Alencastro afaga os cabelos de Bárbara que, em retribuição, se ri para o marceneiro, beija novamente a filha e recrimina docemente:

ALENCASTRO - Mas pra mim, querida, a peça mais bonita de todas é a cama de estilo que você, não sei porque, preferiu deixar no quarto de hóspedes... Uma pena, (virando-se para Boanerges, Alencastro pede sua concordância) Não é mesmo, mestre Boanerges ? Aquela cama não é uma beleza ?

Boanerges, lisongeadado, afirma:

BOANERGES - É como diz, senhor Alencastro. Igual, não se vê outra senão na Europa.

Mas, ouvindo a referência ao leito Maria I, fica triste repentinamente. Seu olhar perde-se ao longe, no tempo, em fundas melancolias que a envolvem em sombras e reminiscências.

Pensativa, pára de balançar-se na cadeira antiga e toma um ar vago e estranho.

O próprio Alencastro, vendo-a subitamente transfigurada, fica preocupado, surpreendido, sem entender a modificação que nela se operara. Pergunta carinhosamente:

ALENCASTRO - Bárbara, minha filha... que aconteceu ? Será que você não está se sentindo bem ?

Bárbara, então, procura disfarçar e voltar ao seu normal: deixa aflorar no rosto um sorriso nada convencente e explica, tristonha:

BÁRBARA ISABEL - Aquela cama, meu bem... aquela cama só me traz reminiscências muito dolorosas, sabe ? Acontecimentos estranhos acontecidos com meus antepassados, Alencastro. ~~Minha avó Ernestina morreu nela e sua morte, até hoje, está envolvida em mistérios nunca desvendados.~~

Todos, no cômodo, ficam em suspenso, até mesmo Maria Efigênia. Bárbara, falando com voz maguada, prossegue explicando:

BÁRBARA ISABEL - Minha mãe, Maria Eugênia, morreu quando nasci, de um parto difícil, ocorrido naquela cama... Perdoa, meu ^{amor} marido...

Alencastro, comovido, toma a filha de seu colo e coloca-a no chão com um carinho. Depois, sempre carinhosamente, retira a mulher da velha cadeira de balanço, beija-a e consola-a com amor:

ALENCASTRO - Pronto ! Acabou-se ! Não falemos mais em coisas tristes, ^{queir' de amor} amor. Se você quiser, a gente se desfaz já da cama. Manda-se de volta para o porão da casa de seu pai ou, se for o caso, até para mais longe !

BÁRBARA ISABEL - Não ! Não ! Alencastro: ^{o estafelho} ~~a estafeteira~~ da cama fica em nossa casa. Afinal, é uma tradição de família... Nós é que vamos continuar com nosso leite velho, de tantas ^{belas} ~~boas~~ noites e ^{doce} ~~doças~~ lembranças...

Bárbara, linda e enternecida, volta a sorrir inundada de ventura. E fala mais:

BÁRBARA ISABEL - O importante é vivermos sempre juntos, com a nossa Princesa !.. Sabe ? eu li num livro frances, ainda em solteira, que quando a gente consegue ser a gente mesmo, o resto pouco importa...

Alencastro afasta-a ligeiramente e, olhando-a nos olhos, começa a dizer seus versos com redobrado carinho:

ALENCASTRO - "Bárbara bela,
do Norte, estrela,
que o meu destino
sabes guiar,
de ti ausente
triste somente
as horas passo
a suspirar.
Isto é castigo
que Amor me dá."

Bárbara então, já muito alegre, prossegue, a voz cheia de emoção e ternura:

BÁRBARA ISABEL - " Eu bem queria
a noite e o dia
sempre contigo
poder passar;
mas orgulhosa
sorte invejosa
dessa ~~fortuna~~
me quer privar."

De repente, saltando da cadeira de balanço onde se empoleirara desde que o pai ergueu de lá a esposa, Maria Efigênia, abraça-se ao pai e, com sua linda voz infantil, termina a poesia:

MARIA EFIGÊNIA - "Isto é castigo
que Amor me dá !"

Rindo muito, os três, estremecidos de amor, deixam o cômodo abraçados e vão para os fundos da casa, seguidos pelo olhar compreensivo de Boanerges e de seus dois auxiliares.

SEQUÊNCIA 16

EXTERIOR - RUA DE SÃO JOÃO DEL REI - NOITE

82. Por uma estreita e íngreme rua de São João del Rei vêm vindo um grupo de homens: José Manuel da Silva Alencastro, Jorge Silvino dos Reis e mais duas destacadas pessoas da sociedade local.

Noite fria, os obriga a vestir passados capotes e chapéus da época. Passam rente à objetiva e se afastam, desaparecendo mais adiante, numa esquina. Gesticulam comedidamente.

EXTERIOR - CASA DE TOMAZ PEIXOTO - NOITE

83. Alencastro e seus amigos chegam diante do solar de Tomaz Peixoto de Sousa, pai de Bárbara e figura de grande influência na cidade, presidente e fundador do Clube Republicano Tiradentes.

Alencastro, o genro, bate à porta. Esta, segundos depois se abre e o grupo entra, cumprimentando por alto ao criado que veio abrir a porta.

ALENCASTRO (para o empregado) - Já chegaram todos ?

EMPREGADO - Já, senhor, sim ! Penso que não falta mais ninguém...

INTERIOR - CASA DE TOMAZ PEIXOTO DE SOUSA - NOITE

84. No salão principal do solar de Tomaz Peixoto de Sousa já se acham reunidos dezenas de partidários da causa abolicionista e republicana. Era uma reunião do Clube Tiradentes ! Alguns fumam, enchendo o ambiente de tênue fumaça. Criadas servem café e quitandas (gozadeiras mineiras)

Estão sentados à mesa de onde são dirigidos os trabalhos, além do anfitrião Tomaz Peixoto, o jornalista Antero Maciel e mais dois tipos circunspectos. Antero Maciel fala com eloquência: (Enquanto isso, os recém-chegados, procurando incomodar o menos possível, cumprimentam aqui e ali, ao mesmo tempo em que, mudamente, pedem licença para passarem e se abancarem)

ANTERO MACIEL - Efetivamente, meus amigos, não há negar que a Lei do Ventre-Livre foi uma conquista importante como a dos sexagenários ! Mas são primeiros passos que, embora levando nossa conquista a seu completo êxito, ainda não é tudo ! Queremos muito mais: a república e a abolição ampla e completa !

TOMAZ PEIXOTO (interrompendo o orador, pondera)- Virá a república e, com ela, a abolição que almejamos. E não tarda ! Nosso clube ainda é o maior instrumento que temos em mão para a propagação de nossos ideais. Infelizmente precisamos de mais recursos. De mais partidários ! De mais dedicação de nós todos... Não é por já nos encontrarmos no final da campanha que vamos dormir sobre os louros. Esta, como sabem todos, é a principal razão de nos acharmos aqui reunidos. Devemos fomentar o nosso clube !

Dois ou três, dos presentes, apoiam abertamente. Outros poucos batem palmas, inclusive Alencastro que, já acomodado, levanta-se para dizer:

ALENCASTRO - O exemplo e as palavras de nosso presidente, meu estimado sogro e amigo, precisam ser imitados por todos nós, sobretudo pelos muitos e prósperos fazendeiros, capitalistas, donos de lavras e minerações, comerciantes... Todos devemos dar o exemplo também, libertando antecipadamente nossos escravos, como já se tem feito por aí. Isto, meus amigos, impressiona lá fora! Não nos devemos afligir com a parte econômico-financeira de que o fim seja dos mais nobres!

INTERIOR - RESIDÊNCIA DO DEPUTADO VILAS BOAS DA GAMA, EM SÃO JOÃO DEL REI - NOITE

85. Nesse mesmo instante, na luxuosa residência do deputado Joaquim Vilas Boas da Gama, escravidocrata e monarquista ferrenho, outros moradores também ilustres de São João del Rei também se reúnem, com objetivos diametralmente opostos aos do Clube Tiradentes. Fumando charuto de prego e bebendo vinho tinto com apetitosos biscoitos, o deputado está falando exaltadamente, a princípio, enquadrado pela objetiva em Primeiro Plano.

VILAS BOAS DA GAMA - O Clube Tiradentes, meu amigos, não passa de uma clandestinidade! Não é nenhuma organização política idônea, legalmente constituída com estatutos e o mais! É, sim, um centro subversivo de carbonários soezes e perigosos, ainda que gente de nossa sociedade, ~~inexoravelmente~~ ~~mente~~ mancomunados e ~~comprometidos~~ com a banda pódre de uma política irresponsável e fantasista! Partido de uma nefasta utopia, necessita ser extinto com urgência para o bem de São João del Rei, da Província, da nação... Gente contra o bem público. Contra a Pátria!

Um dos presentes, trêmulo pela idade avançada, a mão em concha atrás duma orelha patenteando surdez e atenção, levanta-se com seu biscoito na mão e dá seu aparte:

VELHO TRÊMULO - Contra Deus! Não esqueça, deputado Gama: ^{Contra Deus! Ele} ~~são~~ ateus!

Um velhote de nariz adunco, a voz fanhosa e irritante, intervém:

VELHO DE VOZ FANHOSA - Tem toda a razão o deputado, nosso nobre Vilas Boas da Gama! Por lastimável culpa da tolerância imperial, nossas autoridades andam omissas e complacentes. Os apaniguados do malfadado clube pregam é contra a lei, contra a Constituição, ~~contra~~ a monarquia, o trono, Dom Pedro II... Contra tudo, afinal, como muito bem disse Vilas Boas da Gama.

VELHO TRÊMULO - (sempre com seu biscoito na mão e a outra, em concha, atrás do ouvido, repete com sua voz cava) - Contra a Deus! São contra Deus...

São ateus do diabo!

INTERIOR - RESIDÊNCIA DO POETA ALENCASTRO - NOITE

86. De volta da reunião em casa do sogro e amigo, Alencastro chega ao interior de sua casa, na pracinha de São Francisco. Entra silenciosamente, mil cuidados, pisando de leve. Procurando não acordar Bárbara Isabel que julga dormindo já. Chegando a seu gabinete de trabalho, o poeta abre a papeleira (sempre com cuidado para não fazer barulho), um dos belos móveis feitos por mestre João Macedo, e começa a escrever um poema. Percebe-se isso porque, volta e meia, o poeta conta as sílabas nos dedos. Pouco depois, porém, surge na porta do cômodo a figura de Bárbara Isabel. Vem em trajes de dormir e Alencastro não a percebe logo. A mulher se aproxima, toma-lhe a cabeça e o beija. Ele se espanta ligeiramente ao vê-la de pé no avançado da hora:

ALENCASTRO - Você, Bárbara? Que presente a madrugada me dá! ...

BÁRBARA (se rindo do galanteio) - Você chegou há muito, amor ? Já é tão tarde !
você não vem dormir, Alencastro ?

ALENCASTRO - Vamos, sim ! Mas eu acordei você, querida ? Olha: tomei o maior
cuidado para não fazer barulho...

BÁRBARA ISABEL (brincando) Fez barulho nenhum, bem ! Você não disse que foi um
presente da madrugada... Então ?

Alencastro, já levantado de sua mesa de trabalho, afasta a cadeira, abraça e beija muito
a mulher:

ALENCASTRO - Agora, estava fazendo este poema (mostra o papel sobre a mesa) mas
tivemos uma reunião excelente em casa de seu pai. Tomamos decisões ex-
tremamente importantes...

Bárbara Isabel, já livre do abraço do marido, vai se sentar na cadeira de balanço de sua
predileção e lhe diz, a princípio, meio relutante:

BÁRBARA ISABEL - Amor... escuta aqui: você sabe que não gosto de me envolver
com esses assuntos que o entusiasma tanto... Não sei... mas tenho
muito medo desses monarquistas zangados. Me diga: tudo isso não é meio
arriscado ? Logo agora que vamos ter gente nova... Sabe quem vai che-
gar ? (Bárbara alisa graciosamente a barriga) o nosso caçula !

A notícia causa a maior surpresa e alegria ao poeta que vai sentar-se no chão, ao pé da
mulher:

ALENCASTRO - Um filho !? Mais um filhote !? Verdade, amor ? Verdade mesmo ?!!!

BÁRBARA ISABEL - Eu também nem acreditei... foi o doutor Aprígio que garantiu.
E desta vez, vai ser um homenzinho como você tanto quer. Não sei... é
um pressentimento... O presente da madrugada, você não falou ?

Alencastro, enlaçando mais a mulher, repousa a cabeça em seu colo. Acrescenta desvanecido:

ALENCASTRO - Que maravilha, minha mulher ! Um filho ! Olha, faz muito tempo que
tenho guardado um nome para ele... em segredo ! ^{Se for um filho, vai se chamar} Ve se você gosta: Damas-
ceno ! ^{por João?} Damasceno: aquele que chega cedo... de madrugada...

Bárbara, de início, fica indecisa. Fica repetindo como a se acostumar com o som das letras:

BÁRBARA ISABEL - Damasceno... Damasceno... Damasceno, porque ? (De repente, toma
a decisão de aprovar) Sim ! Damasceno. Gosto muito, querido !

SEQUÊNCIA 17

EXTERIOR - PRAÇA DE SÃO JOÃO DEL REI - DIA

87. Numa das principais praças de São João del Rei realiza-se um comício de propaganda republi-
cana e abolicionista.

Promovido pelo Clube Tiradentes, cuja efígie decora o palanque, a concentração atrai
algumas dezenas de populares. No palanque, vê-se figuras conhecidas como Tomaz Peixoto,
Alencastro, Silvino dos Reis, o jornalista Epaminondas Silveira e outras destacadas perso-
nalidades da vida política e social da cidade.

Muito eloquente, emitindo com entusiasmo a voz para a pequena multidão (não havia microfo-
nes à época, evidentemente) o poeta Silva Alencastro está falando aos adeptos de sua causa.

ALENCASTRO - O povo de São João del Rei; o povo das Minas Gerais; o povo de todo
o Brasil, não se deixa iludir mais com palavras que não correspondem à rea-
lidade ! Se a abolição da escravatura está praticamente feita, a República
está mais próxima do que se pensa. Para uma e outra só falta a consagração
popular e nacional...

88.

C., circulando entre participantes do comício, capta expressões de entusiasmo, gestos e aplausos significativos como os de Bárbara Isabel enquanto OFF, Alencastro continua, voz possante, cada vez mais entusiasmado:

ALENCASTRO (OFF) - Nossa causa é justa; é patriótica, é sagrada, é humanitária. Ela existe de fato em todos os espíritos e todos os corações brasileiros! Seria arrojada temeridade, ou rematada loucura, pretender impedir essa torrente caudalosa e avassaladora da idéia nova...

89.

Através de primeiro-plano, C. detalha o final da fervorosa declaração de princípios do nosso herói, cuja voz ecoa pela praça inteira:

ALENCASTRO -... idéia que invade todos os espíritos e se derrama, pujante, em todo o solo da Pátria. Abolida a escravidão, que nos envergonha, será indispensável abolir o poder, que nos oprime e esmaga!

Ao terminar sua oração, Alencastro recebe ruidosos aplausos, vivas e gritos da multidão.

90.

Meio escondido entre árvores, num canto da praça, o deputado Vilas Boas da Gama, com um grupo de escravocratas e monarquistas declarados, observa o comício republicano, entre irônico e revoltado:

Quando os aplausos começam a amainar, o deputado comenta para os seus companheiros:

DEPUTADO VILAS BOAS - Os senhores estão vendo só? Estão ouvindo? Uma desfaçatez! Isso é uma provocação intolerável! Um desafio solerte ao Imperador... à ordem pública! Afinal, aonde está nossa Constituição? O governo constituído?

UM AMIGO DO DEPUTADO - O que mais me admira, Vilas Boas, é a presença, nesse conchavo de seu parente, o Silvino dos Reis...

OUTRO AMIGO - Inacreditável. Simplesmente, inacreditável!

DEPUTADO VILAS BOAS - O Jorge é parente lá de minha mulher... É um doidivanas... um ingênuo. Homem influenciável, está perdendo o juízo. Anda encalacrado... Deve uma fortuna ao Fisco... e se mete entre esses pulhas! Um idiota!

O velho trêmulo, da reunião em casa do parlamentar, sobressai-se na C. para concordar:

VELHO TRÊMULO - Certamente... um idiota!

INTERIOR - CASA DO DEPUTADO VILAS BOAS - NOITE

91.

No luxuoso salão do solar do deputado Vilas Boas da Gama, conversam amistosamente: o parlamentar, sua mulher, dona Inês, e Jorge Silvino dos Reis. O deputado fala com voz firme, de censura, ao visitante:

DEPUTADO VILAS BOAS - Veja bem, Jorge: nunca pretendi meter-me na vida de ninguém. Muito menos na sua. Por um dever de amizade, porém, e posso dizer até mesmo de parentesco, sou obrigado a alertar o meu amigo para o risco que está passando por se enrolar com esse grupelho do Clube Tiradentes! Silvino nada diz. Limita-se a ouvir respeitosamente o parente mais velho, fechado em si mesmo. Encorajado com o silêncio submisso do outro, o deputado segue com maior veemência:

DEPUTADO VILAS BOAS - (a voz, agora, ainda que veemente, é mais conciliadora) O que está se passando consigo, Jorge? Por que aliou-se a esses carbonários, perigosos contestadores do regime? (Depois de bater amizade com a mão no ombro do primo de sua mulher, que continua enigmático, o deputado prossegue, persuasivo) Má causa esta, meu caro! E essas reuniões clandestinas terminarão por prejudicá-lo seriamente.

Mansa e cordial, dona Inês, largando o seu crochê, intervem:

DONA INÊS - Não é que eu não respeite suas convicções, Jorge. Respeito! Mas você tem pensado em Dorotéia? Em seus filhos? E se você... (dona Inês hesita um pouco ante a pergunta) você for preso? Estará resolvido o seu problema de consciência?

As indagações, desta vez, causam uma forte impressão em Silvino que estremece e olha, espantado para a prima que, por indústria, volta a seu crochê. O deputado, então, aproveita para apertar o cerco:

DEPUTADO VILAS BOAS - Em família, todos nós sabemos de suas dificuldades financeiras, Jorge. Dívidas... pressões do Fisco e o mais. Pergunto: e se, por revanche, o executarem? Já pensou? Onde irão parar seus bens? Não será a ruína? Isso não é uma brincadeira, menino!

C. inicia lento Trav. - Avante até enquadrar Jorge Silvino dos Reis em P.P.

Depois de alguns instantes de silêncio contrafeito e incômodo, Silvino fala baixo e devagar:

SILVINO DOS REIS - É... tenho pensado nisso tudo... De fato, deputado, não sei como ^{me} envolví~~me~~ demais nesse movimento. Nessa... conspiração...

SEQUÊNCIA 18

INTERIOR - SOLAR DE ALENCASTRO NOITE

92.

No pequeno solar de Alencastro e Bárbara comemora-se o quinto aniversário de Maria Efigênia e o recente nascimento do pequeno Damasceno da Silva Alencastro.

A recepção é alegre e elegante. O salão está repleto de amigos, parentes e correligionários da causa republicana e abolicionista. Ali estão Tomaz Peixoto de Sousa e Jorge Silvino dos Reis e suas respectivas mulheres, além de outras personalidades da vida social, cultural e política da cidade.

Silvino, ainda que refastelado numa poltrona, num canto da sala, está meditativo, a fisionomia fechada, bebendo vinho e observando tudo ao redor, com ar desinteressado.

Enquanto isso, no centro festivo da recepção, Alencastro e Bárbara Isabel desdobram-se em gentilezas para uns e outros, recebendo os convidados que ainda chegam continuamente. O casal, se multiplicando, participa de rodas de conversa ainda que em falas ininteligíveis; ordena e fiscaliza, por gestos, o serviço dos criados em movimento.

A certa altura, Alencastro toma a filha ao colo e pede silêncio:

ALENCASTRO - Senhores e senhoras... meus amigos. Neste momento, peço licença para dizer-vos, em primeira mão, uma pequena estância que compus para esta data.

Faz-se silêncio na sala enquanto o anfitrião começa a declamar:

ALENCASTRO (com Maria Efigênia no colo) - "Amada filha é já chegado o dia
em que a luz da razão, qual tocha acesa,
vem conduzir a simples natureza,
é hoje que o teu mundo principia!"

A cena inesperada atrai todas as atenções. Um silêncio cheio de emoção e surpresa acolhe a oferta poética de Alencastro à filha.

93. C. circula pelo salão, fixa flagrantemente a festa e dos convidados (em diferentes posturas: fumando, comendo, bebendo, coçando a orelha...) enquanto, em voz OFF, o poeta prossegue em sua declamação:

ALENCASTRO (- OFF) - "A mão que te gerou teus passos guia,
despreza ofertas de uma va beleza
e sacrifica as honras e a riqueza
às santas leis do filho de Maria"

O movimento de documentação da C. termina no P.P. de Jorge Silvino dos Reis que, em seu

canto, está alheio ao que se passa, concentrado em si mesmo.

Ainda em voz OFF, Alencastro continua, comovido:

ALENCASTRO (voz-OFF) - "Estampa na tua alma a caridade,
que amor a Deus, amar aos semelhantes,
são eternos preceitos da verdade."

94. Em nova angulação, C., em Plano-Geral, mostra o salão. Depois, avança em Trav.-Avante, lentamente até P.A. do poeta, Maria Efigênia, Bárbara Isabel, e outros convidados que ouvem, tocados pela singeleza do instante poético, os versos finais da composição:

ALENCASTRO - "Tudo o mais são idéias delirantes;
procura ser feliz na eternidade,
que o mundo são brevíssimos instantes !"

Ouvem-se vozes OFF de - Bravos ! Bravíssimo ! Muito bem ! Excelente ! Lindo !...

C. focaliza um cidadão de longas barbas que exclama com entusiasmo:

CIDADÃO DE LONGAS BARBAS - Ah ! O que é o sentimento na vida de um homem !

Debaixo de mais aplausos, Alencastro estreita a filha nos braços, beija-a carinhosamente, enquanto Bárbara Isabel, chorando de emoção vem abraçá-lo e beijá-lo...

FUSÃO:

SEQUÊNCIA 19

INTERIOR - CASA DO DEPUTADO VILAS BOAS - DIA

95. Jorge Silvino dos Reis aguarda, no sofá da sala-de-visitas do deputado Vilas Boas da Gama, que o parlamentar monarquista venha recebê-lo. Mostra-se inquieto, nervoso, segurando um envelope que, à certa altura, depois de tomar uma farta pitada de rapé e assoar-se num grande lenço de alcobaça, abre, retira de dentro um documento que relê, talvez pela décima vez.

Nesse ínterim, ouve passos e, erguendo os olhos, vê o deputado que vem a seu encontro, metido num elegante robe-de-chambre.

DEPUTADO VILAS BOAS - Olá, Jorge ! Bons olhos o vejam ! Muito bom dia !

SILVINO DOS REIS - (levantando-se procurando ser ligeiro) - Bom dia, deputado !
Bom dia... Como tem passado ?

DEPUTADO VILAS BOAS - Bem ! Muito bem ! (mas, impaciente, pergunta ansioso) -
É a carta ?

SILVINO DOS REIS (mostrando o papel aberto, fora do envelope) - Sim... é !
Redigi esta noite. (pausa) Quer ler, deputado ?

DEPUTADO VILAS BOAS - Claro... Creio que você veio aqui pra isso, pois não ?
deixa-me ver...

Silvino entrega-lhe a carta que o deputado começa a ler imediatamente. De quando em vez, lê algum trecho em voz alta, como a sentir o efeito de tal ou qual palavra. Sua fisionomia exprime contentamento e aprovação:

DEPUTADO VILAS BOAS - Lendo) "Beijo as mãos de vossa majestade, rogando que acredite em minha lealdade... (o deputado, sempre de pé, dá alguns passos, a esmo, lendo sempre) Confesso-me vítima de envolvimento... (o deputado pára de novo para sublinhar, com a carta em suspenso) Sim... envolvimento está bem ! (voltando a ler) Rogo perdão e clemência... (pausa) patenteando meu remorso e fidelidade à nossa amada corôa, declaro, sob minha fé e honra, que são principais sediciosos ... (pausa) membros do Clube Tiradentes, principal foco de subversão... (pausa) o advogado e fazendeiro Tomaz Peixoto de

Souza, pessoa do maior prestígio na cidade; seu genro, poeta e proprietário de jazidas minerais, José Manuel da Silva Alencastro; o jornalista Epaminondas Siveira...

Terminando a leitura, o deputado mostra-se entusiasmado e de plena concordância:

DEPUTADO VILAS BOAS - Ótimo ! Ótimo ! Esta carta lhe trará o perdão amplo do Imperador. Dom Pedro gosta disso... Lhe dará mais do que o perdão, Jorge: lhe dará o reconhecimento... o reconhecimento, veja lá ! (depois, lendo o último parágrafo) - o comportamento insensato a que fui levado pela influência deletéria de falsos amigos... (pausa) Sendo assim, sou, de vossa majestade, o último dos ... etc. etc...

96. Enquanto o deputado dobra o papel com mil cuidados, C. focaliza, por uma porta entreaberta, Dona Inês que, num canto do corredor, escuta a leitura da carta pelo marido. Acontece que a prima do visitante e delator não demonstra nenhuma alegria ou satisfação com a infâmia mas, antes, traz uma expressão desiludida. Nesse momento, dona Inês afasta-se, ^{melancólica,} para o interior da residência, ~~com cara de nojo.~~ ^{E murmura: não dá mais!} Dona Inês resmunga:

DONA INÊS - Infeliz!...

97. De volta à sala, C. enquadra Silvino e o deputado em P.A., agora sentados, lado-a-lado, no grande sofá.

Depois da C. avançar, em travelling, mostra Villas Boas, com a carta já envelopada de novo, com a mão amistosamente no ombro de Silvino. A cena é enquadrada em Primeiro-Plano:

DEPUTADO VILLAS BOAS - Dentro de poucos dias esta carta estará nas mãos do Imperador, certo como chuvas de verão ! Então, você terá notícias das melhores. Não tenha dúvida que Sua Majestade sabe aonde pisa !

Silvino, sem conseguir demonstrar grande satisfação e confiança, compreende que a entrevista chegou ao final. Levanta-se, seguido pelo parlamentar, este, com um ar de triunfo, e se encaminham para a porta. Vilas Boas, já com a mão na maçaneta, volta-se para dentro da casa e chama:

DEPUTADO VILAS BOAS - Inês ! Inês, olha que o Jorge está de saída !... (mas ao ver que a mulher não dá sinal de si, Vilas Boas justifica a ausência, sem perder a empáfia) - Deve ter ido ao pomar... ^{É isso!} Foi ao pomar...

Como se lhe ocorresse de repente alguma idéia importante, Vilas Boas puxa pelo braço do contra-parente, retardando-o no gesto de sair:

DEPUTADO VILAS BOAS - Ah ! É verdade... Talvez fosse conveniente, Jorge, que você deixe São João por algum tempo.

SILVINO DOS REIS - De fato. De fato, deputado. Já estive pensando nisso. Talvez vá à Vila Rica. À casa do meu irmão Antero.

INTERIOR - GARE DA ESTAÇÃO DE SÃO JOÃO DEL REI - DIA

98. Fumegante e ruidosa, a locomotiva "Maria Fumaça" está chegando à estação de São João del Rei.

SOM - Na trilha sonora, dominam os ruídos peculiares à locomotiva misturados com o badalar da sineta em aviso de chegada.

Na plataforma interna, vê-se Bárbara Isabel, com o caçula Damasceno ao colo, Maria Efigênia, linda, com seu vestido vaporoso e esvoaçante, Tomaz Peixoto de Sousa, sua mulher e filhas, além de muitos amigos e correligionários. Todos se movimentam para abraçar o

recém-chegado, José Manuel Alencastro, que desce do vagão, de regresso do Rio de Janeiro. Bárbara, feliz, radiante, antecipa-se aos ^{mais} para abraçá-lo e beijá-lo ternamente:

BÁRBARA ISABEL ~~Querido... querido... tudo bem?~~ ^{Então} Você fez boa viagem? Saiu tudo como você queria, lá no Rio?

Exitado, exprimindo fadiga, Alencastro abraça-se a mulher com o menino Damasceno ainda no colo. Solta a mulher e ergue a filha que beija muito também:

ALENCASTRO - Sabe de uma coisa? Trouxe-~~te~~ ^{Abre} uma boneca da Corte. Linda! ~~Abre~~ Abre e fecha os olhos... (Para a mulher, tranquiliza) As coisas não podiam ter corrido melhor, amor! Melhor do que eu esperava... Fora as saudades...

Mas Alencastro interrompe a fala porque está cercado de amigos que o querem abraçar também. Vendo o sogro, o poeta fala-lhe:

ALENCASTRO - Trago excelentes notícias, doutor Tomaz! Muito boas mesmo. Pode o senhor convocar o Clube logo... para hoje, à noite...

Aflita, Bárbara intervem:

BÁRBARA ISABEL - Já, pra hoje, meu bem? Não é melhor descansar um pouco? Você deve estar exausto da viagem... Cansadíssimo...

ALENCASTRO (enlaçando de novo a companheira, responde amorosamente) Descanso depois, amor! Tenho coisas muito urgentes a combinar com os companheiros!

Close de Bárbara mostra toda a sua decepção por não ter o marido livre, o mais depressa possível...

SEQUENCIA 20.

INTERIOR - CLUBE TIRADENTES - NOITE

99. Na sala de reuniões do Clube Tiradentes, onde se vê, na parede, a bandeira de Minas (Libertas qui sera tamen) um retrato de Benjamin Constant e outros de liberais democratas libertadores e antiescravocratas, vê-se, entre correligionários que lotam a sala, no centro da mesa, ladeado pelo sogro e pelo jornalista Epaminondas, José Manuel da Silva Alencastro que faz um relato aos amigos que o escutam em respeitoso silêncio.

ALENCASTRO - ... E assim, meus amigos, participei de uma importante reunião no escritório de Aristides Lobo, onde estavam presentes grandes vultos republicanos civís. O Centro fica no mesmo prédio onde Saldanha Marinho, lá presente, tem seu gabinete de trabalho...

100. Através de travelling, C. registra a grande atenção dos presentes, ouvindo o relatório do poeta, agora com voz OFF:

ALENCASTRO - (OFF) - Conforme constatei, meus amigos, o importante... o importantíssimo é que o entrosamento entre civís e militares prossegue com ~~uma~~ ^{rapidez} rapidez e facilidade! Como sabemos todos, essa é a única forma de consolidarmos nosso ideal republicano. Primordial ^{tema} nisso tudo, companheiros, é o magnífico papel da imprensa...

101. P.P. de Alencastro que retira de uma pasta um documento de algumas páginas, dizendo:

ALENCASTRO - Com a colaboração preciosa de alguns correligionários, redigimos, no Rio de Janeiro, este manifesto que se intitula "Ao povo de São João del Rei. Como vêem...

Neste exato momento, ouve-se, OFF, um estrondo.

SOM - Ruído forte de porta arrombada.

102. C. focaliza todo o recinto no justo instante em que a porta central, de entrada, é violentamente arrombada por soldados governamentais, comandados pelo capitão Meireles. A tropa, cerca de cinquenta soldados, traz fuzis e baionetas caladas, em posição de combate. Fala o capitão, dando aviso e ordens aos participantes da reunião, com voz poderosa:
- CAPITÃO MEIRELES - Fiquem todos aonde estão ! Em nome de Sua Majestade, o Imperador Dom Pedro II, estão ~~todos~~ presos ! Não se mexam para evitar violências. (com um gesto, manda seus subordinados tomarem posição cercando os que se acham na sala) A menor tentativa de fuga ou resistência à ordem de prisão, será sumariamente repelida !
103. C. enquadra em P.A., a mesa que dirigia os trabalhos. Seus ocupantes, estarecidos, estão em absoluto silêncio dada a surpresa e a real impossibilidade de qualquer parlamentação com os captores. Ou melhor: com o capitão Meireles. Depois, C. inicia lento Trav.-Avante até fixar Alencastro, em P.P. Atônito, transtornado, o rosto recoberto de funda palidez, o poeta também não esboça qualquer reação. Apertando o manifesto nas mãos nervosas, apenas balbucia exclamativamente:
- ALENCASTRO - Deus do céu !!! Que miséria!...

F U S Ã O

SEQUÊNCIA 21

EXTERIOR - GARE DE SÃO JOÃO DEL REI - NOITE

104. Todos os pontos circunvizinhos à estação da estrada de ferro estão tomados estrategicamente por soldados da guarnição local. Por toda parte, muita gente silenciosa e apavorada, embora cheia de revolta, vem assistir ao embarque dos prisioneiros. A objetiva enfatiza, a um canto da praça, na entrada principal da estação, a figura pungente de Bárbara Isabel confundida com a multidão. A mulher do poeta está com seus dois filhos. Maria Efigênia comenorme tristeza e incredulidade pelo que presente apenas, está calada, agarrada à mãe. Num primeiro carro puxado a cavalos, chegam os prisioneiros principais em primeiro lugar. A multidão se agita e se adensa procurando vê-los saltar do carro. Inicialmente, descem dois correligionários conhecidos de vista do Clube malfadado. Amarrados também, surgem, à porta do carro, o poeta e seu sogro. Todos são colocados pelos soldados em fila indiana, junto a porta da gare. A fisionomia dos presos, ainda que pouco serena, guardam a mesma dignidade. É quando Maria Efigênia, soltando-se da roupa da mãe, corre ao encontro do pai, gritando desesperadamente:

MARIA EFIGÊNIA - Papai... Papaizinho!... ~~(de desespero?)~~

Na confusão que se estabelece, já com a filha no colo apesar das mãos amarradas, o poeta beija-a, chorando.

Um dos militares aproxima-se rapidamente e, constrangido, consegue retirar a menina dos braços do pai, com muita dificuldade. Maria Efigênia prossegue todavia gritando:

MARIA EFIGÊNIA - Larguem meu pai... Larguem, seus bôbos ! (esmurra o peito do soldado que a retém) Papai não vai embora, não, ouviram?!... Gente ruim !

Os presos começam a ser empurrados com violência crescente pelos soldados para entrarem na gare onde o trem os espera para a viagem penosa.

Antes de embarcar, ainda que empurrado pelos soldados, Alvarenga se volta e procura com os olhos aflitos, a mulher e os filhos. Avista-os e, neles, fixa um olhar pungente de despedida.

106.

P.P. de Bárbara Isabel, o olhar de um sofrimento impossível fixado no marido que parte. Além do sofrimento e do espanto, também se nota prenúncios de perturbação mental na fisionomia e na postura da mulher. Desequilíbrio que, posteriormente, se agravará.

SOM - O forte som ambiental que mistura ruídos da multidão, do trem e do movimento dos militares, além do sussurro natural da rua, desaparece subitamente para ceder lugar a dramático silêncio inusitado.

Nesse silêncio inesperado, ouve-se, então, a voz pungente de Bárbara Isabel, como se declamasse para Alencastro:

BÁRBARA ISABEL - "Bárbara bela,
do norte estrela..."

Fica a mulher alguns instantes calada, distante, o olhar perdido, impossível e imprevisível. Só o corpo balança suavemente na cadência esquisita de uma melodia só por ela ouvida.

BÁRBARA ISABEL - (prossequindo sua poesia, com o mesmo balanço de corpo e um sorriso indecifrável nos lábios) - "Isto é castigo
que o Amor me dá..."

Em silêncio de novo, o sorriso da mulher vai-se transformando de misterioso a cínico.

SOM - A triste reminiscência poética de Bárbara Isabel é, repentinamente, cortada pelo silvo agudo da locomotiva que inicia viagem.

C. continua fixando o rosto sofrido da mulher do poeta, agora vazio, estranho, enlouquecido.

SEQUÊNCIA 22

INTERIOR - RESIDÊNCIA DE ALENCASTRO - NOITE

107.

Depois de enquadrar Bárbara Isabel em P.P., C. recua em travelling, abrindo até P.G. e mostrando o escritório de Alencastro, à meia luz, com prateleiras cheias de livros. Num canto, a escrivaninha com tampa sanfonada e, ao fundo, perto de uma janela fechada em luto, Bárbara Isabel, na sua cadeira de balanço, tem os olhos cerrados.

Pela porta dos fundos, chega ao recinto Maria Efigênia, vestindo uma camizolinha de dormir, cujos passos fazem Bárbara abrir os olhos muito fundos.

A menina abraça-se à mãe encostando nela o rosto

MARIA EFIGÊNIA - Mamãe, cadê o papai? Ele vai voltar hoje?

Bárbara esconde uma lágrima mas, sentindo a elevada temperatura da filha, tem um estremecimento de preocupação: coloca-a no colo e descansa a mão na fronte dela. Aflita, pergunta:

BÁRBARA ISABEL - Minha Princesa você está com febre! Está sentindo alguma coisa, meu anjo? Tão quentinha...

MARIA EFIGÊNIA - Tô tonta, mamãe... Não posso dormir, mas estou com sono.

A senhora vai chamar o doutor? Vai, mamãe?

Bárbara deixa a cadeira de balanço com a filha ao colo. Encaminha-se ao quarto de dormir enquanto diz:

BÁRBARA ISABEL - Amanhã, amorzinho. Amanhã, vamos ao médico. Agora, minha Princesa, agora vamos é pra caminha. Vamos tomar um remédio gostoso e ficar boa depressa. sim... Vamos, minha filha !

F U S ã O

EXTERIOR - LADEIRA DE SÃO JOÃO DEL REI - NOITE

108. Bárbara Isabel, num vestido preto, a cabeça parcialmente coberta por um grande chale, vem descendo uma ladeira típica de São João del Rei. Lâmpioes tristes projetam, na calçada das paredes a sombra errante e esguia da mulher. Passos lenticificados, olhar perdido na distância sem fim, Bárbara se aproxima pouco a pouco da objetiva e passa diante de uma residência de um só pavimento. Numa das janelas que se abrem para a rua, conversam duas velhas moradoras, deixando vêr, dentro da sala, à pouca luz de um candeeiro, um quadro com o sagrado coração de Jesus, cadeiras de palhinha de alto espaldar e uma mesa coberta com um pano de crochê sob um vaso de flores campestres. Tudo, bem ao gosto das residências interioranas de então. Quando as senhoras avistam e reconhecem Bárbara, param de conversar e a fitam com curiosidade e piedade. Com uma voz de funda melancolia, Bárbara vem dizendo versos do marido poeta:

BÁRBARA ISABEL - "... do ingrato amor seguir não debes
quando já não podes amar sem vil baixeza..."

Depois que Bárbara sai do campo óyico da objetiva, desaparecendo pelo L.D., C. faz lenta panorâmica e vai enquadrar em P.A., as duas mulheres à janela, comentando penalizadas:

PRIMEIRA MULHER - Pobre mulher ! Perdeu completamente o juízo !

SEGUNDA MULHER - E não era pra menos, ^{Rosinha} ~~garanda~~ ! Soube de tudo em Barbacena...

Ficou assim com a morte da filha... Uma desgraça, ~~!!~~

EXTERIOR - RUA DE SÃO JOÃO DEL REI - NOITE

109. Bárbara Isabel caminha, por outra velha rua da cidade. Rebola-se sem nenhuma graça, entoando uma velha cantiga regional. Na trilha sonora, além de seus passos secos, ferindo o calçamento de pedra, continua ~~se~~ a ouvir ^{se} a fala das duas mulheres do plano anterior. OFF:

PRIMEIRA MULHER (OFF) - Perdeu a filha e o marido... Ele suicidou-se na prisão.

SEGUNDA MULHER (OFF) - E a filha de ^{uorreu} ~~uma~~ febre cerebral...

EXTERIOR - PRAÇA DE SÃO FRANCISCO - AMANHECER

110. Bárbara Isabel, sempre no mesmo passo rebolado sem nenhuma graça, atravessa, agora, a praça da Igreja de São Francisco de Assim, aproximando-se de casa. Na trilha sonora ainda se escuta OFF a voz das duas mulheres:

~~SEGUNDA MULHER - Mãe de Deus ! Como é que pode perder marido e filha assim ?!...~~

~~PRIMEIRA MULHER - Passa as noites inteiras assim: perambulando sem rumo... Dizendo os versos do marido, cantarelando... só volta pra casa quando amanhece... Que sina...~~

~~SEGUNDA MULHER - Que sina !...~~

EXTERIOR - PRAÇA DA CASA DE BÁRBARA - MANHÃ MUITO CEDO, AINDA ESCURO

111. Ameaçando clarear na pracinha onde fica a residência de Bárbara, um funcionário da câmara vai apagando os lâmpioes públicos.

Um homem passa a cavalo e algumas mulheres buscam alcançar a primeira missa. Vão de

xaiies coloridos, procurando agasalhar boca e nariz. Passam sem dar nenhuma importância à Bárbara que chega, abre o portãozinho de sua casa e entra, sempre entoando palavras.

INTERIOR - CASA DE BÁRBARA - MANHÃ JÁ CLARO

112. Depois de atravessar o salão principal, tudo em desordem, Bárbara chega ao escritório de Alencastro, também pouco ordenado, e, como se a movesse uma força atávica, vai direto abrir a ~~escrevaninha de tempo de sanfona~~ ^{papeleira de Lúcio XVIII}. Depois de vasculhar ao acaso alguns papéis com ~~a escrevaninha aberta~~ ^{o móvel}, descobre um envelope cheio de versos. Abre o envelope, senta-se e começa a ler.

Na trilha sonora ouve-se a voz inconfundível de Alencastro, lendo os versos, como se fosse Barbara Isabel:

ALENCASTRO (voz OFF) - Eu bem queria
a noite e o dia
sempre, contigo,
poder passar...
mas orgulhosa
sorte invejosa
desta fortuna
me quer privar...

114. P.P. de Bárbara Isabel, atônita, profundamente deprimida, à certa altura deixa a poesia cair-lhe das mãos:

BÁRBARA ISABEL (murmurando em lágrimas) - Minha Nossa Senhora... Olhe pra mim !...

Em seguida, com movimentos pesados e lentos, Bárbara se abaixa, apanha no chão a poesia, acende uma vela e queima-a, deixando as cinzas caírem descuidadamente no tapete.

Sentada diante da papeleira aberta, abarrotada de poesias outras, Bárbara fica olhando as cinzas se consumirem. Uma a uma vai queimando as demais (cerca de duas ou três darão a extensão geral). Das cinzas, os olhos de Bárbara vão ao encontro de uma espátula fina que sobressai entre as páginas de versos.

115. Deixando Bárbara Isabel em 3/4 de perfil, à E. do quadro, C. focaliza, no centro e à distância a escrevaninha aberta e, entre mais poesias, a espátula ponteaguda. Bárbara, suavemente, estende a mão e toma da espátula. Sempre devagar, ergue-se e pára.
116. Em nova angulação, C. focaliza Bárbara Isabel que completa o movimento de voltar-se. Já com a espátula nas mãos, encaminha-se para a sua cadeira de balanço predileta. Senta-se cansadamente.

Depois de uma pausa em que é focalizada a fisionomia dolorosa da mulher, C. focaliza a espátula ensanguentada tombada no chão.

117. De outro ângulo, C. aproxima-se, lenta, da mulher, deixando ver um filete de sangue que lhe corre pelo canto da boca, mesmo assim serena, e o vestido já encharcado. Na trilha sonora, se ouve a voz OFF de Alencastro, declamando:

ALENCASTRO (OFF) - "Eu, entre os braços,
ternos abraços
da filha..."

118. Depois de enquadrar a cadeira de balanço e Bárbara Isabel de perfil com o balançar lateral do móvel, pouco a pouco diminuindo de movimento, C. faz lento movimento de grua para baixo, até focalizar, quase à altura do assoalho, a parte inferior da cadeira parando. No chão, há pingos de sangue.

EXTERIOR - PRAÇA E RUAS DE MARIANA - NOITE

119. O farmacêutico Damasceno Freire da Silva Alencastro, filho de José Manuel da Silva Alencastro e de Bárbara Isabel Peixoto de Alencastro, homem de 57 anos de idade, deixa um bar na praça da Sé, no centro de Mariana, e, acompanhado pelo amigo inseparável, companheiro de cerveja, cachaça e uma boemia mais ou menos bem comportada, Jesuino Moreira Raposo, sai a caminhar pelas ruas e vielas quase desertas da antiga vila do Ribeirão do Carmo, em dia indeterminado do ano (outubro) de 1935. Sobre essa caminhada, documentada pela objetiva, surge em sobre-impressão, o letreiro indicativo|

LETREIRO: MARIANA, 1935

Damasceno meio embriagado, como, de resto, seu companheiro, faz confidências nostálgicas ao amigo enquanto, ao fundo, dois ou três vultos notívagos quebram a calma da noite. Luzes, além de uma ou outra janela iluminada, são apenas as dos ^{lâmpadas dos postes} lampiões públicos. Damasceno, brincando com sua bengala, diz:

DAMASCENO - É isso, menino ! Vida de viuvo solitário, num fim de mundo: como é esta Mariana é uma merda sem perspectivas... (Damasceno pára, dá um cambalêio por causa da bebida, segura-se no braço do amigo) Seu Jesuino, é o que lhe digo: uma merda !

JESUINO - E seu filho ? Por que você não manda buscar o rapaz ? Afonsinho seria uma boa companhia pra você...

Jesuino também avança com certa dificuldade. Puxado de novo pelo braço, pára outra vês para ouvir Damasceno:

DAMASCENO - Já pensei nisso... Je...Jesuino (Damasceno tem dificuldade em pronunciar o nome do amigo) . Afonsinho está muito bem com a avó... Ouro Preto, meu velho, Ouro Preto é outra coisa ! Aqui, eu... o dia inteiro na farmácia...

Jesuino ouve com atenção. Também deixa escapar um soluço para dizer, depois de uma pausa:

JESUINO - É... Olha, Damasceno... não daria certo,não !

Caminham mais alguns metros, em silêncio, quando cruzam com mais um vulto retardatário:

JESUINO - E se você se casasse de novo ? Você ainda dá no couro, não dá ? Terminada a fala, Jesuino luta para acender um cigarro. Damasceno faz um gesto de "pode ser, pode não ser", mas pergunta com gaiatice:

DAMASCENO - Quer experimentar ? Mas, falando sério, Deus me livre de casamento, menino ! Não vou estragar a boa lembrança que Eponina me deixou... (tirando o chapéu como numa reverência) Deus a tenha em bom lugar que ela merece !

Num muro baixo, ao fim de uma ladeira completamente deserta e sem iluminação pública, Sentam-se, depois de escolherem lugar limpo:

DAMASCENO - O pior, menino, é que o sacana de meu auxiliar pediu-me as contas. Diz que vai pra Belo Horizonte, fazer pela vida...

JESUINO - O Raimundo ? O Raimundo põe-se ao fresco, diz você ?

DAMASCENO - Veja você meu azar ! (sempre com dificuldade, Damasceno também tenta acender seu cigarro no do amigo) Aquele menino foi criado por meu tio. Nasceu, por assim dizer, entre as drogas do velho. Meu braço direito. (pausa) O Raimundo vai-se embora. Que fazer ? (Damasceno encolhe os

ombros ante a fatalidade de perder o auxiliar.

Como o céu está estrelado, Damasceno começa a dizer versos de Alphonsus dos Guimarães. A voz é quase ridiculamente declamatória. Ele fica de pé, abre os braços, depois aponta para o céu bonito.

DAMASCENO (voz empostada) - "Estrela solitária que me espia na desolada paz do ermo silente..." Conheces isso, menino?

JESUINO - E quem não conhece? Grande Alphonsus! Grande poesia! Também tu, Damasceno; também tu és um poeta!

Os dois recomeçam a caminhar até chegarem à porta do farmacêutico ali de junto:

DAMASCENO - Agora, vá pra casa, menino! (Já com a mão na porta da casa, diz) Chega de botequim! Vá dormir que sua mãe não se deita antes de você chegar em casa... Boa velhinha...

Depois que Damasceno entra, Jesuino prossegue devagar, de vez em quando dando um passo para trás, a refazer o equilíbrio e desaparece na escuridão.

F U S ã O

EXTERIOR - PHARMACIA SÃO LUCAS - DIA

120.

Depois de enquadrar uma das duas portas da "Farmácia São Lucas", na rua Direita, C. recua em Travelling, deixando ver a porta que se abre pelo lado de dentro e o farmacêutico Damasceno, de avental, iniciando um novo dia de trabalho.

Recuando sempre, C. mostra a outra porta já aberta, a calçada desgastada e parte da rua Direita, com alguns transeuntes se cruzando na principal rua comercial da cidade.

São homens conversando, outros passando ligeiros, um rapaz cheio de caixas. Um vendedor de coisas, puxando seu cavalo carregado.

A primeira cliente do dia é uma velha ossuda, que desce a rua agasalhando o nariz num grande xale de xadrez e entra no estabelecimento.

INTERIOR - PHARMACIA SÃO LUCAS - DIA

121 -

A velha chega ao balcão da farmácia, que ostenta em cada canto as duas tradicionais ênforas grandes, cheias de água, uma tingida de vermelho, outra de verde, além das prateleiras típicas de uma velha farmácia do interior mineiro. A velha, fungando o nariz, diz a Damasceno:

VELHA OSSUDA - Bons dias, seu Damasceno. Que Deus esteja nesta casa!

DAMASCENO - Bom dia, dona Carminha! Que Ele esteja também com a senhora! Como vai de saúde? O ar é dos melhores...

VELHA OSSUDA - Que nada, seu Damasceno! Agora é esse defluxo que me aperreia desde sábado! Que me dá o senhor para isso?

DAMASCENO - O melhor remédio, dona Carminha é limão espremido em cachaça quente com bastante alho. Mas como não vendo essas especiarias, posso é recomendar uns comprimidos de aspirina.

Enquanto fala, Damasceno apanha o remédio que entrega a dona Carminha. Ela paga e ele aciona uma incrível máquina registradora de idade indefinida. Faz o troco e a freguesa vai saindo com os votos do farmacêutico:

DAMASCENO - Vá com Deus, ^{dona Carminha} ~~menina~~, e que o remédio faça bom efeito!

VELHA OSSUDA - (Já na porta, quase esbarrando com Jesuino que entra) Há de fazer, seu Damasceno... Deus lhe dê vida e saúde...

JESUINO -... E alegria! Alegria é o que nos ^{falt} ~~sabe~~, minha gente!

DAMASCENO - Diabo, que vens cedo! Deu formiga na cama? Chega, menino!

JESUINO - (Já dentro do balcão) É ^{so b/w} o substituto do Raimundo! É isso a que vim, Entende?

DAMASCENO - Substituto? Que diabo é isso? Entende o que?

JESUINO - Melhor dizendo: vim trazer-te uma substituta para o Raimundo.

DAMASCENO - Substituta ? Uma mulher, Jesuino ? Estamos arranjados ! Uma mulher, diz você ? Pra que ? Pra me embrulhar as receitas ? Embaralhar as drogas, trocar tudo de lugar... Ora... Ora...

Enquanto a C. prossegue focalizando o bom-humor do farmacêutico, a brincar com a notícia que o amigo lhe trás, ouve-se Jesuino em voz OFF:

JESUINO - Ora... ora... digo eu ! Então tens preconceito com as mulheres ? Não admite que elas, hoje, são muito mais eficazes do que nós, uns cachaceiros ? Essa que lhe trago é moça; tem prática de farmácia; cursou três anos a Escola de Ouro Preto... Não custa experimentar...

Jesuino, já focalizado pela C., completa, piscando um olho, cheio de malícia:

JESUINO - Além disso, velho ranzinza, é um brinco... um mimo... uma joia !

DAMASCENO - De que me servirá ^{essa joia} ~~tudo isso~~ se não for competente ?

JESUINO - Homem, dou garantia do produto ! Não se esqueça que a moça estudou na mais antiga e tradicional escola de farmácia do Brasil !

Entra um novo cliente: um mulato alto e magro, de óculos:

MULATO ALTO E MAGRO - São Damasceno, bom dia ! Ainda que mal pergunte, o senhor tem Elixir de Inhame ? (o cliente faz pose pernóstica de espera)

DAMASCENO - Se o senhor quiser, pode levar até uma dúzia de frascos...

Enquanto Damasceno sai fora de foca para ir apanhar o remédio, Jesuino vai espiar, da porta, o movimento da rua. Cumprimenta uma ou duas pessoas que passam. C. focaliza o mulato alto e magro saindo com seu embrulho. Cumprimenta ligeiramente Januário, de cabeça, e toma pela E.

De dentro do balcão, Damasceno, despindo o avental fala:

DAMASCENO - Bem, Jesuino. Olha... seja o que Deus quiser: mande-me sua protegida amanhã cedo. Digamos: às oito horas.

SEQUÊNCIA 24

EXTERIOR - RUA DE MARIANA - DIA

122. C. documenta a apressada caminhada de Celeste, a partir da casa onde mora com dona Marieta, tia idosa e cozinheira famosa em toda a cidade. A casa deve ficar pelos lados da igreja do Rosário.

Celeste, mocinha bonita, frágil e delicada, veste um casaco de lã, com um xale no pescoço, e caminha apressadamente. Atravessa ruas e vielas, desce e sobe ladeiras e, ao ouvir o relógio de uma igreja soar as 8 horas da manhã, apressa mais o passo, preocupada com o atraso.

E chega à Rua Direita só 10 minutos atrasada.

INTERIOR - FARMÁCIA SÃO LUCAS - DIA

123. Damasceno, nos fundos da farmácia, avia receitas e, distraído, não percebe a chegada de Celeste que, intimidada, pára diante do balcão, esperando.

Pouco depois, indo apanhar qualquer coisa na loja, o farmacêutico avista a moça que, embaraçada, lhe fala:

CELESTE: Bom dia... O senhor me desculpe o atraso... Sou a Celeste...

4

Damasceno aproxima-se, curioso. Ajeita uns óculos que tira do bolso e olha para o mostrador do relógio de parede que está aos fundos da loja. Guarda os óculos e observa a recém-chegada cuidadosamente, com olhos argutos. E diz, tranquilizador:

DAMASCENO - Ah, muito bem... Com que então você é a Celeste, a recomendada do Jesuino...?

CELESTE - Exatamente ! Meu pai, Ubaldino, foi muito amigo do seu Libório, pai dele... O Jesuino é muito nosso amigo.

Procura alguma coisa na bolsa enquanto acrescenta:

CELESTE - Trouxe aqui uma carta de recomendação do meu ex-professor, Arduino Matias...

Damasceno não dá importância à carta que, depois de segurar uns instantes, abandona sobre uma mesinha cheia de frascos, depois de apenas passar os olhos sobre o texto:

DAMASCENO - Olha aqui, menina: há três coisas que já a recomendam muito bem.

Ter sido aluna do Arduino, ser amiga do Jesuino e, principalmente, por chamar-se Celeste !

Empurra o recipiente em que mistura uma receita por aviar e, voltando-se para Celeste declama, perguntando antes: *começa a declamar:*

~~DAMASCENO - Quer ouvir uma coisa bonita ? Escuta lá: "~~

~~Damasceno aproxima-se, curioso, observa a recém-chegada com olhos argutos, enquanto lhe diz, tranquilizador:~~

~~DAMASCENO: Ah, muito bem, você é a Celeste, recomendada do Jesuino...~~

~~CELESTE: Meu pai, Ubaldino, foi muito amigo de "seu" Libório, pai do Jesuino...~~

~~Procura alguma coisa na bolsa, enquanto acrescenta:~~

~~CELESTE: Trouxe umas cartas de recomendação, do professor Arduino Matias, do Promotor...~~

~~DAMASCENO: Olha aqui, minha filha, há três coisas que a recomendam muito bem: ter sido aluna do Professor Arduino, ser conhecida do Jesuino e, principalmente, chamar-se Celeste...~~

~~Vai apanhar o recipiente, com o qual avia uma receita e, voltando para perto de Celeste, declama, enquanto mistura os preparados:~~

~~DAMASCENO (declamando):~~

~~"Celeste... É assim, divina, que te chamas, Belo nome tu tens, Dona Celeste...~~

~~Que outro terias entre humanas damas,
Tu que embora na terra do céu vieste?"~~

Câmera inicia lento Trav-Avante até fixar Celeste em P.P. A moça cria coragem e, inesperadamente, *começa a dizer a seguinte estrofe de Alphonse de Guimaraens:*

CELESTE (declamando):

"Celeste... E como tu és do céu não amas:
Forma imortal que o espírito reveste..."

124. Em movimento idêntico, câmera avança, em Trav., até enquadrar Damasceno em P.P.

Feliz, muito admirado, deixando aflorar no rosto um sorriso conivente, Damasceno fica ouvindo Celeste, que continua, em voz off:

CELESTE (prossequindo, em voz off):

"...De luz, não temes sol, não temes chamas,
Porque és sol, porque és luar, sendo celeste."

125. Mudando a angulação, câmera focaliza Celeste e Damasceno em P.A.. Depois circula em torno dos dois, centralizando ora um, ora outro. Terminada a estrofe, dita por Celeste, Damasceno, por sua vez, feliz e surpreendido, continua:

DAMASCENO (declamando):

"Incoercível como a melancolia,
Andas em tudo: o sol no poente vasto
Pede-te a mágoa do findar do dia."

E Celeste conclui, ^{o poente} com voz delicada, de harmoniosa inflexão:

CELESTE (declamando):

"E a lua, em meio à noite constelada,
Pede-te o luar indefinido e casto
Da tua palidez de hóstia sagrada."

Terminado o ^osoneto, tocados pela substância poética, Damasceno e Celeste ficam algum tempo em silêncio.

Depois o farmacêutico fala, comovido:

DAMASCENO (transbordante de ventura):

O lugar é seu, menina! Mesmo que, daqui por diante, não vendamos muitos remédios, vamos ter, pelo menos, bons versos pra declamar... Grandes tertúlias! Grandes tertúlias, menina Celeste! E a poesia ainda é a melhor cura para almas sofridas e solitárias, como esta minha... Você me chega mesmo como a hóstia consagrada do soneto... Como a lua, em meio à noite constelada...

6

EXTERIOR - SINOS DE IGREJAS - ANOITECER

126. Câmera enquadra, em primeiros-planos expressivos, alguns sinos de igrejas de Mariana, dobrando às 6 horas da tarde.

SOM - Soar variado, de timbres diversos, de sinos de velhas igrejas de Mariana.

INTERIOR - BAR - NOITE

EXTERIOR - PONTE DE MADEIRA - NOITE

127. Damasceno e Jesuíno estão ^{Sentam num canto de um bar popular} parados no centro da velha ponte de madeira sobre o Ribeirão do Carmo, a mesma que Alphonsus de Guimaraens cantou em versos. ^{Os dois amigos conversam, observando o deslizar macio das águas.}

DAMASCENO - (meditativo) - Sei, não, menino ! Este levante comunista que o rádio andou anunciando, há de ter consequências bem funestas para o Brasil. Você não vê, nisso tudo, um belo pretexto para a implantação de uma ditadura ?

JESUINO - Olarilas se veja ! Logo o Getúlio que não tem nenhuma afinidade com eleições... com democracias...

DAMASCENO (preocupado) É um caudilho muito esperto, Jesuíno ! É o homem de deixar como está pra ver como é que fica ! Dá golpes em todo mundo, comunistas ou fascistas, e vai se eternizando no poder...

JESUINO - É o getulismo... O pai dos pobres... Uma besta !

Damasceno balança o dedo indicador à altura do rosto do companheiro e confirma:

DAMASCENO - Uma besta, menino !

Escolhe uma pedrinha no chão, atira-a no rio e fica observando dos halos que a pedra abriu no espelhado das águas. Depois, acrescenta:

DAMASCENO - É verdade... Mudando de assunto, Jesuíno: você sabe que a Celeste vai indo melhor do que a encomenda ? Caprichosa no que faz... Discreta, sensível. Ótima de temperamento !

JESUINO - Eu não lhe disse ? Viu como acertei em cheio ? A Celeste é um meninão de garota !

Damasceno fica indeciso se deva ou não dizer. Por fim, ainda que embaraçado, fala:

DAMASCENO - Me convidou para almoçar. Domingo. Na casa da tia. Estou meio em dúvida... Que você acha ? Talvez não fique bem...

JESUINO, imitando a brincadeira do amigo, também escolhe um calhauzinho que atira no rio.

JESUINO - Besteira tua ! O que não fica bem é negares o convite...

Damasceno, como que se decidindo, dá alguns passos sobre a ponte. Depois pára, agarra um botão do casaco do amigo, para dizer:

DAMASCENO - É que já sou meio velhusco, menino ! Eu é que sei !

Depois, sou patrão da moça... Logo, começam a falar...

Jesuino dá uma gargalhada, divertido. apanha um galhinho de planta que se debruça sobre a p e morde-o, antes de falar:

JESUINO - E você liga pra mexericos, seu compadre ? Olha: a comida da dona

Marieta é a melhor do mundo. Maravilhosa ! *Quer beber o pelisco?...*

INTERIOR - CASA DE DONA MARIETA - DIA

128. C. detalha um prato ou panela fumegante no fogão de lenha da casa da tia de Celeste, próxima à igreja do Rosário. Em detalhe, a fumaça que se esvai por uma fresta do teto, através de um raio de sol.

Depois, C. recua, abrindo o quadro da cozinha e mostrando a simpática dona-da-casa, de avental bordado com uma frase ainda usual (como "Bom Apatite ou Bom Dia"), temperando um frango ao molho pardo. Perto dela uma preta gorda e sorridente, atiza o fogo e mexe uma panela que também fumeja.

129. Na sala-de-visitas, mobiliada com gosto muito suspeito, cheia de bric-a-brac's, Damasceno está sentado numa cadeira de palhinha, seriamente embaraçado com seu chapéu que passa de uma para outra mão, sem achar com jeito. Celeste, ainda de pé, socorre-o, tomando-lhe o chapéu:

CELESTE - Com licença, seu Damasceno ! Esteja a seu gosto !

Livre do chapéu, Damasceno, ainda cheio de dedos , tira do bolso um cigarro de palha já enrolado, apanha uma caixinha de fósforos e, também com o cigarro e os fósforos nas mãos, ainda fica sem saber o que faça. Novamente Celeste socorre-o, alcançando-lhe um amplo cinzeiro de vidro.

DAMASCENO - Incomodo ? O fumo...

CELESTE - Fume, senhor Damasceno.. Já lhe pedi que fique à vontade...

Celeste, toda sorrises e muito senhora dela mesmo, senta-se, com muita graça e leveza, perto do farmacêutico. Sentada mesmo, apanha dois cálices e uma garrafinha na mesa ao lado, serve-se e serve sua visita:

CELESTE - É licor de jabuticaba feito pela titia... O senhor vai gostar...

Damasceno bebe dois goles e depois exclama, sincero, com entusiasmo:

DAMASCENO: Uma delícia, Celeste! Nunca bebi um licorzinho tão gostoso!...

A conversa, nesse ponto, é interrompida pela chegada de Dona Marieta, já sem avental, que vem avisar:

DONA MARIETA: O almoço está na mesa, "seu" Damasceno. Celeste, traga o patrão para a sala, querida...

8

INTERIOR - SALA DE JANTAR - DIA

130. O almoço está chegando ao fim. À cabeceira da mesa antiga, Damasceno saboreia o resto de frango e seus acompanhamentos. Bebe um gole de vinho e, meio empanturrado, comenta para Dona Marieta e Celeste, uma à sua direita, outra à esquerda:

DAMASCENO: O Jesuíno tem toda razão, Dona Marieta! Nunca comi nada mais delicioso! A senhora tem mão de mestre!...

Dona Marieta, lisonjeada, prodigamente recompensada pela trabalhadeira na cozinha, exclama, muito feliz com o elogio, bastante sincero, por sinal:

DONA MARIETA: Bondade sua, "seu" Damasceno!... Comidinha caseira, de gente pobre...

DAMASCENO: Que nada, Dona Marieta, nem o Barão de Rothchild comeria melhor no "Maxim's" de Paris!...

DONA MARIETA: Está falando difícil, "seu" Damasceno!... Que gente é essa?...

Damasceno deixa a mesa, põe a mão na barriga, demonstrando enorme satisfação gastronômica e, copo à mão, vai à janela, espia a cidade, enquanto explica:

DAMASCENO: Rothchild é o homem mais rico do mundo, e o "Maxim's" é o restaurante mais famoso de Paris...

CELESTE: O senhor já esteve lá, "seu" Damasceno?

DAMASCENO: *Eu, em Paris?!*
Sou um mineirão empedernido, Celeste, nunca saí do Brasil, aliás, de Minas Gerais... Bem que gostaria, bem que gostaria!...

Caminha na direção de Celeste, que ajuda a tia a retirar os pratos, desfazendo a mesa, coloca carinhosamente a mão no ombro da auxiliar e, com a voz meio pastosa, por influência do vinho, lhe diz:

9
DAMASCENO: Celeste, vou lhe pedir uma coisa: não me chame mais de senhor, de "seu" Damasceno, de patrão. Pode fazer isto? Eu ficaria muito feliz...

Celeste olha Damasceno com olhos gaiatos e responde, sorrindo:

CELESTE - Sim, senhor meu patrão ! As ordens do senhor serão cumpridas imediatamente !

Os dois como que se abraçam ligeiramente, divertidos com a farça. Mas Celeste, pondo-se subitamente séria, exclama quase como num suspiro:

CELESTE - Damasceno... Você... Você... Damasceno...

Celeste, na ausência da tia, que fora à cozinha, recosta-se ligeiramente no farmacêutico que, excitando-se, comovido, atraí-a para si, e lhe fala, amorosamente, quase em sussurro:

DAMASCENO: Gosto de você, Celeste... Sua presença jovem, meiga, de tanta doçura, traz alegria, luz e calor à minha vida... "Porque és sol, porque és luar, sendo celeste"...

Celeste recosta amorosamente a cabeça no ombro do farmacêutico que, contendo a emoção, lhe afaga os cabelos.

Quando ouvem os passos de Dona Marieta, retornando à sala, separam-se e vão à sala de visitas, para o cafezinho tradicional.

SEQUÊNCIA 25

INTERIOR - "PHARMACIA SÃO LUCAS" - DIA

132. No interior da farmácia, Damasceno atende a três moradores, enquanto Celeste, na parte dos fundos, avia receitas, já com tarimba e desembaraço.

Chega à loja, caminhando vagarosamente, um homem de meia-idade, os cabelos grisalhos, o rosto pálido e escavado.

Damasceno atende-o com solicitude, perguntando:

DAMASCENO: Como está passando, professor? Está melhor?... Resolveu seu problema digestivo ?

PROFESSOR: Melhorei um pouquinho, Damasceno, mas continua essa dor de estômago enjoada, renitente!

Damasceno apanha, numa prateleira, um remédio da época, e o estende ao freguês, dizendo:

DAMASCENO: Por que o senhor não vai fazer uma consulta em Belo Horizonte, professor?...

PROFESSOR: Já fui, Damasceno, não adiantou nada!

Neste instante, Celeste aproxima-se do farmacêutico, pedindo:

CELESTE - Onde o senhor (hesita um pouco para prosseguir) Onde você guardou o frasco de sal amargo que estava aqui, Damasceno?

DAMASCENO aponta pra uma prateleira atrás da moça

DAMASCENO - Ali, Celeste! Vai apanhar...

Enquanto Celeste volta à labuta de aviar suas receitas, Damasceno despacha o Professor que sai sob o olhar afetuoso do farmacêutico. Então, Damasceno chega pra perto de Celeste e, passando paternalmente a mão por sobre os cabelos da moça, comenta:

DAMASCENO: Veja você, Celeste, que coisa triste: aquele homem, que acabou de sair, está com câncer, não sabe de nada, pensa que é problema de estômago... Ninguém tem a coragem de lhe ^{dizer} a verdade, nem a família, nem os amigos.

CELESTE: Coitado! A vida tem dessas coisas,

Damasceno... Por melhor que ela seja é sempre uma despedida que vai se prolongando... (Celeste fica triste com os olhos nos olhos do patrão.)

Damasceno aproxima-se mais da auxiliar e, tomando-lhe a mão, faz o convite:

DAMASCENO: Celeste: quer ir comigo, neste domingo, à Cachoeira das Andorinhas? A gente faz um pic-nic... Se quiser, pode levar Dona Marieta...

CELESTE: Titia sempre diz que não gosta de fazer o papel de pau-de-cabeleira...

Recosta-se no farmacêutico e lhe diz, com voz de grande doçura:

11

CELESTE: Vamos só nós dois, Damasceno... Não precisa ir mais ninguém...

SOM - Ruído antecipado de um carro modelo 1932, subindo a serra que leva à cachoeira.

EXTERIOR - SERRA E CACHOEIRA DAS ANDORINHAS - DIA

133. "Flashes" de cobertura para o passeio de Damasceno e Celeste.

O farmacêutico guia um Ford armário, modelo de 1932, com o ruído característico do motor da época.

Câmera documenta, em planos expressivos de cobertura, a subida da serra e a chegada à majestosa região da Cachoeira das Andorinhas, entre Mariana e Ouro Preto, de onde se avista o pico do Itacolomi.

Perto da cachoeira, uma das mais belas da região, Damasceno e Celeste preparam o pic-nic sob grande e copada árvore, em local de onde se avista o maciço imponente do Itacolomi.

Celeste estende a toalha, sobre a qual deposita o farnel trazido de Mariana. Damasceno abre uma garrafa de vinho, enche dois copos e, antes de beber, faz um brinde:

DAMASCENO: Um brinde à moça que está trazendo alegria e felicidade ao cinquentão solitário...

Os dois sorvem um gole. Depois Celeste retribue:

CELESTE: Retribuo o brinde e presto homenagem ao melhor patrão do mundo!...

Damasceno faz um gesto e impede Celeste de beber, dizendo:

12

DAMASCENO - (fingindo muita seriedade) - Queira fazer-me o favor, senhorita Celeste: Sempre detestei ser apelidado de patrão ! Horriveis essas idéias de hierarquias e cerimoniais... Quero outro brinde. Como patrão: exige !

Os dois começam a rir da brincadeira. Celeste retoma o copo:

CELESTE - Concorde tanto com você que vou brindar, por exemplo, o homem mais generoso do mundo; o amigo mais solitário; o poeta mais sensível... (e, olhando o companheiro nos olhos, completa com finura) o companheiro afetuoso e gentil que se atravessou na minha vida !

DAMASCENO - (comovido) - Agora, sim ! Melhorou muitíssimo, minha Celeste...

Por momentos, os dois bebem felizes, cada qual imerso em sua própria ventura. Damasceno, vez comovida, diz:

DAMASCENO - Foi o brinde mais bonito que ouvi em toda minha vida !

Bebe outro gole, recosta-se no tronco da árvore, toma a mão de Celeste e a atrai mais para junto de si. Em seguida, envolvido pelo instante de ternura e lirismo, enlaça-a amorosamente, beija os cabelos, as mãos, o rosto de Celeste, com delicadeza e emoção. Ficam algum tempo em silêncio, contemplam a paisagem majestosa, a serra, a mata, as nuvens com desenhos caprichosos.

Câmera documenta o instante emotivo, passeia em torno dos dois, descobre a paisagem deslumbrante.

Depois de alguns momentos de silêncio, Damasceno, acariciando ternamente a companheira, confessa, comovido:

DAMASCENO: A melhor coisa que me aconteceu, nestes últimos tempos, foi sua chegada, com ligeiro atraso, à "Pharmacia São Lucas", lembra-se?

CELESTE: Nunca vou me esquecer, Damasceno: em vez de 8 horas, cheguei às 8 e 10... Nervosa, o coração batendo depressa... E você ficou olhando pro relógio !

DAMASCENO - Pra ver quantos momentos de delícia a vida me roubou... Damasceno volta-se para Celeste e, muito próximo dela, contempla-a amorosamente. E não resiste mais: beija-a na boca, demoradamente. Celeste abraça-o com força, prolonga o beijo inesperado.

Os dois, em seguida, abraçados, unidos pela emoção e o desejo, ficam calados, num silêncio cúmplice e cheio de entrega.

Depois Damasceno fala,

13

DAMASCENO: Gosto muito de você, Celeste! Gosto tanto que a quero comigo, hoje, amanhã, para sempre...

Meio encabulado, mas com decisão, o farmacêutico completa: com-

DAMASCENO: Estou lhe fazendo um pedido de casamento...

134. Câmera inicia lento Trav-Avante e vai enquadrar Celeste em P.P., revelando-lhe o rosto tímido e surpreendido, mas feliz. Nada diz, limitando-se a ouvir Damasceno, que prossegue, em voz off:

((voz off))
DAMASCENO Sei que há esta grande diferença de idade, vão dizer que você poderia ser minha filha, ou minha neta...

134. P.P. de Damasceno, continuando:

DAMASCENO: Isto não me incomoda. Não dou importância a diz-que-diz e falatório. Mas, se você pensar diferente, minha filha, fica o dito por não dito!...

Câmera recua, em Trav., abrindo o quadro, até enquadrar o casal em P.A., favorecendo Celeste. A moça, emocionada, responde, graciosamente:

CELESTE: Também gosto muito do sen... de você, Damasceno. Como avô, como pai, como amigo!...

A acrescenta, olhando-o expressivamente nos olhos, com doçura:

CELESTE: E como marido...

INTERIOR - IGREJA DAS MERCÊS - DIA

136. Na velha Igreja das Mercês, em Mariana, termina a cerimônia de casamento de Damasceno e Celeste, tendo como padrinhos, entre outros, Jesuíno e Dona Marieta.

No templo há poucos convidados, destacando-se, na primeira fila, Dona Belmira e o neto, Afonsinho, filho de Damasceno e da falecida Eponina, além de Dona Maria do Carmo, irmã da primeira mulher de Damasceno, e sua filha

Elisa, pouco mais velha do que Celeste, moça de grande beleza.

O sacerdote dá a bênção final, Damasceno beija Celeste e, em seguida, **os dois vão** para os cumprimentos na sacristia.

137. Na sacristia, na fila de cumprimentos, Elisa aproxima-se de Celeste, beija-a e **fita-a com** olhar envolvente, de brilho intenso, do qual flui uma sensualidade que deixa Celeste ligeiramente perturbada.

Elisa, ao beijar a noiva, confessa com grande ternura: **a voz enrouquecida, não esconde a líbido:**

ELISA: Você está linda, Celeste!...

E se afasta, enquanto outros convidados chegam para cumprimentar os nubentes. A certa altura, o olhar de Celeste fixa-se em Elisa que também a observa, discretamente, **mas dominadora.**

INTERIOR - CASA DE DAMASCENO - NOITE

138. Na residência de Damasceno, pintada de novo e guarneçada com os velhos móveis do Tijuco, realiza-se íntima e simpática recepção aos convidados do casamento.

Ali estão praticamente as mesmas pessoas vistas na Igreja, ocupadas com o succulento jantar preparado por Dona Marieta, com o vinho de Caldas e a boa cachaça de Januária.

Câmera documenta a festa alegre e ruidosa, musicada pela vitrola que Damasceno havia comprado.

Celeste, ^{ainda} sempre com o bonito traje de noiva, está sentada diante de Elisa e sua mãe.

Damasceno tem o filho, menino de 4 anos, a seu lado, enquanto Jesuíno, já meio embriagado, pergunta, a certa altura:

JESUÍNO: Então, mano velho, te enforcaram, hein?... Quem diria, sô!...

DAMASCENO: Agora só falta você, Zé do Mato!... Quando chega sua vez?...

JESUÍNO: Nunca, homem! Cruz credo, te arrene-go!...

Bebe mais alguns goles. Depois acrescenta:

JESUÍNO: E onde é que vai ser a lua-de-mel?...

DAMASCENO: Aqui mesmo, Jesuíno. No fim do ano levo a Celeste ao Rio de Janeiro.

JESUÍNO: E os móveis, chegaram?

DAMASCENO: Chegaram. Atrasou um pouco, pois o caminhão do Euclides quebrou na estrada.

Neste instante, pedindo silêncio, Padre Marinho, que celebrara o casamento, propõe o brinde:

PADRE MARINHO: Brindo pela felicidade eterna de nossos queridos amigos! Que Deus os abençoe!

Um velho, freguês tradicional da farmácia, interfere, com voz roufenha, ^{com} a brincadeira tradicional, que provoca barulho e gargalhadas:

VELHO DE VOZ ROUFENHA: Aos dois e aos filhos, que espero venham logo!...

Damasceno então se levanta e, copo à mão, agradece:

DAMASCENO: Agradeço penhoradamente, em nome de Celeste e do meu. Vocês são amigos muito queridos. Ergo também minha taça pela saúde e felicidade de vocês todos!

139. Todo o grupo deixa a mesa de refeição e se espalha pela casa e o jardim.

16
Por entre a folhagem, C. mostra Elisa em caça inteligente à Celeste. Achando-a num recanto, aproveita uma saída ocasional de Damasceno que vai ao interior da casa, e se aproxima da noiva, fingindo uma eventualidade. Abre-se num sorriso cativante mas sempre com um cunho dominador:

ELISA - Você, Celeste... que loucura ! Quero sempre ser sua amiga... sempre... sempre... Deus te dê toda a felicidade ...

Celeste, inteiramente dominada por tamanha ^{que f. b. z.} cativância, responde ^{com} ~~com~~ ^{languidez} ~~com languidez~~:

CELESTE - Sim... sim, Elisa. Obrigada por tudo...

Elisa toma-lhe a mão, em movimento tão subreptício, ^{Celeste} que Elisa nem percebe que está levando sua mão aos lábios da amiga. E Elisa beija-lhe a mão, a princípio brevemente mas, depois, com demora e ^{sexualidade} ~~sexualidade~~.

ELISA - As pessoas que mais estimo me chamam de Lili...

E depois de mais um demorado beijo nas mãos, agora juntadas, de Elisa, diz com decisão:

ELISA - Quero que você me chame de Lili !

Damasceno chega do interior da casa com duas taças na mão. Vem, evidentemente, para beber mais uma vez com a noiva. Vendo as duas, encaminha-se para o banco onde elas estão sentadas numa obscuridade agradável e, elegantemente, oferecendo os cálices às duas, comenta, enlaçando Celeste que ficou de pé para recebê-lo:

DAMASCENO - É uma satisfação ver que vocês já se tornaram amigas...

~~ELISA: Quero que me chame de Lili...~~

~~Damasceno aproxima-se das duas e, enlaçando Celeste, comenta:~~

~~DAMASCENO: Fico satisfeito ^{ao ver} que vocês estão se tornando amigas...~~

Elisa então responde, encantadora:

ELISA: Celeste é linda, tio Damasceno! Você é um homem de sorte, um felizardo!...

Damasceno faz um carinho em Celeste, e retruca:

DAMASCENO: Também acho, Lili...

Os três se afastam, voltando à sala e aos convidados.

Câmera faz panorâmica e enquadra uma das janelas que dão para a varanda e o jardim.

Depois avança, em Trav, ou pelo movimento da lente Zoom, e penetra no quarto.

17

INTERIOR - QUARTO DE DAMASCENO E CELESTE - NOITE

140. Instalada no interior do quarto do casal, câmara completa o movimento de aproximação e enquadra, ligeiramente à direita, o velho e belíssimo leito do Tijuco, deixando à esquerda do quadro a porta que liga o cômodo ao corredor da casa. As roupas de cama, em linho ouro-velho, são as melhores possíveis.

Chegam ao quarto, neste instante, Damasceno e Celeste. A festa terminara, e reina silêncio na vivenda.

No quarto, os dois se abraçam fortemente mas muito mais poeticamente do que sexualmente. Beijam-se longamente na boca antes que Damasceno fale:

DAMASCENO - Feliz, amor ? Muito feliz ?

Brincando com uma mecha do cabelo do marido, Celeste responde com um simples Ã,, Ã... Damasceno está poético e inflamado:

DAMASCENO - Obrigado, amor, por você ser minha !...

Celeste (sem largar o cabelo do marido, repete) - Ã... Ã...

Sempre abraçado à mulher, Damasceno alcança a janela que fecha devagar, deixando cair a cortina em todo seu comprimento.

Celeste, só então avistar a cama famosa, tem um movimento de surpresa e deslumbramento.

CELESTE (se aproximando mais da cama) - Que beleza ! Que maravilha, Que cama lindíssima, amor...

DAMASCENO - Foi para te fazer uma surpresa... Efetivamente, é uma senhora cama. Antiquíssima, Celeste. Coisa de família... Que bom você gostou... Eu mesmo estava preocupado, sendo uma tralha velha, você podia...

CELESTE, atraída pelas duas manchas que lembram olhos, passa a mão de leve sobre elas:

CELESTE - Que originalidade, amor...

Celeste se volta e, avistando Damasceno parado junto à janela que acabara de fechar, feições subitamente transtornadas, lívido e atônito, vai ao encontro dele e, muito assustada, quer saber:

CELESTE - Que foi, Damasceno ? Meu amor... o que houve ? Que você está sentindo ? Não está bem (e cresce em aflições)

Mas percebendo que o marido se reanima rápido, encosta-se nele e acrescenta meigamente, como para uma brincadeira:

CELESTE - Parece que viu fantasma, homem ?

Damasceno, já de todo recuperado, abraça-se à mulher:

DAMASCENO (procurando rir) - E vi mesmo, menina !

Aponta para a cama e explica:

DAMASCENO - Incrível como, só agora, percebi a evidência daqueles olhos... Aquele medalhão, Celeste... Enquanto você falava, pareceu-me ver, ali, dois olhos de verdade... olhos vivos, estranhos, a nos olhar com inteligência... com... com... sei lá o que, ^{talvez com raiva, com inveja...} com ~~que~~ sentimentos...

C. avança em Travelling e vai enquadrar o casal em P.P., enquanto Celeste diz, se rindo:

CELESTE (tranquila e divertida) - Pois eu não vi nada além da cama mais bonita do mundo ! Ora, amor, que bobagem !

DAMASCENO - Você tem razão, menina ! Imaginação minha, sabe ? Acho que bebi demais... Na verdade, muita gente vê fantasmas e almas do outro mundo... ~~Mas eu hei de me acostumar com esta cama, já que você gostou tanto dela...~~ (Damasceno tenta se ~~ficar~~).

141. De outro ângulo, câmera enquadra Celeste e Damasceno, próximos à porta de entrada.

Celeste, levando consigo o farmacêutico, aproxima-se do velho leito e, alisando-lhe a madeira secular, comenta, fascinada:

CELESTE: O que eu vejo, Damasceno, é uma cama lindíssima, como nunca vi igual!...

Aproxima-se da cabeceira e, passeando as mãos pelos desenhos do medalhão, circulando os dedos nas duas talhas, os "olhos" da cama, acrescenta, com meiguice e sensualidade:

CELESTE: Que bom a gente passar a primeira noite numa maravilha como esta!...

Câmera, através de Trav-Avante, vai focalizar/ Celeste, posicionada atrás da cabeceira da cama, em P.P., a cabeça delicadamente apoiada no espaldar, destacando-se, no enquadramento, as talhas do medalhão.

SOM - Na trilha sonora, além de ruídos característicos da noite, também se ouve, distante, o bater das horas na Igreja da Sé.

F U S Ã O

INTERIOR - QUARTO DE DAMASCENO - NOITE

142. A imagem de Celeste e do medalhão funde-se com o P.P. de Damasce-

19
no, sentado à beira da cama, a expressão triste, sombria e preocupada.

C., abrindo o quadro, num movimento de recuo, mostra parte do leito e, colocada à direita do quadro, Celeste deitada, meia coberta pela colcha, muito decotada nos seios, fita o marido, até então sem entender muito do que se passa com ele.

Damasceno comenta, então, cheio de constrangimento. Era como se estivesse dando uma desculpa:

DAMASCENO - Bebi demais... Meu bem... acho que é isso: falta de costume, sabe ? Nunca me aconteceu isso antes...

Celeste escuta o marido:

DAMASCENO - É... não estou acostumado a beber... Não estou !

~~Celeste morde o lábio inferior como se, só então estivesse ciente da tragédia do marido. Em movimento envolvente e malicioso, cola os seios no corpo dele, passa-lhe os dedos em pente pelos cabelos. Procura ser sedutora:~~

CELESTE - Não ligue para isso, querido... Uma coisa à toa... (prossegue tentando excitá-lo, fingindo conformance) - Isso, passa ! Depois, ainda temos a vida toda, não é mesmo ? (excita-o mais, roçando-lhe os lábios na orelha) Eu também estou muito cansada... Vem (abraça-o) Vamos dormir. Já é muito tarde...

DAMASCENO - Não se preocupe comigo, Celeste. Não adianta... não tenho senão ! (percebendo que falou com Celeste bastante áspero, quase irritado, passa-lhe as mãos nos cabelos, num afago, num carinho) Durma, minha filha... Durma bem ! Você ~~Bem~~ deve estar exausta...

CELESTE - Estou, sim. Exausta ~~com muita paixão~~ com muito sono...

SEQUÊNCIA 27

INTERIOR - QUARTO DE DAMASCENO - NOITE

143. Depois de focalizar Damasceno e Celeste, abraçados, na cama matrimonial, câmera recua, em Trav., no instante em que o farmacêutico, muito nervoso, afasta-se da mulher e, com desespero, senta-
se à beira da cama ^e exclama:

DAMASCENO: Não adiante, Celeste! Estou doente, esta é a verdade, estou doente!...

Celeste, penalizada, abraça-o e, recostando o rosto nas costas de Damasceno, comenta:

CELESTE: Você se preocupa demais com isto, Damasceno, fica nervoso, impaciente, faz um cavalo de batalha...

Damasceno, já inteiramente irritado, retruca com aspereza:

DAMASCENO - Pra você, não é nada ! Está bem ! Mas para mim é muito desagradável... muito aborrecido, entende ? Ora...

Celeste, senta-se na cama, pega-lhe uma das mãos com carinho materno e explica:

CELESTE (pacientemente) - Meu filho: você sabe que estudei na faculdade de Ouro Preto e tenho noções dessas coisas. De sexo, para falarmos claro. Sei que os homens, às vezes, ou por desejo muito reprimido, ou pela emoção da hora, podem falhar sem nenhuma consequência posterior...

Damasceno interrompe a mulher que está falando sobre assunto que ele não quer ouvir:

DAMASCENO - Desculpe, Celeste, meu amor... Não quis ser grosseiro com você... ainda bem que você compreende... Você... Eu te amo desesperadamente... É isso !

Damasceno beija Celeste e levanta-se do leito, amarrando o cadarço das calças do pijama.

DAMASCENO - Assim que Lili chegar para te fazer companhia, vou a Belo Horizonte. Quero conversar com o doutor Anielo; fazer um exame geral; afinal, ver o que tenho !

C. focaliza, agora, Celeste sozinha no grande leito. Com o calor, se descobre inteiramente. Num sintoma bem característico a muitas mulheres, começa a coçar a cabeça, cheia de desejos frustrados. Vai parando aos poucos e cerra os olhos.

F U S Ã O

XXXX

EXTERIOR - MESMO BANCO DO JARDIM ONDE LILI BEIJOU-LHE ARDENTEMENTE AS MÃOS - DIA

C. focaliza Celeste, ainda vestida de noiva, sentada com Lili no mesmo banco onde esta lhe agarrou as mãos e suspicazmente levou-as à boca. C. repete a mesma cena, apenas, em clôse, mostra apenas o rosto de Lili e as mãos de Celeste. Lili não só as beija como na cena anterior, como as morde e lambe.

Quando C. volta a focalizar as duas em F.P., elas estão na mesma posição mas inteiramente despidas. Ligeiramente, Lili beija Celeste na boca. Desce os lábios e beija-a, sempre rapidamente, nos seios, na barriga, nas coxas... Celeste está em êxtase, com os olhos cerrados e as mãos crispadas. Súbito, Lili empurra Celeste violentamente para o chão onde a moça cai de quatro. Logo, Lili, tomando de um galho de planta, monta sobre Celeste e, a guisa de uma cavaleira, espanca-a com furor. Celeste se debate, voltando a C. ao quarto do casal.

INTERIOR - QUARTO DO CASAL DAMASCENO - NOITE JÁ AMANHECENDO.

C. deixa ver a luz da madrugada entrando pelas frestas das janelas. No leito, Celeste se debate em desespero, gritando:

CELESTE - Amor ! Amor ! Amor !

Damasceno levanta-se rápido da cadeira onde, pressupõe-se, tenha pernoitado e acode ligeiro, acordando a mulher:

DAMASCENO - Acorda, filha ! Que sonho é esse...

Abraçam-se, ela já sentada no leito, olhos espantados, trêmula, estranha...

CELESTE - Que foi, meu filho ? Que aconteceu ? Sonhei... sim... foi horrível !

Fera, clareou de todo. C. focaliza os dois, abraçados como num perigo iminente...

INTERIOR - CASA DE DAMASCENO - DIA

144. Celeste e Elisa, no corredor da casa, chegam diante da porta do quarto de hóspedes. Elisa, que acaba de chegar de viagem, traz pequena mala e tem o ar fatigado.

Celeste abre a porta e as duas entram no cômodo, que é espaçoso, com uma janela que se abre para o jardim.

No centro do quarto está uma velha cama de solteiro, com cortinados e bela colcha de Damasco. Celeste lhe diz:

CELESTE: Não sei se você vai gostar desta cama, Lili. É um pouco dura... Pra mim, é um pouco dura.

Elisa se joga no leito, exausta, enquanto responde:

ELISA: Vou gostar sim, Celeste! É uma cama muito bonita... Uff, estou cansada e moída! A estrada tem buraco demais!

Celeste senta-se à beira da cama e a melancolia que exprime é percebida por Elisa que, depois de observá-la, indaga:

ELISA: Você está tristonha, Celeste... Aconteceu alguma coisa?...

Toma carinhosamente a mão da amiga, e prossegue:

ELISA: Me diga, querida... O que está deixando você tão triste assim? Você não sabe que eu não quero ver você triste nunca? Não sabe?

22

Nesse exato instante, chega ao quarto Damasceno. Elisa salta da cama e vai ao encontro do tio, abraçando-o e beijando-o:

ELISA: Ôi, titio! Aqui estou de volta!...

DAMASCENO: Como está você, Lili? Fez boa viagem?...

ELISA: Mais ou menos, tio. Muito burado!...

Elisa volta a estender-se na cama, enquanto o farmacêutico lhe diz:

DAMASCENO: Estava esperando você chegar, para dar um pulo a Belo Horizonte, **Já combinei tudo com Celeste.**

Aproxima-se de Celeste, acaricia-lhe o rosto e continua dirigindo-se à sobrinha:

DAMASCENO: Posso viajar sossegado, pois a Celeste toma conta da farmácia melhor do que eu!

F U S ã O

EXTERIOR - RUA DIREITA - DIA

145. Elisa vem descendo a Rua Direita, no dia de sol forte. Aproxima-se da "Pharmacia São Lucas" e, seguida pela câmera em panorâmica, entra no estabelecimento comercial.

INTERIOR - "PHARMACIA SÃO LUCAS" - DIA

146. Celeste, de avental branco, está atendendo alguns fregueses da farmácia. Elisa, depois de saudá-la com um gesto, vai sentar-se num banco de madeira e fica observando a amiga ao trabalho, a maneira cordial com que atende aos clientes, sua simpatia e segurança.

Depois que os fregueses se afastam, Elisa aproxima-se do balcão, dizendo:

LILI - Muito trabalho hoje, meu bem ? (Lili faz um trejeito com os lábios como a mandar um beijo) - Está cansadinha ?

23

Celeste faz uma arrumação na prateleira, ^e responde:

CELESTE: Estou um pouquinho cansada, Lili. Daqui a pouco está na hora de fechar. Vamos juntas para casa. Você pode esperar?

ELISA: Claro que posso. Gosto de ver você com este avental... Parece médica...

EXTERIOR - RUA DE MARIANA - TARDE

147. Depois de fixar Celeste e Elisa em P.P., caminhando numa rua de Mariana, câmera recua, abrindo o quadro para P.A., enquanto as segue em Trav-Atrás.

Elisa está dizendo à amiga:

ELISA: Tenho certeza de que há alguma coisa séria entre você e Damasceno. Você está diferente, tensa, seu rosto exprime aflição, desalento...

De repente, inotada, Celeste joga^{se} nos braços de Elisa, chorando.

CELESTE: Sim, Lili, você tem razão, meu casamento é um desastre!... Damasceno está doente... Foi um erro este casamento, um grande erro!...

Recostam-se num muro, em recanto isolado. Elisa procura acalmar a amiga, dizendo-lhe, carinhosamente:

ELISA: Fique calma, querida... Por favor, procure acalmar-se, meu bem!... Toda moeda tem duas faces, meu amor... Quem sabe a outra face é nessa?

Estende um lençinho a Celeste, que enxuga as lágrimas. Ficam alguns instantes em silêncio. Depois Celeste propõe:

CELESTE: Quero ir para casa, Lili...

E se afastam.

INTERIOR - CASA DE DAMASCENO - NOITE

148. Celeste está estendida ~~na~~^{na} cama, muito abatida ainda. Elisa chega ao quarto com um copo de água e um calmante, que estende à amiga, dizendo:

ELISA: Bebe, querida, vai te fazer bem...

Mas, sem largar o copo, examina a amiga com ^{lascívia (gostosa)} concupiscência:

ELISA: Como você é bonita, Celeste... assim, pálida...

Celeste obedece. Depois fecha os olhos, enquanto Elisa afaga-lhe a mão, o rosto, delicadamente:

ELISA: Vai se acalmar, vai dormir um pouco...

Quando percebe que Celeste adormeceu, Elisa, sem fazer ruído, vai sentar-se na cadeira de balanço e, por sua vez, também cerra os olhos.

E fica ^{se} balançando, vagarosamente, ouvindo os ruídos da noite, um sino distante, latidos de cão.

149. Horas depois, acordando, Celeste avista Elisa, adormecida na cadeira. E, pé ante pé, sem acordá-la, deixa o quarto e vai à varanda, aspirando o perfume das flores do jardim, observando a noite que escoia. **Deparando com o banco de ferro do sonho, sorri e volta os olhos para dentro, para a amiga que dorme.**

Pouco depois ouve passos e avista Elisa, que vem sentar-se ^{se} ali, dizendo:

ELISA: Não quis descansar mais, Celeste?...

CELESTE: Acordei sem sono... Vim para aqui.

Gosto muito deste lugar... Na noite em que me casei tive um sonho. Estávamos ali naquele banco,,, (aponta o banco, deixando a frase em suspense.)

Elisa enlaça a amiga, que recosta a cabeça em seu ombro. E continua, ternamente:

ELISA: Também adoro este recanto, estes pátios, este jardim...

Câmera passeia pela varanda, pelo jardim, captando detalhes ex-

25

pressivos, imagens características e poéticas, enquanto Elisa prossegue, com voz off:

ELISA (voz off): Sempre gostei de casas antigas, como esta, com varanda e balcões, jardim, muro de pedra, coberto de musgo e samambaias, sala forrada com papel azul, desbotado, fechada com o prolongamento do telhado, portas de vinhático, uma escadinha levando ao sótão...

150. Câmera, lentamente, avança em Trav. até enquadrar Celeste e Elisa em P.P.

Estão comovidas, unidas pelo instante poético, de grande intimidade e ternura. Agora é Celeste quem fala, com grande doçura:

CELESTE: No sótão há velhas canastras, onde mulheres tristes guardam ^{ram} segredos, roupas velhas, lembranças do passado, de ^{uma} ~~uma~~ vida vazia e infeliz...

Celeste abraça fortemente a amiga e, em certo momento, afa-lhe os cabelos, o rosto, a boca, enquanto diz:

ELISA: Dentro da casa, alguém... como você, esta luz delicada, este ar puro e perfumado, como seu rosto, sua pele, estas mãos tão lindas...

Beija as mãos de Celeste e ^(murmura) meigamente os versos de Alphonsus:

ELISA: "Mãos que os lírios invejam, mãos eleitas..."

Recostada na amiga, Elisa parece captar-lhe as emoções, provoca-as com delicadeza, de forma sutil e insinuante,

ELISA: Gosto muito daqui, desta casa, deste ambiente... Principalmente de você, Celeste... Gosto muito de você!... ~~Eu te amo~~

INTERIOR - QUARTO DE CELESTE - MANHÃ

151. Transferindo-se para o interior do quarto de Celeste, câmera focaliza a mulher de Damasceno estendida no leito colonial, com Elisa, sentada à beira da cama, acariciando-lhe com doçura os cabelos, os braços, o colo palpitante.

Celeste, cerrando os olhos, entrega-se a um prazer indefinido, abrindo-se como flor, algo como um sentido latente, cheio de delícia.

Elisa lhe diz, enlevada, com inebriante ternura:

ELISA: Você é linda, Celeste, linda, linda!... Adoro você, amor!...

De repente, acordando do torpor sensual, Celeste é dominada por um inesperado sentimento de culpa e vergonha. Com um gesto brusco, afasta Elisa e exclama, rispidamente:

CELESTE: Não, não, Lili!... Vá embora, vá embora!...

Elisa, confusa, nervosa, levanta-se, atravessa o quarto e sai, fechando a porta com certa violência.

F U S ã O

INTERIOR - QUARTO DE CELESTE - TARDE

152. Recolhida ao leito, horas depois, Celeste ouve abrir-se a porta do quarto e avista Elisa, com ~~uma~~ mala de viagem.

~~A moça~~ parada à porta, diz a Celeste, fria, distante:

ELISA: Estou indo embora, Celeste. Vim despedir-me... (e, com a voz muito maguada, acrescenta) Não posso viver com você... sem você !

De súbito, em pânico, Celeste salta do leito e corre na direção

27
de Elisa, exclamando:

CELESTE: Você vai embora?!... Não ! Não, querida,
pelo amor de Deus !...

ELISA: Não era isto o que você queria, Celeste?!

Celeste, desesperada, abraça-se à amiga e responde, chorando nervosamente:

CELESTE: Eu?!... Querendo que você vá embora?!

Nunca, Lili, nunca quis isto!...

Elisa, comovida, deposita a mala no chão e, envolvendo Celeste num abraço apertado e aflito, responde:

ELISA: Quer então que eu fique aqui, com você?...

CELESTE: Quero, meu bem, quero, preciso que fique, suplico para ficar!... **Pelo amor de Deus !**

As duas, abraçadas, aproximam-se do leito e tombam nele, chorando, com desespero, com paixão, com carinho arrebatado e *alito*:

CELESTE: Lili, Lilizinha, não vá embora, meu bem, não vá embora, pelo amor de Deus!... **Nunca ! Nunca !**

~~Eu quero ser sua escrava para toda vida...~~

Câmera, versátil, registra o abraço desesperado das duas amigas, que se acariciam, se beijam, soluçando, murmurando palavras de amor e ternura:

ELISA: Meu bem!... Meu amor!...

CELESTE: Não vá embora, Lili, não me deixe sozinha, meu bem, meu bem!... **Minha vida !**

Elisa beija os olhos de Celeste, sorve-lhe as lágrimas e, com as mãos, acaricia-lhe o rosto, o colo, os seios. Depois beija-a na boca, longamente, apaixonadamente.

SEQUÊNCIA XXXX

EXTERIOR - ESTAÇÃO RODOVIÁRIA DE MARIANA - DIA

NOTA IMPORTANTE: Verificar se, em 1930/40 já havia RODAGEM pra Mariana ou ainda era o trem de ferro.

153. Damasceno está chegando de volta a Mariana. O farmacêutico está com mala, sacola, capa e jornais. Fatigado e cheio de poeira, entrega sua bagagem-de-mão a um "ganhador" e segue a pé para sua casa, não muito longe.

SOM - Ruidos ambientais.

Damasceno vai cruzando com populares. Muitos o cumprimentam de longe, cerimoniosamente. Um velho de grandes bigodes brancos, pára-o, abraça-o e pergunta:

VELHO DE GRANDES BIGODES BRANCOS - Chegando, homem ? Vens de Ouro Preto, do Rio de Janeiro ?

Damasceno está impaciente por se libertar:

DAMASCENO - Nada disso... Dei um pulo a Belo Horizonte... Negócios !
Até mais ver, meu velho.

O velho de bigodes fica parado na beira da calçada, vendo o farmacêutico se afastar, rápido, fazendo um gesto para que o ganhador, com sua bagagem, se apresse também.

INTERIOR - CASA DE DAMASCENO - DIA

154. No quarto de Celeste e Damasceno, nesse mesmo instante, prossegue o ritual amoroso de paixão e erotismo.

Celeste e Elisa, nuas, estão caladas, desfrutando o prazer intenso do sexo e da carícia. Em volta delas há um silêncio penetrante, e todo o cômodo, dominado pelo belíssimo leito colonial, parece envolvido por um encanto singular, quase irreal.

Um desejo excitante vai sendo desfrutado, voluptuosamente, pelas duas, enquanto a câmera, ágil, versátil e minudente, registra a abrasada cena de amor, a emoção profunda que as duas jovens estão vivendo.

Elisa, a certa altura, posta-se aos pés de Celeste, beija-lhe lascivamente as pernas, as coxas, o púbis deliciado. Celeste, num gozo indizível, que cresce do fundo de si mesma, entrega-se, como uma flor fecundada, à carícia física que a estremece até o orgasmo.

EXTERIOR - RUA DE MARIANA - DIA

155. Ligeiramente em "contre-plongé", câmera, em movimento de Trav-Atrás, enquadra Damasceno em P.P., deixando ver, ao fundo, o casario barroco da cidade.

O homem aproxima-se da rua das Mercês, com o rosto exprimindo alívio e satisfação por se aproximar do final da viagem. Caminha apressadamente, na impaciente expectativa de seu reencontro com Elisa. Celeste.

SOM - Ruído, ligeiramente ampliado, dos passos de Damasceno, ferindo o calçamento de pedra.

Enquanto caminha, Damasceno ganha subitamente uma expressão nova. Diminui a largura dos passos e apura o ouvido. É que tem a impressão exata de estar escutando a voz do doutor Aníelo:

DOUTOR ANIELO (voz OFF) - Ora, convenhamos, Mestre Damasceno: você está vendo fantasmas. Com sua idade e com sua saúde, ainda pode fazer meia dúzia de filhos !

Damasceno pára e gesticula, assustando o ganhador com sua mala e coisas. Fala a meia altura:

DAMASCENO - Filhos !? Meia dúzia ! (mas, caíndo em si, resmungando zangado) - Ora, porra !

Mas a voz OFF do doutor prossegue:

DOUTOR ANIELO - É que nós, homens já de alguma idade, ainda queremos ir com muita sede ao pote. Bumba ! É nervoso. Olha, antes, apenas para acalmar o primeiro ímpeto, tome dois grãos de bromato de Ferrer e verá como tudo há de escorregar manso, homem ! Há de vêr !...

INTERIOR - CASA DE CELESTE - DIA

156. *No quarto,*
apesar de experimentar uma inquietude irreprimível, ardendo no coração, Celeste quer mais, pede mais, como se a dominasse um narcótico, circulando no sangue.

As duas se beijam, se acariciam, frementes de amor.

EXTERIOR - RUA DAS MERCÊS - DIA

157. Damasceno atravessa a Praça da Sé, sobe a Rua Conde de Conceição e ganha a Rua das Merês, aproximando-se de casa, *na outra* extremidade.

INTERIOR - CASA DE CELESTE - DIA

158. Os lábios de Celeste pedem mais beijo, buscam a boca de Elisa, beijam-se com força *ans. inde.* E exclama, inebriada de prazer:

CELESTE: Te adoro, Lili, te adoro, te adoro!...

EXTERIOR - RUA DAS MERCÊS - DIA

159. Damasceno chega à residência, apanha na algibeira a chave e abre a porta de entrada. *Depois* entra.

INTERIOR - CASA DE DAMASCENO - DIA

160. Colocada no alto da escadaria, que leva ao pavimento superior, câmara focaliza Damasceno que sobe os degraus, pisando a passadeira e, com isso, abafando o ruído dos passos.

161. O farmacêutico cruza a sala-de-visitas, ganha o corredor e se aproxima do quarto. Diante da porta, coloca a mala no assoalho e, ouvindo vozes abafadas, gemidos e expressões de prazer, fica por alguns instantes imobilizado, dominado pela surpresa.

Estende, então, a mão, torce a maçaneta e abre vagarosamente a porta, avistando, na grande cama colonial, banhada pela luz do crepúsculo, a cena insólita que o deixa paralisado de assombro.

A princípio, como se nada entendesse, fica imóvel, no mesmo lugar, apenas olhando, idiotizado, enquanto as duas moças, sem pressentir-lhe a presença, continuam a beijar-se, murmurando expressões de prazer e sensualidade.

Câmera, em campo e contra-campo, ora focaliza o farmacêutico, em P.P. e P.A., ora o leito, como visto pelos olhos assombrados de Damasceno.

Compreendendo, finalmente, o que ocorre, Damasceno, silenciosamente, afasta-se do quarto e caminha novamente pelo corredor.

162. Através de Trav-Atrás e P.P., câmera enquadra Damasceno e segue-o pelo corredor, captando-lhe a expressão atônita, os passos trêmulos, o olhar vago, no qual se percebem espanto e tristeza, vergonha e revolta.

163. Chegando ao cômodo, que lhe serve de escritório, com prateleiras de livros e uma mesa de trabalho, Damasceno abre uma gaveta e dela retira um revólver, que está carregado.

Em seguida, retorna lentamente ao quarto.

164. Aproxima-se da porta e, desta vez, ^{abre-a} ~~arremessa-a~~ com violência, ~~inédita~~

Gaminha apressadamente e pára ao pé do leito, diante das duas moças que, suspensas e aterrorizadas, separam-se instintivamente, olhando-o com enorme espanto. Num gesto instintivo, Lili salta da cama, agasalhando-se num lençol. Damasceno arranca-o com incontida ira e, com a mão, manda que ela torne a se deitar. Damasceno ergue, então, o revólver e, apontando-o para as duas infelizes ordena, com voz terrível:

DAMASCENO: Continuem! Vamos, continuem o que estavam fazendo!!! Obedeçam, ~~as~~ suas percas! Já! Já! ~~Obedeçam antes de morrerem miseravelmente!~~

165. Imobilizadas pelo assombro, Celeste e Elisa nada conseguem fazer, olhando, desesperadas, para o farmacêutico que, com o máximo vigor e cólera, repete:

DAMASCENO: Vamos, continuem! Continuem, desgraçadas! Suas sujas! ~~Indas!~~ Nojentas! Vamos!

Elisa e Celeste, então, com enorme constrangimento, voltam a se abraçar, os corpos gelados como cadáveres.

Damasceno, no entanto, não se satisfaz com o gesto tímido e contrafeito das duas moças, e volta a ordenar, enfurecido, quase aos berros:

DAMASCENO: Não era o que estavam fazendo!

Não! Não era assim... Eu vi! Beijem-se... esfreguem se bem uma na outra... Vamos... depressa!

Uma espuma branca começa a se coagular nos lábios tensos do farmacêutico que, num gesto aflito, agarra com força o próprio membro, como a querer esmagá-lo. Enquanto as moças, aterrorizadas, estão estranhamente agarradas, como mortas, Damasceno berra:

DAMASCENO - Vamos. Já disse! Quero que façam exatamente o que estavam fazendo! Exatamente as mesmas porcarias, ~~em casa da rua!~~

160.

P.P. de Eliana e Celeste que forçadamente voltam a se beijar e, com as mãos trêmulas, voltam a se acariciar, sem nenhuma vontade, de forma contrafeita e maquinal enquanto ouve-se a voz OFF de Damasceno continuando a gritar alucinado:

DAMASCENO - (voz OFF) - Mais! Quero mais! Vamos! Quero mais... muito mais, suas putas!

167. Depois de enquadrar Elisa e Celeste em P.A., câmera recua, em Trav., abrindo o campo visual e nele incluindo a figura patética do farmacêutico, o revólver à mão, trêmulo, banhado em suor.

Suas feições ~~expressam~~ ^{repare} expressam uma enorme piedade, ~~Repare~~ ^{tinamente} trespassado por uma angústia irreprimível, rasgando-lhe as fibras da alma, desvia o cano do revólver ^{encosta} na têmpora.

É quando, de súbito, ecoando pela casa inteira, ouve-se um terrível estampido.

O corpo do farmacêutico tomba para a frente e vai cair sobre as duas moças, espargindo sobre elas e a colcha ~~o~~ sangue e partes arreventadas do crânio.

Celeste e Elisa, num desespero histérico, começam a gritar, enquanto o sangue ^{lhes} escorre pelo colo, o ventre, as pernas, infiltrando-se no colchão.

São, exatamente, seis horas da tarde e, do crepúsculo, emerge uma luz cambiante e poética.

E depois, após em voz off, de P.P., quase
balbuciantes:
DAMASCENO: Vamos, vamos, continuem... em casa...

168. Câmera avança em Trav., ultrapassa o leito, a cabeceira e alcança a janela aberta, através da qual ^{mostra} ao fundo, as torres da Igreja das Mercês.

SOM - Sinos batendo as seis horas, misturados com gritos e soluços de Celeste e Elisa.

SEQUÊNCIA 28EXTERIOR - IGREJA E TREVO DE OURO PRETO - DIA

169. Depois de focalizar, em P.P., a torre e sino de uma igreja de Ouro Preto, a objetiva "Zoom" abre o campo e, conjugada com o movimento de panorâmica da câmera, vai enquadrar, em G.P.G., a paisagem montanhosa e a Rodovia dos Inconfidentes, na altura do trevo que leva à cidade, pela esquerda, e a Saramenha, pela direita.

Pela estrada vem vindo, em alta velocidade, um carro do ano, com marca e motorista ainda indeterminados.

SOM - Bater de sino e, em segundo-plano, de vento e carro na estrada.

170. Em nova angulação, câmera focaliza, de mais perto, o carro que se aproxima do trevo, diminuindo a marcha até parar.

171. Enquadra-se, em P.A., o carro e o motorista, o engenheiro-eletricista Paulo Roberto de Almeida Cintra. No quadro também se vê a placa de sinalização do trevo, perto do qual o automóvel se imobiliza. Ne-la se vêem as indicações: Ouro Preto, na direção de esquerda, e Saramenha, à direita.

Câmera inicia Trav-Avante, até focalizar o motorista em P.P.

O engenheiro, hesitante, murmura para si mesmo:

PAULO ROBERTO: Ouro Preto... ou Fábrica de Saramenha?...

Consulta o relógio de pulso. Depois decide:

PAULO ROBERTO: Ainda é cedo. Saramenha!...

172. De um ponto elevado, câmera mostra o trevo, o carro e a bifurcação da estrada. Tomando a decisão, Paulo Roberto vira à direita e ganha a estrada do contorno de Ouro Preto, rumando para a fábrica de alumínio de Saramenha. Câmera segue-o, em panorâmica, até que, mais adiante,

o carro desaparece numa curva.

EXTERIOR - ESTRADA E OURO PRETO = DIA

173. Instalada no interior de um carro em movimento, câmera focaliza a estrada asfaltada que faz o contorno de Ouro Preto.

Depois de uma curva, surge à frente, e à esquerda do quadro, o casario barroco de Ouro Preto, com suas velhas igrejas e a topografia acidentada da cidade.

Sobre esta imagem de localização geográfica, surge o letreiro indicativo: OURO PRETO, ATUALIDADE.

174. Deixando Paulo Roberto à esquerda, câmera enquadra, de outro ângulo, a cidade de Ouro Preto, como vista da estrada do contorno.

O engenheiro contempla a expressiva paisagem, enquanto, no rádio do veículo, se ouve música contemporânea, de sucesso nas paradas.

SOM - Música atual: "rock", etc.

O carro chega a nova curva e deixa ver, à frente e à direita, as altas chaminés da fábrica de alumínio de Saramenha.

SOM - Apito distante da fábrica.

EXTERIOR - FÁBRICA DE SARAMENHA - DIA

175. O carro de Paulo Roberto aproxima-se do portão e guarita da fábrica de alumínio. Um guarda faz sinal para ~~ele~~ ^{parar}.

Paulo Roberto, parando diante da cancela, estende ao guarda um documento de identidade. Depois ^{segue!} caminho. O carro, mais adiante, vai encostar em vaga no pátio de estacionamento.

INTERIOR - FÁBRICA DE SARAMENHA - DIA

176. Paulo Roberto chega diante de uma porta que indica: "William Thompson, Diretor Administrativo". Bate à porta e entra.

Aproxima-se de Thompson, norte-americano, gordo, louro, meio calvo, e pergunta:

PAULO ROBERTO: Doutor William Thompson?...

THOMPSON: Yes, Yes! Mas, por favorr, "without the doutor, please! Só William, please!...

PAULO ROBERTO: "As you wish, William, with pleasure"!

THOMPSON: Good, good, you speak English?...

PAULO ROBERTO: Como todo brasileiro, "more or less"...

Apertam-se as mãos, sorridentes. Depois o recém-chegado completa:

PAULO ROBERTO: Sou o engenheiro Paulo Roberto de Almeida Cintra...

THOMPSON: "Exact, I know, I know! Estava esperando o senhorr...

PAULO ROBERTO: Já que cortei o Doutor, peço-lhe que corte o senhor. Please!

Thompson levanta-se, toma o engenheiro pelo braço e vai dizendo, jovial, com seu forte sotaque:

THOMPSON: "Perfectly!" Venha comigo, Paulo Roberto, vou levá-lo ao Chefe do Departamento do Pessoal! Me diga uma coisa: já se instalou na cidade?...

PAULO ROBERTO: "Not yet", Thompson. Estou chegando de viagem. Vim de carro. **Diretamente do Rio.**

177. Caminham por um corredor, seguidos pela câmara em Trav-Atrás, enquanto o norte-americano continua, gárrulo, bem-humorado:

THOMPSON: Traz família?...

PAULO ROBERTO: Não, sou solteiro.

THOMPSON: Good, very good! Solteiro trabalha

sem aporrin...como se diz ?... aporrinha-

çon!...

Solta uma sonora gargalhada. Antes de entrarem na sala do Pessoal, completa, dando tapinha nas costas do engenheiro:

THOMPSON: Homem casado, chato! Homem mal casado, ^{horrrr/}!.... Bem, my friend, o Lustosa, chefe do Pessoal, vai lhe arranjar um bom "república"!.... Aqui os solteiros moram em "repúblicas", you know?...

EXTERIOR - RUAS E PRAÇAS DE OURO PRETO - DIA

178. Câmera documenta a passagem do carro de Paulo Roberto por ruas, ladeiras e praças de Ouro Preto.

Ao som forte do rádio do automóvel, a objetiva ora representa o ponto-de-vista do engenheiro, ora focaliza o veículo que atravessa a velha cidade, observada com curiosidade pelo motorista.

A certa altura, comprovando num papelzinho o nome da rua, na qual se localiza a "república" onde vai residir, Paulo Roberto murmura para si mesmo, após diminuir a ^{velocidade} ler a placa numa esquina:

PAULO ROBERTO: Rua Costa Sena... 112... (naquilo, imita William) Yes ! É aqui mesmo...

EXTERIOR - RUA COSTA SENA - DIA

179. O carro de Paulo Roberto estaciona diante do endereço que a fábrica lhe dera. Ali se localiza um sobrado, bem característico da antiga Vila Rica. Uma placa desenhada, com letras imitando barroco, está fixada na varanda, indicando: "Pulgatório"...

Paulo Roberto, divertido, ^{\abrindo/} um sorriso, comenta para si mesmo:

PAULO ROBERTO: "Pulgatório"?!.... Mau, mau!....

Ao desligar o motor, já no entardecer da cidade, começa a ouvir dois sons nostálgicos e característicos de Ouro Preto: o dos sinos das igrejas e o de um piano.

SOM - Sinos das igrejas e som de um piano, com o "Prelúdio" nº 4, de Chopin.

Paulo Roberto fica parado, diante do carro, por alguns instantes, seduzido pela atmosfera poética provinda dos sons. Ergue a vista, buscando o ^{local} de onde ^{sai} a música romântica de Chopin. Nesse instante, uma voz, ^{vindo} da "república", explica:

ADROALDO QUINTÃO (voz off): Quem está tocando é a Vera Lúcia, aluna do Conservatório e nossa vizinha. Um amor de garota !

180. Deixando Paulo Roberto à esquerda do quadro, em 3/4 de perfil, câmera mostra, ao centro e à direita, a fachada da "república" e, numa das janelas do térreo, um jovem, meio gordo, de óculos e bigodes espessos, que prossegue:

ADROALDO QUINTÃO: Pode entrar, companheiro! É aqui mesmo, o "Pulgatório"...

Paulo Roberto aproxima-se do colega, aperta-lhe a mão, ouvindo:

ADROALDO QUINTÃO: Também trabalho em Saramenha. Sou o Adroaldo Quintão, engenheiro-químico...

PAULO ROBERTO: Muito prazer. Paulo Roberto de Almeida Cintra, engenheiro-eletricista.

ADROALDO: Espere aí. Vou ajudar você a trazer a bagagem.

SOM - Solo de piano.

INTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - TARDE

181. Enquadra-se, na sala-de-visitas do sobrado fronteiro à "república", com a velha mobília dos interiores típicos de Ouro Preto, a executante do "Prelúdio" nº 4, de Chopin, Vera Lúcia Andrade Freire. Depois, em lento Trav-Avante, câmera se aproxima da pianista, uma moça muito jo-

vem, de expressão delicada, traços finos, longos cabelos soltos, muito bonita, concentrada na interpretação, ainda não muito segura, da pequena obra-prima de Frederico Chopin.

SOM - "Prelúdio" nº 4, de Chopin. Sinos distantes, em segundo-plano.

Em certo momento, errando o compasso, Vera Lúcia repete o trecho, um pouco mais lentamente.

Nesse instante, uma velha de cabelos brancos, simpática, pisando de leve, para não incomodar a neta, que estuda, chega à sala com um vaso de flores, que coloca na mesinha de centro de um conjunto de móveis antigos.

Vera Lúcia não ^{a ré} e continua calmamente o estudo de piano.

SOM - O "Prelúdio" está chegando ao fim, agora no andamento certo.

INTERIOR - "REPÚBLICA" - TARDE

182. Paulo Roberto chega ao quarto, que lhe fora reservado, na "república" "Pulcatório". Carrega, como também o companheiro de pensão, Adroaldo Quintão, várias caixas de som, o que leva o colega de fábrica, a certa altura, a perguntar:

ADROALDO QUINTÃO: Gosta de música?

PAULO ROBERTO: Muito, mas não exatamente do gênero que estamos ouvindo...

Coloca o "receiver", "tape-deck", o "tuner", amplificadores, toca-disco, caixas-acústicas numa prateleira, enquanto o Adroaldo, observando a parafernália eletrônica, comenta:

ADROALDO: Um som da pesada, hein, colega?...

Paulo Roberto ajeita as caixas acústicas, enquanto responde ao colega:

PAULO ROBERTO: Nunca me separo deste som, nem de meus discos e fitas.

ADROALDO QUINTÃO: E qual o gênero que prefere?

PAULO ROBERTO: Jazz, os contemporâneos, Pink Floyd, Stevie Wonder, Led Zepelin, os Eagles, os metaleiros, Chico, Caetano, Gil...

Antes mesmo de abrir a mala, e colocar a roupa nos cabides, Paulo Roberto instala a aparelhagem de som, observando cuidadosamente cada detalhe. E comenta para Adroaldo:

PAULO ROBERTO: Me diga uma coisa, companheiro: há bons ambientes por aqui?...

ADROALDO: Tem de tudo, depende do freguês, boates, barzinhos, discoteca, motel... Mas, com esse som, vamos organizar aqui mesmo boas noites!...

Paulo Roberto liga tomadas, acopla elementos, com perícia e segurança, acostumado às mudanças. Enquanto isto, glosa a previsão do colega:

PAULO ROBERTO: Boas noites... na companhia de fantasmas?...

Adroaldo vai sentar-se numa cadeira, perto da janela, e retruca:

ADROALDO: Meu caro: a cidade é velha, mas as meninas são jovens, e lindas! Há por aqui muitas gatinhas que curtem um "rock", um "soul", como ^{em} cidade grande!...

Olhando para fora, pela janela, Adroaldo avista, no prédio em frente, a figura **interessante** da pianista, que viera regar as plantas da varanda. E adverte Paulo Roberto, **com displicência**:

ADROALDO: A pianista é aquela! **Gostou?**

183. Câmera acompanha, em paronômica, a caminhada de Paulo Roberto até a janela, na qual se debruça para observar a vizinha.

EXTERIOR - RUA COSTA SENA - NOITE

184. De ~~fora~~, câmera focaliza Paulo Roberto e Adroaldo que chegam à janela para observar Vera Lúcia.

ADROALDO: (olha a moça) Vera Lúcia...

INTERIOR - CASA DE PAULO ROBERTO - NOITE

185. Em ponto de vista de Adroaldo e Paulo Roberto, câmera focaliza, em "contre-plongé" e P.G., o sobrado fronteiro à "república", centralizando Vera Lúcia que, distraidamente, rega as plantas da varanda. Ouve-se, em off, a voz de Adroaldo Quintão, que prossegue:

ADROALDO (voz off): Mora com a avó, Dona Olga, e descende de uma família muito antiga, de Diamantina, os Freire...

Nesse instante, Vera Lúcia percebe que os dois engenheiros a observam. Fica perturbada. faz um ligeiro cumprimento. cabeça.

186. Deixando, no enquadramento, Adroaldo e Paulo Roberto, à janela da "República", câmera focaliza Vera Lúcia na varanda, regando as plantas. Adroaldo lhe ^{fala} elevando a voz:

ADROALDO: Ôi, Vera Lúcia... Estudou muito hoje?

VERA LÚCIA: O de sempre...

ADROALDO: Este é o Paulo Roberto, novo engenheiro da fábrica, meu colega de "república".

VERA LÚCIA: Muito prazer...

PAULO ROBERTO: Da mesma forma.

Depois completa:

PAULO ROBERTO: Gostei muito do piano. O que estava tocando?

EXTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - NOITE

187. Instalada na varanda da casa de Vera Lúcia, câmera enquadra-a em P.P. olhando na direção de Paulo Roberto, na casa em frente. A pianista, meio intimidada, responde ao engenheiro:

VERA LÚCIA: Um "Prelúdio" de Chopin.

PAULO ROBERTO (voz off): Pois tocou muito bem!

VERA LÚCIA: Obrigada. Ainda estou estudando...

INTERIOR - CASA DE PAULO ROBERTO - NOITE

188. Como plano 186: P.P. de Vera Lúcia que, da varanda do sobrado, se despede:

VERA LÚCIA: Com licença, tenho que ajudar vovó.
Até logo.

ADROALDO: Até logo, Vera Lúcia.

Os dois engenheiros vão para dentro. Câmera recua, em Trav., acompanhando os dois amigos que chegam ao barzinho:

ADROALDO: Quer experimentar uma cachacinha local?

PAULO ROBERTO: Vamos lá. É das boas?...

ADROALDO: Não é a Januária, mas esquenta bem!

Servem-se de bebida. Depois Paulo Roberto opina:

PAULO ROBERTO: Legal!

Toma mais um gole. Depois comenta:

PAULO ROBERTO: Linda gatinha, esta nossa vizinha!

ADROALDO: Muito tímida, caseira, apegada demais à avó. Acho que ainda é virgem...

PAULO ROBERTO: Não me diga! Raridade! Agora sim, começo a me interessar!...

ADROALDO: Não vai ter muita chance! Vá com

calma, companheiro!...

Paulo Roberto serve-se de cachaça. Caminha, depois, até a janela, observa a casa de Vera Lúcia e comenta:

PAULO ROBERTO: A moça descende dos Freire, de Diamantina?... Curioso: também descendo de diamantinenses. Tive um antepassado que foi Fiscal de diamantes, mas acabou na forca, acusado de furto. **Um horror!**

Vai de novo beber e, copo na mão, aproxima-se de Adroaldo, que o escuta atentamente, e conclui:

PAULO ROBERTO: Uma história **ben** ` esquisita, e trágica! Depois de morto, descobriram que era inocente! Quem roubava os diamantes era a mulher do português manda-chuva!

ADROALDO: Pôxa vida, sô! Que **big** tragédia! Aconteceu de verdade?! **A gente nem acredita...**

PAULO ROBERTO: Em Minas acontece de tudo, companheiro! Coisas do arco da velha!

SOM - O som de um sino, da Igreja próxima, funde-se com o apito, antecipado, da fábrica de alumínio.

SEQUÊNCIA 29

INTERIOR E EXTERIOR - OURO PRETO - DIA

189. A nova sequência abre-se com "flashes" do trabalho de Paulo Roberto na fábrica de Saramenha. Câmera, em planos de cobertura, focaliza-o em plena atividade profissional, mexendo em máquinas, percorrendo os grandes galpões da usina, fazendo cálculos e ligações elétricas, con-

ferenciando com técnicos e operários.

SOM - Sons ambientais da fábrica.

Alternando os "flashes" de documentação profissional, câmera também focaliza Paulo Roberto, de carro, a caminho da "república" da Rua Costa Sena, cruzando ruas e praças de Ouro Preto e, finalmente, no interior do sobrado, ocupando-se com suas coisas e, principalmente, com a aparelhagem de som.

O último plano da sequência mostra Paulo Roberto, em seu quarto, preparando-se para ouvir uma gravação do "hit parade". Chega-lhe aos ouvidos o som do piano de Vera Lúcia, estudando ou executando peças do repertório romântico.

O engenheiro, abstraindo-se da vizinha, coloca a fita no aparelho e aumenta o volume.

SOM - A música de sucesso, no "hit parade", irrompe fortíssima, abafando totalmente o piano de Vera Lúcia.

Depois põe whisky e gelo num copo e vai à janela, de onde avista Vera Lúcia, que interrompera o estudo de piano ao ouvir o som tonitroante do "rock". Desta vez não dirigiu o olhar para a "república", limitando-se a regar as plantas.

Paulo Roberto tenta entabolar conversa, dizendo-lhe:

PAULO ROBERTO: Ôi, grande pianista!...

Mas a moça não lhe dá resposta e, voltando-lhe as costas, retorna ao interior da casa.

Paulo Roberto vai
(então, ao quarto de Adroaldo, espichado na cama, descansando, e lhe diz:

PAULO ROBERTO: Acho que a pianista não aprecia a música popular...

ADROALDO: Não dá para abaixar um pouco o volume? Talvez voce atrapalhe o estudo da menina...

PAULO ROBERTO: Vou abaixar um pouco. **Afinal, ela merece, não é ?**

E volta ao quarto onde, de fato, ^{diminui} o volume. Em seguida, fecha a porta a chave, retira de uma prateleira, guardada atrás dos livros, uma caixa de madeira, que deposita ^{na} mesa. Apanha, depois, o chaveiro, que carrega **sempre** consigo e, com uma pequena chave, abre cuidadosamente a caixinha.

Nesse exato instante, contudo, Adroaldo, depois de torcer a maçaneta e constatar que a porta está fechada, chama-o do corredor:

ADROALDO: (voz off): Paulo Roberto, está deitado?...

O engenheiro fecha imediatamente a caixa, que volta a depositar atrás dos livros, na prateleira. Em seguida, vai abrir a porta, dizendo ao colega:

PAULO ROBERTO: Por distração, fechei a porta. Vamos entrar, companheiro!

ADROALDO: Só vim comentar com você, que ouvi hoje, na fábrica, murmúrios de greve. Soube de alguma coisa?

PAULO ROBERTO: Apenas boatos! Não vai dar em nada! Acho que os operários estão até bem pagos!... Deve ser movimento político, de algum candidato ^{às} próximas eleições... **Algun vagabundo !**

Vai apanhar o whisky e oferece ao colega:

PAULO ROBERTO: Toma um whisky, Adroaldo?

ADROALDO: **É...vou** aceitar uma dose.

Serve Adroaldo e, após beber um gole, acrescenta:

PAULO ROBERTO: Vou amanhã a Belo Horizonte, para umas compras. **Queres vir comigo ?**

ADROALDO: Obrigado, mas amanhã tenho um programa com a Raquel...

PAULO ROBERTO: Bom programa, companheiro, bom programa! A Raquel é muito interessante. É pra casar?...

ADROALDO: Casar pra separar?... Não, colega, sou de outra escola. Casamento é pra essa aí, nossa vizinha...

PAULO ROBERTO: Você acha?

ADROALDO: Acho não, tenho certeza!

EXTERIOR - RODOVIA DOS INCONFIDENTES - DIA

190. Câmera, instalada em praticável, focaliza em P.G. a Rodovia dos Inconfidentes, à saída de Ouro Preto. Como um bólido, entrando no quadro pela esquerda, o carro de Paulo Roberto surge e se distancia na estrada asfaltada, a caminho de Belo Horizonte.

191. Tele-objetiva detalha uma das rodas do automóvel de Paulo Roberto, rodando em alta velocidade no asfalto da rodovia.

SOM - Em lugar do ruído do carro rodando na estrada, ouve-se, na trilha sonora, o som de uma gravação, reproduzindo o "Prelúdio" nº 4, de Chopin.

192. Detalhe de um disco, rodando no aparelho de som de Paulo Roberto.

SOM - Ouve-se, agora, forte-mente, o "Prelúdio" nº 4, de Chopin, em gravação estéreo.

INTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - DIA

193. Vera Lúcia, varrendo o assoalho da sala de visitas do sobrado, onde reside, com a avó, ouve a gravação da peça de Chopin. Surpreendida, recosta a vassoura na parede e vai à varanda, observando, curiosa, a "república" "Pulgatório".

INTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

194. Paulo Roberto aumenta um pouco o volume do toca-disco e vai à janela, de lá avistando Vera Lúcia no alpendre do sobrado. Os dois se fitam, felizes ^{com a} surpresa, Paulo Roberto percebe apesar da distância, a alegria que Vera Lúcia exprime, ouvindo a melodia que ^{vem} estudando.

Paulo Roberto, alçando o tom da voz, diz à pianista e vizinha:

PAULO ROBERTO: Uma modesta homenagem a você, Vera Lúcia...

VERA LÚCIA: Muito obrigada... Mas é uma homenagem cruel!...

195. P.P. de Paulo Roberto, sempre à janela, e que pergunta, meio espantado:

PAULO ROBERTO: Cruel?!... Por que cruel?!

196. Câmera enquadra, em "contre-plongé", a pianista que explica, sorridente:

VERA LÚCIA: Porque o que estamos ouvindo é o verdadeiro Chopin, e não o executado por uma principiante...

Depois de pequena pausa, pergunta:

VERA LÚCIA: É o Malkuzinsky?

PAULO ROBERTO (voz off): Não. Rubinstein.

EXTERIOR - VARANDA DA CASA DE VERA LÚCIA - DIA

197. Deixando Vera Lúcia em 3/4 de perfil, câmera enquadra, em "plongée", parte da fachada da "república", centralizando a figura de Paulo Roberto.

Vera Lúcia prossegue, dirigindo-se ao engenheiro, divertida:

VERA LÚCIA: Logo o Rubistein?... Então já não é maldade, é sadismo!...

EXTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

198. P.P. de Paulo Roberto, à janela da "república", respondendo à pianista:

PAULO ROBERTO: De forma alguma! Escute, Vera Lúcia: gostaria muito de ouvir você tocar. De mais perto.

EXTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - DIA

199. Em ligeiro "contre-plongée", câmera enquadra Vera Lúcia em P.P., olhando na direção de Paulo Roberto, em off, e dizendo:

VERA LÚCIA: É só atravessar a rua... Assim fica conhecendo minha avó.

PAULO ROBERTO: Daqui a pouco estou aí!

INTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

200. Paulo Roberto troca depressa a roupa, penteia os cabelos, borrrifa o rosto com água de Colônia.

Ao passar pela sala, o Adroaldo, que lê um jornal, ironiza:

ADROALDO: Assim começam as grandes paixões!

Paulo Roberto responde, já saindo:

PAULO ROBERTO: Ou as grandes amizades...

INTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - DIA

201. Chegando à varanda da casa, Paulo Roberto aperta a mão de Vera Lúcia, que o espera , sorridente, e lhe diz:

VERA LÚCIA: Vamos entrar, Paulo Roberto. Não repare, é uma casa modesta, de pobre...

A sala, na qual entram, a seguir, está decorada como tantos interiores de Ouro Preto, contendo sofás e cadeiras de palhinha, canapés, consoles, mesinhas ovaladas, relógio de pêndulo, retratos de família, presos por cordões amarelos, pendendo da cimalha, um oratório com imagem de santo e, num canto, perto da janela que se abre para o alpendre, o velho piano de armário, com bibelôs e vasos sobre a toalha rendada, cobrindo a tampa. **Por toda parte, almofadas de gosto duvidoso.**

Paulo Roberto vasculha com os olhos o ambiente muito limpo e cuidado. E exclama, sincero, cheio de admiração:

PAULO ROBERTO: Que sala bonita!

Caminha até o piano e desliza a mão sobre o verniz da madeira, comentando:

PAULO ROBERTO: Então, este é o famoso piano!... Parece um velho amigo...

Vera Lúcia, seguida pela câmera em Trav-Atrás, vai para perto do engenheiro, dizendo:

VERA LÚCIA: Está meio desafinado...

PAULO ROBERTO: Toque um pouco.

Vera Lúcia abre o instrumento, retira o pano vermelho de feltro, puxa a banquetta e, após ajeitar-se diante do piano, pergunta:

VERA LÚCIA: O que **você** quer ouvir?

PAULO ROBERTO: Aquele "Prelúdio" de Chopin, acho que de número 4...

VERA LÚCIA: Foi tocado no enterro de Chopin, em Paris... É o que eu mais gosto! Mas não repare, ainda estou estudando...

Abre a partitura e começa a tocar, a princípio com certa insegurança, um nervosismo que a deixa pouco à vontade. Depressa, contudo, recupera o domínio técnico e o executa com sensibilidade e correção.

SOM - "Prelúdio" nº 4, de Chopin.

Antes de terminá-lo, Vera Lúcia avista a avó, que chega à sala, silenciosamente, fazendo-lhe um gesto para que continue.

202. P.P. de Dona Olga, uma velha simpática e magrinha, o olhar de grande doçura, pousado na neta, que, em off, continua a tocar, até terminar a peça romântica.

SOM - "Prelúdio" de Chopin, até conclusão.

203. Abrindo o quadro, câmera focaliza a sala em P.G.

Paulo Roberto levanta-se e, seguido por Vera Lúcia, vai ao encontro de Dona Olga, enquanto comenta:

PAULO ROBERTO: Parabéns, Vera Lúcia. Tocou muito bem! Tem muita sensibilidade, muita musicalidade!...

VERA LÚCIA: Ainda estou estudando...

Depois apresenta:

VERA LÚCIA: Esta é minha avó, Paulo Roberto. Vovó, este é o Paulo Roberto, engenheiro da

fábrica de Saramenha, e companheiro de "república" do Adroaldo.

Apertam-se as mãos, enquanto Paulo Roberto diz à senhora:

PAULO ROBERTO: Muito prazer, minha senhora.

DONA OLGA: Como vai, meu jovem? Por favor, sente-se.

Paulo Roberto vai sentar-se no sofá, ficando de pé Dona Olga e a netta, que lhe diz:

VERA LÚCIA: Aceita um chá, um café?

PAULO ROBERTO: Não se incomode, Vera Lúcia. Muito obrigado.

INTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

204. Chega à "república", recebida na sala por Adroaldo Quintão, uma moça ligeiramente gorda, de cabelos anelados, o rosto bonito e sardento, o ar petulante e sensual. O engenheiro recebe-a efusivamente:

ADROALDO: Ôi, Raquel!...

Os dois se beijam com gana e vontade. Depois vão fechar-se no quarto de Adroaldo.

205. No quarto vão diretamente à cama, sobre a qual se beijam e se acariciam efusivamente. *Despem-se* entre beijos e grandes carícias, gemendo, murmurando ~~expressões~~ de desejo e sensualidade.

INTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - DIA

206. Na sala de visitas da casa de Vera Lúcia, a conversa segue animada entre Paulo Roberto, Vera Lúcia e Dona Olga. A certa altura, Dona Olga pergunta:

DONA OLGA: Então o senhor nasceu no Rio de Ja-

neiro?...

PAULO ROBERTO: Nasci, mas papai é mineiro, de uma ^{velha} família de Diamantina.

207. P.P. de Dona Olga, que parece assustar-se ao ouvir a revelação. Com certa preocupação, volta a indagar:

DONA OLGA: De Diamantina? Nós também!... Qual é o seu ramo, moço ?

208. P.P. de Paulo Roberto, alheio à ligeira perturbação que deixa a voz de Dona Olga ^{quase} trêmula, e que comenta:

PAULO ROBERTO: Meu ramo mineiro é tão mineiro que teve até Fiscal de diamantes no Tijuco!...

209. Campo: Paulo Roberto, à direita do quadro, em 3/4 de perfil, com Dona Olga de frente, em P.P., perguntando:

DONA OLGA: Este Fiscal de diamantes, o que era seu?...

210. Contra-campo: Dona Olga, à esquerda, em 3/4 de perfil, com Paulo Roberto de frente, em P.P. O engenheiro responde:

PAULO ROBERTO: Não sei bem, Dona Olga, talvez meu tataravô... Mas isso tem alguma importância ?

211. P.A. dos três, em silêncio durante alguns segundos, até que Paulo Roberto, percebendo o constrangimento que se instalara na sala, levanta-se e anuncia:

PAULO ROBERTO: Bem, preciso ir. ^{Foi} muito agradável estar aqui.

DONA OLGA: Bom dia, moço. Volte sempre...

Dona Olga vai para o interior da casa, enquanto Vera Lúcia acompanha Paulo Roberto até a porta de saída. Lá, se despedem.

PAULO ROBERTO - Gostei muito de ouvir você, Vera Lúcia.
Comprei um album de Prelúdios, em Belo Horizonte...
Ficaria feliz se lhe oferecesse...

VERA LÚCIA - Ficaria encantada. Mas meu aparelho de som já
é muito velho. Vai estragar os discos !

PAULO ROBERTO - Então, vamos fazer coisa melhor: Quando é
seu aniversário ?

VERA LÚCIA - Mês que vêm. Que tem isso a ver ?

PAULO ROBERTO - Tem que você vai ganhar um presente para ouvir
os seus discos. Mas, enquanto isso, você ouvirá o que quiser,
lá na "república"...

Vera Lúcia escuta o convite e faz uma expressão brincalhona:

VERA LÚCIA - Me diga: você acha que fica bem ?

Os dois se riem, divertidos.

SEQUÊNCIA 30

INTERIOR - FÁBRICA DE SARAMENHA - DIA

211. No refeitório da fábrica de alumínio, Paulo Roberto e Adroaldo Quintão terminam de almoçar e conversam. O assunto é Vera Lúcia, que Paulo Roberto cada vez mais admira, confessando ao colega:

PAULO ROBERTO - Essa moça me intriga muito, Adroaldo ! Não sei:
me atrai mas me perturba. É bonita. Estranha-
mente bonita. Sensível ao extremo. Mais do que recato, tem
um mistério dentro dela... qualquer coisa que me embaraça !
Parece que tem muito a ver com minha vida... Talvez seu
perfume... um cheiro exótico...

ADROALDO - Vai devagar, velho. A menina é uma artista e, como
todo artista, tem uma vida interior ~~fantástica~~ muito inten-
sa. É claro que é um temperamento diferente do comum...

PAULO ROBERTO - Veja se consegue levá-la à tua festa, sábado.
Ela e a avó te adoram ! Parece que há laços de amizade já
consolidados, não é ?

ADROALDO - Sim. Frequento-as desde que cheguei. Mas não te
prometo nada. Vera Lúcia não é muito chegada à dança... a
boates... Em todo caso, vou ver... vou tentar...

Os dois se levantam da mesa. Paulo Roberto ainda esgota, pelo gargalo, a garrafinha
de refrigerante. Apressa-se e bate no ombro do companheiro. Insiste:

PAULO ROBERTO - Faça uma força. Faça isso por mim, companheiro.
Havemos de prender a gatinha no "Calabouço"...

INTERIOR - BOATE "CALABOUÇO" - NOITE

212. Boate lotada, amigos comemoram o aniversário de Adroaldo Quintão. "Calabouço" é uma boate moderna, à altura dos foros da cidade de Ouro Preto. C. documenta o ambiente, capta flagrantes da festa, musicada por fitas com músicas do hit-parade. Numa das mesas em destaque, Paulo Roberto, o aniversariante, Raquel e Vera Lúcia beliscam delicadezas entre copos e cálices. Na verdade, Vera Lúcia não se diverte: percebe-se que está fora de seu ambiente. Seus olhares, para Raquel principalmente, traduzem aborrecida curiosidade.

Paulo Roberto serve-se de mais uma generosa dose de whisky. Sorve-a mais da metade de um só gole, levanta-se com alguma dificuldade e fala alto por causa do tom da música:

PAULO ROBERTO (se dirigindo a Vera Lúcia, para quem estende o braço) - E que tal, pianista, se a gente dêsse uma dançada legal ?

Vera Lúcia esquiva-se, pretextando desculpa:

VERA LÚCIA - Quem ? eu ? Mas, Paulo Roberto, em não sei dançar ! Sabe que eu nunca dancei em minha vida ? Dançar de verdade ?

Mas o engenheiro insiste, mantendo sua posição pouco estável

PAULO ROBERTO - Venha, Vera Lúcia ! Não faz mal ! Hoje, ninguém mais precisa saber dançar... É fácil. Você vai ver...

Vera Lúcia não tem mais por onde prosseguir negando. Levanta-se sem nenhum entusiasmo coloca a mão no ombro do amigo e segue para a pista.

Abraçam-se na risca da moda atual e, como podem, vão acertando seus passos ao ritmo do "soul" que a aparelhagem faz estrondar no pequeno salão da boite.

C. segue-o par em P.P. e registra o instante em que o engenheiro, exitado pela bebida, pelo contacto e pelo perfume da moça, dá um galão procurando maior firmeza, atrai Vera Lúcia fortemente para si para dizer-lhe no ouvido, procurando sentir-lhe os cabelos na boca:

PAULO ROBERTO - Gosto muito de você, Vera Lúcia... Amo... Apesar de você não ser uma exímia dançarina !

VERA LÚCIA (procurando readquirir distância no enlaçamento) - Eu não avisei ? Agora, é desculpar as pisadelas, não é ?

E seguem dançando, Paulo Roberto, exitado, quase agressivo, forçando mais o abraço da dança enquanto ela tentando reagir discretamente. A certa altura, o rapaz puxa-a contra si para beijá-la na boca. Vera Lúcia recusa-se com decisão peremptória. Diz mais irritada do que amedrontada:

VERA LÚCIA - (abandonando a dança) - Já é tarde, Paulo Roberto.

Quero ir pra casa ! Essa música assim alta é desagradável. Me deixa tonta...

Na frente do companheiro, a moça abandona definitivamente a pista de dança e se dirige à mesa dos amigos. Enquanto apanha sua bolsinha e seu casaco, dá uma desculpa geral:

VERA LÚCIA - Me desculpem vocês. Obrigada... a noite foi bastante agradável mas já é muito tarde e minha avó... O Paulo vai me levar em casa... Não se incomodem vocês... por favor !

EXTERIOR - RUA COSTA SENA - MADRUGADA

213.

O carro, conduzido por Paulo Roberto, surge na esquina da rua Costa Sena e, seguido pela C., em panorâmica, vai estacionar em frente à "república" (Pulgatório).

Vera Lúcia, muito séria, abre a porta do carro mas é agarrada pelo engenheiro que, sob os efeitos da bebida tenta, de seu lugar mesmo, abraçá-la para um beijo. Com a voz insegura, faz seu convite:

PAULO ROBERTO - Vem, Vera Lúcia... Seja razoável... Vamos entrar um pouquinho. Lá dentro, a gente vai conversar, tá ?

Vera Lúcia, já não mais escondendo sua irritação, desvencilha-se do rapaz e diz secamente:

VERA LÚCIA - Vou pra casa ! Está muito tarde... Boa noite !

Paulo Roberto fica parado, dentro do carro, a porta aberta por onde saiu a moça, vendo-a atravessar a rua deserta, apressadamente, para entrar em sua porta defronte. Frustrado, o homem murmura toda sua raiva impotente:

PAULO ROBERTO - Diabo de gata ! Ainda te pego, sua... sua...

Depois, desce do carro, bate a porta e entra na "república".

SEGUIE FLS. 128

INTERIOR - "REPÚBLICA" - NOITE

214. Chegando ao quarto, Paulo Roberto fecha a porta a chave. Em seguida, meio trêmulo, vai apanhar a caixa de madeira, guardada atrás dos livros, e a deposita na mesa. Com a pequena chave, abre-a com mãos trêmulas e suadas.

Câmera avança, em Trav., e detalha o interior da caixa, no qual se vêem seringa, agulha hipodérmica, pequenos vidros com cocaína e papелotes com o narcótico.

215. Fixado em P.P., Paulo Roberto deixa ver o rosto transfigurado, subjugado pelo vício e o insopitável desejo de saciá-lo.

Câmera recua, em Trav., e mostra o engenheiro que começa a despir-se: primeiro a camisa, depois a calça esporte, os sapatos, a cueca. Fica inteiramente nu, enche a seringa com o narcótico e, em seguida, enquadrado de costas, caminha até o leito, encharcado de suor, trêmulo e desfigurado, a respiração acelerada. **SOM - Durante todo tempo da cena, ouve-se, em diferentes tons e andamento, trechos do "Prelúdio nº 4", de Chopin, nas mais estranhas distorções.**

INTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - NOITE

216. Preparando-se para dormir, Vera Lúcia vê chegar a avó que, como de costume, nunca dorme antes da neta chegar. Dona Olga, amorosamente, pergunta-lhe:

DONA OLGA: Então, Vera Lúcia, gostou da festa?...

VERA LÚCIA: Não gostei muito, vovó. A boate estava repleta, muita fumaça de cigarro, a música arrebatando os tímpanos da gente!...

Dona Olga acaricia os cabelos da neta, e comenta:

DONA OLGA: Faço idéia, coitadinha!... Mas você, ao menos, se divertiu, dançou com alguém?

VERA LÚCIA: Dancei com o Paulo Roberto, que bebeu demais, quase ficou inconveniente!

Enquanto conversa, Vera Lúcia vai se despindo, deixando ver o corpo jovem, muito branco e delicado. Veste depois a camisola de seda. Dona Olga senta-se à beira da cama e comenta:

VER Cópia SHEILA

DONA OLGA - Veja, minha filha: estava querendo mesmo falar com você sobre isso. Para começar, digo sinceramente que não gosto nada desse rapaz. Tenho a impressão que não é gente normal. Penso que não presta pra nada ! A melhor coisa que você faz é se afastar dele !

Dona Olga, ar bondoso mas preocupado, se levanta, beija a neta e, antes de deixar o quarto, ainda diz:

DONA OLGA - Há qualquer coisa que me diz que esse moço não é boa bisca. Não... não é ! Pensa nisso, minha filha. Agora, dorme bem...

INTERIOR - "REPÚBLICA" - NOITE JÁ MUITO MADRUGADA

216. Paulo Roberto, no seu quarto da "república" está estendido na cama inteiramente despido. Tem os olhos abertos como se nada estivesse vendo, as feições desfiguradas, estranhas, sob o efeito deletério do narcótico.

Constantemente lambe os lábios com aflição como fazem os drogados na impressão de uma forte secura na boca. Faz trejeitos descontrolados.

SOM - Com as mesmas características de variação de andamento e tom, prossegue-se ouvindo o "Prelúdio" nº 4, de Chopin.

Pela janela aberta, o vento brinca de elevar a cortina em diferentes alturas. Dentro da madrugada, esse detalhe deve dar a impressão de frio.

O quarto, imerso na obscuridade, impede a C. revelar o sexo de Roberto; mas focaliza-o, silhueta contra a luz fraca que, vindo da rua, atravessa a cortina balançada pelo vento. Com nitidez, todavia, mostra-se o rosto do engenheiro, marcado por uma tristeza profunda, pelo efeito que o alucinógeno provoca na mente do viciado. De vagar, como que irrealmente, Paulo Roberto levanta-se, ainda despido completamente pouco importando, agora, que a silhueta do sexo apareça pouco nítida. Sempre o som do "Prelúdio" que vai se normalizando no ínterim, Paulo Roberto começa (sempre em silhueta) a dar passos de balé. A figura é etérea e o balé progride até que, justo no término da música, a figura vai se abaixando, fica de joelhos, depois, aos poucos, se deita inteiramente no chão, terminando, assim, a cena alucinada.

SEQUÊNCIA 31

INTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

217. De calça jeans e camisa esporte, Paulo Roberto está deitado na cama e, pela janela, observa a casa de Vera Lúcia, silenciosa e, aparentemente, deserta.

Com expressão muito fatigada, o rapaz avista Adroaldo que, pela porta do quarto aberta, vem saudá-lo:

ADROALDO - Custindo ressaca, heim, velho ? Também... o que você bebeu essa noite... Dor de cabeça não dá em poste, sabe ?

PAULO ROBERTO - É isso aí, companheiro. Mas já estou pronto pra outra. Me diga: e vocês ? Você e a Raquel ? Essa, é uma merda (com o polegar, aponta a janela, inculcando a casa de Vera Lúcia) Uma ffeira, seu mano ! Tem medo do beijo... (pausa em que os dois se riem) Falando nisso, a madre hoje não estuda ?

ADROALDO - Aos domingos, nem abre o piano ! Passa os dias fora. Quem sabe aonde vai ? Não deixa uma pista...

Adroaldo vai à janela, observa a rua e, enquanto o amigo, ainda deitado, acende um cigarro, volta-se para ele, dizendo:

ADROALDO: - - Falando no mau, prepare o pau ! Lá vei ela, a tua freirinha, só, como sempre...

Paulo Roberto senta-se na cama com um rápido impulso

PAULO ROBERTO - A Vera Lúcia !?

ADROALDO - É ! Está saindo de casa... Quem sabe onde vai ?

Paulo Roberto salta no chão cheio de curiosidade. Como já está vestido de todo, e até calçado, faz menção de sair. Mas, antes, avisa ao colega:

PAULO ROBERTO - Ah ! , velho: Hoje, banco o detetive e quebro esse mistério !... (vai saindo e falando como para si mesmo) Aquele corpo... aquela voz... aquele cheiro... (apanha o maço de cigarros e o isqueiro)

E sai, deixando Adroaldo à janela.

EXTERIOR - RUAS, PRAÇAS E VIELAS DE OURO PRETO - DIA

218. O próximo conjunto de planos documenta a caminhada de Vera Lúcia e Paulo Roberto por ruas, vielas, praças e ladeiras de Ouro Preto.

O engenheiro, a certa distância, evitando ser visto, segue-a, intrigado com o ^{mistério} do itinerário que, aos domingos, faz pela cidade.

Vera Lúcia, perseguida teimosamente pelo rapaz, cruza a Praça Tiradentes, desce a rua Tomaz Antônio Gonzaga e, mais adiante, passando pelo Chafariz de Marília, sobe a rua do Vira-Saia, passa em frente à Igreja de Santa Efigênia e, na extremidade da cidade, aproxima-se de uma casa térrea, meio abandonada, com o jardim invadido por capim e erva daninha.

Escondendo-se no desvão de um muro, Paulo Roberto avista a moça que atravessa o jardim, sobe os degraus da varanda e, após retirar da bolsa, uma chave, abre a porta da vivenda, e entra.

219. P.P. de Paulo Roberto, muito intrigado, observando os passos de Vera Lúcia.

Depois que a moça entra na casa, o engenheiro ^{deixa} o recanto, onde se escondera, e ^{segue} na direção da vivenda.

220. P.G. do jardim e da casa ao fundo. Paulo Roberto abre o portãozinho e, evitando rumor, atravessa o jardim, sobe ao alpendre ^{meio} indeciso, fica parado diante da porta.

EXTERIOR - CASA ABANDONADA - DIA

221. Instalada na varanda, câmera focaliza Paulo Roberto parado à porta da casa, indeciso.

Nesse instante, vindo do interior da casa, começa a ouvir o som de uma melodia antiga, ^{como} de uma pianola, ou de uma caixinha de música.

SOM - Melodia antiga, de caixinha de música.

De mistura com a música, também ouve ruídos estranhos, como se alguém estivesse varrendo, arrastando móveis, lavando copos e talheres.

Até que, tomando uma decisão, Paulo Roberto aperta a campainha da porta.

Depois de alguns instantes, a porta se abre, surgindo a figura, muito surpreendida, de Vera Lúcia;

VERA LÚCIA: Paulo Roberto?!... Mas, o que está fazendo aqui?!

PAULO ROBERTO: Eu é que pergunto! O que você faz nesta casa?!

Câmera inicia lento Trav.Avante, até enquadrar Vera Lúcia em P.P. Ouvindo a indagação do engenheiro, a pianista ~~se irrita~~ e pergunta:

VERA LÚCIA: Com que direito?! É um assunto meu, particular! Não é de sua conta, ne entendeu? Agora, deixa-me, se não por favor, pelo menos por cavalheirismo!

222. P.P. de Paulo Roberto absolutamente surpreendido pela inesperada reação da moça. Subitamente, transforma toda sua prepotência em humildade. É tão pequenino se faz ante à dura atitude de Vera Lúcia que, explicando-lhe seu comportamento, consegue impressioná-la:

Paulo Roberto - Perdoa-me Vera Lúcia ! Não precisa se zangar ! Não é questão de direito, não ! É de sentimento. Jamais você poderá entender quanto que eu te amo de verdade ! É, tudo, muito esquisito, concordo ! Não aguento sem esclarecer o mistério de sua presença nessa casa feia... aos domingos. Todos os domingos ! Preocupa-me até mesmo a sua segurança... É isso !

223. P.A. dos dois à porta da vivenda.

As palavras de Paulo Roberto, tão humildes e mo insínceras, abalam a moça. Seu rosto cobre-se de melancolia naturalmente por sentir-se amada assim. Pacificada, abre-se num sorriso muito triste para fazer o convite:

VERA LÚCIA - Se é assim, Paulo Roberto... se é assim, se é para a sua tranquilidade a meu respeito, entra pra descobrir o grande segredo, embora não haja misterio algum !

Vera Lúcia, sempre com seu sorriso triste, dá passagem para que o rapaz entre na casa.

INTERIOR - CASA ABANDONADA - DIA

224. No interior da casa, Paulo Roberto aspira um aroma de coisas velhas, de ambiente fechado, pouco arejado. Chegam à sala de visitas, com duas janelas dando para o alpendre, decorada com os velhos móveis do Tijuco, com objetos e retratos antigos, tudo muito limpo e cuidado.

Quando chegam à sala, Vera Lúcia esclarece:

VERA LÚCIA: Nasci nesta casa. Aqui morreram meus pais...

Esfrega o pano numa cadeira, ^e continua:

VERA LÚCIA: Toda semana venho limpar a casa, tirar a poeira, ^{vêr} os móveis... Tá ' í ! Esse é o grande mistério !

Aproxima-se de um console, sobre o qual se vê uma caixinha de música com incrustações de marfim e madrepérola, que ela apanha, dá corda e abre.

SOM - Música antiga (melodia vienense), com som ligeiramente destorcido.

Vera Lúcia, então, explica, enternecida:

VERA LÚCIA: Ganhei de mamãe quando tinha três anos...

225. P.P. de Paulo Roberto. Comovido, cheio de remorso, Paulo Roberto enlaça delicadamente a moça, dizendo:

PAULO ROBERTO: Me perdoe, Vera Lúcia!... Me perdoe a suspeita idiota!

226. Deixando no quadro, à direita, a caixinha de música, câmera, em ligeiro "contre-plongée", enquadra Paulo Roberto e Vera Lúcia, ouvindo, enternecidos, a melodia antiga. Depois o engenheiro pergunta:

PAULO ROBERTO: Não entendo, Vera Lúcia, porque você foi morar com sua avó, noutra casa, com esta aqui, linda, cercada por jardins, com móveis e objetos tão bonitos!...

VERA LÚCIA: Eu nunca seria feliz nesta casa, Paulo Roberto! Ela me traz recordações muito tristes.

PAULO ROBERTO: Tristes?!...

VERA LÚCIA: Tristes e trágicas...

Vera Lúcia caminha até a janela, seguida pela câmera, que sobe até alcançar nível normal panoramizando ^{de} De lá a pianista, com voz emocionada, acrescenta:

VERA LÚCIA: Meus pais se mataram nesta casa!

Paulo Roberto vai ^{a seu} encontro, toma-lhe a mão e indaga, atôn-

nito:

PAULO ROBERTO: Mas, Vera Lúcia, por que se mataram?!....

VERA LÚCIA: Nunca soube o motivo! Ninguém soube!

Ficam em silêncio, por alguns instantes. Depois a moça pergunta, tentando afugentar a triste reminiscência:

VERA LÚCIA: Não quer conhecer o resto da casa?...

EXTERIOR - RUA COSTA SENA - DIA

227. Dona Olga desce do sobrado e ganha a rua, a caminho da Igreja do Carmo, para a missa de domingo.

Na rua, avista Adroaldo à janela da "república" e o cumprimenta:

DONA OLGA: Bom dia, Adroaldo. Como vai?...

ADROALDO: Bom dia, Dona Olga. Vou bem, obrigado, e a senhora?

DONA OLGA: Mais ou menos, mais ou menos... Estou indo à missa...

ADROALDO: A Vera Lúcia saiu cedo hoje. O Paulo Roberto, muito bisbilhoteiro, foi atrás dela, para (ver o que ia fazer...

228. P.P. de Dona Olga, > assustada ao ouvir *a revelação* final do vizinho. Atônita, *meio* trêmula, pergunta:

DONA OLGA: Foi atrás dela?!.... Tem certeza?!

ADROALDO (voz off): Pelo menos é o que me disse, ao sair...

DONA OLGA: (para si mesma): Santa Mãe de Deus!

Depois alça a voz, *despedindo-se*:

DONA OLGA - (já falando alto para Adroaldo) - Até logo, meu filho. Muito obrigada...

Mas dona Olga muda seu caminho: em vez de subir a rua, na direção da igreja, dobra a esquina, a caminho da praça Tiradentes.

INTERIOR - CASA ABANDONADA - DIA

229.

Paulo Roberto e Vera Lúcia caminham pelo corredor, visitando a casa que possui bom número de cômodos.

Num dos quartos de frente, Vera Lúcia abre a porta e explica, mais tranquilizada, ainda que as feições do rapaz não inspirem tanta confiança:

VERA LÚCIA - Aqui era o meu quarto... O berço é aquele ali...

Vera Lúcia, com o dedo apontado, mostra um velho berço, abandonado num canto do aposento. Não percebe que, enquanto fala, Paulo Roberto toma, de uma caixinha de algibeira, uma pitada "como se fosse o rapé," usual naqueles interiores, ainda nos anos 30. Paulo Roberto, guarda a caixinha e se apoia no umbral da porta, respirando com algum custo para aspirar, em seguida, fortemente. Mal consegue disfarçar, concordando ao acaso:

PAULO ROBERTO (voz algo abafada) - Bonitinho... berço... seu...
Sim !

Paulo Roberto não demonstra nenhuma vontade de entrar no aposento. Ao contrário, parece que, subitamente, foi tomado de grande pressa. VERA LÚCIA estranha:

VERA LÚCIA - Você não quer entrar ? Mas... o que é que você tem ? Está tão pálido !

Paulo Roberto responde com voz alterada, trazendo nova desconfiança à moça:

PAULO ROBERTO - (com alguma brutalidade) - Nada ! Não tenho nada! ~~porra!~~ Vamos logo ver o resto... Anda !

VERA LÚCIA - Por que você ficou assim ? Parece zangado...

O engenheiro esforçou-se para se desculpar:

PAULO ROBERTO (pegando a mão da moça) - Emoção. Acho que é emoção... Você é tão diferente...! Vamos ver o resto da casa.

VERA LÚCIA (temerosa, olhando os olhos muito brilhantes do jovem, ligeiramente drogado) - Não... Podemos ir embora. Não tem mais nada para ver...

Paulo Roberto reage, rude, enquanto aperta a mão de Vera Lúcia, subindo sua mão pelo braço da pianista:

PAULO ROBERTO - Tem, sim, ^{moça!} sua mentirosa ! Ali ! Falta aquele quarto ali. Quero que você me mostre o quarto!... Tudo, está ouvindo ? Eu te amo ! Te amo ! Ainda não percebeu isso ?

Apontando para a porta que fica mais ao fundo do corredor, Paulo Roberto vai praticamente arrastando a moça pelo braço. Constata, porém, que a porta está fechada com a chave. Pergunta:

PAULO ROBERTO - Por que está trancado ? Quero ver o que tem aí dentro ! Cadê a chave ? (ante a indecisão de Vera Lúcia, fala alto, quase gritando) Vá... abre essa merda !

230.

P.P. de Vera Lúcia ainda mais confusa, já pouco podendo esconder seu medo:

VERA LÚCIA - Não... não, querido ! Eu não tenho essa chave... Não costumo entrar aí, sabe ? A chave sumiu, faz tempo !

Largando o braço da companheira, Paulo Roberto tenta abrir a porta à força.

Vera Lúcia, extremamente nervosa, irritação e revolta já dominando o pavor, grita:

Vera Lúcia: - Você enlouqueceu ? Já disse: não tem nada aí dentro !
Quero ir embora!... vamos...

Mas Paulo Roberto, metendo o ombro com toda a força, arromba a porta que cede totalmente. O cômodo, bastante espaçoso, está imerso na poeira e na obscuridade. Dele, exala um cheiro forte de mofo, de guardados e de ar viciado que se traduz na expressão dos dois.

VERA LÚCIA - Viu ? viu ? não tem nada aí... Pelo amor de Deus, Paulo Roberto, agora, vamos embora... Por tudo o que você ama na vida...

PAULO ROBERTO (dando uma inopinada gargalhada, ~~mais tétrica do que patética~~)

- Esta porra deve estar fechada desde a morte de todo mundo ! Horrroso... É uma catacumba de fantasmas... Uma merda !

Mas uma luz intensa se apossa do aposento, entrada com a abertura da porta, e baixada a primeira nuvem de poeira e mofo. É quando os olhos do engenheiro esbarram no belíssimo leito colonial Maria I, vindo do Tijuco ao final de sua peregrinação. Paulo Roberto volta-se de novo para a moça, agarra-a com os dois braços e grita-lhe no ouvido (depois de examinar, de longe, o moel)

PAULO ROBERTO - Não disse ? Não disse, minha paixão ? Que ^{maravilha} ~~cama~~ [?] ~~aquela~~ [?]
~~Maravilha, imbecil de mulher ! Vaca !~~ Quem morou aqui ? ~~Responda antes~~
que a mate !

VERA LÚCIA (quase caindo desmaiada, explica) - Era o quarto de meus pais...

Imediatamente, o rapaz muito inesperadamente, tira um lenço do bolso e começa a limpar a cama ridiculamente, com desmedido amor:

PAULO ROBERTO - Que lindeza... A cama dos meus pais... A cama ...

Mas, percebendo que Vera Lúcia, surrateiramente, quer aproveitar a ocasião para fugir, salta felinamente sobre ela:

PAULO ROBERTO - Não vai fugir não, minha rainha ! Eu sou o seu rei,
e vamos ter agora a nossa lua-de-mel... Nessa cama porque ela tem
alma, também. Tem coração... Tem sangue ! Eu te amo... Você é a minha
rainha...

Envolve-a num abraço nervoso, quase violento e, a certa altura, beija-a na boca. ~~Em seguida~~, deita-a na cama, deita-se também e beija-a mais na boca.

Vera Lúcia, percebendo que o beijo contém um arrebatamento estranho, de droga e desejo quase frenético, tenta esquivar-se. Mas, em vez de ceder, o engenheiro atrai-a com mais força, acaricia-lhe o rosto, o colo, os seios, as coxas, com um frêmito crescente de sensualidade.

A pianista, passando do susto à indignação, tenta afastá-lo, irritadíssima. Mas seu gesto só serve para exacerbar ainda mais o rapaz que, erigido de desejo, consegue retê-la num abraço voraz, murmurando, fremente, depois de beijá-la nos seios, no corpo todo: - Eu te amo... eu te amo... eu te amo...

EXTERIOR - RUAS DE OURO PRETO - DIA

235. Enquanto isso, passando da aflição ao desespero, Dona Olga atravessa a cidade de Ouro Preto, a caminho da casa abandonada onde, tem o pressentimento de que a neta corre grande perigo.

Já acompanhada pela curiosidade de alguns poucos transeuntes que a olham das calçadas desertas daquele começo de tarde de um domingo ensolarado, a mesma velha senhora passa pelos locais, ruas e ladeiras vistas anteriormente, durante a perseguição oculta de Paulo Roberto a Vera Lúcia., quando a caminho do casarão abandonado.

C., em Trav.- atrás, fixa-lhe as feições aflitas, enquanto seus lábios mexem como se em oração. Seus passos tornam-se cada vez mais rápidos, fatigando-a e enchendo seu rosto de suor.

C. focaliza ainda populares que olham a cena com curiosidade. Alguns, dois ou três, fazem menção de segui-la.

INTERIOR - CASA ABANDONADA - DIA

236. No quarto da casa abandonada, a luta de Paulo Roberto com Vera Lúcia, em desigualdade, vai num crescendo desesperador. C. registra, com agilidade, utilizando angulações e enquadramentos inquietos e versáteis.

No leito de tantas tragédias passadas, trava-se uma luta desigual e furiosa; exarcebada, de um lado, pela excitação dos sentidos, do sangue que o narcótico faz circular depressa no corpo do engenheiro, e, de outro lado, pelo instinto feroz de sobrevivência e autodefesa de sua presa.

Possuída por inesperada e renovada força, dessas que chegam como um último alento, Vera Lúcia não cede e evita que o agressor a violente num bárbaro estupro. Debatem-se por mais alguns instantes até que o rapaz começa a agredi-la fisicamente.

Para livrar-se da violência, Vera Lúcia vira o rosto para o lado e, estremecendo, avista novamente aqueles "olhos" de ódio ancestral fixos nela. (EFEITO ESPECIAL)

Desvairada, começa a gritar com novo alento, mas seus gritos, em vez de intimidar o agressor, levam-no ao paroxismo da cólera, fazendo-o aumentar o espancamento covarde.

Não conseguindo que parem os gritos, mesmo com o espancamento, Paulo Roberto passa a apertar a garganta de Vera Lúcia desvairadamente, também ele aos berros:

PAULO ROBERTO - Cala a boca, desgraçada ! Cala que eu te mato !

Cala a boca!... ~~a boca...~~ puta miserável...

Com a sua, abocanha-lhe sofregamente a boca para que ela não grite mais e por excesso de íbido. sem, contudo, largar-lhe a garganta que prossegue apertando cada vez mais.

Por seu lado, Vera Lúcia ultrapassa os limites do desespero. Com vigor inesperado e inaudito, revida a grassão e já, no desespero da falta de ar, revida a gressão e arranha com as unhas, o rosto, o peito e as costas do engenheiro, consciente de que vai morrer e não quer.

EXTERIOR - PROXIMIDADES DA CASA ABANDONADA - DIA

238. Dentro do quarto, sempre no leito fatídico, Paulo Roberto recrudesce na fúria que o domina e alucina. De um arranco, aperta com toda a força o pescoço da infeliz moça que, perdendo totalmente sua capacidade de resistência, começa a agonizar.

E se entrega, absolutamente exausta e aflita por não poder respirar, chegando, assim, ao derradeiro alento de vida.

Começa-se a ouvir, como se surgindo do fundo da memória da pianista, o som distante de um piano e de muitos sinos, emergindo do abismo.

SOM - Destorcidos e apagados escuta-se, na trilha sonora, o som de um piano com acordes do "Prelúdio" nº 4, de Chopin e de sinos distantes.

C. inicia lento Trav. avante até fixar o corpo de Vera Lúcia em P.P.P. com um filete de sangue na boca, e a cabeça tombada no travesseiro.

C. faz correção de enquadramento e detalha a expressão desesperada com que a moça morreu e, ao fundo, os dois "olhos" ancestrais. Neles, contudo, já não há furor ou ódio, mas uma tremenda piedade.

Como os olhos exangues de Vera Lúcia, a imagem vingativa de um passado tétrico também se vai evanescendo. Pouco a pouco aqueles "olhos" se fecham, encerrando definitivamente o longo ciclo de ódio e vingança.

EXTERIRO - CASA ABANDONADA - DIA

239.

Diante da casa, já, dona Olga sente-se presa e não consegue entrar, seguindo os populares que já, em socorro da moça, arrombam a porta e entram na casa.

A velha senhora está totalmente paralizada pelo terror: olhos pavorosamente fixos na janela do quarto onde, tem certeza, a neta acaba de morrer.

Tal certeza leva-a a persignar-se. De seu rosto, mais envelhecido ainda pelo cansaço, descem lágrimas de piedade e horror.

Depois, lentamente, diante da inutilidade de qualquer outro gesto, dona Olga começa a se afastar do triste local até que, mais adiante, desce uma ladeira que leva ao centro de Ouro Preto.

C. instalada em grua, eleva-se do solo e do alto, enquadra a velha cidade, banhada pela luz do crepúsculo que começa a cair.

SOM - Ouve-se o "Prelúdio nº 4" de Chopin, subindo na trilha sonora. Em segundo plano, distante, também se ouve o som de sinos, dobrando a finaldos.

Do G.P.G. de Ouro Preto e das montanhas que a circundam, com o pico de Itacolomi, surge e cresce a palavra

F I M

C I R A N D A

B A R R O C A

Argumento: GERALDO SANTOS PEREIRA

Roteiro: JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS

1986

Argumento: GERALDO SANTOS PEREIRA
ROTEIRO: JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS

Tomada inicial

Antes da cena 1, surgirá na tela um letreiro necessário por explicativo:

Letreiro: - " A HISTÓRIA DOS DIAMANTES NO BRASIL COMEÇOU NOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XVIII, EM MINAS GERAIS. PARA EXPLORAR TANTA RIQUEZA PORTUGAL CONCENTROU SUA FORÇA EM MÃOS ARBITRÁRIAS AO EXTREMO. O CONTRATADOR -DEPOIS INTENDENTE- DOS DIAMANTES. EM 1782, JOSÉ ANTÔNIO DE MEIRELES FREIRE, O "CABEÇA DE FERRO", HOMEM VIOLENTO E PREPOTENTE, ERA O SÉTIMO INTENDENTE DOS DIAMANTES NA COLÔNIA. "

**** CENA 1 - (Manhã. Exterior)

Começando com a C. fora de foco, o cenário toma nitidez: um caminhoto rural, em terra batida sem nenhum calçamento, margeado por alguns poucos casinhotos bastante pobres, inclusive uma pequena bodega com homens na porta. Pelo caminho vem um cortejo de cerca de vinte pessoas acompanhando um homem que será enforcado. Como de costume, na época, o paciente já vem com uma corda atada ao pescoço cuja ponta está em mãos de um carrasco encapuzado. Logo a seguir, vem um padre de sobrepeliz rendada. Esparge em redor um hissope enquanto reza em voz alta, acompanhado pelos moradores em procissão. Entre um anspensada, dois soldados de polícia e gente grada, vem pomposamente o intendente José Antônio de Meireles Freire com sua mulher, dona Elvira. O tipo é fanfarrão como que a exigir honras. Dona Elvira traz um ar irriquieto e malicioso. Os demais carregam semblantes graves e circunspectos.

Desde o início, ainda desde a passagem do letreiro inicial, a música será extremamente barroca: alguma coisa de Giovanni Pierluigi Palestrina, como "Tu es Petrus" ou "Super Voces". Enquanto o cortejo avança lentamente, sobre a cena, começam a aparecer na tela o título e demais créditos do filme. Nessa ocasião, são focalizados detalhes do caminho, figuras e pequenos pormenores de arquitetura da época.

Terminados os letreiros, C. focaliza em primeiro plano dona Elvira e o marido em um primeiro diálogo:

DONA ELVIRA - Vossa mercê está bem certa, senhor meu marido, que a tanto chega o poder de vossa intendência ?

INTENDENTE - Na corte ou no Rio de Janeiro, mandará alguém. Aqui, mando eu ! E eu quero os ladrões enforcados !

DONA ELVIRA - E o Pacheco ? Este pobre homem teria sido ladrão de nossa rainha, Dona Maria Primeiro ?

INTENDENTE - Ora, cale-se, minha senhora. Por acaso, isto são panos de minha nau !

Dona Elvira abre seu enorme leque negro e, num gesto de desdém, cobre um sorriso pícaro, de tédio, que lhe aflora à boca.

**** CENA 2 - (Manhã. Exterior)

Pela movimentação do povo que compõe o cortejo e de outras pessoas avulsas que tomam chegada, percebe-se que vai ter lugar o enforcamento do fiscal Pedroso. C. focaliza o carrasco passando a corda por cima de um galho forte de uma bonita perobeira-rosa, ainda nos arredores da vila. Em close, vê-se a cara transtornada do fiscal prestes a ser enforcado. Mais distante, há mais espectadores, inclusive na porta da vendinha. Em um dos closes da cara do enforcado, ele grita com voz estertórica:

Fiscal PEDROSO: - Sou inocente ! Juro que vão enforcar um inocente ! Pelas cinco chagas de Cristo, nunca roubei nenhum diamante... (olhos injetados de ódio e terror, fixam-se duramente na figura do intendente cuja expressão não se altera) Miserável ! Que a maldição deste crime se derrame por todas as suas gerações, assassino ! Que nenhum de seus filhos conheça a paz e o amor...

A música que aumentou interrompendo a fala estanca de repente explicando que o enforcamento foi consumado. As expressões dos presentes, com exceção da do intendente que é imutável, expressões tomadas aqui e ali, reforçam a certeza da consumação.

**** CENA 3 - Já de volta ao centro da vila, os grupos da procissão se desmancham. C. focaliza o intendente segurando o braço da mulher em cuja fisionomia se percebe asco e cansaço. Ao passarem por uma esquina miserável, a primeira para quem chegasse ao centro, dona Elvira joga um olhar inteligente para dentro de uma "tasca" suja até que seus olhos se encontram com o olhar de um mulato enorme, evidente que o dono do negócio, que a olha sem nenhum receio, por cima das galinhas e cachorros vadios que andam na rua. Num gesto bem ao gosto da época, dona Elvira abre novamente seu grande leque e, acintosamente, cobre a boca onde, certamente, há um sorriso de intenções. Nessa ocasião, como se nada houvesse percebido, o intendente fala com maldade:

INTENDENTE: - Este também hei de ver, qualquer dia, depenurado de uma forca. Finge-se comerciante

honesto para roubar e contrabandear as pedras da coroa...

Subitamente, como de modo pre-concebido, o intendente toma o braço da mulher com brutalidade e fala-lhe dubiamente:

INTENDENTE - Com que então, heim ? minha senhora... O vosso homem... Era o vosso homem...

DONA ELVIRA - (assustada) - Homem ?! Que homem ?! Quem ?

INTENDENTE - (pícaro, como se falasse para si mesmo) - Bem... Daquele, com a graça de Deus, já estou livre. Irra ! Mas previno-vos, minha senhora dona Elvira que terei artes, modos e manhas para despachar todos os que me aparecerem. Todos !

Ouvindo a ameaça, dona Elvira, já tranquilizada, volta a cabeça em direção à tendinha onde ainda se vê o mulato forte que, agora, está à porta, seguindo com os olhos os passos da mulher.

****** CENA 4** - Num salão mobiliado segundo a época, algumas como oito ou dez pessoas conversam entre cálices e pratinhos de guloseimas. Entre elas, distingue-se o padre que acompanhou o enforcamento do fiscal Pedroso, Há uma escrava-mucama no afã de servir. Será um traço de ligação entre cenas. Ouve-se um diálogo:

Um militar: - Creiam-me por favor ! Dom Luiz de Vasconcelos está fazendo um bellissimo governo. Eu vos afianço: até então jamais tivemos tão ativo governador !

Um senhor presente: - Realmente... realmente... Ao nosso Vice-Rei não tocam defeitos. Agora mesmo, contou-me mestre João Macedo, o entalhador que vem se estabelecer aqui no Tijuco...

****** CENA 5** - C. faz um corte para homens trabalhando em serrar grandes árvores. Justamente ao pé da perobeira-rosa que serviu de forca para o fiscal, dois homens, serras na mão, conversam:

Um serrador - Também esta vai ? (aponta para a perobeira) Também ? Olhem que se trata d'árvore d'inforcado... Pra mim, mestre, servirá apenas para fazer caixões... (ri-se forte)

Outro serrador - Também... também eu penso assim, é claro ! (fica olhando para a perobeira-rosa enquanto faz um cigarro) Olha lá, sôr Pedro: é que o João Macedo não quer saber disso... paga bem e ao contado. Veja bem que esta peça há de nos render algumas patacas, se vendida a palmo.

Há risos gerais, de bom-humor, enquanto os homens se preparam para por abaixo a perobeira do enforcado.

****** CENA 6** - Gabinete de trabalho do intendente dos diamantes. Freire, algum cabelo branco acinzentando-lhe as fronte, como novidade, trabalha com evidente mau-humor. Em pé, ante ele, um anspensada de polícia e dois soldados aguardam perfilados:

INTENDENTE - Como já tenho lhe dado ordens, senhor anspensada, não me dê guarita a contrabandistas. Veja que esses garimpeiros são todos ladrões, contrabandistas de pedras da coroa ! Não os quero eu como prisioneiros: que fiquem como pasto aos urubus...

O intendente levanta-se e fica caminhando de cá pra lá. Prossegue falando:

INTENDENTE - Outra coisa, senhor anspensada Silveira: quero, numa boa devassa, saber a que vem esse maroto Orozimbo. Aquela bodega, da qual diz-se dono, desde minha chegada ao Tijuco, carne por debaixo do fubá. E como me olha o cachorro atrevido sobretudo quando passo com minha mulher !

O intendente faz um gesto para que os militares se retirem. É obedecido pelo anspensada que fala:

Anspensada Silveira: - Sim, senhor ! Sim, senhor, vossas ordens serão cumpridas com o maior rigor. Não lhe de cuidados !

Enquanto os três militares saem, o intendente grita para dentro:

INTENDENTE - Que entre mestre Macedo !

Aproveitando a demora do mestre, o intendente, sempre passeando pela sala, fala a um subordinado que imediatamente suspende o que estava escrevendo, numa mesa menor, lateral.

INTENDENTE - Veja, seu Manuel: já lá se vão quase vinte anos que comecei a endireitar isto aqui ! E dizer-se que tudo começou desde o dia que mandei enforcar o ladrão do Pacheco ! (faz uma pausa) Se ainda não fiz o mesmo a esse mulato atrevido...

Auxiliar MANUEL - (interrompendo o chefe) O Orozimbo, senhor intendente, é vivo que nem alho ! Como todo garimpeiro, não deixa fumaça de seu fogo. Tem grande força de homens espalhada na serraria. Depois, excelencia, conta com a simpatia do povo...

Mestre João Macedo entra pela porta que deu saída aos soldados:

MESTRE JOÃO - Com sua licença, meu senhor. Às suas ordens ! cá estamos inteiramente às suas ordens !

Sem nem mesmo um cumprimento ao visitante, o intendente indaga:

INTENDENTE - Com que então estão prontos os meus móveis ?

MESTRE JOÃO - Quere o senhor intendente que os leve hoje ? Estão prontos como melões maduros ! (se ri, vaidoso) A cama, o oratório, a escrevaninha com o tampo de correr, a mesita... os dois silhões...

Auxiliar Manuel, durante todo o tempo, está olhando a figura do chefe, distraidamente, mas com mil significados nos olhos parados.

**** CENA 7 - Como intermezzo necessário, evitando-se o excessivamente linear da trama, C. focaliza uma cena de rua bem ao jeito da época. Em plano principal vê-se um senhor carrancudo a castigar um escravo com uma vara:

Senhor Carrancudo - Cachorro ! Ficas-me papalvo pelas ruas até que eu tenha de pagar a multa à intendência, não é ? De outra vez, furo-lhe um olho, vagabundo ! Tiro-lhe o couro ! Cachaceiro... Peste !...

No desvão de uma casa, C. focaliza dona Elvira, sempre com um enorme leque, conversando com Orozimbo. Os dois estão absolutamente indiferentes à cena do senhor carrancudo e seu escravo faltoso como, de resto, todos os demais passantes. Não se percebe o que dizem mas é fragrante o ar de malícia e provocação da mulher e a máscara sexual do mulato forte. Separam-se com um desfarçado roçar de bocas. Dona Elvira ainda se volta duas vezes enquanto caminha. Por fim, faz um

aceno discreto ao mulato que, todavia, não corresponde.

**** CENA 8 - Dona Elvira está chegando em casa de volta do passeio da cena anterior. No portão, encontra-se uma escravazinha-mucama tomando conta de um menino de três ou quatro anos. Dona Elvira toma a criança nas braços com excessos de carinhos e exibição:

DONA ELVIRA - Meu Honoriozinho querido... Coração da mãe...
Estavas com saudades da mamãe ? Estavas, amor ?

Dona Elvira prossegue falando, agora para a mucamazinha:

DONA ELVIRA - Honório comeu direitinho, menina ? (com gestos espalhafatosos, acaricia seu caçula-temporão) Meu Honorinho adorado, meu brinco, minha vida...

MUCAMA - A irmã já deu a merenda a ele, nhora, sim ! Também já asseiei ele e troquei de roupa... (a mucama, é evidente, está aflita por transmitir a novidade) Sôr João Macedo trouxe as mobílias novas ! Tá tudo lá dentro, nhora, sim !

Dona Elvira se apressa em entrar, levando o caçula no colo.

**** CENA 9 - Estamos no interior da casa do intendente, a melhor da vila (ou do arraial, como, então, se dizia). Elvira, sempre com o filho nos braços, examina a mobília nova, ainda não arrumada de todo, enquanto mestre-entalhador João Macedo conversa, num canto, com o intendente. Vendo-a à porta, fala-lhe com irritação:

INTENDENTE - Sim, senhora ! São os meus móveis. Ou melhor: os móveis para os dezoito anos de minha filha. Estivesse vossa merce em casa e os teria visto chegar...

DONA ELVIRA (depois de cumprimentar de cabeça o mestre) É !... tive de sair. Fui ver o enteado do sargento-mór que está a morrer. Foi isso !

Elvira fala maquinalmente, com um certo tédio por ter de falar, só interessada mesmo nos móveis que, de fato, são ricos e lindos. Dona Elvira começa seu exame pelo oratório:

DONA ELVIRA - Belo oratório, senhor João. Precioso ! Até como coisa que nos levanta a fé. Nada como uma peça bonita dentro da casa da gente... (já livre do menino que passou a mucama ou deixa-o no chão, a mulher se encaminha para a escrevaninha-de-sanfona. Fica abrindo e fechando o tampo de correr nas guias laterais, duas ou três vezes) Como é macio... como corre bem ! E a mesa é espaçosa... as gavetas... Parabéns, mestre João, sobretudo pela cor do verniz...

Mas Elvira é irrequieta e, logo, cansa-se de brincar com o tampo da escrevaninha. Olhando um dos silhões, corre a sentar-se nele:

DONA ELVIRA: - Que lindo ! Que joia ! Ó ! que cómodo ele dá ! Até parece a silha do Papa... (depois de experimentar umas tantas posições ante os olhares do marido, impaciente; e do mestre João, orgulhoso e satisfeito, ergue-se e se dirige para o leito, uma cama luxuosa que, por capricho de manufatura do mestre entalhador, ostenta como que dois "falsos olhos" peculiares à madeira guarnecendo o seu espaldar de cabeceira.

Diante da cama, Dona Elvira parece parar sua figura no tempo. Fica estática de assombro, olhos pregados nos "olhos" da madeira do espaldar. São expressão, até então lúdica, toma uma seriedade impressionante. Os dedos indicadores de ambas as mãos começam a circular em torno das manchas da madeira que lembram "olhos". Percebendo a mutação, Mestre João explica:

MESTRE JOÃO - Parece-me que bem aproveitei os nós da madeira...
Na verdade, estavam à feição. (Para o intendente) Vossa
Excelência aprovou os "olhos" ?

INTENDENTE - Muito bom ! Ótimo ! Tu gostas, mulher ?

Dona Elvira não responde nem a um, nem a outro. Empalidece a ponto de chamar a atenção dos dois homens que se aproximam dela.

ELVIRA (fala, rouca) - Que... madeira estranha ! Que... Que...
Dona Elvira não termina a fala. Nesse momento, cai transversalmente por sobre o leito, num desmaio profundo.

Estabelecido o corre-corre em socorro da mulher, entram e saem escravos e amigos da casa, com sais, águas-de-cheiro, alcanfor, copos, frascos...

**** CENA 10 - C. dá uma geral mostrando o tronco da cadeia do arraial onde se vê muitos presos, escravos misturados com contrabandistas. Um soldado, com voz de todo-poderoso, se dirige a todos eles:

Soldado - ... e vocês, contrabandistas, garimpeiros do diabo, vão dando graças a Deus que a ordem era matar tudo lá no mato mesmo e deixar os corpos de almoço pros corvos... (os soldados se riem) Vocês tão fartos de saber que o doutor não tolera garimpeiro ladrão. Vocês, corja de bêbados, queiram ou não queiram, hão de respeitar as terras de Sua majestade dona Maria...

C. focaliza terror em todos os olhos. O soldado falador prossegue falando enquanto caminha por entre os troncos pouco se importando de pisar pés e mãos.

Soldado - Hão de respeitar as terras e as pedras da nossa rainha, estão me ouvindo, vagabundos ?

Um prisioneiro - (fala a meia-voz para um companheiro mas é ouvido pelo soldado) - Pedras de Deus...

O soldado dá um chute no preso:

Soldado: - Não te faças de alfinim, idiota ! Olha que estás nas garras da lei. Aqui pro Campo de Fora é um pulo !
(o soldado volta-se e dá um outro chute no prisioneiro)
Veja lá como falas, imbecil !

Percebe-se bem claro o mal estar geral entre os presos. Um coitado pede um pouco d'água no que não é atendido:

Prisioneiro com sede - Água, pela Senhora das Dores... Uma caneca...

Outro soldado - Água ? Queres água, meu nobre ? Espera que lá no inferno haverá um demonio para lhe dar uma cachoeira d'água fresquinha que nem a do rei. (de novo, todos os soldados acham graça na piada).

De repente, todos os soldados se perfilam ridiculamente. Entra o intendente e há um sussurro difuso, implorando clemência e misericórdia.

O intendente entra, fanfarrão como sempre, sem nem tomar conhecimento dos presos nos troncos. Um deles, já meio enlouquecido, brinca com a cuia vazia de comida colocando-a na cabeça como um chapéu. O intendente pergunta ao soldado mais próximo ou mais graduado:

INTENDENTE - Então, sôr Geraldo, aqui está o João da Costa ?

Soldado - Não, meu senhor. É que... não vê o senhor...

INTENDENTE - (zangando-se) E minha ordem ? Não dei ordem ?

Soldado - Infelizmente ainda não conseguimos deitar a unha no ladrão do negro... Quando a gente se aproxima, o diabo parece que vira alcanfôr !

INTENDENTE - Então não adiantou nada. (mais zangado ainda) Vocês só sabem prender esses porcarias lazentos ! Uns pulhas ! Me diga: por que não acabaram com esses coitados lá fora mesmo, conforme minha ordem ?

Soldado - De que jeito, doutor ? não fizeram resistência... tudo pedindo misericórdia pelo nome de Deus. Entregaram-se sem nem a gente precisar...

INTENDENTE - E daí ? Outro assunto: apuraram alguma coisa sobre o mulato da bodega ? O tal Orozimbo ? Já sei ! Não apuraram nada ! Vosmecês todos são uns palermas ! Mas de qualquer maneira prossigam sempre no encalço do mulato .

O intendente se retira, irritado, mas, de passagem, um pobre escravo também preso, tenta alcançar-lhe uma perna. Não conseguindo, segura-lhe a bengala cara. O intendente volta-se e arranca brutalmente a bengala das mãos do suplicante, ameaçando-o com ferocidade com a bengala erguida:

Escravo preso - Meu sinhô... por uma caridade...

INTENDENTE - Solta-me, peste ! Vá ! E não me suje a bengala senão...

A cena vai caindo em penumbra (com a saída do intendente) e termina por também sair de foco enquanto a música toca um "kyrie" da época.

****** CENA 11** - É noite em casa do intendente. Ele e a mulher estão no quarto já vestidos como para dormir , vê-se a cama já preparada para a

a noite. Dona Elvira, languida, está atirada num dos silhões novos, sem nenhuma pressa. Ele senta-se na cama, visivelmente impaciente.

INTENDENTE: - Então, minha pomba, gostaste dos móveis ? Desta cama ? Mais linda ainda não vi eu em toda minha vida. Mestre João é que é, heim, minha querida ? (o intendente está rendido e procura ser conciliador) Mira quanta arte vai nisto ! Chega-te, pomba de minha alma... havemos de fazer grande honra ao mimo do mestre, pois não ? Esta noite será de festa... (ri, desajeitado enquanto procura atrair a mulher impassível) Queres que te vá buscar ? Olha que já não me tenho...

Dona Elvira, por fim, ergue-se a grande custo e, como que cambaleando, chega-se à cama de luxo e abandona-se junto à cabeceira. Com o olhar parado, começa a circundar, com a ponta do dedo indicador, as manchas do espaldar onde os nós da madeira formam "olhos" escuros, pela arte do entalhador. Enquanto o marido espera ansioso, o movimento de dedo de dona Elvira cresce, angustiante, até que rebenta-lhe um choro convulso:

DONA ELVIRA: - Não posso... É que não posso, José. Não consigo ! Faltam-me forças... É um não sei que. Perdoa-me...

Nunca me neguei a vos servir, meu marido... Jamais ! Mesmo, às vezes, até sem poder e o senhor bem sabe disso... Mas hoje... hoje, não ! Por Nosso Senhor Jesus Cristo ! Hoje, não posso... Não posso... (o choro aumenta de intensidade a ponto de tolher a fala)

INTENDENTE (exasperado) - Mas que diabo ? Que diabo é isto, mulher ? Que tanglomanglo lhe deu ? Parece bruxaria... Já, pela tarde, foi aquele desmaio sem nenhum propósito. Agora, essa doidice. Essa diminuição... Eu... e onde fica minha... minha virilidade ?

DONA ELVIRA - (falando a muito custo) - Faz-me mal... faz-me muito mal esta cama. Desde que a vi. Por isso desmaiei. Não tive culpa. Esta cama, assim, com esses olhos (o dedo não pára de circundar a mancha)... Deus me perdoe, mas parecem olhos de gente... que nos estão vendo... que vão ver tudo o que fizermos ! Eu sei que é uma loucura... (a mulher, agora, fala com os nervos à flor da pele). Hoje, não, senhor meu marido. Não ! Implore-vos pelo sagrado nome de Deus ! Hoje, não ! Hoje, não !

Dona Elvira, enquanto fala, vai resvalando até que se põe de joelhos, no chão, aos pés do marido:

DONA ELVIRA - De tarde, desmaiei porque... porque me lembrei dos olhos do Pedroso, aquele dia, na forca...

INTENDENTE - Ora, a tolinha ! Que tem a ver uma coisa com a outra ? Grande tolice... (O intendente, ainda com esperanças de uma noite de amor, ergue a mulher do chão com um carinho pouco convincente) - Vamos... tolinha... Verás que o prazer vai apagar essas caraminholas... Vamos... Vamos, linda ?

A noite se adianta lá fora. Entre os ruídos naturais da hora, um grito terrível de dona Elvira é afogado pelo brado de uma sentinela:

Sentinela - São dez horas da noite ! Tudo vai em calma no arraial do Tijuco com a graça de Deus e da justiça de nossa amada rainha, senhora dona Maria Primeiro, que Deus guarde !
(off)

**** CENA 12 - Em cenário anterior, para evidenciar a repetição dos fatos, Vê-se o intendente e dona Elvira em seu quarto. Desta vez, porém, ainda não trocaram a roupa para dormir. Discutem:

INTENDENTE (sério. Aborrecido. Irritado) - Ora, minha senhora, assim, não é mais possível ! Não é ! Afinal, um homem casa-se e de repente não tem mais mulher. É isso: não tem mulher ! E não é que se diga que estamos velhos. Não ! Ainda sou homem para o diário, me percebe ? E tenho dado provas.

DONA ELVIRA (sempre angustiada, andando pelo quarto) - É que não posso. Será que o senhor meu marido ainda não entendeu que estou louca ? Quase louca ? Pelo amor de Deus, poupa-me... Eu vos suplico... É uma angústia... uma repulsa não por vossa mercê, mas pelo ato. Pelo ato, compreende ? Pelo ato ! (as últimas palavras dona Elvira já as profere gritando em desespero)

INTENDENTE - E dizer-se que esta situação já vai para dois meses ! É ridículo ! Simplesmente ridículo ! E eu ? Como fico ? Ora, Elvira, eu não tenho sangue de baratas, é o que é. (segura a mulher pelos braços, sacode-a com força, gritando também)

DONA ELVIRA - Poupa-me... poupa-me por quem é ! Eu sei que estou louca... desgraçadamente louca... Abandone-me... Mande-me embora... interne-me num asilo... num convento... Mate-me !

O intendente prossegue exasperado, misturando palavras de sedução e

esperança de um próximo ato:

INTENDENTE - (ora manso, ora zangado; ora fazendo carinhos na mulher ora agarrando-a com brutalidade, a forçar sua ida para o leito) Vamos, querida... O diabo não é tão feio como se o pintam... Tu o que estás é mervozinha... talvez da idade... Queres que arranje uma amante para deitá-la nesta cama, queres? Vamos! Dispa-se, merda! Eu é que não estou aqui para... para...

DONA ELVIRA - Não posso... não posso, senhor meu marido. Quantas vezes já lhe disse? Estou doida... completamente doida. Peço que olhe pelos nossos filhos. Coitada da Mariazinha, já quase casada... do Honoriozinho, tão criança ainda... Será essa cama? Essa cama mete-me medo, apavora-me, assombra-me... Esses olhos. Se, ao menos, apagassem esses olhos...

INTENDENTE (perentório) - Que têm os olhos? São bonitos. São bem arranjados. Não estou aqui para me submeter a caprichos idiotas... Saiba a senhora que esses olhos, enquanto eu for vivo, permanecerão aí, assim como mestre João os colocou! Agora, ou vens ou perco a cabeça... mato-te, diabo de mulher!

**** CENA 13 -

Em frente ao solar do intendente, noite alta, C. focaliza uma janela com a pesada lâmpada de óleo da alcova matrimonial acesa. A C. está na rua por onde vem vindo cinco ou seis rapazes, improvisando uma serenata. A serenata passa sem se deter, contudo, em frente a casa. Há um violão, uma clarineta e uma flauta, esta, tocada exatamente por Orozimbo. Fazendo-se uma concessão à cronologia, a música pode ser LUA DE VELUDO, do diamantinense Boanerges, recém-falecido.

Apenas a serenata começa a se afastar, escuta-se de súbito um grito lancinante vindo da alcova e a música estanca de golpe. Ouve-se, em crescendo, mais gritos de aflição e pedido de socorro. A porta, em baixo, se abre de sacalão e Elvira, esbaforida, corre pela rua de pés no chão e semi-despida, os restos da roupa em farrapos. Há sangue em seus braços arranhados e feridos. Logo, em seu encalço, aparecerá a figura também já meio despida, transtornadíssima, do intendente, apontando, a esmo uma grande pistola da época. Há confusão de vozes:

DONA ELVIRA - Virgem Mãe de Deus! Não faça isso... Socorro!

INTENDENTE - Desgraçada dos infernos... agora, mostro-te que com homem não se brinca... Mato-te, miserável! Pensas que sou um trapo? Um boneco? (prossegue a perseguição enquanto Elvira, seguida pelo marido, corre em direção aos rapazes que param em posição de defesa da mulher) Pensas que eu sou o que, cadela imunda!

O intendente descarrega a arma uma e duas vezes e Elvira, que já está junto ao bando de seresteiros, com os braços aflitos procura Orozimbo que larga a flauta no chão para ampará-la. Nisso, mais um disparo alcança as costas da mulher que, logo, sangra. Elvira dobra as pernas e é amparada por um dos rapazes do bando enquanto Orozimbo corre para desarmar o intendente. Este, faz menção de repetir o tiro agora contra o latagão Orozimbo. Então, Orozimbo saca rapidamente de um punhal do cós de suas calças e crava-o com toda a energia no peito de intendente que redopia e cai, não sem antes atirar mais uma vez.

Orozimbo toma dona Elvira nos braços e se dirige à casa enquanto seus companheiros de seresta socorrem o intendente, tomando a mesma direção.

OROZIMBO - (para o companheiro que vem mais próximo) ... Morta! já está morta... Que desgraça, meu Deus!

Enquanto todos entram em casa, C. focaliza os instrumentos de música espalhados pelo chão. Alguma gente vem chegando, apressada, entre curiosa e espantada.

****** CENA 14** - Amanhece no quarto do casal da tragédia. Entre personagens vagas, vê-se os dois cadáveres (muito rapidamente). Os corpos estão estirados no luxuoso leito do intendente e sua mulher. O padre é o ponto principal de convergência. Pelo jeito, acaba de encomendar os corpos e agora se dirige a pessoas da casa:

PADRE - Consumada essa medonha tragédia, é muito necessário cuidar-se dos órfãos. A menina, já que está para casar-se, fica com parentes daqui mas o pequeno Honório terá que ser afastado de toda essa miséria... Sei que, no Serro Frio, moram os Vieira de Carvalho que, além de parentes, são abastados. Penso que devemos providenciar para que a criança não permaneça neste triste ambiente... Convem, se possível, que o pequeno Honório viaje ainda esta manhã...

Uma escrava velha - Já aprontei tudim, sô padre. Nhanhã Mariazinha tá na casa da prima. Norim, pode parti quando vossoria determiná. Vai com sô Jeremia mai Mané véio. Mai mió o padre fazê uma carta...

PADRE - Claro que o menino levará uma carta bem detalhada. Importante é que não se fale em nada do que se passou junto a ele. Estão me compreendendo bem ?

****** CENA 15** - Na mesinha, móvel também feito por mestre João Macedo, C. focaliza o padre, muito circunspecto, redigindo uma carta aos Vieira de Carvalho, de Serro Frio. Entre duas folhas já totalmente escritas, há penas, -de pato, aparadas- areieiro e um grande tinteiro de cristal, de boca larga, século XVII de quando em vez, o padre suspende a redação e morde, distraído, como a querer se lembrar de algum detalhe, a ponta superior da pena que lhe serve de caneta.

PADRE - (relendo, para si mesmo, trecho da carta que escreve)

"Estamos todos ainda aterrados com o ocorrido. Os pertences do órfão irão com mais tempo. O importante é que ele prossiga ignorando totalmente o desgraçado fim dos pais. Em minha opinião, Honório deve ficar definitivamente com sua família e nem deve regressar ao Tijuco em tempo algum. (o padre pára a leitura e corrige qualquer coisa que escreveu. em seguida, prossegue lendo). ... sou, de vossas excelências, servo muito cumpridor e atento etecétera".

Antes de abrir em largos lances sua assinatura, o padre faz, com a cabeça, um sinal de aprovação ao que escreveu. Enquanto fecha a carta, a cena tem o seu final com música adequada.

****** CENA 16** - C. começa focalizando uma curva poética, bonita e larga ^{de um} trilha de pedagem, ainda inteiramente deserta. É dia alto. Numa ponta da curva, que deverá ser em declive, vem surgindo uma pequena tropa de homens e animais. Aproximando-se, em compasso de viagem, faz-se ouvir uma música

antiga (como a sinfonia "JUPITER", de W. A. Mozart). Numa forte besta, dois cestos se equilibram de um e de outro lado. Num deles, vê-se sacos de bagagem mas no outro acomoda-se o pequeno Honório (exatamente como viajavam crianças pequenas no século XVIII, pelos caminhos do Brasil-colônia.) Negros de confiança acompanham e zelam pela viagem. A pequena caravan passa e segue seu caminho até sumir na ponta oposta do caminho ao tempo em que a música que cresceu a aproximação do grupo esmaece quando de seu desaparecimento.

*** CENA 17 - Num salão social de Serro Frio, precisamente o da rica mansão dos Vieira de Carvalho, estão cerca de vinte pessoas da sociedade local. Um tipo nobre, a quem chamam de barão, sentado numa poltrona de alto espaldar, belisca uma guloseima qualquer. Apoiado na mesinha ao lado, há um copo de bebida que ele pega por alguns segundos, larga depois no mesmo lugar, sem, contudo, servir-se. Repete isso algumas vezes enquanto fala:

BARÃO - (falando para a generalidade das pessoas, com a vaidade peculiar aos nobres) - Pois é o que vos digo ! Acabo de saber, por mensageiro de responsabilidade chegado da corte do Rio de Janeiro, que sua majestade Dom Pedro está disposto a visitar nossa província, agora, para nossa satisfação, transformada em Estado. E sua majestade virá com a imperatriz e alguns ministros... Uma temeridade ! Não sei, mas no pé em que estamos, politicamente, acho uma imprudência !

Outro visitante igualmente ilustre - Realmente... Realmente, senhor Barão. Também eu soube do fato. Virão agora em dezembro. Coitada da dona Amélia, uma moça européia, fina, metida por esses nossos caminhos... nossas carruagens... Na verdade, os monarcas esquecem-se depressa...

BARÃO - E quantas coisas impossíveis se passaram nesses últimos anos, heim, senhor Siveira ?

Um padre - O pior é que, desde os primeiros dias de nossa independência, e lá se vão oito anos, o povo não aceita um imperador português. Não sou jacobino mas o povo terá suas razões...

Um segundo visitante (aproximando-se do padre) - Dom Pedro será hostilizado aqui em Minas Gerais. São favas contadas ! Que me diz, reverendo ?

PADRE - Talvez nem cheguem a tanto. Vem com a imperatriz e nossa gente prima pela atenção para com as senhoras...

Enquanto se passa esse diálogo, surge, na tela, em transparência, um letreiro explicativo:

LETREIRO - "VILA DO PRÍNCIPE
SERRA FRIA
1830

Apagado o letreiro, um escravo entra e cochicha qualquer coisa no ouvido da dona-da-casa. Esta, com a fisionomia carregada pela surpresa, levanta-se imediatamente, pedindo licença com a cabeça, e se dirige ao marido. Com gestos mudos para o espectador, pede-lhe um particular. Imediatamente saem os dois que pedem licença aos visitantes com mais cumprimentos.

****** CENA 18** - No interior da casa da cena anterior, possivelmente numa copa, C. focaliza o órfão pequeno de dona Elvira e do intendente. O menino está visivelmente cansado ou já dormindo no colo de uma preta-da-casa. Alguns viajantes da tropa que trouxe a criança estão presentes, também dando mostras de cansaço. No azáfama da surpresa, C. focaliza o velho Vieira lendo a carta do padre, com o auxílio de uns óculos da época. Vieira está de pé quase no meio do cômodo enquanto o resto da cena, em mímica, mostra a senhora mandando servir comida aos recém-chegados e tomando outras providências para alojá-los. A cena termina com o casal Vieira voltando à sala para prosseguir no atendimento de suas visitas.

****** CENA 19** - Opcionalmente, C. pode filmar à volta à sala dos Vieiras, o círculo de suas visitas a tomar conhecimento da chegada de Honório, a saída da mulher e sua volta imediata com a criança no colo para exibi-la aos visitantes.

****** CENA 19 - A** - Numa rua pobre -como, de resto, são todas as ruas da vila do(Serro) vem a mulher do Vieira agarrada amorosamente ao menino Honório. Traz, como séquito, duas mucamas com bolsas de roupas e mamadeiras d'água. Ocorre um encontro com uma personagem nova, não presente à reunião passada na casa dos Vieiras. O homem -que será um visconde- abre escarceu:

VISCONDE - Bons olhos a vejam, minha senhora dona Margarida ! Como vai passando essa nova mamãe ? (o visconde aproveita para acariciar o menino) - que é bonitinho, é ! ÉE sadio, minha cara amiga ! Imagino como está o Vieira...

MARGARIDA - Ahhh ! O senhor visconde sempre soube do que lá se passou ? Uma surpresa, meu senhor ! Para nós, foi uma ventura cair este anjinho em casa mas, meu amigo, que infelicidade ! Que horror !

VISCONDE - Dessas a vida trama, minha cara senhora dona Margarida ! É como diz: foi uma infelicidade ! Mas esteja certa que foi pela mão de Deus que essa criança aportou a tão bom porto.

MARGARIDA - Diga antes, senhor visconde, aportou a meu coração...

VISCONDE - Soube a senhora da última novidade ? Vem do Rio de Janeiro. Pois sim ! O nosso imperador simplesmente abdicou ! Agora temos um Pedro Segundo. Com a idade de seu menino...

MARGARIDA - (mostrando pouco interesse pela abdicação) - Era de esperar, pois não ? Com tanta animosidade...

Enquanto a conversa prossegue, já agora longe do entendimento do espectador, -o visconde passando a mão entre carinho e caridade na cabeça do pequeno Honório- C. focaliza cenas movimentadas de rua: um escravo mercando legumes, negros-do-ganho esperando por biscates, mendigos, lavadeiras com roupas e bacias na cabeça, gente conversando numa esquina, numa tendinha, na porta de um biongo... Ainda na mesma cena, C. traz para o primeiro plano, o grupo inicial:

MARGARIDA - Pois creia, senhor visconde, que foi uma satisfação esse encontro... (dá-lhe a mão que o visconde toma com sofreguidão e beija-a cheio de circunstâncias.

VISCONDE - Satisfação minha, ora essa ! Até mais vêr, senhora

dona Margarida. Meus recados para o senhor Vieira. Grande homem ! Grande homem !

O visconde beija exageradamente a cabeça de Honório e, girando sua bengala, toma direção oposta em seu caminho interrompido pelo fortuito do encontro.

****** CENA 20** - Saída da missa dominical. Porta da igreja. São passados vinte anos e, isso, se percebe bem nas roupas e maquiagem de Margarida, em seus cabelos branqueando. Margarida está acompanhada com um rapaz bem apessoado, forte, elegante, exibindo, sobretudo, um ar decidido:

MARGARIDA - Honório, meu filho: ah! como pedi a Deus pela paz e pelo bem-estar desse nosso pobre povo ! Hoje, com a quebra da exploração das minas, até pão faltou nas padarias ! Reze sempre pelo povo, filho ! Na verdade, eu não aguento mais a crise e me envergonho de ainda possuir alguma coisa. Vieira está arrazado. Nem mais abre a boca.

O casal conversa a caminho de casa por entre todos os sinais de decadência e miséria geral. As pequenas casas de negócio estão de portas cerradas e o povo, sobretudo crianças, avançam para os caminantes pedindo esmolas aflitos e chorosos.

HONÓRIO - É guardar o que é nosso, tia... Nada temos com a fome do povo. Não somos nós os culpados, não é mesmo ? Paciência ! Soubessem economizar para as vacas magras... Não souberam. Eis aí ! Se a época é ruim para uns, é excelente para os que sabem negociar bem... enriquecem... E eu, tia, não quero ser pobre... passar necessidades...

MARGARIDA - Que heresia, meu filho. Como pode você dizer uma coisa dessas ? Vieira, por vontade dele, já havia aberto as portas de seu armazém e dos depósitos para servir ao povo... Você é que o impede... Na verdade, jamais poderia pensar que, um dia, pudéssemos chegar a esse ponto. O que diz "O Diamantino" é estarrecedor. Sabe, meu filho, pouco se me dava morrer hoje. Já. (Margarida começa a chorar) não queria mais ver essa gente toda a passar fome, a sofrer, a morrer... Crianças...

****** CENA 21** - Junto ao portão do solar dos Vieiras vê-se uma porção de gente faminta exigindo comida.

Um indigente grita para dentro do portão: - Vossas Mercês é que tem de ajudar a gente... Vossas Mercês é que tem armazéns... tem reservas...

Na rua, cresce um sussurro geral de pedidos, imprecações, rogos. Uma mulher carregada de filhos bate uma cuia na grade da casa. Aparecem outros vasilhames vazios.

Também e sempre seguidos de outra turba faminta, Margarida e Honório surgem na ponta da rua. Margarida vem chorando. No momento de entrarem em casa, com algum custo por entre a gentinha, outro mendicante fala:

Outro mendicante - Desaforo ! Enquanto o povo passa fome e nossos filhos morrem à mingua, esses ricos nos afrontam ! Dizem que mandam buscar no Tijuco até móveis de luxo !

****** CENA 22** - Noite. No interior da casa de Vieira, na sala, inteiramente arrazado e abúlico Vieira está numa cadeira de balanço, já de camisola para dormir. Margarida está agarrando-lhe carinhosamente uma das mãos e Honório, indiferente, faz cálculos ou escrituras numa mesa perto.

VIEIRA - Honório, meu filho, você não acha que está na hora de abrímos nossos depósitos para saciarmos a fome desse povo todo... a qualquer preço ?

MARGARIDA - Que nos adianta tanta coisa armazenada se...

HONÓRIO (interrompendo o que faz e a fala dos velhos. Fala com azedume) - Nada disso, tios. Quando abrir os armazéns será é pra vender tudo caro. Fazer um pé de meia para o resto da vida. Que culpa temos nós da miséria do povo ? Os senhores não acham que o governo é que tem de... O que é nosso, é nosso e ainda havemos de ficar mais ricos... (começa a sonhar, adoçando até o timbre da voz) Eu serei o homem mais rico desta terra... de Minas Gerais... do Império ! O homem mais poderoso... Mais poderoso do que meu pai que foi intendente dos diamantes... Eu serei o intendente de todos os generos e alimentos da vila ! Ora, boas noites, meus tios... Durmam bem !

Honório retira-se para o interior da casa enquanto os velhos permanecem juntos, de mãos dadas, inteiramente arrasados, nos olhos, entre lágrimas, muita tristeza e decepção.

VIEIRA - Isso acaba um dia, minha velha. Já... Nós dois havemos de partir para um outro reinado distante... Reinado de amor, paz e fartura.

MARGARIDA - Estás a sonhar tu também, Vieira ? Fazes planos para viajarmos ?

VIEIRA - Sim. Havemos de viajar. Nós dois. Quando ? Quem sabe ? talvez... talvez...

**** CENA 23 - Amanhece nas ruas da vila. De repente, percebe-se movimento intenso e desusado na casa dos Vieiras. Pessoas apressadas e aflitas entram e saem da mansão. Honório surge numa sacada e gesticula com energia para alguém que está na rua.

Um popular explica^{o um} outro, estacionados em frente à mansão: - Foi ! Foram encontrados mortos. Já mortos. os dois velhos... Um horror !

Um segundo popular - Veneno ? Foi veneno ? Tomaram veneno ? Sim... ontem a noite ou esta madrugada... Quem diria ? Logo as pessoas mais ricas da vila...

Um terceiro popular: - Remorsos, minha gente. Remorso doi !...

Uma senhora (aflita por dar detalhes) - Os dois na cama... Estive lá dentro indagorinha... Fui uma das primeiras a chegar. Que beleza de quarto... de cama. De luxo, sim, senhores ! Enorme ! Assim, nunca vi ! Mas por que será que se mataram ? Deus do Céu !... Ave Maria !

**** CENA 24 - Num salãozinho de barbeiro da vila do Príncipe, modesto como, de resto, serão todos os salões dali, naquele tempo, um senhor frisa os bigodes com um ferro quente, de frisar. O barbeiro indaga com interesse:

Barbeiro - Assim está bem ? Vossa Excelência prefere um pouco mais nas guias ?

Senhor da cadeira - Sim... como achares ! (sem dar importância ao profissional, o homem quer auditório. Fala alto) - Parece incrível ! Sabe, vossmecês o que seja um trem-de-ferro ? Pois não é assim que o imperador acaba de inaugurar um trem-de-ferro de verdade, igual aos da Europa, unindo o Rio de Janeiro à Raiz da Serra de Petrópolis ?

Outro freguez que aguarda sua vez - O barão de Mauá ! Foi ele que construiu a estrada... A verdade é que vivemos, todos, só presos aos acontecimentos da corte. E a fome... essa...

HONÓRIO (que está chegando da rua, sem cumprimentar ninguém, vai tomando parte na conversa) - Barão de Mauá ! Barão, estão vendo só ? A gentinha nunca produz nada... só sabe fazer baderna exigindo que se lhe auxilie... A verdade é que só quem trabalha, quem tem o poder nas mãos, tem iniciativa.

Um quarto senhor que está ao fundo do salão: - Claro ! Pois se o povo não tem nenhum poder, como pode ter iniciativas ? Tinha graça o povo, sem cabeças, a construir qualquer coisa, não ? É ficar por baixo mesmo... toda a vida... que remédio ?! Nos diga, senhor Honório, como vamos de crise. Os senhores ? Os fornecedores ?

HONÓRIO - Bem melhor, agora ! Isso, será coisa passageira. Nesta terra, fome, miséria e o mais são coisas endêmicas. É a pobreza extrema, a indolência natural resultante do clima... Eu, que não tivesse a visão que tenho, estaria frito, meus amigos... Estaria também pedindo esmolas... (ele se ri sozinho rompendo o silêncio que se faz em roda.

**** CENA 24 -A-

Na rua, Honório se encontra com o comerciante Sebastião Figueiredo Mendonça. que, pelo jeito, lhe é devedor de muita fazenda. Pelo jeito sabujo e servil do comerciante, fica patenteada sua personalidade. Como Honório não pára para falar-lhe, Sebastião o segue humildemente:

SEBASTIÃO - Sabe, Honório, não queria falar-vos em dinheiro, já que, com a crise não posso pagar, por ora, aquela importância... É que talvez necessite um pouco mais, compreende ? Um arredondamento... Os tempos estão bichudos... (Sebastião diligência em acertar o passo com o do Honório, quase falando em seu ouvido). Foi minha mulher que lembrou: "Se precisas mais algum dinheiro para vivermos, por que não te socorres do compadre Honório ?" Tem graça, não ? A Cecília quer vos tanto bem que até me parece ridículo: tem ciúme de outras mulheres com o amigo ! Esta não é de truz ? (ri-se para agradar Honório que marcha impassível) E, por falar em nossas esposas, como vai indo a senhora dona Ernestina ?

HONÓRIO - Mal... mal... compadre Sebastião. Bem dizer, ando sem mulher há mais de dois anos ! Não se interessa por mais nada. Ernestina só quer andar deitada naquela cama horrível que tanto me lembra a tragédia dos tios. Já pouco vou ao quarto, mesmo para dormir. Depois, a coitada só pensa em comer...comer... O que aquela alma come, ninguém acredita ! E a reclamar mais... sempre mais... E são caldos, canjas, doces, frutas, comidas a toda hora do dia. Mal comendo, já me parece um castrado. Ou uma baleia... O que me distrai ainda são as horas que passo em casa de amigos como você e a Cecília... (os dois se riem, Sebastião para agradar)

SEBASTIÃO - Pois não seja por isso, compadre. Vamos tomar chegada ! Olha, ainda hoje pela manhã, a Cecília me recomendou...

**** CENA 25 - As duas personagens chegam em casa de Sebastião. Do portão, Honório grita pra dentro, já de melhor humor:

HONÓRIO - Será que um forasteiro cansado pode chegar para tomar um copo d'água ? (logo, deparando com Cecília que vem, alegre, a seu encontro, Honório completa seu cumprimento:

HONÓRIO - Que Deus esteja nesta casa onde mora tão lindo anjo...

CECÍLIA - (O olhar que trocam é de pura intenção) -Para todo o sempre, compadre ! Agora, se o anjo é lindo quem sabe e o compadre. (Falando, Cecília dá passagem ao visitante) - Entra, só ! Então já não sabe que esta casa é sua ? Sebastião até que pode providenciar lá na Baixa uma garrafa de pinga macia pra sua sede, não é mesmo ? A Baixa é um pouco longe mas é

só onde ainda, com essa rafa que anda por aí, se pode achar coisa boa pro compadre beber... Sebastião vai de bom gosto, não vai, marido ?

SEBASTIÃO - (sempre submisso) - Naturalmente. O compadre entre e fique à vontade que eu vou daqui ver a pinga no Marcelino...

Do portão mesmo, Sebastião volta para a rua enquanto Honório e Cecília entram através de uma varanda fresca, cheia de pássaros em gaiolas e sambambaias choronas.

Antes de passarem a porta, C. focaliza Honório já entrando enlaçado à mulher de Sebastião. Numa pequena parada, beijam-se na boca. Depois, entram.

*** CENA 26 - Sebastião entra, de volta, com a garrafa de pinga da encomenda. Na sala, não vê ninguém mas, logo a seguir, chegam de dentro Honório e Cecília. Chegam em atitude de quem se apressa a desmanchar vestígios de um ato de amor. Antes que Sebastião possa dizer alguma coisa, Cecília disfarça, com muita segurança:

CECÍLIA (como se viesse conversando com Honório)... quer dizer que sua senhora não melhorou nada mesmo ? Continua com aquela mania esquisita de ter fome... mania de comer... comer...só comer... ?

HONÓRIO - É um caso perdido. Como falei a Sebastião, até já pensei em mandá-la para o Rio de Janeiro ou... Acho que Ernestina só não come os móveis porque adora aquele trambolho de cama... (fingindo perceber só então a presença de Sebastião, fala) Ah ! já estás de volta, amigo ? Grande compadre es tu !

SEBASTIÃO - (alegre pelo cumprimento) - Ufa ! Vim depressa, não vim ! É que a solama está de rachar mas não queria deixar o compadre muito tempo sem sua bicada... Cecília, os cálices ! Veja os cálices para a nossa talagada inicial. A abrideira. Vejamos se a pinga é como diz o senhor Marcelino: Não há melhor em todo o Estado.

Cecília serve a cachaça, inclusive para ela própria. Provam e os três estalam a língua. Honório faz um gesto de "não há melhor mesmo ?"

Em close, a cara de Honório estampada de satisfações...

**** CENA 27 - Numa cena de rua, com pormenores peculiares, C. focaliza alguns homens conversando revoltas:

Um popular lê um jornal: - " Para avaliar-se o extremo da miséria pública basta saber-se que todos os dias uma guarda de permanentes é destacada para as padarias e empórios do senhor Honório de Rezende Freire, afim de conter o povo que, obrigado pela fome, parece disposto a romper todos os diques da moderação e do sofrimento."

Outro popular: Afinal, minha gente, o povo cansa !...

O popular que leu o jornal - Por muito menos, no Rio de Janeiro, as autoridades andaram a braços com a revolta do vintém ! Um descalabro ! É a loucura do preço dos transportes...

Um terceiro popular (irritado como os demais) - O povo tem sempre razão ! Quando o povo explode, meus amigos, é pior do que o ar comprimido !

O popular que leu o jornal - Vejam todos a que ponto chegamos !

O terceiro popular - Podem crer... É o fim. A coisa está por um fio ! Quem pode saber aonde vamos parar ?!

Enquanto se passam esses diálogos, a malta vai engrossando com novos populares que chegam de todos os cantos. Entre eles, vem Sebastião. Como quem pretende acalmar os ânimos, Sebastião faz um gesto de que vai falar:

SEBASTIÃO (para o povo) Na verdade, é de estarrecer. Como todos sabem, sou amigo de Honório. Devo-lhe até muitos favores... (enquanto fala, toma o jornal e lê por alto) - "... padarias e empórios do Senhor Horácio..." (em aparte: é isso!) "povo disposto a romper todos os diques..." (Sebastião aproveita o silêncio respeitoso que se faz, para prosseguir) - Honório, de fato, é a única pessoa responsável por toda essa revolta... Duro dizer! Um homem riquíssimo. Muito mais do que se pensa. Ninguém, como eu, sabe o rol de mercadorias e comida que ele esconde sobretudo na sua própria casa... (e frisa intencional) acreditem-me que os víveres que o homem armazena naquela casa sobraria para alimentar um exército! É isso mesmo, amigos: tudo para especular, forçar o preço, ganhar mais dinheiro,,, mais e mais, pouco se lhe dando que vossas crianças morram de fome!

Já se percebe que a pequena multidão não se contém mais. C. focaliza tipos medonhos com paus e pedras. Em close, Sebastião olha para as mãos de um homem do povo, mal encarado, que segura rijo um cacete. Há outros indivíduos com armas brancas acintosamente em exibição.

SEBASTIÃO - Bem... não que eu queira mal a meu compadre, mas que ele merece um bom saque, isso, merece... Coisa sem sangue, é claro! Em ordem. Vocês, afinal, vão buscar o que, por direito, pertence ao povo... às nossas crianças... às nossas companheiras

O sujeito mal encarado (vibrando o porrete como se já estivesse em ação contra Honório e sua fazenda) Pois vamos! Mãos à obra, minha gente! Vamos buscar comida para nossa família...

SEBASTIÃO - ... e ao preço que se possa pagar...

O popular que, no início da cena, lia o jornal - Arrombando portas!

Um popular novo - Então vamos...

Uma mulher decidida - É pra já! E por que não?

O bando se movimenta em massa, num burburinho de exclamações e palavras de exultação: Ouve-se - 'Mbora nós... Vamos embora... Toca pra casa do ladrão... Vamos... Vamos todos... etc.

SEBASTIÃO - Vão com Deus. Afinal, é um direito de vocês... mas não façam exageros... (recomenda hipocritamente)

Sebastião, com uma expressão solerte e de falsidade, toma a direção oposta ao grupo que dobra a primeira esquina, em direção à casa do açambarcador. A rua pobre, sem nenhuma pavimentação, fica inteiramente deserta. Apenas uma cabra vadia rei um pedaço de jornal, precisamente o que trazia a notícia contra Honório.

**** CENA 28 -

O grupo dos inconformados está em frente às janelas da casa de Honório. Gritam e protestam desordenadamente, aos gritos:

Um - Ladrão, cadê nossa comida?

Outro- Abra essa porta senão vai tudo raso...

Outro- Cachorro! Apareça, miserável!

outro- Explorador do povo!

outro- Temos com fome!

outro - Nossas crianças precisam comer, ladrão do povo!

Minutos depois, Honório, valente, aparece numa sacada ou janela. Pelo jeito, pretende se dirigir ao povo mas, antes de qualquer palavra,

uma pedrada certa atinge-lhe a testa de onde começa a brotar sangue. À vista do ferimento, a turba se excita mais ainda e, de imediato, atira-se contra o portão que cede, levando tudo de roldão, inclusive escravos e serviçais. Todos entram, apressados, como água se escoando pelo ralo de uma pia...

**** CENA 28 -A - Já dentro de casa, enquanto uns procuram víveres na copa e na cozinha, alguns já comendo coisas que encontram mais à mão, outros resolvem subir as escadas em busca do açambarcador, sempre gritando, uns assulando os demais.

*o mendigo assassino
está de pé sobre a
cama.*

No quarto onde Honório se refugiou, arrombada a porta, o primeiro a entrar recebe em pleno peito um tiro de arcabuz, caindo por sobre os que lhe seguem mais de perto. Honório prepara-se para dar novo tiro mas não lhe sobra tempo: um dos mendigos esfomeados salta-lhe por cima e, com um punhal que saca da cintura, dá-lhe certo golpe. Esvaindo-se em sangue porque mais golpes lhe são dados num verdadeiro linchamento Honório cai por sobre o leito, agarra-se na colcha bonita e arrasta-a para o chão com o peso de seu corpo massacrado. Durante dois segundos, C., em close, mostra a figura de Honório enrolada na colcha, no chão. Anoitece

**** CENA 28 -B - C., já do lado de fora da casa, focaliza portas e janelas brutalmente arrombadas. Num cenário de grande melancolia, tudo em volta está deserto. Há um vento que se vai fazendo forte, açoitando as árvores e levantando a poeira do solo.

**** CENA 29 - Numa estrada do interior, estrada rude, vê-se um carretão de bois cuja carga é reconhecidamente os móveis da família Honório. Os móveis vem seguros por cordas nos fueiros do veículo que vai chiando monotonamente sob o peso da cheda carregada. Alguns escravos vão comboiando o carretão esquanto, sobre a figura, vai-se abrindo um letreiro:

LETREIRO : SÃO JOÃO DEL REY
1880

**** CENA 30 - São João del Rei já é uma cidade maior. Depois de uma tomada geral, C. pára na fachada de uma bela casa em um recanto discreto. Bucólico. No jardim, vê-se um casal jovem que, por todas as aparências, parece venturoso. A cena é de idílio antigo:

MOÇO - Bárbara bela, do norte estrela, que o meu destino sabes guiar... (riem-se os dois e o moço beija as mãos de Bárbara)
Bárbara, meu amor de toda a minha vida...

BÁRBARA - Como seria possível viver sem você, meu José Manuel ? Durante segundos, os dois ficam em doce enlevo, se acariciando com ternura. Bárbara toma a mão de José e força-o a apalpar-lhe o ventre;

BÁRBARA - Vê, querido, minha barriga já está enorme ! Madrasta

Hortensia já me disse que o pai, agora, exige mesmo o nosso casamento... Que fazer, amor ? Ou nos casamos ou ele manda-me para o Rio de Janeiro...

JOSÉ MANUEL - Pois se o senhor Tomaz Peixoto, quer assim, para resguardar sua velha nobreza de paulista antigo, que se faça assim. E não é esta também nossa vontade, querida? (beija-a)

BÁRBARA - Exatamente, José. O que importa é que nada no mundo nos separe... (Bárbara está feliz) Pra grandes males, grandes remédios, não é mesmo ? (Bárbara fala com malícia) O fato é que eu não estou barriguda de comer muito... Sabe, amor, agora me lembrei de minha mãe... A coitada era imensamente gorda... vivia comendo noite e dia e comia tudo o que encontrasse à mão ! Que horror, não é ? Acho que devia ser uma doença... o pior é que nem me lembro como ela era... morreu quando eu ainda estava muito pequena. Parece que foi no Serro Frio... Nunca soube direito do fim de meus pais... Morreram quase que ao mesmo tempo... Nunca quizeram me contar. (uma nuvem de melancolia cobriu os olhos de Bárbara) Não é triste a gente não saber direito de nossos pais ?

José Manuel beija Bárbara com o máximo de ternura

JOSÉ MANUEL - Mas sabemos de nossos filhos, querida Bárbara bela... Acontece, filha, que minha vida continua tão irregular... Só tenho dívidas para lhe oferecer como presente de casamento... Uma vergonha ! Já não tenho mais coragem para me socorrer de seu pai...

BÁRBARA - Ora, bem, meu pai é como você... também não tem a menor cabeça pra fazer negócios... Só quer saber de política... só !

**** CENA 30 -A - Estamos no escritório de Tomaz Peixoto de Souza, mobiliado sem luxo mas com imenso bom gosto. O fazendeiro conversa com o genro José Manuel :

TOMAZ PEIXOTO - Não, senhor meu genro. Que isso não lhe dê cuidados. A quantia fica de dote para seu segundo filho que está para nascer por esses dias. Afinal, se o senhor não nasceu com queda pra negócios, está me saindo um grande político...

JOSÉ MANUEL (satisfeito por ter o sogro desviado o assunto financeiro) - De fato, senhor meu sogro, a nossa política tem evoluído muito, sobretudo a campanha abolicionista e republicana. Já a lei-do-ventre-livre foi uma conquista e se ainda não temos a abolição ampla e total dos negros, será por causa dessa nova viagem do imperador... O homem não pára, meu sogro !

TOMAZ PEIXOTO - A abolição virá junto com a república. Qual antes, qual depois, pouco importa ! Temos de trabalhar com afinco em nosso clube Tiradentes, isso, sim ! Entroza-lo com tantos outros similares que vibram por esse Brasil sem fim. É apressar a coisa !

JOSÉ MANUEL - ... Contarmos com a iniciativa privada. Veja: o senhor mesmo, fazem oito ou dez meses, libertou todos os seus escravos. Isso, impressiona lá fora. É um exemplo. Calha bem !

TOMAZ PEIXOTO : Falando nisso, precisamos é nos desvencilhar desse beldroegas Silvino dos Reis. Pagarmos nossa dívida o mais rápido possível. Não sei, mas não gosto da insistência dele, sem motivos, aqui em casa... Não percebe você suas exageradas atenções para com tua mulher ? Penso até que minha filha já teria ouvido alguma inconveniência ou, pelo menos, já está de pé atrás...

JOSÉ MANUEL - Que o tipaço é atrevido, não resta dúvida. Bárbara nunca me falou nada até agora... Enfim, cautela nunca é demais.

**** CENA 31 - Numa saleta confortável e discreta da casa de Tomaz Bárbara conversa

com uma outra mulher bonita e elegante que, como se saberá, é Dorotéia, mulher de Silvino.

DOROTÉIA - Que está se passando contigo, minha querida ? Andas estranha... Hoje, ao piano, estavas irreconhecível de tão nervosa... Olha que quase deitaste a perder minhas canções... e logo as que você está mais acostumada a acompanhar. Pense que até notaram... Sobretudo o meu marido que não tirava os olhos de você...

BÁRBARA - Sim... sim... você tem razão: estava e estou nervosa mesmo ! Preciso falar contigo... me abrir. Afinal, tu tens sido mais do que uma irmã para mim. Vamos sair um pouco... Ao jardim.

**** CENA 32 - No jardim, ambiente bucólico e amplo, há tudo o que se costuma ver em ambientes de luxo:

BÁRBARA - Sabes que não exagero... sabes também o quanto te amo e confio em ti, minha querida Dorotéia (estão num recanto pitoresco e reservado do jardim) - Mas tudo isso é por causa... sim ! do teu marido.

DOROTÉIA - Eu já desconfiava que era isso. Aquilo é um canalha que não vale nada. Sei porque faz tanto empenho em emprestar dinheiro a teu pai e a José Manuel. Abusa da boa-fé de ambos. (há uma longa pausa quando Bárbara chora mansamente) Mas, não chores, querida, e me diga: o demónio falou-te alguma coisa ? Alguma proposta ? Sei perfeitamente o quanto ele azucrinas todas as mulheres... Silvino, além de ridículo Dom Juan, é um atrevidão ! Não respeita nada e ninguém ! Pena que teu marido não acorde e de-lhe um par de bengaladas. É um nojento. Se eu o aturo é porque tenho muito medo dele. É tipo canalha, capaz de tudo...

BÁRBARA - Agora deu para me ameaçar (Bárbara continua chorando, já acompanhada da amiga que também enxuga lágrimas seguidas) Acho que, por ter perdido a esperança na conquista, não perde nenhuma ocasião de ameaçar-me. Sei que pretende agora ? Oferecer-me uma grande festa ! Quer afrontar-me e ao meu marido... Também odeia meu pai. E promete que, se eu não fizer as coisas com ele, há de comprometer meu pai a ponto de obrigá-lo a ir embora daqui... Tem cabimento ? Oferecer uma festa a mim, mulher casada, mãe de dois filhos ? Não é um monstro ? (As duas ficam algum tempo chorando, de mãos dadas como num perigo.) - Coitadinha de mim, Dorotéia !

DOROTÉIA - E casada com um amigo íntimo dele... se é que aquilo tem amigos... (como que tomando uma decisão) Quer que eu mesma fale com teu marido ? Ou com teu pai ?

BÁRBARA - Não sei o que te dizer, querida ! O pior é que José Manuel está para viajar... seus negócios tão embrulhados sempre... Meu pai está comprometido com tanta falta de tino do meu marido. Coitado ! Apesar de rico... É tão bom ! São essas coisas que dão segurança a teu Silvino para estar fazendo o que está... Me mato mas não me entrego a ele por maiores que sejam suas ameaças...

DOROTÉIA - O ruim é que não lhe falta coragem para qualquer vileza... (as duas mulheres silenciam e, de mãos dadas sempre, seguem chorando sentidamente).

**** 32 -A - C. dá uma geral de uma saleta em casa de Bárbara que está cozendo num canto sossegado. Entra uma mucama-menina na alcova e diz-lhe:

MUCAMA - Nanhã: tá na sala o sinhô Silvino. Qué que nanhã vá lá: Bárbara se assusta muito. Mas, apenas se levanta sem saber o que faça,

Mal a mucaminha sai, a porta se abre de novo, atrevidamente e surge Silvino cheio de cinismo.

SILVINO - (sem esconder seu ar devasso) - Enfim, pombinha, pilho-a às sós ! Soube que os castelões foram à guerra deixando a princesa encantada (Silvano aproxima-se mais, resolutamente, enquanto Bárbara foge-lhe as mãos em redor da cama, já no quarto de dormir que abre para a saletinha onde Bárbara estava. -Que linda estás assim assustadinha ! Não tenhas medo... (Silvino segue Bárbara em outra volta ao redor da cama) Vem, minha querida... Bem sabes o quanto te amo...

Segue-se uma cena de perseguição, sem correrias. Bárbara compõe-se mais na roupa caseira, cheia de revolta e pavor.

BÁRBARA - Não ! Não senhor Silvino. Por favor... Deixa-me ! Vá se embora... Por Deus !...

Silvino parece se divertir com o pavor de Bárbara. Sem pressa, segue-a em mais uma volta em redor do leito. Sem parar, todavia, mostra um estojo que abre, exibindo um grande colar que Bárbara tenta não ver.

SILVINO: - Vem, minha pombinha adorada ! Vês ? Trouxe-o para ti. Mandei fazê-lo no Rio de Janeiro... Especialmente para ti... (a perseguição prossegue ainda sem pressa). Também trouxe-te dinheiro que será necessário para o Natal. Sim ! que nesta casa só há sonhadores. Nem é a toa que me devem já tanto ouro. Ou tu ignoras que só por ti tenho lhes fornecido tanto ? Mas só tu... só tu, com um pequeno "sim" pagarás tudo e ainda terás um escravo a teus pés...

Silvino fala, a voz afogada em desejos lúbricos. Mesmo certo da vitória, já começa a atropelar um pouco palavras e perseguição:

BÁRBARA - (cada vez chorando mais) Pelo amor de Deus, senhor

Silvino... Me deixa... Não... não... Pelo bem que o senhor quer a Dorotéia... Por favor...

SILVINO - (percebendo que Bárbara não quer mesmo o colar, põe-no sobre a cama) - De qualquer maneira, é teu, querida ! Tu és o único amor de toda a minha vida... Creia-me... Não temas teu marido. Sabendo que fui eu quem te dei, não dirá uma palavra...

BÁRBARA - Meu marido é um homem, senhor Silvino... (mas, vendo que, numa das voltas, Silvino faz menção de se ajoelhar para ser patético em sua conquista, Bárbara toma novo alento ante o que ela julga uma fraqueza do inimigo) Meu marido não é como o senhor... Se o senhor não for embora... já... grito por socorro ! Grito para que toda a vila ouça... (através da cama, cospe sobre Silvino) Miserável... sórdido ! Vai-te embora, nojento !

Silvino toma um choque com o inesperado da cusparada. Lentamente, tira um lenço fino da algibeira e passa-o no rosto:

SILVINO - Vou-me embora, sim, diabo de mulher. Mas juro por tudo o que há de mais sagrado que isto não fica assim, não ! Hás de me pagar em lágrimas de sangue... És uma víbora ! Mas não perdes por esperar... Juro... juro...

Enquanto Silvino toma a direção da saleta que vai lhe dar saída, Bárbara apanha o estojo da joia sobre a cama e atira-lhe nas costas:

BÁRBARA - E vai levando esta porcaria daqui também, sujo ! Pros infernos...

Silvino não apanha a joia que se derrama no chão por entre a tampa da caixinha que se abre com a queda... Silvino sai e C. focaliza a mulher, parada, olhos injetados e o ódio fervendo-lhe na fisionomia.

**** CENA 33 - No quarto da casa, Manuel e Bárbara conversam carinhosamente.

Evidente, o assunto é a viagem de negócios que o marido acaba de fazer com o pai da moça. Mostrando um maço de dinheiro, José Manuel está sorridente:

JOSÉ MANUEL - Minha cara mulherzinha: afinal, tudo foi tão bem... mas que tu tens que, desde que cheguei, andas como uma alma penada dentro de casa, com a cabecinha quem sabe aonde? (com muita meiguice, José Manuel toma a cabeça da mulher entre as mãos e canta) "Bárbara bela, do norte estrela, que o meu destino sabes guiar..." (José Manuel beija a mulher com ardor mas não é correspondido. Bárbara se esquiva delicadamente)

Fazendo um carinho desajeitadamente no marido, Bárbara fala:

BÁRBARA - Nada... Não tenho nada, meu filho. Ando preocupada à toa... nem mesmo sei porque. Talvez seja porque o nosso Damasceninho anda com uma tosse que não se debela... Não sei, meu amor, talvez seja isso... Será?

JOSÉ MANUEL - Querida, sabes? É que até dormiste esta noite agitadíssima apesar de nossa chegada. Eu cheguei bem... Teu pai também... Que há de mais? Tive a impressão que te assombraste com algum pesadelo. Sonhavas alto com perigos, perseguições... Falaste até no Silvino a quem devemos, é certo mas, já agora... Não tens razão para continuares a preocupar com nossa situação financeira (mostra o maço de dinheiro) O negócio de gado que fechamos foi magnífico! Dessa vez, pagamos tudo! Ficaremos livres do Silvino, graças a Deus... (beijam-se ternamente enquanto a cena fica escura.

**** CENA 34 - C. focaliza em ângulo uma bela mesa-de-trabalho onde Silvino,

evidentemente o dono-da-casa muito rica, escreve uma carta. Sobre a mesa, todos os petrechos para escrever da época: penas já de aço, tinta, areleiro, raspadeira para limpar a pena, vassourinha vertical de piaçava para espetar-se a caneta etc. O homem pára de escrever e lê, a meia voz, pulando palavras, o que escreveu:

SILVINO - (lendo) Carbonários dos mais soezes e perigosos de Minas ... tanto o sogro como o genro... para o bem do povo desta cidade e para o bom governo de vossa excelência...afastados imediatamente daqui... De vossa excelência, que Deus zeze e guarde... (deste ponto em diante, recomeçando a redigir, vai falando alto) para a grandeza da nação vírgula sou vírgula o mais humilde, atento e obediente criado...(Logo, jogando a caneta com imponência, percebe-se que Silvino assina a carta com imenso capricho.

Em seguida, Silvino fecha o envelope (com lacre quente, como era costume em 1880), lança-lhe um endereço, se levanta e se dirige à janela aberta para fora, esfregando as mãos com um gesto característico de vingança cumprida.

**** CENA 35 - Estamos na missa. De um canto do templo, ouve-se OFF e às vezes a C. focaliza uma padre fazendo seu sermão. A nave está cheia, inclusive de gente conhecida (Dorotéia e o marido; Bárbara, seu sogro...pessoas já aparecidas em cenas anteriores):

PADRE - ... e não é assim, meus paroquianos, que vai convulsão em toda nossa pátria. Com a morte do Presidente Afonso Pena, fica o Brasil entregue às mãos do ateísmo e dos oportunistas. E foi a chamada campanha civilista. E foram as revoltas da armada e do batalhão naval; as intervenções federais em muitos Estados da república. Por fim, como se já não bastasse, chega-nos esta desgraçada de guerra na Europa! Aqui, irmãos, em nossa cidade cristã de São João del Rei, como se já também não bastasse a abolição da escravatura e a queda de nosso sempre amado imperador, tudo isso, no curto espaço de menos de vinte anos de História, essa rivalidade, esse ódio, essa inquietação e esse terror entre conterrâneos...

Com o afastamento da C., o resto do discurso torna-se, apenas, um murmúrio não deixando se distinguir as palavras. Dada a tomada geral da nave, volta a C. a focalizar o padre que fala:

PADRE - ... Que o Senhor tenha piedade do Brasil !

**** CENA 36 - À saída da missa, confundida entre o povo que se retira em massa, vê-se a figura triste de Bárbara. Ela vem com o sogro. Pouco atrás, são focalizadas as figuras de Silvino e Dorotéia. Vendo a amiga, Dorotéia ensaia um passo apressado em direção à amiga. Chega mesmo a chamá-la mas é contida, com rispidez, pelo marido. Bárbara e o sogro prosseguem seu caminho e não se ouve o que Dorotéia e Silvino ficam falando com muitos gestos...

**** CENA 37 Manhã muito cedo, passa na rua um pelotão de soldados sob o comando de um superior. Evidentemente são de fora da cidade e procuram alguma casa. Seguem em formação até o solar de Tomaz Paizoto. O oficial bate suas autoridades à porta enquanto a música toca como se fosse de uma caixinha de brinquedos. Passado um momento, Tomaz aparece ainda com roupas de dormir. Em cena muda, o superior empurra-o para dentro da casa, e entra também, fazendo sinal ao pelotão que o acompanhe. A música então cresce de intensidade passando a uma marcha militar. Da rua, C. focaliza movimento dentro de casa, através das janelas que se abrem, deixando ver luzes que se acendem.

**** CENA 38 - Enquanto oficial e soldados empurram todos dentro de casa, com brutalidade, Tomaz e José Manuel já meio vestidos com alguma decência. Os soldados levam pressa em sua missão. Sempre empurrando os dois, já seus prisioneiros, tomam a saída da casa. Dentro, Bárbara e outras pessoas estão estarrecidas e como paralizadas vendo partir os presos.

**** CENA 38—A - Do outro lado da rua, chega Silvino apressadíssimo, como se uma enorme surpresa se abatesse sobre ele. Espera que o grupo tome rumo para evitar confronto com os amigos traídos. Só então, com fingidas inocências, indaga do graduado que fecha o triste cortejo:

SILVINO - Que foi ? Que foi, tenente ? Ordem de quem ? Que aconteceu a eles ? Afinal, pessoas das mais gradas...

Tenente - (de mau-humor mas cômico de sua força) - Nada ! Nada ! coisa de política... Deixa-me passar...

SILVINO - Mas isso não é assim... afinal o senhor sabe que são as pessoas mais importantes de São João? Não é possível !

Tenente - Ricos mas traidores... (e, repetindo ipsis literis as palavras da carta da traição de Silvino, declama) "Carbonários dos mais soezes e perigosos..." (apressando o passo, segue o pelotão que se distancia.)

Só, na rua, Silvino toma a direção oposta aos soldados. Quando percebe, está exatamente na porta de Bárbara. Bárbara, que seguiu os soldados que prenderam seu marido e seu pai, até o portão. só então se torna visível. Com um susto, Silvino dá cara-a-cara com a mulher. Ela está em completo desalinho. Quando Bárbara vê Silvino, transforma como por encanto toda sua angústia em serenidade. Seus olhos secadoçam e para espanto maior de Silvino, Bárbara começa a cantar docemente:

BÁRBARA - Bárbara bela, do norte estrela que o meu destino soube guiar... Ah ! O senhor ? Bons olhos o vejam... Sabe ? Meu marido... meu pai... (e canta de novo) Bárbara bela, do norte estrela... Foi ele que escreveu isso pra mim... O senhor sabia ?

Silvino, apesar de apavorado com a presença de Bárbara, mas sempre cínico, improvisa uma fala de conforto falso:

SILVINO - (hesitante) Ora, Bárbara... isso não há de ser nada de grave. Creia-me ! Essas coisas a gente resolve logo, da melhor maneira... Questão de horas. Eu vou daqui pra...

BÁRBARA - Vai daqui para onde, senhor Silvino ? Pra sua mulher Dorotéia ?...

Silvino cala-se humilhado ante o ar de segurança de Bárbara. A fisionomia de Bárbara abre-se francamente num sorriso doce. Toma-o pelas mãos deixando-o na mais completa perplexidade. Vendo-a tão fraca, procura ampará-la mas, sentindo renascer toda sua lubricidade pela mulher, e certo de seu estado mental absolutamente anormal, ampara-a mas, com a mão livre, muito disfarçadamente pois que começa a chegar gente da rua e da casa, apalpa-lhe um seio com luxúria. Bárbara, desconcertadamente, coloca sua mão por sobre a de Silvino, aceitando pagivamente a carícia.

BÁRBARA - (mão sobre a mão de Silvino que lhe agarra um peito, canta e dá uns passos de dança. A figura da mulher é exótica sobretudo em seus trajes sumários) Bárbara bela, do norte estrela... que o meu destino..

Terminada a cena, continua-se a escutar, OFF, a voz de Bárbara cantando.

****CENA 39 - Noite. Bárbara, em seu quarto, com a mesma fisionomia quando, pela manhã, falava com Silvino, está surpreendentemente vestida de noiva mas de pés no chão. Estava com o vestido de seu casamento vinte e poucos anos antes. Sem nenhuma pressa, senta-se na cabeceira do velho leito de luxo e, cantando sempre "Bárbara bela, do norte estrela..." contorna com o indicador os olhos da madeira do

espaldar. Em seguida a esse gesto de profunda graça, sorve todo o conteúdo de um copo de cristal que estava sobre a mesinha da mesma madeira de mestre João. Só então deita-se ao comprido na cama, ajeitando as dobras do vestido e fecha os olhos lentamente.

*repetição de
cena de Elvira*

**** CENA 40 - Em ângulo, C. focaliza a mesinha feita no lote da cama "olhada". Entre objetos modernos de escrever, há um papel timbrado "Farmácia São Lucas" onde a mão do farmacêutico José Basílio de Alencastro abre a data:

DATA: Mariana, 31 de outubro de 1935

A seguir, a mão do farmacêutico continua a escrever, agora o texto da carta:

TEXTO DA CARTA : - Meu prezado sobrinho Damasceno. Com o agravamento de meu estado de saúde, é necessário que regresse imediatamente para tomares conta de nossa farmácia. É que já vamos para cinco anos que viajaste para esses estudos no Rio de Janeiro.

C. abre o foco até mostrar a figura inteira do farmacêutico José Basílio. Com um forte acesso de tosse de sua enfizema, o homem se levanta e olha com rancor para o cigarro de palha que abandona num cinzeiro.

**** CENA 41 - Dia na Farmácia São Lucas. No salão da loja, onde se vê as duas tradicionais ânforas grandes, cheias de água, uma tingida de vermelho, outra de verde, o velho farmacêutico José Basílio, respirando com dificuldade, sempre patenteando elevado grau de enfisema, conversa com o sobrinho, recém-chegado, com todo o tipo de carioca:

JOSÉ BASÍLIO - Bem, senhor meu sobrinho: agora que tomaste um banho de Rio de Janeiro, fingindo estudar para boticário, quero que me respondas: Quando te resolves afinal a assumir a loja? Olha, meu caro: eu, francamente, já posso dizer que tenho um pé na sepultura. (mostra ao sobrinho o toco do cigarro de palha que tem na mão) Fui miseravelmente assassinado por esta porcaria, essa é que é a verdade!

DAMASCENO - (rindo-se com bom-humor) - Nem pense em tal, meu tio! o senhor ainda vai enterrar muita gente...

JOSÉ BASÍLIO - Estás sendo pouco sincero e sabes disso! Por isso, queria ainda te ver casado com a Eponina, caçula do compadre Arruda Gonzaga. Não poderias encontrar joia mais fina por toda essa chapada... esse pobre vale que já foi de ouro e diamantes... Mira que estás com trinta anos e tens a farmácia para gerir de vez que eu... Uma casa quase centenária que pertenceu a meu avô...

DAMASCENO - Tio: apesar da diferença de idades, devo dizer ao senhor que eu e Eponina já nos entendemos desde minha chegada. (riem-se os dois maliciosamente)

JOSÉ BASÍLIO - Maganão!...

DAMASCENO - Só está faltando mesmo, tio, é a sua licença! Isso, exatamente é o que eu vinha pedir ao tio...

C. termina a cena desenrolando uma vista geral da cidade.

**** CENA 42 - Damasceno, de avental, está ao fundo da farmácia enrolando umas pilulas. De uma em uma, vai passando-as para uma caixinha de papelão. Na porta da loja surge Eponina de passagem:

EPONINA - Marido: falta muito?

Damasceno, que está ruminando alguma coisa entre dentes, desde o

começo da cena, parando de vez em quando para contar pelos dedos, naturalmente sílabas de alguma poesia, chama a mulher com muita satisfação:

DAMASCENO (de dentro do balcão) - Eponina, meu bem. Entra ! Veja que beleza isto que está me ocorrendo agora. Seu marido, minha santa, é incorrigível mesmo... ouve lá !

Damasceno declama com dificuldade como a se lembrar do poema:

DAMASCENO - "Estrela solitária que me espia na desolada paz do ermo silente, talvez penses nas suaves alegrias que nos meus olhos viste antigamente..." Que tal ? Me diga, mulher, que achaste da rima ? Do fundo ?

EPONINA - Lindo, bem ! De quem é isto ? Seu ? Fizeste agora ?

DAMASCENO - Sabe-se lá ? O fato é que está me ocorrendo esta manhã... Meu de meu pai ? Do Alphonsus dos Guimarães ? Poetas, minha filha, são irmãos... somos todos irmãos...

Nesse momento, chega à farmácia o boêmio e seresteiro Jesuino, vestido como tal, inclusive sapatos brancos. Damasceno chama-o aflito:

DAMASCENO - Jesuino, venha cá... Entra, filho ! Venha cá dentro... (o laboratório onde se encontram o farmacêutico e sua mulher, visto da rua, é separado da loja por uma velha grade de madeira, guarnecida pelas duas grandes anforas coloridas. Mal Jesuino transpõe a grade, Damasceno fala) Ouça essa maravilha: (como há pouco, declama) Estrela solitária que me espia na desolada paz do ermo silente, talvez penses... (e a voz do declamador vai morrendo até sumir de todo, sendo substituída por uma valsa bem começo do século.

**** CENA 43 - C. focaliza o biongo em frente à farmácia onde, em uma de suas duas ou três mesinhas, homens bebem pinga. Um deles come, com método, um peixe frito. Fazem bulha e ouve-se um deles que diz:

Homem que bebe no botequim - Lá no Rio, as coisas andaram pretas à ^{VALIA} ~~vul~~... Parece que arrasaram o terceiro regimento de infantaria na praia Vermelha...

Um segundo homem, bebendo - É que os comunistas...

Mas com o barulho muito forte, não se ouve o resto da frase. C. então volta-se para focalizar outra mesinha onde Damasceno e Jesuino, sempre de sapatos imaculadamente brancos, tomam cachaça. Damasceno veste-se na moda dos anos trinta. Está de luto. Fumo na lapela e gravata preta. Sua fisionomia está abatida; Fora, está chovendo bastante:

DAMASCENO - Pois é o que lhe digo, meu bom Jesuino: Mariana não me tem tratado bem ! E no entanto é como se nunca me houvesse afastado daqui. Aqueles anos que passei no Rio de Janeiro é como se nunca tivessem existido, (cheio de melancolia, fala com lágrimas nos olhos) É como você está me vendo: aos quarenta anos, estou viuvo. Num só ano, perco a mulher e o tio... (pausa em que Jesuino aproveita para sorver sua pinga) A falta que a Eponina me faz não tem nem tamanho... José ! (chama para dentro. Atendido pelo rapaz da tendinha, dá-lhe o copito vazio num pedido mudo de repetição) Mas percebendo que o copo de Jesuino também já está vazio de novo, grita para alcançar o rapaz) Mais duas ! (e para Jesuino) Sem isto a coisa não vai, meu irmão... A vida não vai...

JESUINO (filosofando, enquanto olha seus sapatos brancos) - E então... com esta chuva...

DAMASCENO - Mariana é lama só ! É como lhe disse: esta cidade não gosta de mim...

Com alguns segundos em que a música vai crescendo (Rhapsody in Blue, de Gershwin) termina a cena com grande suavidade.

**** CENA 44 - Na porta da farmácia, Damasceno, sempre de fisionomia pesada e triste, está segurando o braço de Jesuino que, pelo jeito, está de saída.

DAMASCENO - Depois de tudo, mestre Jesuino, são estes pequeninos momentos de poesia que ainda seguram a gente... É com lhe digo: perdido o tio, agora é o auxiliar Raimundo de Sá que deixa-me e deixa a farmácia. Vai casar-se e tentar a vida na Capital. Assim, sozinho, fico amarrado de pes e mãos... Sabes? Estou até pensando em me desfazer da farmácia...

Jesuino ouve com atenção. Para um pouco de coçar uma orelha e fala com entusiasmo:

JESUINO - Homem, nada de precipitações! Parece-me que há ouro sobre azul ou, como se diz, caiu a sopa no mel. A Celeste... (com decisão, segura o punho de Damasceno) Conhecês a Celeste? A Celeste vem-lhe a calhar! Se a não conhecês, não faz mal: é filha de um amigo, recém-chegada na terra. Filha do alfaiate Ubaldino. Moça com prática de remédios e drogas... Cursou farmácia em Ouro Preto. Não chegou a se formar, mas estudou e entende da coisa. (Depois de uma pausa, a refletir melhor, voltou-se como a se despedir) Pois é isso! Fica combinado: mando-te a Celeste... Amanhã, mando-te a Celeste!

**** CENA 45 - Estamos no interior da farmácia São Lucas. Celeste, a filha do alfaiate Ubaldino, moça desembaraçada, está sentada já familiarmente na cadeira do próprio farmacêutico. Reconhece-se que a cadeira é um dos silhões da mobília feita por mestre João, no Tijuco. (hoje Diamantina) A cadeira terá cerca de 150 anos, condizente, aliás, com o estilo da velha farmácia onde, numa tabuleta antiga, ainda se lê Pharmacia São Lucas, com PH.

DAMASCENO - (cheio de dedos pela presença da moça) Olhe aqui, minha filha, só o chamar-se Celeste é a melhor de todas as recomendações que você podia me trazer. Conhece esses versos? (Damasceno começa a declamar de cór) "Celeste... É assim, divina, que te chamas, Belo nome tu tens, dona Celeste... Que outro terias entre humanas damas, tu que embora na terra do céu vieste!"

Para surpresa enorme do farmacêutico, mesmo sentada e usando um jeito pícaro, a moça prossegue a poesia com a maior facilidade:

CELESTE - "Celeste... e como tu és do céu não amas: forma imortal que o espírito reveste de luz, não temes sol, não temes chamas, porque és sol, porque és luar, sendo celeste..."

DAMASCENO - (cheio de entusiasmo) Bravo! Bravo! Bravíssimo! (os dois se riem, divertidos. Damasceno prossegue) Dona Celeste: já vi que a senhora é das minhas! Maravilha! Faremos, os dois, disso aqui, não só a melhor botica de Mariana, mas um verdadeiro cenáculo de poesia. Da divina poesia que é o que tanto falta para a saúde do universo! Havemos de curar o espírito junto com o corpo de nossos freguezes... Viva!

CELESTE - Quer dizer, então, que já estou empregada, senhor Damasceno?

DAMASCENO (entusiasmado como uma criança) - Não só empregada como senhora absoluta de toda a minha simpatia! Mas, por favor, não se vá agora... Espera um pouco que eu quero lhe mostrar mais algumas poesias... Poesias dessas que santificam quem as lê porque já canonizaram quem as fez,

Enquanto fala, Damasceno se apressa a juntar alguns albus e cadernos de poesias e, para não perder tempo, vai declamando de cór:

DAMASCENO - Escute esta... "Não tenhas medo dos meus olhos duros, a maguarem-te as carnes, em espadanas..."

C. vai saindo de foco e abafando a voz do homem enquanto, em foco normal, vê-se, no botequinzinho em frente, uma algazarra matutina e alegre...

**** CENA 46 -

C. focaliza sem muitos detalhes o fundo da farmácia onde Damasceno e Celeste trabalham juntos, a enrolar pílulas, a lavar^{em} frascos, a rotular garrafas... A cena, um tanto irreal como num balé, mostra, intencional, a rotina diária. Em superposição, repetem-se cenas semelhantes, sempre os dois trabalhando, mas em ângulos diferentes e, em cada cena, com roupas diversas e até mesmo com móveis e objetos mudados de lugar. Para frisar a monotonia do diário, durante todo o tempo ouve-se o Bolero, de Ravel. Como uma nova leitura, em cada superposição nota-se que a intimidade entre os dois vai se acentuando. Já nas últimas, nota-se o braço de Damasceno abraçando a cintura da moça, depois, abraços e rápidos beijos no rosto e nas mãos, para, no fim, acontecer o beijo grande e apaixonado dos dois. Nos intervalos, percebe-se que Damasceno faz gestos de quem recita versos. Depois do beijo apaixonado quando a C. vai trazendo o espectador para a realidade do argumento, Damasceno fala, prendendo entre as suas, as mãos de Celeste:

DAMASCENO - Então é certo, amor, que gostas um pouco deste teu avozinho ?

CELESTE (depois de beijar na boca Damasceno) Muito, bobão ! Gosto muito mesmo desse avô, não só avô lindo como pai fabuloso, como amigo sincero, como hei de amar eternamente este marido muito querido... (Celeste beija mais Damasceno; beija mais... beija muito.

**** CENA 47 -

C. dá uma panorâmica no interior do botequim fronteiro à farmácia, já conhecido dos espectadores. Dentro, entre seus oito ou dez freguezes, vai a alegria e a algazarra costumeira quando entra Jesuino com estardalhaço:

JESUINO - Atenção... atenção, minha gente ! (faz-se silêncio e o boêmio anuncia com voz de arauto) Senhores ! O Brasil acaba de declarar guerra à Alemanha !

Há um silêncio ainda maior para, em seguida, rebentar uma algazarra de "Vivas" .

Com a bulha, Damasceno e Celeste chegam à porta da farmácia em frente. Nessa oportunidade, percebe-se que Celeste já está com uma barriga enorme de uma gravidez já no final. Em close, Damasceno fala à mulher:

DAMASCENO - Filha... por amor de Deus ! Evite emoções... a guerra, felizmente, está muito longe de nossa casa. Que o nosso Afonsinho nasça em paz, é tudo o que almejo...

**** CENA 48 -

No interior da casa de residência de Damasceno. C. focaliza o homem conversando com uma moça que se percebe logo de extraordinária personalidade. A moça tem uma pequena mala e, pelas roupas, vê-se que acaba de chegar de

fora.

DAMASCENO - Tenho muita esperança, Elisa, que havemos, todos, de nos dar otimamente. A criança é muito quita... chama-se Afonsinho e está, agora, com pouco mais de seis meses... Celeste, minha mulher, é o que se pode dizer de...

Interrompendo o discurso do marido, Celeste chega ao cômodo onde estão os dois:

CELESTE: Pronto, querido ! Você mandou me chamar, bem ?

Mas, dando com os olhos na visitante, estacou como que hipnotizada: os olhos pregaram-se nos olhos de Elisa de maneira inexorável. Por sua vez, nota-se que a moça se perturbou até a medula. Celeste, desnorteada, sem tirar os olhos dos olhos de Elisa, repete, voz sumida:

CELESTE: Mandou... me... chamar... querido ?

DAMASCENO (sem perceber o choque das duas) - Sim, Celeste. Chamei-te para que conheça Elisa. Quero te apresentar a filha do meu cunhado, Elisa, que está chegando de Ouro Preto.

As duas, enquanto Damasceno fala, não se tiram os olhos. Damasceno explica:

DAMASCENO - Pensei em convidá-la para te fazer um pouco de companhia... Para ajudar-te com a criança... Talvez seja bom pra ti e o passeio faça-lhe bem...

Só então Damasceno percebeu o embaraço e o alheamento das duas mas Elisa, com habilidade, apressou-se a contornar a situação difícil:

ELISA - Incrível, tio ! Sabe ? Posso jurar que já conhecia

Celeste... -e, disfarçando- Não sei, mas tenho certeza que já a vi em algum lugar... Incrível ! Não é possível !...

Celeste, cada vez mais embaraçada pelo domínio da outra, não diz uma só palavra e não deixa transparecer qualquer interesse em esconder sua emoção. Damasceno, é que já dominado também pela força de Elisa, se felicita com ingenuidade:

DAMASCENO - Ótimo ! Assim, é ótimo para todos nós ! Vocês, já velhas amigas... Melhor... Muito melhor !

Damasceno faz menção de se retirar. Toma seu chapéu inseparável e se dirige à porta. Voltando-se, recomenda:

DAMASCENO - Aproveito e vou até a farmácia. Volto para o almoço... Naturalmente... e vocês fiquem à vontade. Elisa, a casa é sua...

Enquanto Damasceno sai, C. focaliza Elisa se aproximando sem pressa de Celeste. De vagar mas com imenso carinho, pega-lhe nas mãos, brinca com os dedos de Celeste, beija-os e termina por passeá-los suavemente pelo seu próprio rosto, olhos, boca...

**** CENA 49 - À meia-luz noturna, na grande cama de espaldar olhado, vê-se o vulto bonito de Celeste como que dormindo. Damasceno entra e despe-se cheio de cuidados. Senta-se de leve na cama, ao lado da mulher deitada e, com excessivos cuidados, passa a mão ao longo do corpo da mulher. Celeste, espreguiçando-se com a graça de uma gata, murmura palavras ininteligíveis de protesto por se ver acordada. Damasceno insiste no carinho. A música é de grande suavidade. Música de embalar. Na terceira ou quarta insistência do marido, Celeste pede, por fim, voz de fluência:

CELESTE - Não... querido, não ! Perdoa sua mulher, marido...

Deixa-me dormir, sim ? Não estou passando bem... creia-me...

Celeste vira-se na cama, agarra a mão de Damasceno e beija-a, como a despedi-lo:

DAMASCENO - Afinal, filha... (Damasceno não esconde sua decepção) - É que isso já vai para a segunda semana, compreende ? E eu ? Lembra-te como tudo era antes ? Lembra-te ? Então, era você que reclamava se passasse um dia sem...

CELESTE - Sim... sim, meu marido. Mas agora deixa-me dormir...

DAMASCENO - Que se passa contigo, minha querida ? Precisas falar com teu marido, não é ? Se estás doente... se te sentes doente...

CELESTE - (quase resmungando) - Não, amor... não ! Não estou doente... é cansaço sabe ? Perdoa-me... Cansaço ! Só isso. Boa noite, sim ?
Atou um sono...

**** CENA 50 - Mesa de almoço em casa de Damasceno. Só ele come. A comida esfria, abandonada:

DAMASCENO - Elisa, me dê o pão, por favor !

Damasceno não é atendido. Elisa é como se não houvesse escutado seu pedido.

DAMASCENO - (repetindo o pedido) Pase-me o pão, Elisa !

Mesmo descaso. Celeste, toda dominada por Elisa, não se mexe e Elisa é toda carinhos, alisando a mão de Celeste:

DAMASCENO - Irra ! Que diabo vem se passando nesta casa ? Há dias já que aqui parece tudo no ar... Dormindo em pé... (se zangando) Sabem as senhoras quantas vezes pedi que me passem o pão ? Quatro, minhas senhoras ! Quatro vezes contadas ! (seus olhos esbarram nas duas mulheres que, ligeiramente atentas, prosseguem só interessadas nelas mesmas.

Elisa, depois de algum tempo, pergunta:

ELISA - O pão ? Que pão, Damasceno ? Ah !, sim ! Que cabeça a minha ! pensei que você estivesse falando com Celeste...

DAMASCENO (começando a maliciar a coisa) Ah !, sim ! Ah ! sim ! digo eu ! Alguma coisa entre vocês duas não vai bem... Não vai, não e, queira Deus, seja apenas cisma minha... (serve-se do pão que, por fim, lhe é passado, mas não o come. Cruza os talhete e se levanta zangado. Dá alguns passos de cá pra lá, mãos nas costas, e sai furioso, não sem antes tomar seu chapéu no cabide.)

Com a saída de Damasceno, nada se modifica entre as duas mulheres que nem se abalam. (o ideal seria se a música tocasse baixo aquela música francesa em que é descrito o amor patético entre um homem e uma mulher...)

**** CENA 51 - É noite alta em casa de Damasceno. Abre-se uma porta e, pela saleta contígua ao quarto do casal, sai Damasceno ridículamente preparado para dormir, sobraçando travesseiros e lençóis. Damasceno atravessa a saleta, entra na sala de jantar e, sem se utilizar das roupas de cama, atira-se no sofá, cheio de tédio. A música tocará uma valsa antiga ou outra coisa muti olenta (As Três da Manhã ou Luzes da Ribalta, de Chaplin. Damasceno gira o comutador e apaga a luz. OFF, escuta-se a sua voz:

DAMASCENO (OFF) - E isso é a vida de um homem ! E já lá se vão quase dois meses... Diabo leve tudo isso !

**** CENA 52 - Manhã cedo. O dia começa a clarear lá fora. Damasceno acorda no sofá e vai se vestir no quarto. Hesita em entrar no quarto onde Celeste deve estar dormindo. Por fim, entra timidamente, com sua roupa de cama inservida. Dentro, se espanta ao se certificar que o quarto está vazio.

Damasceno chama pela mulher inutilmente. Cresce a sua curiosidade em torno da ausência dela. Tem uma idéia e vai ao quarto de Elisa. Na certeza de apanhar um fragrante, abre a porta de sopetão. Encontra-o vazio mas a cama desarrumada mostra que foi servida por alguém que nela dormiu. Damasceno vai sair desapontado quando volta-se e colhe de sobre o leito, uma camisola de rendas. Resmunga, reconhecendo a peça. Cheira-a embolada de encontro ao nariz. A camisola amarrotada mostra que acaba de ter sido servida. Damasceno fala entre dentes, sempre com a camisola que, volta e meia, cheira de novo:

DAMASCENO - Isto é de Celeste ! Não é possível... o que está fazendo aqui essa camisola ? Estranho... Aí tem coisa e eu vou saber hoje mesmo... Olaré se vou... ou não me chamo Damasceno...

**** CENA 52 - A - Em flash rápido, C. mostra uma pequena saleta no jeito de copa onde Elisa e Celeste, alegres e felizes, tomam café da manhã. Pelo jeito, estão com bastante apetite... Damasceno, já vestido para sair, passa pela saletinha, apanha no cabide seu chapéu, olha demoradamente e intencionalmente ora para uma, ora para outra, moderando, com isso, a alegria das duas, e ruma entre dentes:

DAMASCENO - Pois é isso... vou até a farmácia que, pelo visto...
(deixando o resto da frase no ar, o homem sai)

**** CENA 53 - Estamos no laboratório da farmácia onde Damasceno, de avental, avia drogas. Uma empregada da casa chega e pergunta, entrando na loja:

Empregada da casa - Doutor: a patroa quer saber se o senhor vai se demorar porque ela quer sair pra comprar umas roupinhas pro neném. Diz que é pro senhor não sair. Esperar por ela que ela vai passar aqui... O senhor quer alguma coisa ? Posso ir me embora?

DAMASCENO -(Sem parar na manipulação do remédio) - Sim... sim... pode ir, menina . Diga-lhe que sim. Que fico esperando por ela... Que ela pode demorar, se quiser...

Apenas a empregadinha sai, tomando a rua, Damasceno larga a manipulação do remédio e esfrega as mãos uma na outra em gesto de impaciência:

DAMASCENO (falando pra si mesmo) - Espero, sim... Fia-te na Virgem e nãourras... É hoje ! Hoje estouro a capelinha dessas desavergonhadas... Olaré se estouro !

Não mais se importando com o remédio que manipulava, consulta o relógio de algibeira, balança a cabeça sem pressa, como se bem estivesse entendendo a coisa, empurra pra um lado frascos e latinhas como dorso da mão, toma seu velho chapéu, fecha a farmácia com método e, sem pressa sempre, toma o caminho da casa. C. acompanha seu vulto até dobrar uma esquina próxima.

**** CENA 54

No quarto da residência de Damasceno, C. focaliza, sobre a velha cama de "olhos" no espaldar, Celeste e Elisa, deitadas, inteiramente despidas, em ternas práticas de amor. Num máximo de erotismo, beijam-se seguidamente. Súbito, a porta se abre como se fosse arrombada e, na esquadria, surge o vulto transtornadíssimo de Damasceno, ainda com o velho chapéu na cabeça. Indignado e furioso, grita:

DAMASCENO: - Ah ! Então é isso, suas vagabundas ! Porcas nojentas ! Cadelas... as duas ! Víboras !

Enquanto dá vasão aos borbotões à sua ira e revolta, entra no quarto e se dirige à mesinha de cuja gaveta saca um grande revólver. Da mesinha violentamente aberta, caem objetos no chão (papeis, uma caderneta, livrinhos de orações, chaves...)

Durante todo esse tempo as duas, inteiramente suspensas, mal conseguem desmanchar um último abraço de amor, mal ensaiando se cobrirem.

Quebrando a tetanização da cena, a música toca em ritmo apressado a marcha "Pomp and Circumstance". Damasceno, já num paroxismo de loucura, grita:

DAMASCENO: - Prossigam... prossigam no que estavam fazendo, suas nojentas ! Quero ver tudo. Tudo ! Vá ! continuem no que faziam... beijem-se... abracem-se... trepem ! Trepem bem antes de morrerem miseravelmente (o revólver firmemente apontado pras duas) Vamos ! Vamos ! Prossigam ! (Não conseguindo interferir no estado de apatia completa de ambas. Não se vendo obedecido, o homem estertora) Vamos, diabos ! Quero ver tudo ! Quero ver até aonde vai tanta infâmia... beijem-se que eu vou atirar...

A fisionomia de Damasceno principia a se transformar numa aflitiva e aterradora máscara. Não consegue mais pronunciar as palavras. A boca se entorta e se abre; um olho fecha-se torto também. Agora, é o corpo todo que se entorta. Damasceno rodopia sobre ele mesmo enquanto as moças aproveitam para fugir, enroladas em lençóis. Sempre agarrado ao revólver, Damasceno termina por tombar sobre o leito. A música pára de repente e, dentro do enorme silêncio feito no quarto, sobre a máscara terrífica do homem, se ouve, em surdina, As Luzes da Cidade, de Charles Chaplin.

**** CENA 55

Num sem-ambiente qualquer ou sem qualquer cenário, vê-se os vultos de Celeste e Elisa, saltando e correndo irrealmente, em todas as direções. Estão inteiramente despidas. C. focaliza ora uma, ora outra ou as duas juntas. O estranho ^{de 8/15} ~~bae~~ segue entre saltos e corridas. Em certo momento, as duas dão-se as mãos e logo se separam na carreira. Todos os movimentos serão muito rápidos. Quando a fantasia se esvai, vem surgindo, devagar, a figura tétrica de Damasceno tombado, inerte, sobre a cama fatídica.

**** CENA 56

C. focaliza em geral um trecho de estrada de rodagem bem conservado onde um carro de passeio vem em disparada. Ao lado, já fora da pista de acostagem, há uma tabuleta oficial do DNER com o aviso:

OURO PRETO
5 QUILOMETROS

Por mais alguns segundos, vê-se o carro em disparada.

**** CENA 57

Vista panorâmica da cidade de Ouro Preto na atualidade. Vê-se o carro que vinha pela estrada parar à porta da fábrica de alumínio. Um guarda-portão começa a examinar uma identidade que lhe é fornecida de dentro do carro. Abre o portão e faz um gesto para que o carro entre. C. segue o veículo até seu estacionamento, num pátio interno onde existem muitos outros carros. Com agilidade, salta do recém-chegado automóvel um rapaz elegante que se dirige à porta interna do estabelecimento.

**** CENA 58

Dentro, por um letreiro interno sabe-se que estamos na sala da direção. O visitante se dirige, resolutivo, a um homem importante, evidentemente um chefe graduado.

RAPAZ: - Doutor William Thompson, creio !?

THOMPSON: - (se levantando de sua mesa): Sim !

RAPAZ: - (apresentando-se) Eu sou o engenheiro Paulo Roberto de Almeida Cintra...

THOMPSON: - (apressando-se a apertar-lhe a mão): Exato ! Muita satisfação. Já o esperava. O senhor é um dos novos engenheiros que vem trabalhar conosco... Muito bem ! Me diga: o senhor já se instalou na cidade ?

PAULO ROBERTO: (rindo-se) - Estou chegando direito. Nem vi direito Ouro Preto... Ainda não vi nada...

THOMPSON: -(mostrando interesse) Traz família ? (a um gesto negativo de Paulo, prossegue) Bem... então vamos providenciar uma república. Vamos. Estou indo mesmo para o centro e talvez consigamos coisa decente. É que tudo por aqui anda lotado. A fábrica vem se desenvolvendo muito, sabe ?

Os dois homens saem, já como bons camaradas.

**** CENA 59

Num quarto razoavelmente montado, vê-se Paulo Roberto desarrumando malas a se estabelecer em definitivo. Assobia um trêcho de Bee Gees ou Pink Floyd quando é interrompido pelo som de um piano que, em frente, toca alguma coisa de Bach. Paulo pára de assobiar e vai até à sacada do quarto. Examina a casa em frente onde mal se distingue o vulto de uma mulher sentada ao piano. Paulo, embevecido, demora-se a escutar a música.

PAULO (falando para si mesmo): Ótimo ! Temos grande vizinhança !...

Paulo repete seguidamente um tic nervoso que o persegue desde a primeira apresentação, ainda na fábrica de Alumínio.

**** CENA 60

Batem à porta com moderação. Paulo atende. É Adroaldo Quintão, um já seu colega de trabalho que vem ver se tudo está bem, em ordem, com o recém-chegado.

ADROALDO: - (Com foête interesse): - Então ? Tudo já ar-
rumado ? Satisfeito com o quarto ? Eu não lhe dis-
se que ías ficar satisfeito aqui ?

PAULO: - (sempre com seu tic nervoso): - Sim... tem você ra-
ção. Olha, sobretudo com esta beleza de pianista, fi-
carei aqui até o ano dois mil...

ADROALDO: Ah ! Sim ! É Vera Lúcia... Uma gatinha tímida e re-
servada que mora só com a velha avó. Gente fina, só !
Dos Freires, Mineiros da velha cêpa... dos mais tradicio-
nas do Estado. Tronco de Diamantina ou por ali assim...

**** CENA 61. - No caminho de volta da fábrica, Adroaldo vem dirigindo o carro em
companhia de Paulo.

PAULO: Parece mentira ! Já vai para um mês que
cheguei aqui...

ADROALDO: -Realmente, aqui tudo se passa muito de
pressa. Mas se prepare, menino, que hoje vais
conhecer seu Rubinstein de saias... Ou melhor:
de calças que, hoje em dia, tudo é unisex...

PAULO: Soltarei foguetes. Mas onde ? Vera Lúcia
frequenta as festas da república ?

ADROALDO: - Não perde uma ! Mas previno-te: só vai
com a avó e não dá estribo a ninguém. (riem-
se os dois).

Nesta mesma cena, há uma superposição aos dois dentro do carro ^{no} ~~redondo~~:
C. focaliza Paulo e Ana Lúcia se cumprimentando na festa enquanto a ce-
na do carro some-se completamente. Na festa, vê-se o casal conversando
animadamente num vão de janela. Depois, dançando com entusiasmo.
À despedida, a voz de Ana Lúcia torna-se clara e compreensível:

ANA LÚCIA: - Não é mesmo vovó ?

A senhora que vem atrás do casal, se ri com grande concordância.

ANA LÚCIA : - Eu vou sempre lá, sabe, Paulo ?

É uma beleza de descanso. É um sítiozinho
lindo de morrer. Sempre que posso vou até lá.
Olha: amanhã é sábado. Por que você não vem
conhecer meu edenzinho ? E conversarmos mais ?
Vovó vem com a gente, não vem ?

Paulo tem um riso benevolente por trás do antipático tic nervoso.

PAULO: Então, lá para às 4 horas, não ?

VERA LÚCIA: Sim. Combinado. 4 horas, não é vovó ?

PAULO: Pena não se poder levar o piano...

VERA LÚCIA: Mas leve miolo de pão pros passari-
nhos, viu ?

**** CENA 62 Por um caminhoto bucólico, Ana Lúcia, com um enorme chapéu de pa-
lha bem primaveril, vem conversando com Paulo Roberto:

VERA LÚCIA: Cruzes, menino ! Sabe o que estive

pensando hoje ? Que já fazem seis meses
que e stás em Ouro Preto... Nunca entendi
como você conseguiu tomar conta desse jeito
da vovó... (riem-se os dois) Até parece que
ela é que é a sua namorada... Coitada, sabe ?
ela é uma santa. O que já sofreu na vida
não tem nem tamanho... Meus pais tiveram uma
morte muito esquisita... foi quando eu vim
morar com ela... Mas, Paulo, fale-me de você.
De seu passado...

PAULO: - Nada de muito importante... Minha vida, bem, também não foi um mar de rosas... É que tenho algumas manias, sabe? Veja você: esse meu tic pa- voroso... tenho feito tudo para me livrar dele... nervoso? Não sei! (Paulo toma as mãos de Vera com extremos de cuidados e carinhos. Beja-as ao de leve) Veja, Vera Lúcia: você sabe o quanto eu adoro música, não é? Mas não consigo ouvir uma aria de violoncelo... O violoncelo me enlouquece. me produz uma sensação terrível de violência... de ódio... Porque? Quem sabe? No tempo da colônia, tive um antepassado que foi fiscal dos diamantes. Nunca soube porque, foi enforcado... Essa também é uma imagem que jamais me abandona... No entanto é tão remota...

VERA LÚCIA: - Que horror! Enforcado!? Veja como estou to- da arrepiada...

Os dois se calam enquanto prosseguem caminhando vagarosamente, as mãos se buscam de novo e os dedos se entrelaçam com ternura. Beijam-se mas, durante o beijo, Paulo morde com força os lábios da namorada. Ela grita de dor:

VERA LÚCIA: Ai! que foi isso, Paulo? Você só faltou ar- rancar-me o lábio... Que brutalidade, puxa!

Paulo se abraça com Vera Lúcia:

PAULO: Perdoe-me, amor... Perdoe-me por tudo... Foi tão grande o meu desejo de você que... que... pelo amor de Deus, bem, querida, amor, vida... (Paulo está arrependido de veras. Comove Vera Lúcia que se deixa beijar de novo) Amor: acho que só serei um homem normal o dia em que encon- trar uma esposa...

VERA LÚCIA (rindo, ainda que passando de leve as mãos no lábio mordido) E o pior é que eu quero ser essa esposa...

Em música suave fazendo o fundo, os dois se perdem atrás de uma alameda.

**** CENA 62

Em casa de Vera Lúcia, ela conversa com Paulo Roberto em presença da ve- avó. A velha está sentada justamente em um dos silhões fabricados pela arte de mestre João, do antigo Tijucu.

VELHA AVÓ: Certo. Casa não será impecilho para o lar de vocês. De fato, esta aqui é muito pequena... tem servido para nos duas mas Vera Lúcia possui, herança de seus pais, um verdadeiro casarão logo aqui na segunda travessa. Está fechado fazem muitos anos mas penso que, com uma limpeza... uma calção ficará em condições...

VERA LÚCIA: (interrompendo a avó com pressa) Não! Não, vovó... essa casa não. Não quero morar lá nunca. Abafa-me... dá-me presentimentos horri- veis... (fala para Paulo) Parece casa mal assom- brada...

PAULO: Tolinha! (Beija-a com carinho) Ora, vamos ver sim esse seu palácio encantado... O diabo não é tão feio como se pinta... Talvez que, comigo, vo- ce passe a ver as coisas diferentes!..

Terminada a cena, Paulo começa a exagerar nos seus trejeitos nervosos e começa-se a ouvir Os Milhões de Arlequin, em um violoncelo.

**** CENA 63

Numa sequência sem nenhuma lógica, começando ainda com a música da cena anterior, seguem-se cenas muito rápidas de atividades de Paulo na fábrica, dirigindo carro em altíssima velocidade, abraçando-se e beijando a namora da inteiramente rendida como se embriagada, Paulo subindo e descendo uma

serie de escadas de todos os tamanhos e feitios, ora correndo ora vagarosamente mas em vários ângulos e Paulo exagerando impressionantemente em seus sestros nervosos. Por fim, vê-se uma vasta praia solitária onde Paulo está acompanhado de uma moça. Estão de tanga. Correm e brincam se perseguindo. Súbito, entram no mar. A uma certa profundidade, Paulo aplica surpreendentemente na moça um "caldo" (mergulho à força) não permitindo que a moça emerja mais. Pelo estraçalhado das águas e pelo esforço que Paulo faz para manter a cabeça da moça afogada, percebe-se que ela luta desesperadamente para respirar, para viver, inutilmente. Os movimentos na água vão cessando até o rapaz ficar imóvel, olhando o fundo do mar. Durante todo o tempo da luta a música será profundamente enervante como a de um grupo de metaleiros. Até o final da cena, as escadas voltam a se suceder mas sem nenhum personagem mais.

**** CENA 64 Numa estreita travessa de Ouro Preto, vê-se a porta do casarão (referido pela avó de Vera Lúcia) sendo aberta pelo rapaz. Vera Lúcia está visivelmente contrafeita com a visita à velha casa. Por fim, os dois entram, cerrando a grande porta atrás deles.

**** CENA 65 Dentro da casa, há indícios de longo abandono. O ambiente é melancólico. Paulo passa a mão por sobre a poeira que cobre um velho móvel, deixando, nele, a marca de seus dedos.

Em silêncio constrangedor, os dois seguem examinando a casa toda, até que Paulo depara com uma porta fechada. Tenta abri-la em vão.

VERA LÚCIA (acudindo aflita, roga) Não, Paulo... Ah, não ! é horrível, amor ! Acho que é por esse quarto que odeio tudo aqui... Um dia eu entrei aí... Meu Deus do céu ! Paulo, não ! Vamos embora, querido... Vamos...

PAULO (rindo) Ora, tolinha ! Dá-me a chave... vamos ver tudo... Essa casa é uma maravilha... Linda... A chave ?

VERA LÚCIA (mudando de voz que se cobre de tristeza) Era o quarto de meus pais, sabe ? Não te contei ?... Tudo foi em outro lugar mas a arrumação é a mesma... os móveis... o mistério é o mesmo... o medo...

PAULO (forçando a porta) Vá... amor: cadê a chave ? Deixa de bobagem... Vamos ver, sim.

VERA LÚCIA (evidentemente mentindo) Não... Não, Paulo, não tenho a chave... deve estar com a vovó...

Num assomo de violência, Paulo arromba a porta de safanão. Olhando para dentro, os dois param como que atraídos irresistivelmente por um vórtice. Como um mistério não desvendado, a enorme cama do Tijuco cresce téticamente. Então, sem perceber como a fisionomia de Paulo muda para uma máscara apavorante, VERA LÚCIA fala como se para ela mesma:

VERA LÚCIA: - Meus bissavós morreram nessa cama... juntos... os dois morreram juntos...

Em compasso lento, começa-se a ouvir a Serenata de Tosselli, tocada em violoncelo.

Excitado até o paroxismo, olhos brilhantes em profundos de maldade, o tique nervoso acentuadíssimo, Paulo assusta Vera Lúcia, tomando-a pelo braço com força:

PAULO: - Morreram juntos ? Eles morreram juntos ? Você disse isso ? Como ? Assassinos ? Tiros ? Esfaquea-

queados ? Foram esfaqueados ? Por quem ? Diz ! Diz ! Me conta... anda... porcaria de mulher !

VERA LÚCIA -(Apavorada, procura acalmar o noivo enquanto busca um pouco de calma para ela própria): Meu amor... meu amor... que é isso ? você está me metendo medo, querido... Calma, bem !

Paulo Roberto , inteiramente fora de si, é um outro homem. Melhor: é um monstro. Sua voz sai aos arrancos:

PAULO: - Como foi tudo... como foi... me conta ! (Sacode violentamente a moça pelos braços que aperta ao máximo.

VERA LÚCIA (arrazada de pavor) Não sei... Juro, amor que não sei de nada mais. A vovó disse que foi suicídio... suicídio. Agora, Paulo, me larga pelo amor de Deus... Está doendo... Que está acontecendo com você, bem ? Nunca vi você assim... nunca imaginei...

PAULO: (como num orgasmo, quer saber mais) Suicídio ? Então houve sangue ? Muito sangue ? (Cola seu rosto no da moça que tenta evitar o contato) Foi a tiros ? Veneno ? Os dois gritavam muito ? Responde, puta ! Sim ! devem ter gritado muito... gritado (ele mesmo grita enquanto faz a pergunta)

A música cresce de intensidade.

VERA LÚCIA (aproveitando uma como que tregua que Paulo aproveita, por sua vez, para ofegar como se lhe faltasse ar) Paulo... você enlouqueceu, meu bem ? Vamos embora Vamos... já...

PAULO (transtornado ao auge, de novo e rapidamente): Não !

Vamos nos casar, cachorra... casar, entende ? Agora ! Já... aqui mesmo... nesta cama... que beleza de cama para treparmos, vagabunda... (enquanto fala, Paulo rasga a roupa de Vera Lúcia com violência. Arranca também e joga longe a própria camisa) - Vamos... Vamos logo, peste do diabo ! Deite-se... deite-se já !

Paulo atira Vera Lúcia sobre a cama, já semi-despida. Vera Lúcia vai gritar mas Paulo tapa-lhe a boca com a maior brutalidade obrigando-a a se deitar enquanto tira-lhe a última peça de roupa. Sob tremores impossíveis, atira-se por cima dela. Vera tenta fugir mas Paulo comprime-lhe a cabeça entre os dois "olhos" de madeira do leito. Logo, apertando-lhe a garganta, começa a bater-lhe com a cabeça no espaldar, entre as manchas olhadas. Vera Lúcia, desmaiada, cai no chão pelo lado da cama, inteiramente inerte. Paulo, de imediato, atira-se sobre ela, também já despido, mas, protegidos pelo móvel, só deixa perceber o desfecho total da cena pela zoadade urros, bufos, gemidos etc. Os acordes, agora altíssimos da música, se misturam à barulhada da cena.

C. focaliza novamente os "olhos" de madeira da cama que vão crescendo com o close, até tomarem toda a área da tela onde só se vê, então, uma grande mancha negra que se confunde com o fim do filme.

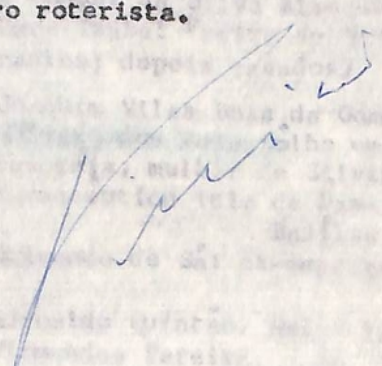


LOCAIS CHAVES
Rijona (Distrito Diamantina)
José Geraldo : O ROTEIRO está pronto, já em seu tratamento quase definitivo. Faltam naturalmente, os retoques e modificações que o Diretor fará no decorrer da filmagem.

LINHA DIRETA DA FAMÍLIA AMALUÇADA
Fiz o roteiro com satisfação porque gostei do argumento. Apenas, durante o trabalho percebi que a dificuldade maior, entre mais algumas menores e insignificantes, ao contrário do que havíamos conversado (o óbvio de cada tragédia sempre que aparecia a cama "olhada" de Mestre João Macedo) a dificuldade maior era, precisamente, a ausência de personagens de primeira grandeza ao longo de todo o filme. Impossível dado o grande lapso de quase dois séculos em que se passa a trama. Fosse outra a argumentação e se poderia usar tanto tempo desde que o episódio principal fosse mais compacto. Acontece que, isso, mataria um pouco a beleza do enredo. A "falha" da "mesmice trágica" da presença da cama, foi contornada com os ensinamentos de Jaime Costa, grande ator da primeira metade do século. Dizia ele -e eu me lembro sempre disso- que, "quando há, no roteiro de uma peça muito boa, um episódio ruim, por ridículo ou inexpressivo, se não for possível eliminá-lo sumariamente, o remédio é dar-lhe uma relevância exagerada." Isso, além de funcionar mesmo, comprovadamente em seus 40 ou 50 anos de palco, choca pelo visual (ótimo, cinematograficamente falando) deixando patente que o que seria uma "falha", passa a ser algo preconcebido. Então, virão as conotações (no nosso caso) com a monotonia da vida repetitiva. Por isso, lembrei o Bolero de Ravel no momento crítico da repetição.

Por outro lado, tive de atenuar um pouco as sucessivas tragédias que, se na literatura pode ser um recurso de boa arte, no cinema seria dramalhão, sem mais interesse patético. Também fiz questão de ser bem comedido no modo de falar de cada época. Isso, em benefício do entendimento dos diálogos por parte do público espectador.

Por fim, com a supressão de "sequências" e as observações de "noite. Interior. Exterior, etc." por óbvias também, penso que a coisa facilitará bastante a direção do filme, desde que, redigindo apenas CENAS, deixamos uma elasticidade útil em todas elas para jogo do diretor que, em última análise, será o verdadeiro roteirista.



ANOS CHAVES

1782
1830
1880
1935
Atualidade

LOCAIS CHAVES

Tijuco (Distrito Diamantino)
Serro do Frio
São João del-Rei
Mariana
Ouro Preto

LINHA DIRETA DA FAMÍLIA AMALDIÇOADA

- * Intendente Dr. José Antônio de Resende Freire
- * seu filho: Honório de Resende Freire
- * sua neta: Maria Eugénia (filha de Honório)
- * Bárbara (bisneta: filha de Maria Eugénia)
- * Damasceno (tetraneto: filho de Bárbara)
- * Vera Lúcia (neta de Olga, possivelmente filha de Maria Eugénia, mãe de Bárbara)
- *** Eng^o Paulo Roberto de Almeida Cintra (tetraneto de Fernando Pedroso de Almeida, o enforcado).

ESPOSAS: Elvira, do intendente dos diamantes
Ernestina, de Honório (suicidas. Bisavós de Vera Lúcia)
Hortensia, de Tomaz (2 mulher)
Eponina, 1^a mulher de Damasceno
Celeste, 2^a mulher de Damasceno

Manuel Afonso: filho de Damasceno e Celeste

OUTRAS PERSONAGENS

- Fernando Pedroso de Almeida (o enforcado)
- João Macedo (marceneiro)
- Zélimbo (mulato amante de Elvira)
- GARIMPEIRO
- Manuel Vieira de Carvalho e Feliciano - tios de Honório
- T. B. Ottoni (opositor)
- Sebastião de Figueiredo Mendonça cuja mulher era amante de Honório
- José Manuel da Silva Alencastro e Bárbara Isabel Freire de Souza.
(1^a amantes; depois casados)
- Joaquim Vilas Boas da Gama (opositor)
- Silvino dos Reis (olho em Bárbara)
- Dorotéia, mulher de Silvino
- Farmacêutico (tio de Damasceno: José Basílio de Alencastro)
- Raimundo de Sá: ex-empregado da farmácia.
- Adroaldo Quintão. Amigo Paulo Roberto
- Virmundes Pereira. Da "República"
- William Thompson Chefe Paulo Roberto

Proposta é escrever um roteiro e a respectiva dialogação adequada a cada época, tendo por base o argumento Ciranda Barroca, de José Geraldo Santos Pereira.

Trata-se de argumento alicerçado em episódios históricos de Minas Gerais, com início no Distrito Diamantino (Tijuco), em 1782, e terminado na atualidade, na cidade de Ouro Preto.

Estudado bem o referido argumento, chega-se à conclusão que o tema possui todas as características para, obviamente, ser transformado em um "longa-metragem."

Entre os pontos que nos parecem mais fortes, pode-se relacionar o clima de intensa tragédia que percorre todos os cinco episódios advindo de uma terrível maldição que paira, em constância, e é emanado de uma cama luxuosa (e outros móveis). Essa maldição tem a forma material de dois "olhos" na madeira (que foi de uma forca), existentes no espaldar do móvel.

Muito forte também -ponto mais forte do argumento- é a passagem lésbica acontecida entre as duas mulheres do penúltimo episódio que, conseguindo desviar a atenção do espectador, provoca uma quebra no repetitivo da tragédia geral e, por óbvio, faz com que a maldição inicial tenha uma salutar solução de continuidade.

Muito forte também é a coincidência profundamente humana do drama que encerra o argumento: o crime assombroso, por patológico, praticado pelo descendente do fiscal Pedrosa contra a última descendente do contratador dos diamantes, cerca de um século após o enforcamento.

Eventos semelhantes, sempre com a finalidade de romper o repetitivo do tema deverão ser intercalados aos episódios-chaves.

De registrar é o fato de algumas personagens serem passivas de ótimo aproveitamento, por marcantes e pessoais. Além das principais, cita-se Orozimbo, o garimpeiro (só a figura de um garimpeiro é digna de melhor exploração); Ernestina, a comilona sem termo; Bárbara e a sua loucura; as duas mulheres homossexuais, Sebastião, Elvira...

Importante é evitar-se completamente os saltos entre cada um dos episódios parciais. Quanto mais linear sejam eles tratados penso que melhor roteiro se obterá.

Talvez a parte mais difícil do roteiro seja equilibrar todos os episódios num mesmo nível desde que, literariamente, não são do mesmo valor.

Guarda-roupa, música de fundo e demais detalhes de filmagem terão por fim dar ao espectador real noção da passagem do tempo (já que a ação geral se demora por quase cem anos) Essa também é a razão porque, na filmagem, não se deixará vazios de ação entre cada tragédia provocada pela maldição da cama. Em passant, nesses intervalos poderão ser explorados motivos políticos e fatos históricos contemporâneos.

O final, sem bem aceitável como literatura, não me parece visual bastante para encerrar o filme. Nada a opor a que o fecho seja o mórbido crime sexual praticado pela figura do engenheiro na prima afim; mas os antecedentes imediatos deverão ser mais fortes e mais marcante a presença, no filme, do jovem casal. Será necessário, talvez, a assistência de um técnico em psicopatologia.